

ROGER MARCELO MARTINS GOMES

**REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE: representações de
ciência, profissão e história no movimento psicanalítico
brasileiro (1967 a 1986)**

ASSIS

2018

ROGER MARCELO MARTINS GOMES

**REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE: representações de
ciência, profissão e história no movimento psicanalítico
brasileiro (1967 a 1986)**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutor em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Orientador: Dr. Hélio Rebello Cardoso Jr.

ASSIS

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

G633r Gomes, Roger Marcelo Martins
Revista Brasileira de Psicanálise: representações de ciência, profissão e história no movimento psicanalítico brasileiro (1967 a 1986) / Roger Marcelo Martins Gomes. Assis, 2018. 320 f. : il.

Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Dr. Hélio Rebello Cardoso Jr.

1. Revista Brasileira de Psicanálise. 2. Psicanálise. 3. Psicanálise - História. 4. Periódicos brasileiros. I. Título.

CDD 150.195

ROGER MARCELO MARTINS GOMES

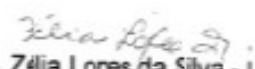
REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE: representações de ciência,
profissão e história no movimento psicanalítico brasileiro (1967 a 1986)

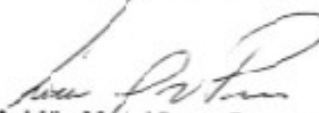
Tese apresentada à Universidade
Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de
Ciências e Letras, Assis, para obtenção
do título de Doutor em HISTÓRIA (Área
de Conhecimento: HISTÓRIA E
SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 04/02/2018

COMISSÃO EXAMINADORA


PRESIDENTE: PROF. DR. Hélio Rebelo Cardoso - UNESP/ASSIS


MEMBROS: PROFA. DRA. Zélia Lopes da Silva - UNESP/ASSIS


PROFA. DRA. Lília Mara Vianca Postas - UNESP/MARÍLIA


PROFA. DRA. Lurdes Madalena Gazarini Conde Feltosa - JSC/BAURU

PROFA. DRA. Carmen Lucia Montechi de Oliveira - FUC/SÃO PAULO

Aos meus filhos
Vitor e Laura

AGRADECIMENTOS

A finalização deste doutorado encerra não apenas um desejo pessoal e acadêmico, mas uma etapa de vida cheia de tribulações e conquistas. Reerguer-se e se reconstruir ao mesmo tempo em que se elabora um doutorado é um caminho árduo e esgotante, mas nos fortalece para a vida. Abdicar, renunciar e se isolar fez parte deste processo.

Não poderia deixar de agradecer, além de dedicar este trabalho aos meus filhos, Vítor e Laura, que aguardaram o término deste cobrando, reclamando e aguardando, cada um à sua maneira, as horas que lhes pareciam infundáveis para comemorarmos este momento. Hoje eles podem dizer: meu pai é um doutor!

Agradeço minha família pelo apoio dado neste percurso, pelo desejo de ver esta minha realização concluída. À minha mãe e às minhas irmãs Cássia e Suze que tomaram frente, muitas vezes, de minhas obrigações do dia-a-dia de uma casa, para que eu pudesse caminhar neste percurso.

À Janaína, minha namorada, que paciente e amorosamente acompanhou este percurso e dividiu comigo as angústias e as alegrias durante estes anos de doutorado. Por ter aguentado meus momentos de irritação, cansaço e exaustão. Por ter apoiado minhas novas conquistas. Trouxe carinho, afeto e amor tornando mais leve este caminho.

À Helenice, minha terapeuta, que me ouviu e me fez enxergar mais profundamente a vida. Ouviu minhas angústias e me potencializou para as novas etapas. Sempre agradecido.

Ao Thiago Granja Belieiro, amizade conquistada na jornada de doutorado da Unesp Assis. Percorremos o mesmo caminho, dificuldades e conquistas com o doutorado. Obrigado pela força camarada!

Aos meus alunos e orientados João Fardim, Pedro Rampazo, Marcio Lucas e Vinicius Barbosa que me acompanharam neste trajeto e de um pequeno fragmento do meu tema fizeram grandes conquistas durante a Iniciação Científica.

Aos meus irmãos de coração Alaor Cardia, Vladimir Domingues, Durval Pereira e Ruben Souza que torceram a todo tempo por mim.

Agradeço a Dalcimary pelas leituras e comentários sobre os textos e temas de minha tese.

A Lourdes Feitosa, Fabio Pallotta e Flávia Arielo por terem me acompanhado desde o início deste doutorado. Companheiros que viram todas as minhas tribulações e conquistas. Qualquer obrigado seria pouco para agradecerê-los. Mais que parceiros profissionais, amigos.

Agradeço à Lídia Viana Possas, Tania R. de Luca, Lucia Montechi Valadares de Oliveira pelas valiosas contribuições durante o processo de qualificação do doutorado.

Aos membros da banca de defesa Lourdes Conde Feitosa, Lídia Viana Possas, Zélia Lopes da Silva, Lucia Montechi Valadares de Oliveira, Erico Bruno Viana Campos e Monique Florencio de Aguiar que aceitaram participar e avaliar este trabalho.

Agradecimento especial ao meu orientador Hélio Rebello Cardoso Jr. pela orientação inteligente, rigorosa e ética. Não só me ensinou, como me apoiou nos momentos mais difíceis deste percurso. Tornou-se um amigo. A você Hélio, eterna gratidão!

GOMES, Roger Marcelo Martins. **REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE: representações de ciência, profissão e história no movimento psicanalítico brasileiro (1967 a 1986)**. 2018. 320 f. Tese (Doutor em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2018.

RESUMO

A psicanálise chegou ao Brasil no mesmo momento em que seu fundador, Sigmund Freud, consolidava e institucionalizava este saber no início do século XX na Europa. A implantação e difusão do saber psicanalítico no Brasil viabilizaram-se por meio do que se publicava e editava sobre a psicanálise como artigos, livros e periódicos durante o século XX. Ao final dos anos 1960, os psicanalistas associados às normas institucionais da *International Psychoanalytical Association* (IPA) e aportados nas teorias kleino-bionianas defendiam que a psicanálise tornava-se uma ciência consolidada e para tanto necessitava de um veículo oficial de expressão e divulgação deste saber no Brasil. Assim, fundaram em 1967 a *Revista Brasileira de Psicanálise*. Buscou-se nesta pesquisa analisar como este periódico produziu em suas páginas um discurso que elaborava representações de ciência, profissão e história. Além de objeto da pesquisa, a *Revista Brasileira de Psicanálise* serviu como fonte, apresentou um conjunto de textos compostos por artigos científicos, resumos, sinopses, imagens, noticiários, obituários e homenagens entre 1967 a 1986. Com efeito, inseridos numa realidade de censura, repressão e autoritarismo caracterizados pelo Regime Militar, os colaboradores da revista fizeram representações do saber psicanalítico como uma ciência específica diferente dos modelos clássicos, da profissão de psicanalista como um ofício altamente especializado garantido por uma formação em institutos e sociedades psicanalíticas e do seu passado histórico como herdeiros legítimos do fundador e dos pioneiros da psicanálise. Estas representações permitiram, sobretudo, identificar os mecanismos de controle e poder do grupo dirigente do movimento psicanalítico brasileiro

Palavras-chave: Periódico. Revista Brasileira de Psicanálise. Discurso. Representações. Psicanálise.

GOMES, Roger Marcelo Martins. **REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE: representations of science, profession, and history in the brazilian psychoanalytic movement (1967 a 1986)**. 2018. 320 f. Thesis (Ph. D in History). – School of Sciences and Letters, São Paulo State University “Julio de Mesquita Filho”, Assis, 2018.

ABSTRACT

Psychoanalysis came to Brazil while its founder, Sigmund Freud, consolidated and institutionalized this knowledge in the early twentieth century in Europe. The implantation and diffusion of the psychoanalytic knowledge in Brazil were possible through articles, books, and journals on Psychoanalysis that were published and edited during the twentieth century. At the end of the 1960s, the psychoanalysts, whose theoretical basis was the Kleinian-Bionian and were associated with the institutional norms of the International Psychoanalytical Association (IPA), argued that Psychoanalysis was becoming a consolidated science and, therefore, demanded an official vehicle to communicate and disseminate such knowledge in Brazil. The *Revista Brasileira de Psicanálise* was founded in 1967. This study aimed to analyze how this journal produced on its pages a discourse that elaborated representations of science, profession, and history. The *Revista Brasileira de Psicanálise* was not only our object of study, but it also served as a source. It presented a set of texts composed of scientific articles, abstracts, synopses, images, news, obituaries, and homages between 1967 and 1986. Effectively, inserted in a reality of censorship, repression, and authoritarianism, characterized by the Military Regime, the journal contributors represented psychoanalytical knowledge as a specific science, different from the classical models, from the profession of the psychoanalyst as a highly specialized occupation, guaranteed by psychoanalytic societies and institutes, and from the historical past as legitimate heirs of the Psychoanalysis founder and pioneers. Such representations allowed, above all, the identification of control and power mechanisms of the ruling group of the Brazilian psychoanalytic movement.

Keywords: Journal. *Revista Brasileira de Psicanálise*. Speech. Representations. Psychoanalysis.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1– Imagem da capa de A Revista de agosto de 1925.....	37
Figura 2– Imagem do texto de Iago Pimentel agosto de 1925	38
Figura 3– Imagem do texto de Iago Pimentel agosto de 1925 (cont).....	39
Figura 4 – Imagem da capa de Verde de Janeiro de 1928	40
Figura 5 – Imagem do texto de Ascanio Lopes em Janeiro de 1928.....	41
Figura 6 – Imagem da Revista de Antropofagia de 1928	43
Figura 7 – Imagem da capa da <i>Revista Brasileira de Psicanálise</i> de 1928.	46
Figura 8 – Capa da revista Junguiana de 1983.....	82
Figura 9 – Capa da revista Che Vuoi? Psicanálise e cultura de 1986.....	83
Figura 10 – Imagem da Capa da <i>Revista Brasileira de Psicanálise</i> de 1970	102
Figura 11 – Imagem da capa da <i>Revista Brasileira de Psicanálise</i> de 1982..	103
Figura 12 – Imagem da capa da <i>Revista Brasileira de Psicanálise</i> de 1976..	104
Figura 13 – Imagem da capa da <i>Revista Brasileira de Psicanálise</i> de 1986...105	
Figura 14 - Imagem da carta de Freud a Durval Marcondes	211
Figura 15: Imagem da tradução da carta de Freud a Durval Marcondes	212
Figura 16: Imagem de Sigmund Freud	214
Figura 17: Imagem do fac-símile da carta de Freud a Dr. Osório César	215
Figura 18: Imagem da tradução da carta de Freud a Dr. Osório César	216
Figura 19: Imagem de Karl Abraham	217
Figura 20: Sandor Ferenczi.....	218
Figura 21: Imagem de Ernest Jones	219
Figura 22: Imagem de Melanie Klein.....	220
Figura 23: Imagem de Franz Alexander	221
Figura 24: Abraham Arden Brill	222
Figura 25: Imagem de Melanie Klein.....	223
Figura 26: Imagem de Melanie Klein.....	223
Figura 27: Imagem do fac-símile da carta de Melanie Klein a Durval Marcondes.....	224
Figura 28: Imagem da tradução da carta de Melanie Klein a Durval Marcondes.....	225

Figura 29: Imagem do fac-símile da carta de Ernest Jones a Durval Marcondes.....	226
Figura 30: Imagem da tradução da carta de Ernest Jones a Durval Marcondes.....	227
Figura 31: Imagem do fac-símile da carta de A. A. Brill a Durval Marcondes.	229
Figura 32: Imagem da tradução da carta de A. A. Brill a Durval Marcondes..	230
Figura 33: Imagem de Max Eitingon.....	231
Figura 34: Imagem de Hanns Sachs	232
Figura 35: Imagem do fac-símile da carta de Max Eitingon a Durval Marcondes.....	234
Figura 36: Imagem da tradução da carta de Max Eitingon a Durval Marcondes.....	235
Figura 37: Imagem da tradução da carta de Max Eitingon a Durval Marcondes (continuação).....	236
Figura 38: Imagem do fac-símile da carta de Hanns Sachs a Durval Marcondes	237
Figura 39: Imagem da tradução da carta de Hanns Sachs a Durval Marcondes	238
Figura 40: Imagem dos nomes dos colaboradores e artigos RBP 1970, v.1..	239
Figura 41: Imagem dos nomes dos colaboradores e artigos RBP 1970, v.2..	240
Figura 42: Imagem dos nomes dos colaboradores e artigos RBP 1970, v.3..	241
Figura 43: Imagem dos nomes dos colaboradores e artigos RBP 1970, v.4..	242

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Produção e divulgação do saber psicanalítico na década de 1930	53
Quadro 2 – Produção e divulgação do saber psicanalítico na década de 1940	56
Quadro 3 – Periódicos de 1941 a 1950.....	60
Quadro 4 – Direção e Conselho Editorial (1967 a 1968)	113
Quadro 5 – Direção e Conselho Editorial (1969 a 1970)	114
Quadro 6 – Direção e Conselho Editorial (1971 a 1972)	115
Quadro 7 – Direção e Conselho Editorial (1973 a 1977)	116
Quadro 8 – Direção e Conselho Editorial (1977 a 1981)	117
Quadro 9 – Direção e Conselho Editorial (1981 a 1984)	118
Quadro 10 – Direção e Conselho Editorial (1984 a 1985)	119
Quadro 11 – Direção e Conselho Editorial (1985 a 1986)	120
Quadro 12 – Colaboradores da RBP por Sociedades de Psicanálise.....	121
Quadro 13 – Colaboradores estrangeiros na RBP.....	123
Quadro 14 – Colaboradores da revista por titulação.....	124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 A psicanálise no Brasil: difusão, publicações e impressos	23
1.1 A recepção da psicanálise no Brasil (1914 a 1928)	23
1.2 A difusão da psicanálise no Brasil (1931 a 1950)	48
1.3 A institucionalização sob a égide da IPA (1951 a 1967)	61
1.4 A verdadeira psicanálise e a RBP (1967 a 1986)	73
2 Revista Brasileira de Psicanálise: fundadores, dirigentes e colaboradores	85
2.1 Os fundadores e a fundação da revista	86
2.2 A composição da revista: pré-textos, artigos e pós-textos	100
2.3 Dirigentes e colaboradores da revista	113
3 Revista Brasileira de Psicanálise: difusão kleino-bioniana	127
3.1 Filiação às teorias de Melanie Klein e Wilfred R. Bion	128
3.2 Fase paulista da RBP: edificação Kleino-bioniana	132
3.3 Fase nacional da RBP: repositório Kleino-bioniano	136
4 Revista Brasileira de Psicanálise: ciência, profissão e história	161
4.1 A realidade presente: tempos autoritários	162
4.2 Representações do saber psicanalítico	174
4.3 Representações da profissão de psicanalista	195
4.4 Representações de história do movimento psicanalítico	209
Conclusão	253
Anexos	258
Fontes	306
Bibliografia	314

INTRODUÇÃO

AMIÚDE OUVIMOS AFIRMAR QUE UMA CIÊNCIA DEVE ESTAR CONSTRUÍDA sobre conceitos básicos claros e precisamente definidos. Na realidade, nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa por tais definições. O verdadeiro início da atividade científica consiste primeiro na descrição de fenômenos, a seguir, em agrupá-los, ordená-los e relacioná-los entre si. (FREUD apud RBP, 1974, v. 8, n.3, p. 279)

Há quase cem anos, Sigmund Freud enfrentava um questionamento que percorreu todo o século XX e chegou ao início deste século XXI promovendo acirrados debates entre os psicanalistas e verdadeiras crises no sistema de pensamento freudiano: a psicanálise é um saber científico? Várias foram as respostas a esta indagação que representa, na verdade, o não-lugar ocupado pela psicanálise entre as consideradas ciências psis, como por exemplo a psiquiatria e a psicologia. No Brasil, por exemplo, a psicanálise difundiu-se notadamente entre os cursos de Psiquiatria, Psicologia, Direito e outros ramos da Medicina, bem como na Literatura. Tornou-se um saber valorizado, requisitado e fundamento de inúmeras pesquisas, entretanto os órgãos oficiais não a reconhecem como um campo científico.¹

A intensidade deste debate pode ser verificada dentro do movimento psicanalítico brasileiro filiado à *International Psychoanalytical Association*² na realização de seus eventos, reuniões, vida societária e em publicações por meio de livros, jornais e periódicos. Neste contexto, ganhou destaque a *Revista Brasileira de Psicanálise* com intensa publicação de artigos que tratavam de saber psicanalítico enquanto ciência, do ofício de psicanalista e de seu passado histórico, mas focava, sobretudo, oferecer teorias, práticas e experiências

¹ Um exemplo deste não reconhecimento pode ser constatado claramente quando visualizamos os órgãos financiadores de periódicos das áreas de psicologia, psiquiatria e medicina como o Ministério da Ciência e Tecnologia, Ministério da Educação, CNPq e CAPES.

² Fundada em Nuremberg em 30 de março de 1910, por Sandor Ferenczi e Sigmund Freud, a internacional freudiana chamou-se, a princípio, Internationale Psychoanalytische Vereinigung (IPV). Trabalhou usando a sigla IPV até 1936, data em que a quase totalidade dos psicanalistas da Europa continental exilou-se na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Tornou-se então anglófona e assumiu oficialmente o nome de International Psychoanalytical Association (IPA). A partir de 1945, a sigla inglesa IPA generalizou-se no seio de todas as sociedades psicanalíticas a ela filiadas, à exceção de duas sociedades francesas: a Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP, 1926) e a Associação Psicanalítica da França (APF, 1964). Esses dois grupos, com efeito, recusaram-se a reconhecer a validade de uma sigla anglófona e obtiveram o privilégio de usar uma sigla francesa: API (Associação Psicanalítica Internacional). (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 384)

clínicas dos psicanalistas aos seus leitores. E o modo como os colaboradores deste periódico compartilharam ao leitor seu saber, ofício e passado, chamou-nos a atenção. Pois, apesar de aparentemente secundários na revista, estes três temas auxiliaram-nos a entender a vida societária e as relações de poder entre os psicanalistas brasileiros ipeístas³.

De forma intermitente, este questionamento à cientificidade da psicanálise percorreria todo o século XX entre as diversas correntes e escolas psicanalíticas surgidas depois do fundador da psicanálise. Passados mais de cem anos desta preocupação de Sigmund Freud, ressurgem agora dentro e fora dos meios psicanalíticos diversos questionamentos sobre o saber psicanalítico⁴. Questões incômodas, que pareciam estar amenizadas ao final do século XX, reaparecem revigoradas e com novas críticas propondo, inclusive, o fim da psicanálise. A psicofarmacoterapia e a neurociência têm fornecido argumentos e munições às diversas posições contrárias à teoria, prática e produção dos psicanalistas, levando-os a iniciarem uma revisão da teoria freudiana, incorporando assim as novas teorias neurocientíficas. (RUSSO, 2002, p. 77)

As discussões sobre a cientificidade não ficaram à margem da comunidade psicanalítica brasileira, pois desde o início da institucionalização deste saber⁵ no Brasil, a referida questão era um problema a ser tratado. Mas, em uma das mais recentes publicações sobre a História da psicanálise brasileira *O Tronco e os Ramos*, de 2014, o psicanalista Renato Mezan, cuidadosamente, trabalha e discute esse dilema. Com o título *Que tipo de ciência é, afinal, a*

³ Ipeísta, termo corrente entre os historiadores de psicanálise para se referir aos psicanalistas filiados à IPA. De inspiração legitimista, a IPA se baseia, portanto, em Freud e na psicanálise. Mas admite em seu seio todas as divergências doutrinárias e todas as correntes que se pautam no freudismo. Em contrapartida, proíbe a transgressão das regras técnicas, que se caracterizam pela obrigatoriedade de que todo candidato se submeta a uma análise, cuja duração, periodicidade e didática responsável são controlados e impostos por comissões e por um sistema de padronização mundial: a duração das sessões é fixada em 50 minutos, o número de sessões em quatro por semana, e o número de supervisões (além da análise didática) em duas. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 387)

⁴ Um debate bastante acirrado pode ser observado entre Michel Onfray e Elizabeth Roudinesco. Aos ataques feitos à psicanálise e a Freud por Michel Onfray, Roudinesco (2011, p.7) rebate: “Num panfleto apinhado de erros e atravessado por rumores, Michel Onfray, que ignora tudo acerca dos trabalhos produzidos nos últimos quarenta anos pelos historiadores de Freud e da psicanálise, apresenta-se como um psicobiógrafo de Freud, o único capaz de decodificar certas lendas, não obstante inválidas há décadas”. Outra obra importante para esta discussão a ser consultada é “Os arquivos Freud” de Mikkel Broch-Jacobsen e Sonu Shamdasani que fazem uma crítica ao movimento freudiano.

⁵ FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

psicanálise? Renato Mezan, no último capítulo de seu livro, desmonta uma dúvida comum sobre o tipo de ciência que é a psicanálise. Partindo dos argumentos que Sigmund Freud apresentava para defendê-la como uma ciência natural, Mezan constrói em seu texto um caminho que demonstra questões caras à cientificidade da psicanálise como os problemas em torno do método, teoria e interpretação. Discutidas estas questões, Mezan conclui o seu texto situando-a como integrante das ciências humanas.

O objeto da psicanálise pertence ao campo do humano, seus métodos são similares aos das ciências humanas, seu perfil epistemológico tem muito de comum com o de outras disciplinas humanas: faz sentido concluir que ela é uma ciência humana, *n'en déplaie* ao *Herr Professor*. (MEZAN, 2014, p. 575)

Em seu livro *Psicanálise, Ciência e Cultura*, Joel Birman demonstra dois modelos antagônicos da cientificidade da psicanálise a partir de suas incursões na obra freudiana: o fisicalista e o interpretativo.

O modelo fisicalista, fundamentado no paradigma de cientificidade para às ciências da natureza da época da criação da psicanálise, representaria a tentativa de Sigmund Freud inserir a psicanálise entre as ciências naturais como já visto na discussão de Renato Mezan. Sigmund Freud pretendia a constituição de uma psicanálise de base empírica e verificacional nos moldes da ciência positivista, a qual, na perspectiva do autor teria sido incorporada fortemente na tradição anglo-americana.

O modelo interpretativo, de tradição francesa, lançaria a psicanálise nos domínios da hermenêutica e das ciências da cultura. A tradição francesa estabeleceu, segundo Birman, uma oposição na leitura crítica do discurso freudiano, onde se contrapunham os enunciados metapsicológicos⁶ e os hermenêuticos. Para ele, os enunciados metapsicológicos eram tributários de uma avaliação causalista do psiquismo, enquanto os enunciados hermenêuticos decorriam de uma avaliação interpretativa. Nesta tradição, a autonomia epistemológica da metapsicologia seria eliminada a partir de sua inserção no quadro teórico de um saber da interpretação (BIRMAN, 1994, p. 60).

⁶ Termo criado por Sigmund Freud, em 1896, para qualificar o conjunto de sua concepção teórica e distingui-la da psicologia clássica. A abordagem metapsicológica consiste na elaboração de modelos teóricos que não estão diretamente ligados a uma experiência prática ou a uma observação clínica. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 511)

Na proposta de Joel Birman, trata-se de escolher um ou outro modelo presente na psicanálise freudiana, tomando esta oposição de modelos epistemológicos em sua positividade, articulando o registro da natureza e o da cultura. E para ele, Freud não conseguiu fazer esta articulação.

Dito de outra maneira, o discurso freudiano pretendeu se constituir como uma problemática que articulasse a filosofia da natureza e a filosofia do espírito, onde a metapsicologia se inscreveria na primeira vertente teórica e a hermenêutica na segunda. Se o discurso freudiano solucionou essa articulação é outra questão, mas seria essa a problemática teórica constituída pela psicanálise. (BIRMAN, 1994, p. 62)

Joel Birman retoma a possibilidade de articulação, buscando em Lacan e na filosofia de Jean Hippolite⁷ formulações que poderiam evidenciar a questão central da teorização freudiana como conceito articulador fundamental da problemática específica delineada pela psicanálise, o conceito de pulsão⁸. Segundo Birman.

O conceito de pulsão (*Trieb*) – onde se perfila a oposição entre a força e representação – que ocupa o centro da teorização freudiana, indica que foi esse caminho teórico que Freud desenvolveu em sua pesquisa e que encontrou diferentes impasses que conduziram à transformação de sua representação do psiquismo. (BIRMAN, 1994, p. 75)

Para Joel Birman, o ato psicanalítico seria operar exatamente no hiato presente no campo transferencial formado entre pulsão e representação. Para ele, cabe ao psicanalista em constante tensão com a questão da formação e das instituições psicanalistas, o nobre trabalho de fazer as interpretações das ligações pulsionais, de possibilitar a criação de novas inscrições e representações de forma a romper com o silêncio formado pela pulsão de morte e colocar em circulação a pulsionalidade própria da vida. Não obstante, Joel Birman, nos últimos capítulos, situa a psicanálise nos campos da ética e da política. De eterna aspirante a um reconhecimento pela ciência, a psicanálise passa a se referenciar nos campos da ética e da política ao final do século XX, o que teria continuidade no início do século XXI.

⁷ Birman recorre a dois pensadores indispensáveis para a discussão da psicanálise no final do século XX. Lacan que, segundo ele, teria permitido o retorno de Freud e Jean Hippolite, filósofo francês, especialista em Hegel que permitiu um diálogo fecundo entre a filosofia e a psicanálise.

⁸ Entenda-se por pulsão o que teria sido formulado por Freud em relação à pulsão de morte: movimento eminentemente voltado para a descarga, sem representação, que requer a incidência das pulsões sexuais de um Outro para que se possa se transformar em outra coisa.

Tanto a obra de Birman em 1994, quanto a de Mezan em 2014 são exemplos que nos permitem verificar como a questão da cientificidade da psicanálise é um debate que ainda mobiliza os estudiosos da área e os próprios psicanalistas. Se em tempos contemporâneos esta polêmica ressurgiu devido ao avanço da psicofarmacologia, da neurociência, da neuropsicanálise, dos opositores oriundos da psicologia e da área médica, demonstrar como em outros momentos este debate se desenvolveu, torna-se enriquecedor para os estudos da História da psicanálise e historiografia brasileira. Um dos momentos mais instigantes deste debate foi entre os anos 60 a 80, contexto do Regime Militar no Brasil, quando os psicanalistas ipeístas proclamavam na *Revista Brasileira de Psicanálise* a consolidação e maturidade da psicanálise como ciência no Brasil.

Atrelada à questão da cientificidade da psicanálise, há uma outra questão cara para o movimento psicanalítico ipeísta: O que é a profissão de psicanalista? Na revista, esta questão foi desdobrada em diversos temas, como: a aptidão para exercer este ofício, a formação do psicanalista e a regulamentação da profissão.

Uma condição específica da profissão de psicanalista é a formação orientada nos Institutos de Psicanálise, comumente alocados nas Sociedades de psicanálise. De acordo com as regras da IPA, a formação do psicanalista seria possível desde que o candidato filiado a uma Sociedade psicanalítica passasse por 4 a 5 anos em análise pessoal, supervisão e análise didática. Normalmente essa formação estaria vinculada aos conceitos teóricos e clínicos de uma determinada geração e uma filiação segundo a historiografia psicanalítica. Na revista pudemos encontrar quatro gerações de psicanalistas (ANEXO I).

De forma envolvente, um terceiro problema saltava das páginas da revista para ser avaliado, o da maneira como os psicanalistas representaram seu passado. Edificaram, na revista, a imagem reverenciada do fundador da psicanálise, seus discípulos e seus pioneiros no Brasil. Diante destes três problemas, encontrados nas páginas da revista uma questão fundamental nos mobilizou: Como a *Revista Brasileira de Psicanálise* produziu em suas páginas um discurso que construía representações sobre o seu saber psicanalítico, sobre o ofício de psicanalista e sobre o seu passado histórico?

No Brasil, em pleno Regime Militar, os psicanalistas paulistas fundaram em 1967 a *Revista Brasileira de Psicanálise*, considerando-a como o único

veículo da produção deste saber no período. Este periódico, torna-se, portanto, fonte e objeto desta pesquisa, ocupa um lugar especial entre as publicações sobre saberes científicos, pois suas singularidades diferenciavam-no da maioria das publicações da época, principalmente as do campo científico que ganhavam espaço, valor e respeitabilidade nos meios médicos e oficiais, como a *Revista Brasileira de Psiquiatria*⁹.

A maioria dos colaboradores da *Revista Brasileira de Psicanálise* eram psicanalistas e médicos, porém foi permitida uma pequena participação de professores, psicólogos e intelectuais. Seus diretores eram psicanalistas que ocupavam as maiores patentes dentro das Sociedades e dos Institutos psicanalíticos. As publicações eram compostas predominantemente por textos e artigos apresentados pelos psicanalistas em eventos, como simpósios e congressos e raramente eram integradas por editoriais. As denominadas reuniões científicas dos Institutos foram fontes exclusivas e regulares das publicações, cujo número era reduzido no período ora tratado.

O trabalho com a *Revista Brasileira de Psicanálise* busca se aproximar de estudos que contemplam obras como periódicos complexos e necessitam de cuidados especiais para se tornarem objeto de pesquisa. Para Tania Regina de Luca e Ana Luiza Martins, em *História da Imprensa no Brasil*, o historiador deve tomar o cuidado em não se encantar com as publicações das revistas a ponto de tomar as informações como verdadeiras. A partir da historiografia e metodologia que se propõe analisar periódicos, pretendemos inserir a *Revista Brasileira de Psicanálise* na história da imprensa, cujos textos e informações permitem verificar como os colaboradores da revista representaram o seu saber psicanalítico, sua profissão e sua história.

O interesse dos historiadores por novos objetos e novos problemas ganharam forças a partir das transformações ocorridas no campo historiográfico nos anos 1970 e 1980¹⁰, cujos estudos, no campo cultural, encontraram na

⁹Fundada no mesmo ano da *Revista Brasileira de Psicanálise*, em 1967, a *Revista Brasileira de Psiquiatria* tornou-se o principal veículo de informação da *Associação Brasileira de Psiquiatria*. Esta incumbiu o médico psiquiatra Clóvis Martins de fundar o que os psiquiatras chamam de principal periódico científico da psiquiatria brasileira.

¹⁰ A psicanálise, não diferente de outros objetos, fora contemplada por alguns historiadores neste processo. Alain Besançon, por exemplo, publicou **O Inconsciente: O episódio da prostituta em Que Fazer?** e em **O subsolo**. In: LE GOFF, Jaques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Trad. Terezinha Marinho. Revisão técnica de Gadiel Perruel. Rio de Janeiro: F. Alves, 1989. Na famosa obra "A Nova História" organizada por Roger Chartier e Jacques Revel, Jacques Le Goff dedicou

imprensa um rico manancial de questionamentos e problemas a serem estudados. Esta pesquisa insere-se na relação entre História Cultural e História da Psicanálise e tem por objetivo analisar sistematicamente a *Revista Brasileira de Psicanálise* e os textos nela publicados. Buscamos as representações dos psicanalistas, conforme as propostas de Roger Chartier, autor do seguinte conceito:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1988, p. 17)

A proposta de Roger Chartier nos baliza para um estudo do impresso como testemunho válido de um período. Por outro lado, não se pode esquecer da materialidade do periódico (formato, diagramação, tamanho, presença de imagens, projeto gráfico, tipo de papel e impressão), dos preços, das propagandas e da organização interna do material (seções, editorial, textos e artigos e espaço para outras informações). A avaliação conjunta de todos estes elementos com a análise do conteúdo permite caracterizar a visão de mundo dos psicanalistas colaboradores. (COSTA, 2014, p. 14)

Avaliar uma revista que tratava de questões polêmicas, como ciência, profissão e passado histórico, é uma oportunidade para o estabelecimento de vínculos produtivos entre passado e presente, fundamentais para a compreensão das disputas que, em última instância, relaciona-se com os embates em torno da memória (COSTA, 2014, p. 17). Os procedimentos teórico-metodológicos adotados aqui permitirão o tratamento das questões colocadas pela *Revista Brasileira de Psicanálise*, que não contou com a elaborada crítica da historiografia brasileira até o momento¹¹.

um capítulo todo à psicanálise. Neste livro, LE GOFF, Jacques. (Direction); CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. **La Nouvelle Histoire**. Les Encyclopédies du Savoir Moderne. Paris: Retz-CEPL, 1978.

¹¹ Houve dois trabalhos significativos no campo da psicologia sobre a *Revista Brasileira de Psicanálise*. O primeiro é uma tese de doutorado de MASSI, Marina. Trinta anos de história da Revista Brasileira de Psicanálise: um recorte paulista. 2007. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, 2007. O segundo é uma dissertação de mestrado de SILVA, Iúri Yrving Müller da. Uma leitura da produção brasileira sobre psicanálise de crianças, por meio da Revista brasileira de psicanálise. 2010. 104 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/97557>>.

Com o Capítulo 1, *A psicanálise no Brasil: difusão, publicações e impressos*, buscamos entender a importância dos impressos e publicações para a difusão do saber psicanalítico no Brasil. Para tanto, discutiremos a recepção da psicanálise até a fundação do primeiro periódico brasileiro de psicanálise em 1928, a expansão e circulação das ideias psicanalíticas em impressos, a institucionalização da psicanálise sob égide da IPA e, por fim, o discurso sobre psicanálise verdadeira e o Regime político do momento.

A partir do Capítulo 2, inicia-se mais especificamente a história da revista, intitulado *Revista Brasileira de Psicanálise: fundadores, dirigentes e colaboradores*, analisaremos neste a fundação e edificação da revista. Demonstraremos os primeiros psicanalistas idealizadores da revista, sua origem, compromissos e controle da gestão do movimento psicanalítico e da revista. Discorreremos sobre as gestões durante os 20 anos pesquisados. Demonstraremos as características e especificidades da revista, como sua temporalidade interna, identificando-a em duas fases: a primeira, de 1967 a 1970, quando a revista esteve sob controle da *Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo*, e o segundo, de 1971 até 1986, quando esteve sob a direção da *Associação Brasileira de Psicanálise*.

Apresentadas as discussões sobre a revista como objeto e fonte da pesquisa, discutiremos no Capítulo 3, *Revista Brasileira de Psicanálise: difusão kleino-bioniana*, a base teórica que fundamentava o movimento psicanalítico ipeísta brasileiro e reproduzida na revista. Demonstraremos como as ideias de Melanie Klein e Wilfred R. Bion foram se consolidando e tomando forças entre os colaboradores durante cada direção e Conselho editorial da revista. Perceberemos como os psicanalistas, durante cada gestão deste período estudado, contemplavam temas e faziam concepções a partir da abordagem kleiniana corroborada com os conceitos de bionianos.

No Capítulo 4, *Revista Brasileira de Psicanálise: ciência, profissão e história*, analisaremos como a revista publicava artigos que discutiam não só teoria, experiência e práticas clínicas, mas ciência, profissão e história, apresentando uma discussão acerca das representações que os psicanalistas ipeístas tinham destas três temáticas. Perceberemos que estas representações são determinadas, como propôs Chartier (1988, p.17), pelos “interesses dos grupos que as forjam”. Na revista, os mandatários do movimento psicanalítico

ipeísta elaboraram um aparato de controle que lhes garantiam o poder e o mercado em suas mãos¹².

¹² Durante a pesquisa demonstraremos os diversos dispositivos (FOUCAULT, 1997) e estratégias de controle da elite psicanalista ipeísta.

1 A Psicanálise no Brasil: difusão, publicações e impressos

Nascida a pouco mais de trinta anos das pesquisas de Breuer e Freud sobre história, vem a Psicanálise desde então conquistando vagarosamente, mas decisivamente, os meios científicos de todo mundo. Mau grado resistência e obstáculos de toda sorte, que retardam sua difusão e ainda hoje a embaraçam no seu progresso, conseguiu por fim a Psicanálise tomar definitivamente o lugar que competia entre as outras ciências positivas. Simples método terapêutico a princípio, já agora se constitui em uma teoria psicológica integral, para ser em breve talvez a Psicologia. (RBP, 1928, *apud* ROCHA, 1989, p. 99-100)

A epígrafe acima, integrante do editorial da *Revista Brasileira de Psychoanalyse* de 1928, introduz e exprime resumidamente os problemas que o saber psicanalítico enfrentou durante sua implantação e sinaliza o lugar que este buscava entre as ciências no Brasil. Numa trajetória de dificuldades, a psicanálise encontraria nos eventos, nas reuniões, nos encontros realizados nos meios médicos e culturais formas para sua recepção, difusão e institucionalização no Brasil, influenciada pela publicação de livros, teses e especialmente de revistas, que auxiliaram na afirmação da psicanálise em nosso país, conforme se demonstrará neste capítulo.

1.1 A RECEPÇÃO DA PSICANÁLISE NO BRASIL (1914 a 1928)

A implantação do saber psicanalítico no Brasil não se desvincula do que se passava na Europa. Como parte do saber ocidental, a psicanálise chegava ao Brasil no início do século XX, em meio a grandes transformações econômicas, sociais, políticas e culturais. Num processo crescente de recepção, as teses de Sigmund Freud foram adquirindo admiradores e opositores num momento em que o saber científico era exaltado, as condições de trabalho eram contestadas e a imprensa ganhava peso e se modernizava como principal veículo difusor de ideias.

No início do século XX, no Brasil, período em que as oligarquias rurais, especialmente as cafeeiras, decidiam os rumos da política nacional, alguns temas como a ciência, trabalho e imprensa despertavam os interesses dos mais variados setores das classes dirigentes. Entre os anos 10 e 20, novas ideias e novas maneiras de ver as coisas, assim como movimentos culturais, políticos e

sociais, tiveram profundas repercussões nas décadas seguintes e possibilitaram o surgimento de instituições de ciência, como a *Sociedade Brasileira de Ciências*, fundada em 1916, tornando-se *Academia Brasileira de Ciências* em 1922. E na educação, a *Academia Brasileira de Educação*, em 1924 (SCHWRTZMAN, 1979, p.163). A discussão de questões ligadas a temas educacionais e científicos levaram à formação de grupos intelectuais distintos e divergentes em suas propostas influenciadores no percurso das ciências no Brasil. Na *Academia Brasileira de Ciências*, por exemplo, formaram-se naquele momento dois grupos – o primeiro, era defensor das ideais positivistas e o segundo, partidário das ideias da ciência abstrata e acadêmica que geraram grandes debates entre estes dois grupos (SCHWRTZMAN, 1979, p.37).

Ao lado deste clima de novidades, os governos da Primeira República e burguesia industrial dos grandes centros estavam preocupados com os movimentos de reivindicações trabalhistas organizados pelos operários de origem imigrante adeptos de ideologias consideradas perigosas – comunismo, socialismo e anarquismo. Conforme Miceli (1979), a luta por melhores condições de trabalho era pauta destes movimentos à qual o regime político da época apresentava resistência.

A imprensa, à qual o advento e o transcorrer da Primeira República trouxeram diversificação e inovação tecnológica, também mergulhava neste clima de debates e conflitos de interesses. O jornal, a revista e o cartaz aliavam-se às melhorias dos transportes, ampliando os meios de comunicação e potencializando o consumo de toda ordem (MARTINS; LUCA, 2011, p. 84), mas o autoritarismo dos detentores do poder logo apareceu em decretos e leis para controlar este meio de comunicação.

O controle da palavra impressa, contudo, não se limitou ao texto de lei. A repressão das primeiras horas investiu contra formadores de opinião e órgãos da imprensa, com rebatimento na prisão de jornalistas, supressão de jornais e destruição de tipografias. (MARTINS; LUCA, 2011, p. 85)

Este mesmo clima autoritário apresentar-se-ia no campo da medicina e da saúde pública, com práticas e saberes definidos pelos mandatários da área. O debate higienista e de degenerescência ampliavam-se e influenciavam os discursos médicos como a saúde mental e a psiquiatria (NUNES, 1988, p. 67). A psicanálise, por sua vez, chegaria ao Brasil em meio a estas ideias. A

psiquiatria da época, preocupada no “melhoramento” das crianças e do povo, não poderia abrir mão de um saber que se propunha a analisar o indivíduo no mais profundo de seu ser. Alguns psiquiatras passaram a defendê-la como um saber imprescindível para a psiquiatria. Todo aquele que lidasse com doentes ou criminosos e, principalmente, com crianças, deveria ter acesso a este saber. (NUNES, 1988, p. 72).

Na Europa, estas questões seriam sombreadas pela tragédia humana que abalaria o início do século XX, a Primeira Guerra Mundial. O clima obscuro, sombrio e depressivo instalava-se neste continente. Sigmund Freud, por exemplo, não mediu palavras para definir este clima melancólico trazido pela Grande Guerra em 1914. Em seu texto de 1915, *Considerações Atuais sobre a Guerra e a Morte*, declarava:

Arrastados pelo turbilhão desta época de guerra, informados de modo unilateral, sem distância quanto às grandes transformações que já se realizaram ou se começam a realizar e sem vislumbre do futuro que já se está a configurar, desencaminhados andamos no significado por nós atribuído às impressões que nos oprimem e no valor dos juízos que formamos. Quer parecer-nos que jamais acontecimento algum terá destruído tantos e tão preciosos bens comuns à humanidade, transtornado tantas inteligências lúcidas e rebaixado tão fundamente as coisas mais elevadas. Até a própria ciência perdeu a sua desapaixonada imparcialidade; os seus servidores, profundamente amargados, procuram dela extrair armas para prestar um contributo à luta contra o inimigo. O antropólogo declara inferior e degenerado o adversário, e o psiquiatra profere o diagnóstico da sua perturbação mental ou anímica. Mas, provavelmente, sentimos com desmedida intensidade a maldade desta época e não temos direito algum a compará-la com o mal de outras épocas que não vivemos. (FREUD, 1915, p.245)

Foi durante esta trágica realidade de guerra que a psicanálise começava a se expandir para outros lugares fora da Europa (ROUDINESO; PLON, 1998, p. 343). Neste momento, bastante fortalecida pelos trabalhos de Sigmund Freud¹³, a psicanálise contaria com os seus primeiros seguidores¹⁴ e

¹³Nesta época Freud já tinha publicado obras basilares para a sua teoria. Podemos citar como exemplos: *A Interpretação dos Sonhos* de 1900, *Três Ensaios sobre Teoria da Sexualidade* em 1905, *Cinco Lições de Psicanálise* de 1910 e *Totem e Tabu* de 1913.

¹⁴Os nomes mais proeminentes ao lado do fundador da psicanálise eram inicialmente Alfred Adler, Wilhelm Stekel, Otto Rank, Paul Federn, Siegfried Bernfeld, Hanns Sachs, Theodor Reik, ao lado destes vienenses havia, ainda, o húngaro Sandor Ferenczi, o polonês Hermann Nunberg, o belorrusso-alemão Max Eitingon, o alemão Karl Abraham, o britânico Ernest Jones e o suíço Carl Gustav Jung. Todos médicos que frequentavam as reuniões das chamadas “Quarta-feiras” na casa de Freud desde 1902. Este grupo, tornou-se em 1908, no Primeiro Congresso Internacional de Psicanálise, a *Sociedade Psicanalítica de Viena*, a partir desta mudança essa sociedade ficou sujeita à institucionalização de normas, regularidades e hierarquias.

seguidoras¹⁵ que contribuiriam para a sua expansão. No período entre as duas guerras mundiais (1918-1939) surgiria um grande número de personalidades menos conhecidas que estenderiam a psicanálise ou entrariam em conflitos com Freud (FINE, 1981, p.57).

No processo de institucionalização da psicanálise na Europa, o papel do impresso, principalmente de periódicos entre as publicações psicanalíticas, tornaram-se uma necessidade crescente. Em seu texto *História do Movimento Psicanalítico*, Sigmund Freud (1914, p.28) ressaltava a importância dos periódicos para o desenvolvimento da psicanálise, dizia ele: “É necessário também dizer algumas palavras sobre o desenvolvimento dos periódicos a serviço da psicanálise [...]”, para, em seguida, evidenciar os principais periódicos:

O primeiro deles foi uma série de monografias intitulada *Schriften zur angewandsten Seelenkunde* [“Artigos sobre Ciência Mental Aplicada”] que apareceram irregularmente desde 1907 e agora em número de quinze exemplares. (O editor pretendia começar com Heller em Viena e depois F. Deuticke.) Incluem obras de Freud (Nos. 1 e 7), Riklin, Jung, Abraham (Nos. 4 e 11), Rank (Nos. 5 e 13), Sadger, Pfister, Max Graf, Jones (Nos. 10 e 14), Storfer e von Hug-Hellmuth. (FREUD, 1914, p.28)

Em 1909, Sigmund Freud e Eugen Bleuler organizaram o periódico oficial do movimento psicanalítico *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*¹⁶ que seguia, assim como as suas sucessoras, a forma de edição das revistas médicas da época. O *Jahrbuch* seria um espaço para as pesquisas sobre psicanálise e psicopatologia. Em posse de um veículo de divulgação da psicanálise, os psicanalistas, em 1910, fundaram uma associação internacional que, inicialmente, teve o nome em alemão *International Psychoanalytischer Vereinigung* (IPV) e em 1936 passa a ser denominada de *International Psychoanalytical Association* (IPA). Com esta

¹⁵ Segundo Cromberg (2010) as primeiras psicanalistas são Margarethe Hilferding, Sabina Spielrein, Hermine Hug-Hellmuth, Eugenia Sokolnicka, Tatiana Rosenthal, Vera Schmidt e Sophie Morgenstern. Apenas Lou Andreas-Salomé não foi esquecida, por razões singulares, mas sua entrada formal no movimento psicanalítico deu-se apenas em 1922, o que a coloca no campo das psicanalistas que nunca desapareceram da história da psicanálise. Essas outras psicanalistas passaram a pertencer ao movimento psicanalítico já instituído, a partir dos anos 20 do século xx, e não apenas tiveram sua importância reconhecida como assumiram papel protagonista na sua história. São elas Melanie Klein, Anna Freud, Karen Horney, Helen Deutsch, Joan Rivière, Jeanne Lampl-de Groot e Ruth Mackbrunsvik.

¹⁶Anais de pesquisas psicanalíticas e psicopatológicas (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.407)

associação, entre 1910 a 1925, houve o crescente processo de criação de normas, regras e hierarquias, isto é, institucionalização da psicanálise.

Foram criadas regras específicas para a formação dos psicanalistas. O estudo teórico da psicanálise, a obrigatoriedade para a verificação do analista e de uma supervisão pelos pares seriam considerados pilares para formação do psicanalista. Neste momento ainda instituíram, segundo Cromberg (2010), a proibição de tratar parentes e conhecidos, da participação de homossexuais e de psicanalistas oriundos da Sociedade de Moscou não reconhecida pela IPA.

Na medida em que a psicanálise institucionalizava-se, Sigmund Freud não deixaria que suas teses se dispersassem e fossem mal interpretadas. Para manter este controle, criou a *Zentralblatt für Psychoanalyse. Medizinische Monatschrift für Seelenkunde*¹⁷, primeira revista oficial da IPA.

A chefia da redação da *Zentralblatt* contava com Wilhelm Stekel além de Carl Gustav Jung, que ficou até 1912, período seguido de apenas mais uma edição. No ano de 1910 iniciava uma grave crise entre os psicanalistas. Alfred Adler, médico alemão, romperia com Freud após este não aceitar as críticas sobre as noções de recalque e libido que vinha desenvolvendo e funda a escola de psicologia individual. Menor que as resistências e críticas ao saber psicanalítico oriundos dos leigos, o problema maior a enfrentar pelo fundador e seu séquito surgiria internamente, no próprio movimento psicanalítico. A preocupação era manter a unidade do movimento e garantir as bases teóricas determinadas por Freud, as divergências teóricas não seriam toleradas, gerando dissensões e dissidências.

Entre 1910 a 1913, embora Freud não mais delegasse os cargos de diretores das instituições e de suas publicações, criou um Comitê Secreto para apoiá-lo na preservação da ortodoxia da psicanálise após a era das rupturas com Adler, Stekel e Jung (CROMBERG, 2010). Uma das mais traumáticas rupturas foi com seu sucessor, Carl Gustav Jung, que em 1912 publicou *Metamorfoses da alma e seus símbolos*, na qual mostrava discordâncias com a teoria da libido de Freud. A crise entre ambos intensificou-se devido à má interpretação que Jung fez da visita de Freud a Ludwig Binswanger, psicanalista que estava doente, sem que o visitasse, uma vez que sua residência era próxima a do

¹⁷ Folha Central de Psicanálise. Revista Médica Mensal de Psicologia

doente. Entretanto, este rompimento apresentava razões mais profundas: as tentativas de Jung convencer Freud da necessidade de dessexualizar a psicanálise.

O trauma que a ruptura com Jung gerou em Freud, contribuiu para que este criasse um grupo secreto a se tornar guardiões da doutrina freudiana. Formava-se, em 1912, por iniciativa de Ernest Jones o *Ring*, Comitê Secreto criado com o objetivo de preservar a doutrina freudiana de qualquer desvirtuamento. O *Ring*, segundo Roudinesco e Plon (1998) inspirou-se num ideal romântico de um grupo escolhido para ser os guardiões da psicanálise.

Inspirado no modelo romântico e iluminista das sociedades secretas do século XIX, o Comitê foi concebido por Jones como um círculo de iniciados, à maneira dos paladinos de Carlos Magno ou dos cavaleiros da Távola Redonda à procura do Santo Graal. Para selar a sagrada união entre os guardiões do templo, Freud entregou a cada um deles um entalhe grego, que eles mandaram engastar em anéis de ouro. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 122)

Não se trata aqui de inserir o movimento liderado por Freud numa ideia de conspiração do ‘mal’, mas de evidenciar claramente os interesses de controle e de poder de um grupo que, segundo Roudinesco (2005, p. 122) “acabou se tornando um laboratório imaginário de um ideal impossível de pureza doutrinária”, isto é, menos guardiões da doutrina freudiana, tornaram-se um poder paralelo ao da direção da *International Psychoanalytical Association*, até o ano de 1927.

Para manter a unidade teórica do movimento psicanalítico, Freud não mediu esforços para garantir seu controle. O Comitê Secreto, *Ring*, era composto exclusivamente por Freud, Ernest Jones, Karl Abraham, Hanns Sachs, Otto Rank e Sandor Ferenczi. Mas havia um associado ao Comitê que se tornou membro adjunto até 1920, Anton von Freund, um dos amigos mais próximos de Freud, rico cervejeiro húngaro que ajudou a fundar a casa editora do movimento, a *Internationaler Psychoanalytischer Verlag*, garantindo a centralização das publicações com o Comitê, inclusive aquelas que seriam do círculo restrito e secreto deste (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 122).

A *Internationaler Psychoanalytischer Verlag* fundou várias outras publicações e revistas durante a década de 10 e 20 sob controle de Freud. Os conflitos entre os psicanalistas levavam imediatamente a repensar e refundar seus impressos e periódicos. Após o conflito entre Freud e Jung, o *Jahrbuch* e a

Zentralblatt deixaram de existir em 1913. Freud criou neste mesmo ano um outro periódico no qual pudesse expressar a sua produção e de seus seguidores, *Internationale ärztliche Zeitschrift für Psychoanalyse*¹⁸ (IZP).

Não se pode esquecer que antes da IZP, Freud já controlava as publicações sobre a sua doutrina em outra revista fundada em 1912, a *Imago*. Também criada por ele e dirigida juntamente com Hanns Sachs e Otto Rank. Freud (1914, p. 29) orgulhosamente assim se referia à revista no texto *História do Movimento Psicanalítico* “*Imago* encontra-se agora na metade de seu terceiro volume, sendo lida com interesse por um número sempre crescente de assinantes, alguns deles com pouca ligação com a análise médica.”

O título para a revista, *Imago*, não poderia ser a melhor escolha no ano de 1912, pois foi tomado de empréstimo do romance publicado pelo escritor suíço Carl Spittler, por quem os psicanalistas demonstraram grande admiração em virtude de ter recebido Prêmio Nobel de literatura daquele ano. Diferente de suas congêneres, *Imago*, segundo Roudinesco (1998, p. 372), foi criada para a aplicação da psicanálise às ciências do espírito. *IZP*, com a função de publicar mais teoria e clínica psicanalítica. Em 1939 houve a fusão de *IZP* e *Imago*. O movimento psicanalítico crescia em proporção ao número de periódicos e se tornou fundamental para a difusão do saber. Indubitavelmente o impresso periódico tornou-se um veículo essencial para a expansão do saber psicanalítico e de parte de sua história.

Depois das rupturas de Adler, Stekel e Jung, o freudismo passaria por um novo dinamismo e começava a contar com um novo veículo de divulgação o *International Journal of Psycho-Analysis (IJP)*. Fundado por Ernest Jones, em 1920, substituiria a *IZP-IMAGO* em 1941 e se tornaria o órgão oficial da psicanálise ipeísta.

A IJP foi a primeira revista psicanalítica escrita em língua inglesa e tornou-se órgão oficial da IPA, depois da destruição da psicanálise pelo nazismo na Alemanha e na Áustria, bem como a extinção concomitante das revistas em língua alemã fundadas por Sigmund Freud (ROUDINESCO, 2005, p. 384). A fundação da IJP não estaria desvinculada de dois debates que mobilizava Freud e do movimento psicanalítico: o primeiro em torno da polêmica sobre a prática

¹⁸ Revista Médica Internacional de Psicanálise

da psicanálise por não-médicos, o que levou Freud a publicar *A questão da análise leiga* e, o segundo, o conflito entre Anna Freud e Melanie Klein¹⁹.

Enquanto na Europa a psicanálise com seus veículos de divulgação como anuários, revistas e jornais bastante fortalecidos demonstravam a expansão e institucionalização deste saber, no Brasil iniciava-se a recepção da psicanálise durante os anos 10 e 20. Esta recepção foi possível primeiramente pelo interesse dos médicos e psiquiatras que, encantados com as ideias de Sigmund Freud, fizeram comunicações, aulas, prelações, conferências e encontros, publicando as ideias freudianas em livros, artigos e teses, porém distantes de publicarem um periódico propriamente psicanalítico como já existia na Europa. Entretanto, algumas ideias psicanalíticas encontrariam nos periódicos do movimento modernista brasileiro um espaço profícuo de divulgação. Também é importante destacar que neste frenesi pelo saber psicanalítico houve aqueles que se opuseram, como Alceu Amoroso, criando dificuldades para a recepção da psicanálise.

A elite médica brasileira, que buscava debates científicos em torno da medicina europeia, não estava alheia às novidades que surgiam em seu campo de atuação. Muitas ideias sobre as inovações na medicina chegavam ao Brasil depois de alguns médicos realizarem estudos, especializações, cursos, estágios e visitas técnicas na Europa. Juliano Moreira, médico e psiquiatra, fez cursos e estágios sobre doença mental e frequentou muitos asilos na Alemanha, França, Inglaterra, Itália e Escócia (ODA; DALGALARRONDO, 2000, p. 178). Nesse seu périplo, em busca de conhecimentos sobre a medicina, Juliano trouxe para o Brasil as ideias freudianas.

A comunicação feita por Juliano Moreira em 1914, sobre o método de Freud na Sociedade Brasileira de Neurologia demonstrando de forma sistematizada as ideias deste tornou-se um marco inaugurador da psicanálise no Brasil, mesmo sabendo que ele já fazia algumas referências à psicanálise desde 1899 (PERESTRELLO, 1987, p. 13-14). O ano de 1914 consagrou-se como um momento fundador da psicanálise com a defesa e posterior publicação da tese

¹⁹Anna Freud que receberia o peso e o legado da continuidade e fidelidade às teorias do pai, publica em 1927 *Introdução à técnica de análise de criança* se opondo às teses de Melanie Klein, esta que traria novos postulados teóricos revigorando as teses freudianas, responde à primeira em setembro deste mesmo ano no X Congresso da IPA em Innsbruck com a apresentação de seu trabalho intitulado *Os estádios precoces do conflito edípiano*.

de Genserico intitulada *Da psicoanálise (a sexualidade das nevroses)*. Segundo Mokrejs (1993, p. 290), o artigo de Medeiros de Albuquerque *A Psicologia de um Neurologista – Freud e suas Teorias Sexuais* foi “considerado por muitos autores, como sendo o marco inicial da psicanálise no Brasil; data de 1919 e foi publicado na revista de Freud de 1920”.

Neste momento inicial, quando as ideias freudianas chegavam ao Brasil, mesmo não havendo possibilidades de se ter ainda uma revista que difundisse a psicanálise, houve um movimento crescente de publicações que se referiam direta ou indiretamente às ideias dele e as faziam circular pelo país, através da imprensa, movimentos culturais como o modernismo e significativamente na psiquiatria. Henrique Belford Roxo introduziu teses freudianas em seu programa do curso de Medicina do Rio de Janeiro, em 1918. Em 1919, Franco da Rocha comenta alguns conceitos freudianos em seu artigo *Do delírio em geral*; em novembro deste ano Medeiros e Albuquerque faz uma conferência na Policlínica do Rio de Janeiro *A psicologia de um neurologista – Freud e suas teorias sexuais*. Em 20 de março, o jornal *O Estado de S. Paulo* anunciava o primeiro livro brasileiro publicado por Franco da Rocha dedicado às ideias de Freud *O pansexualismo na doutrina de Freud*. Estas primeiras publicações demonstravam o interesse por uma psicanálise que pudesse dar condições de revelar o íntimo de cada indivíduo, importando-se com a investigação dos desejos, e assim classificando os fenômenos e formulando algum tipo de perspectiva terapêutica dentro da prática psiquiátrica (NUNES, 1988, p. 85).

Conforme Nunes (1988), Birman (1988) e Oliveira (2002), o saber psicanalítico foi inserido nos anos 1910 aos debates psiquiátricos, em suas práticas clínicas e sociais: os projetos eugênicos, a norma moral, sexualidade, mulher, projeto pedagógico. As publicações brasileiras deste período, entre 1910 e 1920, demonstravam muitas descontextualizações das propostas originais de Sigmund Freud.

Inicialmente, trazida aos projetos eugênicos da psiquiatria, a psicanálise despertou um crescente interesse entre os psiquiatras que descontextualizaram e utilizaram os postulados freudianos de acordo com as suas formulações eugênicas (NUNES, 1988, p. 73). Uma dessas descontextualizações foi a elaboração da degeneração psíquica. Segundo Nunes (1988), na obra de Franco

da Rocha, *Pansexualismo na doutrina de Freud*, é possível verificar claramente como este representava o postulado freudiano à luz da eugenia.

Naturalmente podemos imaginar certas variações da disposição original que, sem posterior auxílio, devem necessariamente levar à formação de uma vida sexual anormal. Chama-se a este degenerativa e consideramo-la como deterioração hereditária". (ROCHA, 1920, p. 49)

Certamente, esta formulação de Franco da Rocha ia na contramão das teorias de Freud, e dentre as rupturas deste com a psiquiatria, uma das mais importantes foi o rompimento com o binômio degeneração-hereditariedade. Assim como Franco da Rocha, outros nomes²⁰ reconhecidos e influentes da medicina da época acabaram se envolvendo com a psicanálise. Os psiquiatras, mesmo fazendo algumas ou muitas restrições à psicanálise, eram unânimes em afirmar que ela tornou-se um dos temas mais importantes do saber psiquiátrico (NUNES, 1988, p. 71).

A busca pela psicanálise aumentava entre os psiquiatras e novas publicações foram divulgadas nesse meio. Em 1921, Henrique Roxo dedicou quarenta páginas de *Manual de psiquiatria* à psicanálise. Em 1925, Arthur Ramos defende sua tese de medicina *Primitivo e loucura* baseada nas teses freudianas e Júlio Pires Porto-Carrero apresenta sua comunicação *Aspectos clínicos da psicanálise* na Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal. Em 1926, as produções brasileiras, *O Simbolismo estético na literatura, Ensaio de uma orientação para a crítica literária, baseada nos conhecimentos fornecidos pela psycho-analyse* de Durval Marcondes e *A arte primitiva dos alienados, memória do Hospício Juquery* de Osório Cesar, foram enviadas e Freud e dele receberam agradecimentos.

A busca pelas teses de Sigmund Freud ampliou-se no território brasileiro, principalmente no eixo São Paulo – Rio de Janeiro, entre os psiquiatras envolvidos nas ideias higienistas nas quais fundamentavam suas práticas, sobre sexualidade, moral, mulher e do próprio saber psicanalítico.

²⁰Durval Marcondes, Henrique Roxo, Osório César, Antônio Austragésilo, José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque, Maurício de Campos de Medeiros, Júlio Pires Porto-Carreiro, Deodato de Moraes, Carneiro Ayosa, Murilo Campos, Inaldo de Lyra Neves Manta, Aloysio de Paula, Pontes de Miranda, Arthur Ramos, João César de Castro, Ulisses Pernambuco. Com exceção de Medeiros e Albuquerque que era jornalista e o professor Deodato de Moraes, todos eles eram médicos envolvidos com a psiquiatria.

A teoria da sexualidade foi um dos caminhos para a incorporação da psicanálise à psiquiatria nesta época. A maneira como os psiquiatras classificavam a vida sexual refletia o que eles defendiam naquele momento. Os médicos postulavam a forma e o lugar em que a sexualidade poderia e deveria ser exercida – a procriação e o aperfeiçoamento (NUNES, 1988, p. 77). Em 1928, o médico Austregésilo, por exemplo, criticava o indivíduo que não abria mão do prazer sexual em nome do bem-estar geral.

Amar é procriar, dizem os filósofos e biólogos, e assim deveria ser. Porém o homem de ordinário, quando ama não pensa na procriação senão no egoísmo sensorial da “epilepsia brevis” no prazer, na convulsão das molestias nervosas que o entorpecem e saciam. (AUSTREGÉSILO, 1928, p. 12)

Dessa forma, o autor valoriza a norma moral em detrimento do prazer sexual. A questão do prazer, se não pode ser anulada sob risco de não mais se procriar, deve ser relativizada diante de uma perspectiva mais “nobre” (NUNES, 1988, p. 79). A partir desta perspectiva, segundo Nunes (1988), a psicanálise seria um método auxiliar e um guia para manter a norma, o controle e a moral.

Os psiquiatras também formularam um projeto pedagógico e de controle do cotidiano para suas propostas de transformação do corpo social. Eugenistas e higienistas formularam regras minuciosas, mudança no sistema educativo, com vistas a garantir a boa formação física e moral de cada indivíduo (NUNES, 1988, p. 91) de cujo processo foi requisitado que a psicanálise fizesse parte, por se referir à sexualidade infantil.

Há na psicoanálise um ponto de vista pedagógico de grande alcance. Ela considera como questão capital o determinismo psíquico do indivíduo o desenvolvimento regular e harmonico dos componentes do instinto sexual infantil. É no nosso defeituoso e nocivo habito de ignorar as exigencias da *libido* de oculta por completo, que se deve procurar a causa de molestias e da degeneração da espécie. A psicoanálise tem porisso um valor iniludível para sciencia eugenica que hoje ocupa a atenção da classe medica. Ha, na imensa bibliografia da psicoanálise, trabalhos originaes sobre o modo de encara o casamento precoce, a educação sexual da infância e a revelação prudente e geitosa dos mistérios sexuais aos meninos. (ROCHA, 1930, p. 169)

Assim como Franco da Rocha, Antonio Austregésilo e Porto-Carrero classificavam a psicanálise como auxiliar pedagógica para o controle dos instintos, representavam ideia de que a educação poderia influenciar a evolução da sexualidade para uma formação mais positiva do indivíduo. Projeto

psiquiátrico este para a regeneração social, que deveria ser estendido aos pais e especialmente às mulheres. Pois as orientações psicanalíticas destes psiquiatras permitem-nos identificar concepção de mulher e feminino, cujas representações foram, em grande parte, vinculadas ao matrimônio, à procriação e à educação dos filhos. Em sua obra *Psicanálise de uma civilização* Julio Pires Porto-Carrero, ao fazer explicações sobre o matriarcado, mostra-nos a seguinte representação de mulher:

Da esposa-mãe, que é o tipo completo da mulher normal, pode dizer-se que todas as localizações da sexualidade feminina nela se equilibram. Chamando uterismo ao impulso de receber o homem e guardar no ventre, em consequência disso, o ovo fecundado, vemos que nela domina o anseio de repartir com os filhos os carinhos maternos que recebera ela própria e o instinto do conforto do lar, que é a morada do homem, como lhe fora a primeira o regaço que deu à luz. (PORTO-CARRERO, S/D, p. 91)

No final da década de 20, a recepção das teses de Freud tomaria uma rota crescente levando a uma intensa difusão do saber psicanalítico no Brasil, e de acordo com os estudos desta desenvolvidos por Mokrejs (1993) é possível constatar uma média de três produções de artigos, livros e conferências entre os anos de 1914 a 1926²¹, sendo que as maiores produções e publicações foram dos psiquiatras Antônio Austregésilo, Júlio Pires Porto-Carrero, Franco da Rocha, Henrique Belford Roxo e do jornalista Medeiros e Albuquerque. Entre os anos de 1927 e 1928 há um salto imenso na produção e participação dos psiquiatras nas publicações sobre os temas psicanalíticos, sendo: 15 produções em 1927, 21 em 1928 e 12 em 1929 (MOKREJS, 1993, p. 297-300).

Entre as produções significativas, em outubro de 1927 encontram-se é nos *Archivos da Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo* o trabalho de Leonidio Ribeiro e Murilo de Campos sobre o *Caso Frebonio*, o primeiro interno no Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro, trabalho que foi elaborado a partir da teoria psicanalítica. Em novembro houve a apresentação de Júlio Pires Porto-Carrero na 1ª Conferência nacional de educação em Curitiba de *O caracter do escolar, segundo a psychanalyse*, posteriormente nesta linha escolar Deodato de Moraes publica *A Psychanalyse na educação*. (OLIVEIRA, 2005, p. 70).

²¹ MOKREJS, E. Anexo In: **A Psicanálise no Brasil**. 1993. p. 294 a 297.

A publicação crescente de teses e outras obras chegaram, inclusive, ao conhecimento de Freud, de quem, em 1927, Arthur Ramos recebia o agradecimento por ter enviado sua tese *Primitivo e loucura*. Fazer uma aproximação com o fundador da psicanálise evidencia menos reconhecimento que a busca por um saber psicanalítico considerado uma novidade e complementar ao saber psiquiátrico.

Todos estes temas da psiquiatria eugenismo, higienismo, moral, sexualidade, pedagogia e mulher que descontextualizavam a psicanálise conforme afirmou-nos Nunes (1988), e todas as publicações de teses, artigos e livros não foram os únicos responsáveis por viabilizar a recepção da psicanálise. Entre as décadas de 1910 e 1920 uma outra via possibilitaria a recepção e difusão desta, o Modernismo e suas revistas.

É preciso lembrar que entre as décadas de 1910 e 1920 o Brasil apresentou um contexto sociocultural favorável à difusão da psicanálise. Imigração, urbanização acelerada, epidemias, manifestações operárias, movimento modernista criavam, segundo Sevckenko (1992, p. 31), uma conjuntura agitada, confusa e dramática. Havia, segundo este historiador, um clima que oscilava entre o otimismo e o medo. Na capital do país, Rio de Janeiro, e grandes cidades como São Paulo, as contradições socioeconômicas aumentavam. Segundo Oliveira (2005, p. 55), esse “contexto caracteriza um momento particular da estruturação da subjetividade dos paulistas, provocado pelo impacto da nova ordem cultural e econômica, favorecendo o desabrochar das teses psicanalíticas”. Para Sevckenko (1992) e Oliveira (2005), a imprensa também era responsável pela divulgação das temáticas freudianas mobilizando a opinião pública. Oliveira (2005) destaca a seguinte relação entre imprensa e temas freudianos:

Notemos, porém, que em São Paulo, nesse começo dos anos 1920, foram, antes de tudo, o impacto simbólico das transformações urbanas, o aspecto de instabilidade psicológica e o desejo de controlar os comportamentos humanos que chamaram a atenção dos comentadores da vida cotidiana e provocaram, na imprensa, a publicação dos primeiros artigos inspirados nas teses freudianas sobre temas como a sexualidade, o papel da mulher, a agressividade, o boato e o misticismo. (OLIVEIRA, 2005, p.60)

Segundo esta estudiosa, movimento literário daquela década, o modernismo, teve a primazia em difundir a psicanálise mais do que a própria

psiquiatria, uma vez que esta também estava em fase de implantação. Os modernistas interessaram-se pela leitura de *A Interpretação dos sonhos (1900)*, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)* e *Totem e Tabu (1912-13)*. O interesse dos modernistas pela psicanálise ocorreu devido às propostas freudianas se conciliarem tanto com a problemática literária deles, quanto à reflexão que faziam da identidade nacional. Para estudiosa dos periódicos modernistas *Klaxon* e *Terra Rocha*, Cecília de Lara, a psicologia forneceu substrato às poesias modernistas, principalmente às de Mário de Andrade, que apresentam um mergulho nas profundezas do eu (OLIVEIRA, 2005, p. 64).

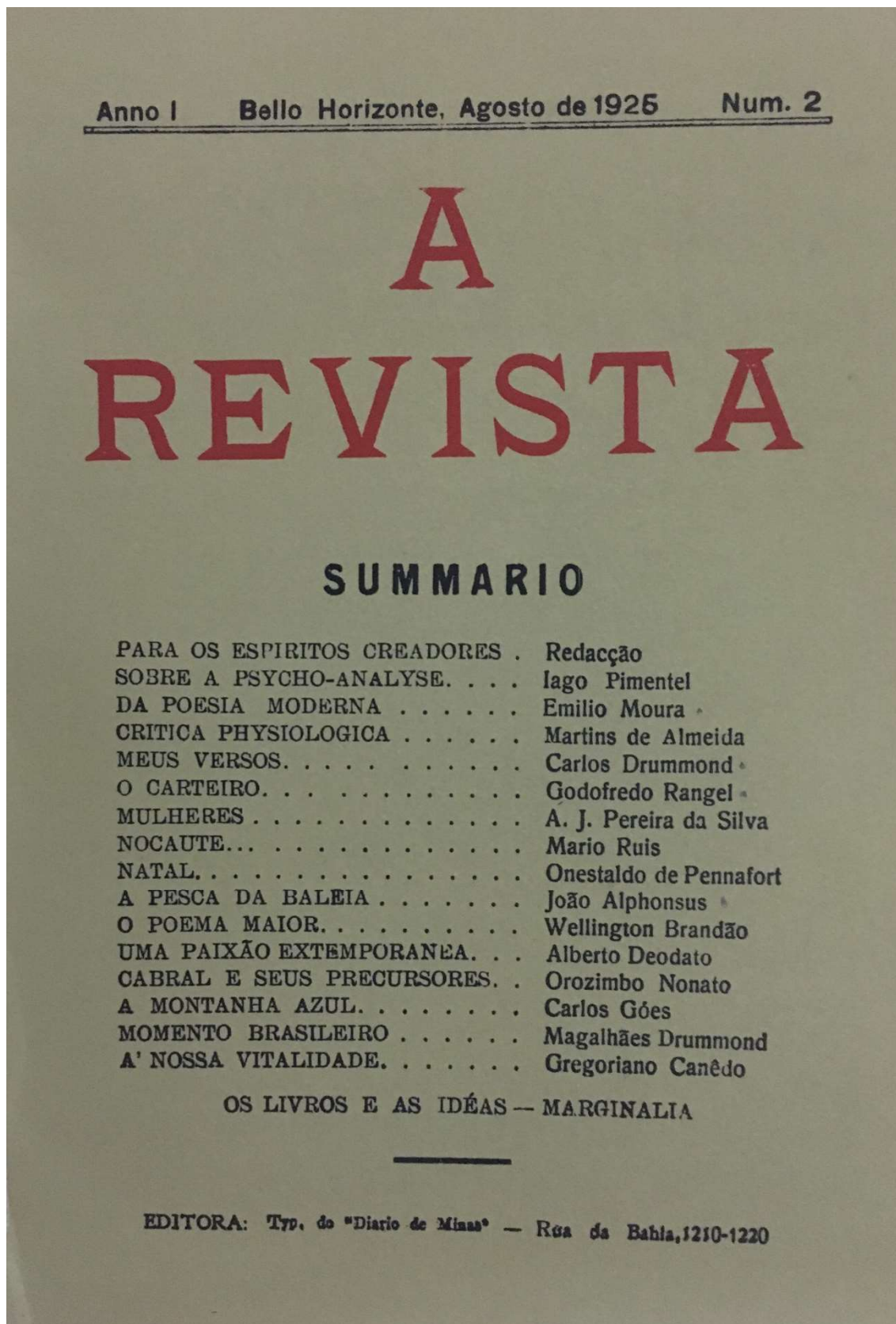
A reflexão sobre a identidade nacional, questão em pauta entre os intelectuais da época, inspirou Oswald de Andrade em sua obra. Para ele, este tema situava-se entre a ideia de um mundo como representação e a questão da origem do ser (OLIVEIRA, 2005, p. 64). Sobre o papel desempenhado pela psicanálise aos modernistas, esta autora afirma:

De maneira geral, podemos dizer que os modernistas utilizavam os conceitos freudianos numa perspectiva de adoção/rejeição. Os conceitos, em princípio emprestados de Freud, no entanto próximos da psicologia francesa, e sobretudo empregados de forma irônica, são os de “inconsciente”, “sonho”, “instinto”, “histeria”, “libido”, “censura” e “recalque”. (OLIVEIRA, 2005, p. 66)

Os modernistas não se sentiam tocados pelo registro da loucura, pois para eles, esta era uma transposição poética da linguagem e do espírito, a manifestação de uma nova sensibilidade (OLIVEIRA, 2005, p. 67). Desta forma, para Oliveira (2005), uma das contribuições para os estudos sobre o modernismo seria o reconhecimento das influências do freudismo neste movimento, cujas marcas são comumente identificadas e estudadas no Surrealismo, as quais não se pode deixar de valorizar. Para Oliveira (2005), as ideias freudianas tiveram presença marcante nos periódicos modernistas, *Revista do Brasil*, *A Revista*, *Verde* e *Revista de antropofagia*.

Na esteira da Semana da Arte Moderna de 1922 e do Movimento Modernista, em 1925, um grupo de jovens intelectuais de Belo Horizonte, incluindo Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava, publicou em capítulos *Cinco lições de psicanálise*, o que não teve postagens posteriores devido à extinção da revista. No segundo volume desta é possível identificar o texto de Freud.

Figura 1– Imagem da capa de A Revista de agosto de 1925



Fonte: A Revista, Ano I, n.2, 1925. Patrocínio Metal Leve S/A. Fac-simile, 1978

Figura 2- Imagem do texto de Iago Pimentel agosto de 1925

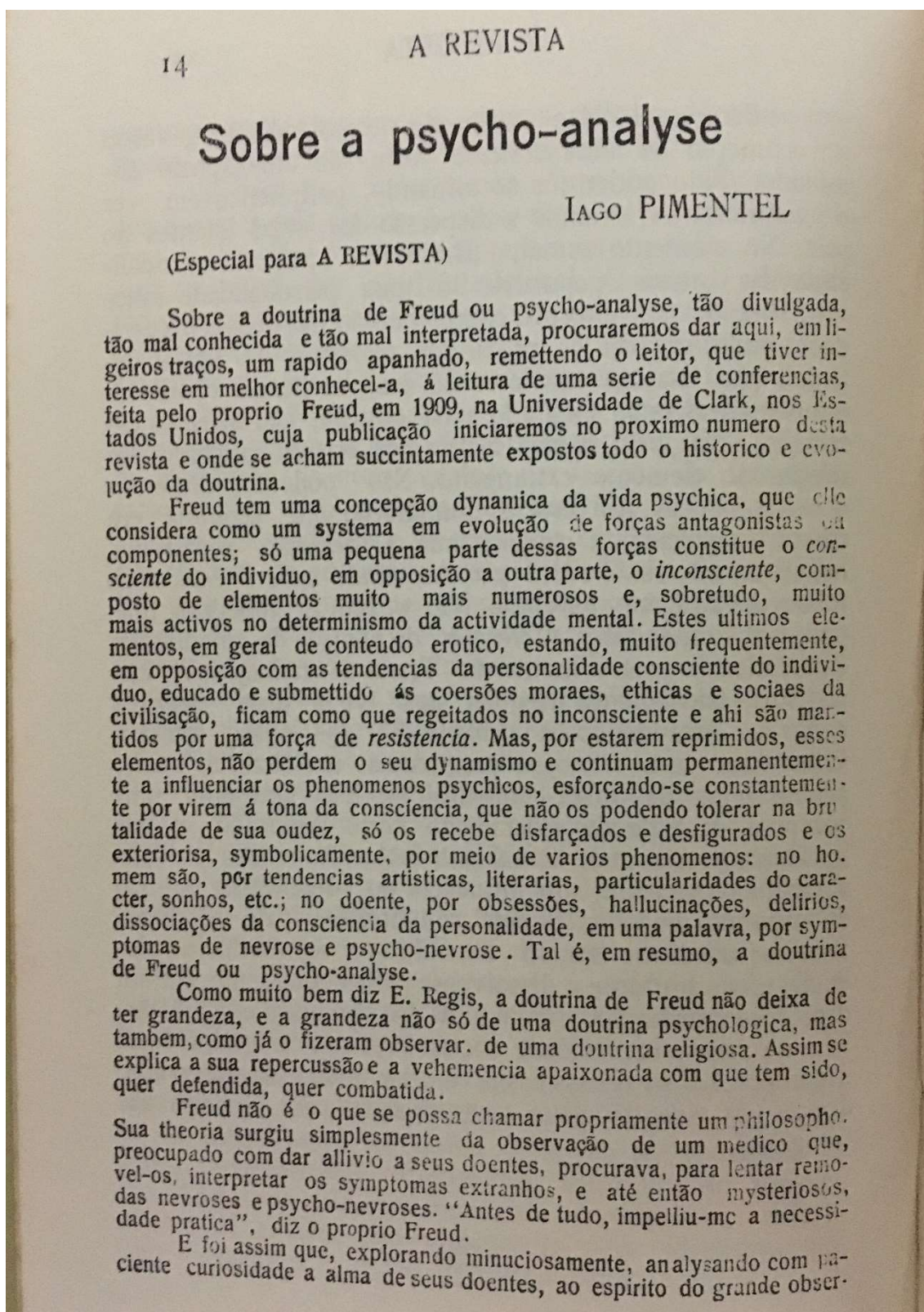


Figura 3— Imagem do texto de Iago Pimentel agosto de 1925 (continuação)

A REVISTA

15

vador surgiu todo um vasto e deslumbrante mundo desconhecido, que não só vinha dar explicação dos symptomas morbidos de que se occupava o medico, como ainda vinha offerecer a chave do enyigma das mais variadas manifestações psychicas:

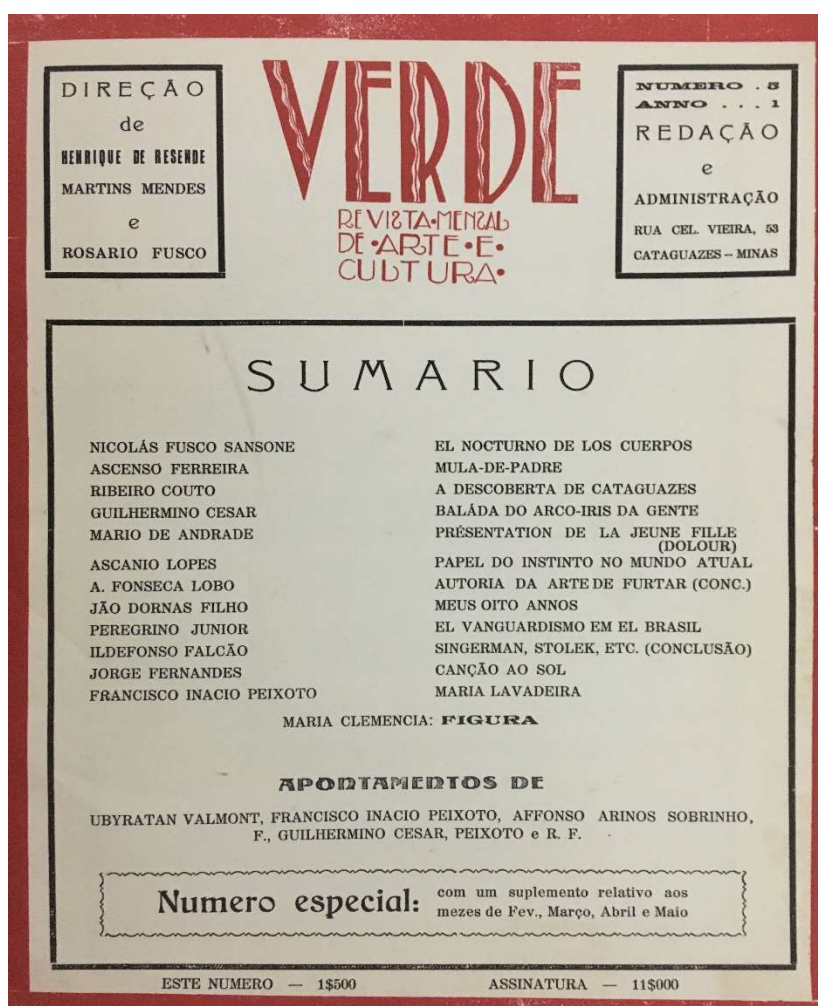
Evidentemente, o que mais choca a quem se inicia no estudo da psycho analyse, é o papel que Freud entrega ao instincto sexual, que, em sua opinião, domina, por assim dizer exclusivamente, toda a actividade da alma humana. Mesmo espiritos, que, pela sua cultura pareciam dever estar emancipados de preconceitos, não têm deixado de oppor formal resistencia em acceitar aquella asserção. Mas essa própria resistencia, esse escrupulo, natural no homem civilisado, tão orgulhoso da sua pretensa superioridade em abordar desassombradamente o problema sexual, é justamente mais uma confirmação do papel dominante daquelle instincto; é uma especie de revolta intima da consciencia moral e esthetica do espirito culto contra a fealdade revoltante da verdade sopitada. Quem, com effeito, de animo isento, voltar-se introspectivamente para si ou observar serenamente as manifestações mais intensas e mais sublimadas da alma humana—a arte e a religião— não poderá deixar de se curvar deante da realidade, desagradavel; talvez, mas inilludivel como uma evidencia: religião e arte, desde as suas mais simples até as suas mais transcendentese expressões, não passam de um manto, mais ou meros espesso, mais ou menos transparente, em cujas dobras se esconde, se embuça se ou desfigura o instincto sexual. E' so levantar o manto e querer procural-o; infallivelmente elle lá estará, transfigurado no extase dos mysticos ou hediondamente nú, nas tentações hallucinantes dos anachoretas.

Serem satisfeitos é a finalidade dos instinctos, essas forças cegas da natureza. Satisfazer aos instinctos é procurar o prazer; reprimil-os é provocar a dôr. E o principio hedonico dirige todos os seres: a procura do prazer e a fuga ao soffrimento. A ameba, infinitamente pequena, que sob a objectiva do microscopio, foge á gotta de acido, é o primeiro exemplo, no mundo organico, de um ser fugindo ao soffrimento. Como todos os animaes, o homem nasce apenas dotado de instincto; sua tendencia natural seria pois, como no selvagem e na creança, satisfazel-os plenamente. Coagido, porém, pela moral e as exigencias de sua cultura, tem de soffreal-os e, como a ameba que foge á gotta de acido, o homem foge da realidade dolorosa da vida para os dominios da nevrose, do sonho, da arte e do delirio mystico, em cujo symbolismo anceia por encontrar a satisfação dos desejos incontidos.



Estes jovens intelectuais mineiros criaram *A Revista* com o objetivo de ser uma publicação literária para divulgar o Modernismo em Minas Gerais, conectados ao novo saber que se difundia pela Europa e América. Carlos Drummond de Andrade, Gregoriano Canedo e Martins de Almeida, responsáveis pela edição da revista, deram um lugar de destaque à psicanálise. No segundo item do 'Summario' tem-se o texto "Sobre a Psycho-analyse, foi traduzido por Lago Pimentel. Houve ainda um outro periódico mineiro com mais expressiva contribuição à divulgação da psicanálise, a revista *Verde*, organizada pelos modernistas mineiros de Cataguases. A primeira edição aconteceu em setembro de 1927, mas foi em seu quinto número, janeiro de 1928, que um texto chamado *Papel do instinto no mundo atual*, de Freud, assinado pelo escritor Ascânio Lopes, que o tema teve maior destaque (SANTOS; NETO, 2016, p. 94).

Figura 4 – Imagem da capa de Verde de Janeiro de 1928



Fonte: Verde, Ano I, n.5, 1928. Fac-simile de 1978

Figura 5 – Imagem do texto de Ascanio Lopes em Janeiro de 1928

PAPEL DO INSTINTO NO MUNDO ATUAL. FREUD.

I

Antes de entrar no estudo da importante teze que epigrafa este artigo, será necessaria uma analize do papel do instinto na formação da sociedade e na organização do Estado. A simples observação do mundo, na sua situação politica atual, força-nos a concluir que o estado de organização vigente foi producto duma elaboração demorada.

Por outro lado, a istoria da humanidade nos ensina que o mundo, como o vemos, assim não foi sempre.

Os Estados, como os entendemos modernamente e sobi o ponto de vista juridico, não ezistiram desde o inicio da vida no planeta.

A' sua formação antecedeu o periodo da vida coletiva, sem o vinculo juridico do Estado, o periodo da sociedade, emfim, tomando-se esa palavra no seu sentido em direito.

Não tendo veriguado a teoria de Rousseau, não podemos crer na ezistencia dum periodo de estado natural, antecedente á sociedade.

A' razão repugina a idéa do contrato social e seria inutil argumentar contra uma teoria que, como a de Savigny referente á posse, deveria ser relegada ao sol das curiosidades arcaicas, no dizer de Meulenaere.

Donde, concluimos: os omens sempre viveram em estado de sociedade.

Esa vida coletiva pode ser dividida em dois periodos: o periodo da sociedade e o periodo do Estado.

A **sociedade primitiva** O omem, o *zoon politicus* de Aristoteles, é o animal esencialmente gregario.

Donde nasceu, porém, ese sentimento de sociabilidade?

Vejo no instinto a força giradora. Sinão, examinemos. Si acaso dissermos que, no inicio, só ezistiam um omem e uma mulher (e temos de admitir a coezistencia dos dois sexos, em face da reprodução), teremos de, ipso facto, admitir a doutrina de que a sua reunião nasceu, primariamente, da força do instinto sexual.

A imperioza necessidade de satisfação dos instintos os reuniu. No principio, a obediencia do omem ás forças da natureza era cega e abisoluta.

Mas, si dissermos que simultaneamente apareceram no planeta varios ou muitos omens e mulheres, teremos de admitir a vida deles em estado de sociedade, pela força do instinto de conservação. E porquê, no planeta, no principio da vida, as condições de ezistencia assim o ezijiam. Basta um simples raciocinio, ou antes, as ousadas dos mastodontes diso nos convencem...

Periodo do Estado. Os omens, reunidos em sociedade, pelos instintos, e imperioza necessidade de satisfação deles, pela necessidade de defeza contra o meio ambiente, envolveram-se então em lutas em si. A satisfação integral dos instintos os levou a iso. As paixões nascidas deles, os atirou em conflito. Daí a organização do Estado, rezultante da necessidade de limitação dos direitos e dos deveres de cada um, na coletividade, para a possibilidade da coezistencia deles. O omem, não por livre vontade, mas forçado, deixa o periodo de cega obediencia aos instintos para entrar no periodo das limitações ás forças da natureza. Os instintos querem ser satisfeitos integralmente; na impossibilidade diso, por causa da vida em comum, e não devendo ser disólvida a sociedade, pelos perigos que a todos iso acarretaria, resolvem os omens limitar as raias de ação dos instintos, para garantia da satisfação deles, ao menos em parte.

Donde poderemos concluir que os instintos foram as forças jiradoras do espirito associativo umano.

Mas tarde cream eles a necessidade de sua limitação, para que posam ser satisfeitos, ao menos em parte; estabelecem-se então as regras nas sociedades, surji o Estado.

Mas, o embrião, a força jeradora das mudanças sucesivas da sociedade umana é e será sempre a mesma: a satisfação dos instintos.

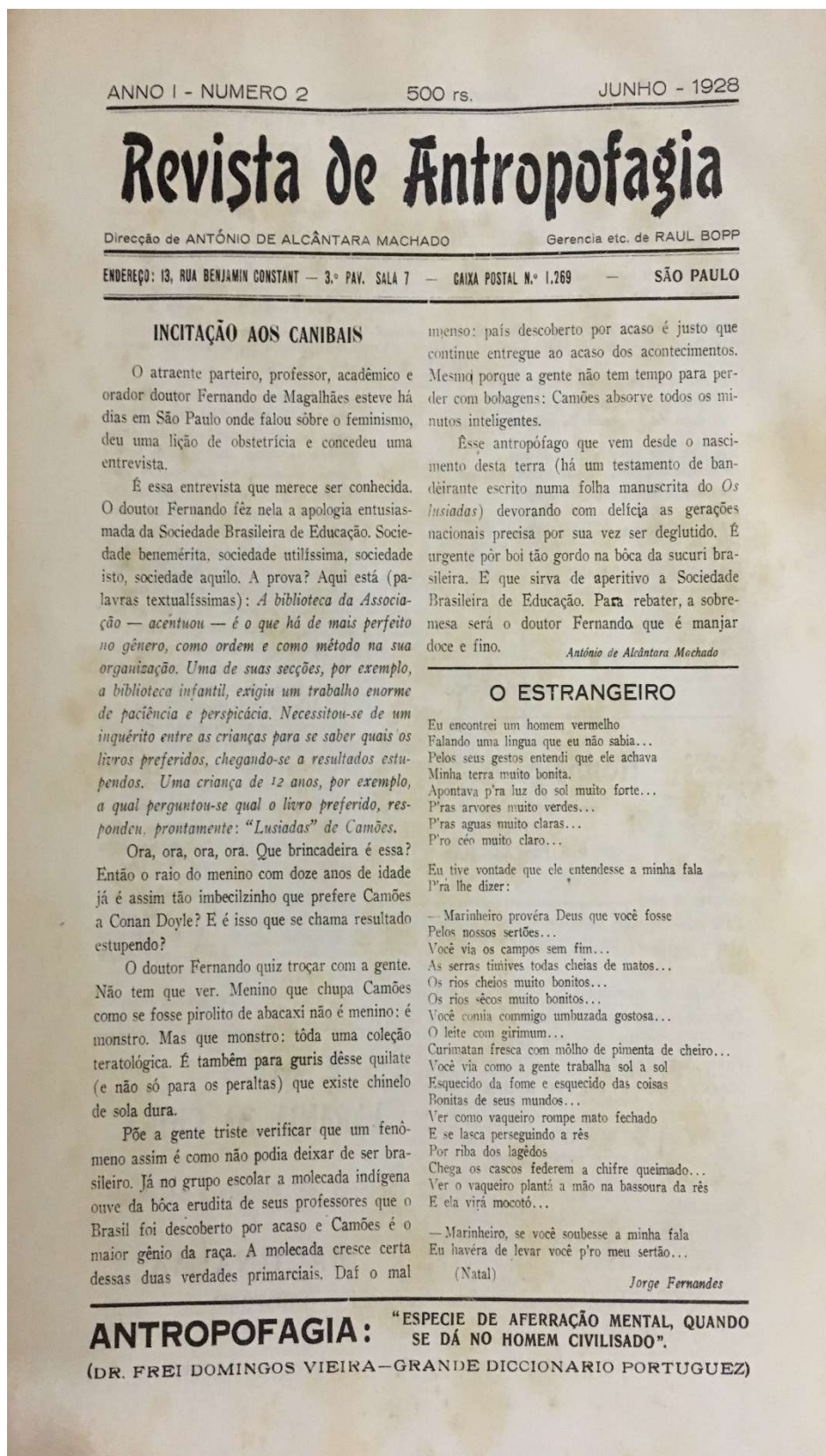
ASCANIO LOPES

(*Continúa*).

A indicação do texto de Ascânio Lopes encontra lugar central na capa, Figura 8, com apresentação integral na página 13, Figura 9. O final da década de 20 indicava perspectivas e progressos, e a reflexão e produção continuavam a mobilizar os meios literários e artísticos, a exemplo, a importante contribuição dos modernistas. As teorias de Freud continuavam a despertar o interesse do modernista Mário de Andrade, cujas obras polêmicas traziam conceitos da psicanálise, como em *O losango cáqui* e *Amar, verbo intransitivo* (OLIVEIRA, 2005, p. 70).

A *Revista de antropofagia* não só inseriu em suas entrelinhas conceitos psicanalíticos, como inspirou um clima para outras publicações, graças a sua repercussão no meio literário.

Figura 6 – Imagem da Revista de Antropofagia de 1928



Fonte: Revista de Antropofagia, Anno I, n.1,1928. Fac-simile

No terceiro parágrafo da *Revista de antropofagia*, volume 1, vemos nitidamente como os editores estavam imbuídos do pensamento de Freud, “Aí descobrimos que nunca havíamos sido outra coisa. A geração actual coçou-se: apareceu o antropófago. O antropófago: nosso pai, princípio de tudo”. Com efeito, é possível identificar neste excerto a afirmação, segundo Oliveira (2005, p. 65), de que os editores queriam retroceder a proposição do matriarcado ao primitivismo sob as indicações de um Freud mal interpretado e mal deglutido. Além da revista, o *Manifesto antropofágico* de Oswald de Andrade, o Ensaio de Paulo Prado, *Retratos do Brasil e Macunaíma* de Mário de Andrade eram difusores das teses freudianas. A primeira *Sociedade Brasileira de Psicanálise* não deixava de ser também um local de encontro frequentado por alguns modernistas.

Não se pode esquecer que durante este período de recepção da psicanálise no Brasil houve resistências a sua chegada, encontrando críticos e adversários, muitos deles advindos do meio religioso. Um dos representantes católicos e conservadores críticos da psicanálise foi Alceu Amoroso Lima, com seu pseudônimo Tristão de Athayde, que gozou de grande prestígio na revista mineira *Verde*, a mesma que contribuiu para a difusão da psicanálise. No fragmento de seu texto publicado na revista *Verde*, *Pirandello*, no qual definia o indivíduo, podemos ver como Alceu Amoroso Lima atacava Freud:

Freud, por exemplo, faz analyses interessantíssimas do subconsciente. E revelou a predominância sensível do instinto sexual, coisa aliás que a Igreja sabia há muitos séculos, pois nos confissionarios de uma cappela passam diariamente mais revelações da alma humana, que em todas as experiências psycho-analyticas publicadas pela «Imago», desde a sua fundação (Lima, 1929a, p. 19 apud SANTOS; NETO, 2016, p. 98)

A relação crítica de Alceu Amoroso Lima com a psicanálise pode ser vista ainda em uma publicação que fez neste ano de 1929, um opúsculo denominado *Freud*. Nesse texto, Lima inclui Freud numa corrente de pensamento típica da época, fundadas em um individualismo e em um materialismo, juntamente a outros autores, tais como Marx e Nietzsche (SANTOS; NETO, 2016, p. 99). A apropriação da psicanálise feita por Alceu Amoroso Lima é atravessada pela leitura que via na psicanálise uma teoria pansexualista, encontrando-se nesse registro as críticas feitas a Freud (SANTOS; NETO, 2016, p. 100).

A oposição à psicanálise não vinha somente das críticas feitas por aqueles que não faziam parte do movimento envolvido pela doutrina de Freud, como ilustrado pela oposição de Alceu Amoroso Lima. De certa forma, além dos psiquiatras opositores à psicanálise, os psiquiatras aderentes a este saber também resistiram em não assumir completamente a doutrina de Freud na medida em que utilizavam uma mistura de procedimentos terapêuticos e pelas próprias representações feitas por estes sobre temas como sexualidade, moral e mulher já apresentadas. Rocha (1989) sintetiza muito bem as formas de resistências à psicanálise neste período:

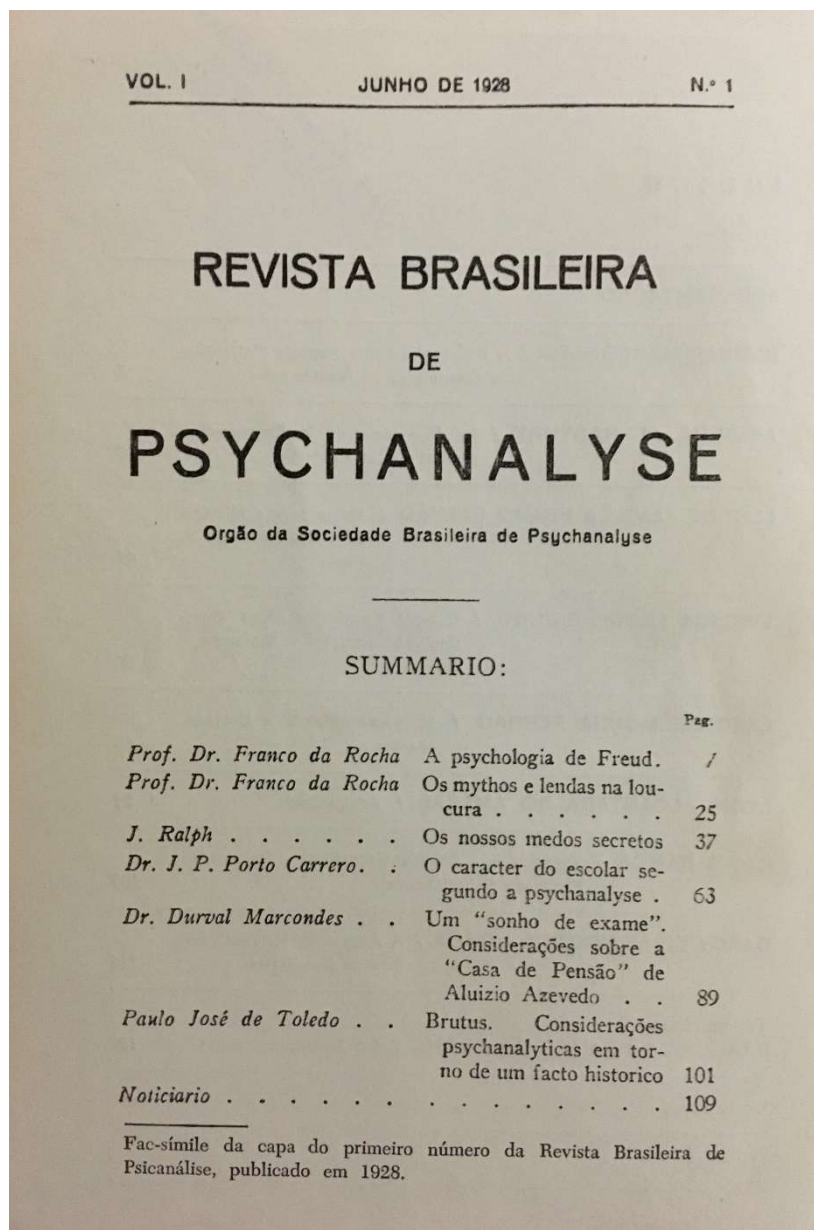
No meu entender, essas resistências: o ecletismo de técnicas, a pouca receptividade em relação à idéia de fazer uma análise pessoal, as hostilidades criadas aos psicanalistas, as acusações feitas contra o tratamento psicanalítico, o descrédito à teoria de etiologia sexual das neuroses e a proposta psicanalítica de tratamento que viabilizava um relacionamento terapeuta-paciente quase que diário objetivando exatamente, através de sessões frequentes, examinar a relação doente mantinha com o seu outro, dificultaram a aceitação da Psicanálise no Brasil (ROCHA, 1989, p. 42)

Na tentativa de coordenar o que se produzia sobre psicanálise e garantir sua implantação no Brasil, em 24 de novembro de 1927 Franco da Rocha, Raul Briquet, Lourenço Filho e Durval Marcondes decidiram fundar a primeira Sociedade psicanalítica da América Latina, a *Sociedade Brasileira de Psicanálise* em São Paulo. Este tema cada vez mais se tornava foco em debates e estudos. Em abril de 1928 realizou-se, na *Associação Brasileira de Educação*, o *Curso de psychanalyse aplicada à educação* por Porto-Carrero e Deodato de Moraes. A pedido desta Associação, Porto-Carrero escreve *Bases da educação moral do brasileiro* e *Instrução e educações sexuais*. Após a criação de um dos principais órgãos científicos dos médicos paulistas, em maio de 1928, *São Paulo médico*, em junho, Durval Marcondes, Juliano Moreira, Deodato de Moraes, Júlio Pires Porto-Carrero, Carneiro Ayrosa e Murilo de Campos, decidiram fundar a filial da *Sociedade Brasileira de Psicanálise* no Rio de Janeiro.

No final dos anos 20, a recepção da psicanálise no Brasil encontrava um clima de grande admiração e oposição, e nesta contradição, em junho de 1928, os médicos Durval Marcondes e Franco da Rocha, buscando “divulgar as ideias psicanalíticas e informar sobre cursos, palestras e conferências concernentes a assuntos psicanalíticos (ROCHA, 1989, p. 52), decidiram fundar em São Paulo o primeiro veículo oficial do movimento psicanalítico brasileiro, a *Revista*

*Brasileira de Psychanalyse*²². Vejamos abaixo a capa da revista que é valorizada e ilustrada nas obras dos pesquisadores de história da psicanálise brasileira:

Figura 7 – Imagem da capa da *Revista Brasileira de Psychanalyse* de 1928



Fonte: RBP, v.1, n.1, 1964

Os temas desta revista, que seguiam os padrões de publicação da época composto pelo título e um Sumário enumerando os artigos como se fosse uma

²² O termo Psicanálise foi grafado nos textos durante o século XX de diversas formas a partir do padrão culto da época ou de acordo com as traduções e transcrições de obras estrangeiras – psicanálise, psico-análise, psicoanálise, psychoanalyse. Na Revista, em 1928, o termo psychanalyse seguia o padrão culto da língua portuguesa do início do século XX.

vitrine do periódico podem ser identificados logo na capa (GOMES, 2014). A revista teve vida curta e se restringiu a um único número, mas consistiu na tentativa “em preencher o vazio existente nas primeiras décadas do século, de temas sobre a Psicanálise” (ROCHA, 1989, p. 51). Para Rocha (1989), de forma geral, desconhecia-se no Brasil o que significava psicanálise e destaca o editorial da revista de 1928:

Pretende esta Revista concorrer, quanto possa, para divulgar a teoria freudiana nos nossos meios científicos e, o que não é de somenos, defende-la das deturpações a que infelizmente está sujeita. Assim espera merecer a atenção e apoio de quantos se interessam pelos problemas psicológicos em geral e acolherá em suas páginas, de bom grado, os trabalhos científicos atuantes a esse ramo da ciência, qualquer que seja sua orientação. Nela encontrarão os nossos psicanalistas, cujo trabalho tem sido até agora disperso, um centro coordenador de seus esforços e por cujo intermédio poderão contribuir mais eficientemente para o desenvolvimento da nova doutrina. (RPB, 1928, *apud* ROCHA, 1989, p. 52)

Apesar de seu malogro, de uma vida curta, a *Revista Brasileira de Psychanalyse*, ao lado da primeira *Sociedade Brasileira de Psicanálise* de 1927, ocupou um lugar reconhecido na história da psicanálise para o movimento psicanalítico brasileiro. A psicanalista e estudiosa da história da psicanálise Elizabete Mokrejs (1993) permite-nos enxergar como a revista é valorizada por este movimento, pois segundo ela a revista foi “O primeiro projeto de institucionalização da psicanálise, em São Paulo”. Para esta estudiosa, houve uma preocupação dos médicos paulistas envolvidos com a psicanálise em preservar a cientificidade na interpretação dos textos freudianos, daí a necessidade de um periódico que desse conta deste objetivo. “Durval Marcondes liderou essa iniciativa, desenvolvida, em grande parte, às suas **expensas**²³. Nesse ano, surgiu o primeiro número da *Revista Brasileira de Psicanálise*” (MOKREJS, 1993, p. 19).

A *Revista Brasileira de Psychanalyse* de 1928 não foi significativa para a recepção da psicanálise, em seu único número ela representou muito mais um resultado desta recepção do saber psicanalítico que um divulgador deste saber. Entretanto, os seus artigos seriam citados em obras posteriores e sua fundação rememorada pelo movimento psicanalítico brasileiro devido aos elogios que Sigmund Freud fizera a Durval Marcondes. A fundação da *Revista Brasileira de*

²³Grifos nossos

Psychanalyse estaria também vinculada à tendência que se abria ao final dos anos 20, o surgimento de revistas científicas, e neste processo a psicanálise sem um meio de divulgação específico embarcaria sua presença nos periódicos médicos e psiquiátricos. A psicanálise no Brasil passaria, portanto, da fase de implantação e recepção para uma difusão graças à intensa publicação de ideias psicanalíticas nas revistas científicas médicas e psiquiátricas.

1.2A DIFUSÃO DA PSICANÁLISE NO BRASIL (1931 a 1950)

A modernização do parque gráfico e das renovações técnicas e tecnológicas voltadas para a impressão gráfica no país possibilitou, nas décadas de 20, 30 e 40, o surgimento de diversas revistas informativas, primárias ou de pesquisa, de resumos ou secundárias, de progressos científicos ou tecnológicos (STUMPF, 1996, p. 3). O conhecimento científico no seu processo de difusão precisaria ser registrado e publicado periodicamente para a consolidação de uma determinada ciência, daí o papel fundamental das revistas científicas, composta de artigos de diversas autorias, apresentando rigor teórico e metodológico.

Desde as primeiras décadas do século XX a publicação de periódicos científicos era predominantemente à área de medicina e em seus periódicos os estudos psiquiátricos estavam atrelados ou em segundo plano. De 1934 e 1950 surgiram importantes periódicos na área psiquiátrica – *Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo*, de 1935, *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, de 1943, e *Boletim de Psicologia* Sociedade de Psicologia de São Paulo (SILVA, 2010, p. 282). O periodismo médico e psiquiátrico expandiu-se reforçando as práticas científicas da medicina brasileira.

Esse assunto gerou, no Brasil, debates polêmicos nas primeiras décadas do século XX, intensificando-se na década de 1930, promovendo assim o desenvolvimento da educação, cultura e ciência, cujo espaço propício para este investimento seria a Universidade. Em 1930 o governo provisório de Getúlio Vargas criou o Ministério da Educação e Saúde, medida importante para implementar as reformas no âmbito nacional e a criação de Universidades. Francisco Campos, mineiro e escolanovista, foi escolhido para o cargo de ministro e imprimiu uma orientação renovadora por decretos entre 1931 a 1932 (ARANHA, 2006, p. 305). O clima de entusiasmo pela criação de universidades

que pudessem alavancar a educação, cultura e ciência no Brasil, era defendido em diversos meios, como na *Revista de Ciências*, que colaborou significativamente para a divulgação dessa ideia no campo médico e científico (CARVALHO, 2011, p. 33-34). Esse debate foi coroado, mais tarde, com a criação da primeira universidade brasileira em São Paulo, em 1934. Na elaboração de seu projeto foi incluída na Faculdade de Medicina a criação de uma cadeira de *Psychanalyse*, não tendo sido ao final implementada (SAGAWA, 2002, p. 50)

No interregno da primeira *Revista Brasileira de Psychanalyse* de 1928 e a *Revista Brasileira de Psicanálise* de 1967, o saber psicanalítico passou por intenso processo de difusão e conquistaria um modo particular de institucionalização e formação, garantindo assim sua consolidação no Brasil. Nas décadas de 30 e 40, a psicanálise foi encontrando gradativamente suas vias de difusão no meio cultural e educacional, assim como em clínicas médicas e hospitais, mas uma das práticas de pessoas envolvidas pela psicanálise e, sobretudo, dos médicos e psiquiatras para uma intensa via de difusão foi a publicação constante de livros e artigos em revistas científicas. Estes veículos de difusão tratavam dos mais diversos temas: a vida e obra de Freud, teoria psicanalítica, psicanálise clínica e psicanálise aplicada e guerra.

A psicanálise não ficou imune ao que se passava na Europa e no Brasil durante a década de 30. Na Europa, psicanálise ganhava novos alentos com as contribuições de Melanie Klein, em 1932 publicava *Psicanálise de crianças*, que adquiriu sucesso no meio psicanalítico. Mas, com a instalação da ditadura hitlerista na Alemanha, mais uma vez dias sombrios abateriam a psicanálise na Europa a partir de 1933. Em abril deste ano era aprovado o decreto de arianização das organizações médicas. A psicanálise foi qualificada como “ciência judaica”. Os livros de Freud foram queimados em praça pública (OLIVEIRA, 2005, p. 329). Nesse ambiente de repressão, os comandantes da psicanálise, inclusive Freud, deixariam em 1938 a Áustria e Alemanha em direção à Inglaterra, Estados Unidos, Argentina e Brasil.

Em dezembro de 1935, Ernest Jones preside uma reunião na *DPG*, na qual todos os membros judeus são forçados a pedir demissão, inclusive a futura e primeira Analista Didata no Brasil, Adelheid Koch, que é admitida nesta mesma reunião como membro afiliado e inscrita numa lista à parte da *IPA*. Em julho do

ano seguinte, a *DPG* é incorporada ao Instituto Göering. O psicanalista Werner Kemper, futuro Analista Didata no Rio de Janeiro, torna-se professor e diretor da Policlínica do Instituto (OLIVEIRA, 2005, p. 331).

A psicanálise passava na Europa por dias difíceis, pois os psicanalistas que não se submetiam ao nazismo tiveram que deixar a Alemanha. Ernest Jones, depois de contatos com Durval Marcondes, sugeriu à Adelheid Koch emigrar para o Brasil. Em 1936, inicia-se os violentos conflitos entre os seguidores de Anna Freud e os seguidores de Melanie Klein. Sigmund Freud, com saúde bem debilitada devido ao câncer no maxilar, teve que deixar a Áustria com sua família e seguir rumo a Londres em 1938. Em 1939, ano que se iniciou a Segunda Guerra Mundial, a psicanálise ficou sem o seu fundador, Sigmund Freud falecera em Londres. A psicanálise abria-se assim para um acirramento interno entre o annafreudismo²⁴ e o kleinismo²⁵ que movimentaria toda a década de 1940.

No Brasil, aconteciam as Revoluções de 32, a Constituinte de 1933, a ditadura do Estado Novo, as políticas e reformas sobre educação, trabalho e ciência. E uma das influências destes acontecimentos na psicanálise para Sagawa (2002) foi quando deixou de vir ao Brasil o primeiro analista didata, René Spitz, devido à Revolução de 32. Sagawa (2002) afirmou que o médico paulista Durval Marcondes preocupava-se, já no início dos anos 30, com a formação psicanalista dos médicos. Em 1932, o jovem psicanalista René Spitz, interessado em trabalhar no Brasil, aguardava uma resposta de Durval Marcondes para iniciar as atividades. Mas, a demora da correspondência na

²⁴ Na história do movimento psicanalítico, deu-se o nome de annafreudismo, em oposição ao kleinismo, a uma corrente representada pelos diversos partidários de Anna Freud [...] os annafreudianos concebiam o tratamento das psicoses a partir do das neuroses, introduzindo nele uma dimensão social e profilática que está ausente da doutrina kleiniana, a qual só leva em conta a realidade psíquica ou o imaginário do sujeito. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 25)

²⁵ Na história do movimento psicanalítico, deu-se o nome de kleinismo, em oposição ao annafreudismo, a uma corrente representada pelos diversos partidários de Melanie Klein, dentre os quais se incluem os pós-kleinianos que se pautam em Wilfred Ruprecht Bion [...] Diversamente do annafreudismo, o kleinismo não é uma simples corrente, mas uma escola comparável ao lacanismo. Com efeito, constituiu-se como um sistema de pensamento a partir de um mestre (no caso, uma mulher) que modificou inteiramente a doutrina e a clínica freudianas, cunhando novos conceitos e instaurando uma prática original da análise, da qual decorreu um tipo de formação didática diferente da do freudismo clássico. [...] Enquanto o annafreudismo encarna, através da figura da filha do pai, o vínculo de identidade que interligou os membros da antiga diáspora vienense exilada nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, o kleinismo é uma doutrina em expansão, sobretudo nos países latino-americanos (Brasil e Argentina), onde ajuda a psicanálise a enfrentar as outras escolas de psicoterapia que começaram a ameaçá-la, a partir da década de 1970, em virtude de sua falta de criatividade. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 434-435)

época e a Revolução de 32 levaram René Spitz desistir. Esta versão de Roberto Sagawa foi contestada por Oliveira (2005), segundo ela, René Spitz era membro influente da *Deutsche Psychoanalytische Gesellschaft*²⁶ e não haveria razão para deixar suas posições importantes dentro da IPA e do Comitê Internacional responsável pelas finanças da Editora da IPA.

Assim, mesmo tomando como plausível a versão dada por Marcondes a Sagawa, parece-nos que se houve desistência da parte de Spitz ela foi certamente menos devida ao atraso na resposta de Marcondes do que ao lugar que passa ocupar no movimento psicanalítico. Sem dispor de documentos que permitiram esclarecer os fatos, optamos pela hipótese de uma simples tomada de contato sem maiores consequências. (OLIVEIRA, 2005, p. 116)

Em 1933, durante a Assembleia Constituinte, o influente psiquiatra Antônio Carlos Pacheco e Silva, herdeiro de Franco da Rocha e opositor de Durval Marcondes representaria os interesses da psiquiatria no cenário político. Enfatizamos aqui, que a relação da psiquiatria e o poder político era de reciprocidade, tanto que “Em 3 de julho foi aprovada a legislação de assistência aos psicopatas pelo decreto 24.559. Ela trata da profilaxia mental, da assistência e proteção da pessoa e dos bens dos psicopatas e de fiscalização dos serviços psiquiátricos” (OLIVEIRA, 2005, p. 330), representando uma conquista do meio médico e psiquiátrico.

O interesse pela psicanálise aumentava e acabou entrando no programa da Cátedra de Medicina Legal da Faculdade de Medicina do Rio Grande do Sul em 1934, através do Curso de Elementos da Psicanálise, ministrado pelo professor Celestino Prunes (GOMES; GAUER, 2006). O curso era um pré-requisito para as disciplinas de Criminologia e de Psiquiatria Forense. Entretanto, este clima de entusiasmo em torno da educação, cultura e ciência teria uma inflexão com a instalação da ditadura de Getúlio Vargas em 1937. Para Schwartzman (1979), no ano de 1938 iniciou-se um período de forte decadência e instabilidade que afetou a universidade e institutos de pesquisa.

O nível de ingerência política aumentou, os cientistas estrangeiros foram gradativamente afastados, hostilizados ou desmotivados em função da ausência de ambiente de pesquisa. Houve uma constante troca de titulares no posto de direção, que entre 1938 e 1954 chegaram a mais de vinte. (SCHWARTZMAN, 1979, p. 127)

²⁶Sociedade Psicanalítica Alemã

Neste clima autoritário, a psiquiatria mantinha sua proximidade e orientação às práticas e medidas tomadas pelo poder político. Em 4 de maio de 1938 foi aprovada a lei nº 406, modificada em 20 de agosto e regulamentada pelo decreto nº 3.010 sobre a imigração.

Entre outros, ela responde às proposições de Juliano Moreira, Pacheco e Silva e Xavier de Oliveira que desde os anos 1920 lideram campanhas contra entrada de doentes mentais estrangeiros. Através dessa lei, um exame psicológico é imposto aos candidatos à imigração, assim como o repatriamento de doentes mentais portadores de doenças nervosas. (OLIVEIRA, 2005, p. 330)

A psicanálise, ao contrário do que ocorria nas diversas áreas científica, receberia a primeira analista didata a judia-alemã Adelheid Koch, enquanto a ditadura enviaria Olga Benário para a Alemanha Nazista (OLIVEIRA, 2005, p. 197). Segundo Sagawa (2002, p. 51), o saber psicanalítico teve uma excelente recepção nesta época, pois houve um modismo de consumo pelos livros de psicanálise, a ponto de muitos deles serem feitos por charlatães.

A difusão do saber psicanalítico no Brasil durante a década de 1930 passou por uma expansão incomparável às duas décadas anteriores, com praticamente o dobro de práticas e produções dos psiquiatras. Pois só em 1930 houve 17 produções que demonstravam claramente os meios nos quais os psiquiatras divulgariam o saber psicanalítico (MOKREJS, 1993, p. 289-301): publicação de livros, de artigos e resenhas nas revistas médicas, realização de cursos em hospitais e associações, publicações e entrevistas na imprensa e elaboração de traduções. Destacaram-se neste ano os paulistas Durval Marcondes e Franco da Rocha, o gaúcho Martin Gomes e os cariocas Porto-Carrero, Henrique Roxo e Ernani Lopes. Vejamos no quadro abaixo a produção na década de 30:

Quadro 1 – Produção e divulgação do saber psicanalítico na década de 1930

Ano	Instituições	Eventos	Imprensa	Publicações		
	Fundações	Palestras, Conferências e Cursos	Entrevistas e anúncios	Traduções	Livros	Artigos e Resenhas
1931				1	4	3
1932				1	8	12
1933				1	13	5
1934		2		8	15	7
1935		1	2		2	5
1936		2		1	2	5
1937					4	6
1938	1	1	1		3	5
1939					5	13
1940	1				5	6
Total	2	6	3	11	61	66

Fonte: MOKREJS (1993), OLIVEIRA (2005) e PERESTRELLO (1987).

A partir destes dados ofertados pela pesquisa de Mokrejs (1993), que podem ser acrescentados em pesquisa futuras, vemos que as práticas dos psiquiatras eram realizadas predominantemente no campo das publicações – traduções, livros, artigos e resenhas. As vias institucionais nas quais o saber psicanalítico seria aplicado deu-se no final da década de 30, com a criação da Clínica de Orientação Infantil e a profissão de “visitadora psiquiátrica” em 1938 e, com o início da disciplina “Psicanálise e saúde mental” na ELSP-SP²⁷, em 1940.

Outra forma de difusão da psicanálise foram as conferências, palestras e cursos feitos pelos médicos e psiquiatras. Em 1934, Celestino Prunes iniciou curso de psicanálise na Cátedra de Medicina Legal da Universidade. Em 1934, 1935 e 1936, Durval Marcondes fez conferências na *Associação Paulista de Medicina* e, à convite de Raul Briquet, na *Associação Brasileira de Educação*. Em 1936, o pediatra Pedro de Alcântara conferenciou na seção pediatria da *APM* e Antônio Austregésilo, na *Associação Médica e Cirúrgica* de Minas Gerais; o psiquiatra Darcy Uchôa, em 1937, na *Seção* neuro-psiquiatria da *APM* e Adelheid Koch em 1938, na Faculdade de Direito João Caetano.

²⁷Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo

A imprensa brasileira quando requisitada, demonstrava o novo saber que envolvia o meio cultural e médico. *A Gazeta de São Paulo*, em 1935, publicou duas entrevistas de Durval Marcondes, que começava defender a verdadeira psicanálise contra os charlatães daquele momento. Em 1938, *A Gazeta de São Paulo* divulgou a Conferência de Adelheid Koch *Considerações Psicanalíticas dos Contos Populares e Símbolos*.

Iniciava-se, nesta fase, a preocupação em traduzir as obras freudianas para o português, neste ano o médico Raul Briquet traduziu o livro de Ernest Jones *Da psicanalyse*. Em 1931, tornou-se um marco a primeira tradução em língua portuguesa assinada por Durval Marcondes e José Barbosa Corrêa *Cinco lições de psicanálise*. Nesta década, grande parte das traduções em língua portuguesa advinha das *Obras completas* editadas pelo filósofo espanhol Ortega y Gasset (OLIVEIRA, 2005, p. 127). Como já apontamos, a primeira tentativa, mesmo não sendo feita por médicos, foi feita, na verdade, em Minas Gerais pelos poetas e escritores de *A Revista* em 1925, entretanto, fora uma tentativa fracassada. Portanto, o maior volume das traduções aconteceu no Rio de Janeiro.

coube às editoras cariocas o mérito das próximas traduções de Freud e, em particular, à *Guanabara Waissman-Koogan Ltda*, que ao longo dos anos 1930 publicou uma série de 52 títulos formando sete volumes, onde em alguns pode-se ler “traduzido com autorização do autor” . (OLIVEIRA, 2005, p. 128)

Estas traduções foram creditadas a um grupo de médicos, mas apenas as assinadas por Porto-Carrero e Odilon Gallotti mencionavam na capa tradução direta do alemão (OLIVEIRA, 2005, p. 128). Teriam repercussão no Brasil, em 1932, a tradução dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* da editora portuguesa Editorial Atica e em 1933, o livro do psiquiatra e psicanalista francês Hesnard *A Psicanálise: teoria sexual de Freud*. Segundo Oliveira (2005), houve um grande número de obras de vulgarização da psicanálise na década de 1930, como a tradução pela editora carioca Calvino de uma coleção de 12 livros intitulada *Freud*, acessível a qualquer leigo.

Quanto aos livros publicados, abordavam os mais variados temas sobre a psicanálise – a vida e obra de Freud, teoria psicanalítica, psicanálise clínica e psicanálise aplicada. Chama-nos a atenção o elevado número de publicações entre os anos de 1932, 1933 e 1934, totalizando 28 livros títulos. Os maiores

publicadores destas obras foram os psiquiatras Antônio Austregésilo, Gastão Pereira da Silva, Júlio Pires Porto-Carrero e Arthur Ramos nas editoras cariocas. Segundo Sagawa (2002) e Oliveira (2005), em São Paulo, Durval Marcondes ficou incomodado com esta farta publicação, alegando distanciarem-se da defesa original de Freud.

É incontestável que o número de artigos e resenhas demonstrava a receptividade da psicanálise nos periódicos médicos e psiquiátricos. Assim como a publicação de livros, foi nos primeiros anos, 1932, 1933 e 1934, que se publicou um grande número de artigos. Esta intensa publicação leva-nos à formulação da hipótese de que o interesse pela psicanálise se dava menos pelo modismo que pelo clima de novidade trazida pela Revolução de 30 e de discussões políticas com a Constituinte de 1933 e a Constituição de 1934. Os médicos e psiquiatras que mais publicaram artigos em revistas científicas foram Durval Marcondes, Júlio Pires Porto-Carrero, Arthur Ramos e Henrique Roxo.

A Ditadura e a censura não impediram as produções sobre psicanálise, a tabela acima comprova que os números não caíram significativamente, tanto que em 1939 o número de artigos, 13, foi o maior de toda a década. De 1937 a 1945, podemos apontar as primeiras publicações baseadas nas obras de Melanie Klein, advindas dos primeiros psiquiatras a se interessarem pelas teses dela: o artigo *Psicanálise e higiene mental* de Darcy Mendonça Uchôa e *As colectividades anormais* de Arthur Ramos. Para a historiografia sobre o tema, Sagawa (1992), Perestrello (1987) e Oliveira (2005), a recepção brasileira da primeira analista didata da América Latina foi o marco inicial para a instituição da psicanálise ipeísta no Brasil. Em novembro de 1937, exatamente no mês do golpe de estado dado por Getúlio Vargas, Adelheid Koch iniciava as primeiras análises didáticas com Durval Marcondes, Virginia Leone Bicudo, Darcy Uchôa e posteriormente, Frank Philips e José Nabantino Ramos.

Durante a década de 1940, Ditadura Vargas, os debates em torno da educação e ensino profissionalizante, a redemocratização brasileira, a Segunda Guerra Mundial, a vitória dos aliados e o caminho para a Guerra Fria atingiram a psicanálise no Brasil que continuaria sua difusão beneficiada também pela formação de grupos de estudos a que se tornarem as primeiras Sociedades psicanalíticas brasileiras. A psicanálise europeia, por sua vez, passaria por um

de seus mais intensos debates em torno das teses kleinianas e annafreudianas denominados de “Grandes Controvérsias”²⁸.

A difusão da psicanálise no Brasil, na década de 1940, deu continuidade ao grande volume de publicações de livros e artigos pelos psiquiatras e médicos brasileiros influenciados pelas diversas correntes advindas da Europa e Estados Unidos. Em 1940, percebemos um recorte estreito e específico nos temas que interessavam aos psicanalistas: psicoterapia, discussão de caso clínico, histeria e neuroses eram discutidos à luz da psicanálise nas revistas médicas e psiquiátricas. Ainda pelos estudos de Mokrejs (1993, p. 310-319) podemos ter uma visão das práticas e produções dos psiquiatras e médicos durante a década de 1940:

Quadro 2 – Produção e divulgação do saber psicanalítico na década de 1940

PRODUÇÃO – DÉCADA DE 1940						
Ano	Instituições	Eventos	Imprensa	Publicações		
	Fundações	Palestras, Conferências e Cursos	Entrevistas e anúncios	Traduções	Livros	Artigos e Resenhas
1941		1		1	3	10
1942			1		5	10
1943					3	7
1944	1					7
1945	1		1		4	11
1946			1		5	9
1947	1			1	5	9
1948	1			1	5	10
1949			1		1	15
1950	1				2	7

²⁸“Grandes Controvérsias” foi o nome dado a um episódio do movimento psicanalítico inglês que durou de 1940 a 1944, durante o qual se opuseram freudianos de todas as tendências na *British Psychoanalytical Society* (ROUDINESCO, 1998, p. 314). Se opuseram de um lado os annafreudianos, defensores da tradição do pai fundador, de um freudismo clássico, centrado no patriarcado, no complexo de Édipo, nas defesas, na neurose e na psicanálise de criança. De outro, os kleinianos, defensores de uma clínica moderna baseada nas relações de objeto, nas psicoses e nos fenômenos de regressão. Ainda houve as discussões entre os freudianos do *middle group* – Donald Woods Winnicott, John Bowlby, James Strachey e John Rickman contra os ataques de Edward Glover, um dos fundadores da *BPS*, conservador defensor da primeira geração. Segundo Roudinesco (1993, p. 315), Ernest Jones conseguiu controlar a situação, mas foi mantida uma unidade de fachada para preservar a *IPA*, que garantiu a internacionalização e a difusão das diversas correntes.

Total	5	5	1	3	33	95
-------	---	---	---	---	----	----

Fonte: MOKREJS (1993), OLIVEIRA (2005) e PERESTRELLO (1987).

Entre os anos de 1944 a 1950, vemos no quadro 2, um movimento crescente pela criação e fundação de grupos e sociedades psicanalíticas, com o lastro adquirido durante a década de 1930 e a primeira metade da década de 1940, chegava a hora de lançar as bases para as instituições psicanalíticas. Em 1944, Durval Marcondes e Adelheid Koch fundaram a atual SBP-SP, reconhecida no ano seguinte pela IPA. Com formação psicanalítica na Argentina, o médico gaúcho Mário Martins iniciou a organização da psicanálise em 1947, em Porto Alegre.

Durante a década de 40, os cariocas insistentemente tentaram obter o reconhecimento da IPA para constituir um grupo de formação psicanalítica, porém sem efeito concreto. O ponto de partida foi a fundação do Centro de Estudos Juliano Moreira, em 1944, pelos psiquiatras cariocas²⁹. Como estes sabiam da necessidade de uma formação específica, não se denominavam psicanalistas e, para tanto, decidiram ir para o exterior ou trazer um analista didata para o Rio de Janeiro. Segundo Peretrello (1987, p. 37-38), as tentativas na década de 40 foram: o convite sem resultado para o analista didata argentino Arnaldo Rascovsky, em 1945; em 1946, os convites fracassados aos estadunidenses Georg Gerö e Bertrand Lewin, a austríaca Marie Langer, ao francês Daniel Lagache. Entre 1946 e 1947, quatro psiquiatras decidiram fazer a formação na Argentina – Alcyon Baer Bahia, Danilo Peretrello com Celes Cárcamo, Marialzira Peretrello com Enrique Pichon Rivière, Walderedo Ismael de Oliveira com Marie Langer.

Em 1947, após contato com Ernest Jones, os cariocas entusiasma-se com indicação de Mark Burke para vir ao Rio de Janeiro. Um grupo de médicos, acreditando ser uma medida para dar respaldo jurídico aos analistas que quisessem emigrar para o Brasil (PERESTRELLO, 1987, p. 38), liderados por

²⁹Danillo Peretrello, Walderedo Ismael de Oliveira, Oswaldo Domingues de Moraes, Elso Arruda, José Afonso Netto, Júlio Paternostro, José Leme Lopes, Souza Vianna, Januário Bittencourt, Marialzira Peretrello e Mario Pacheco. (PERESTRELLO, 1987, p. 35)

Domício Arruda Câmara e inspirados na *Sociedade Psicanalítica Britânica*, resolveu fundar o *Instituto Brasileiro de Psicanálise*³⁰.

No ano seguinte, o analista didata britânico, Mark Burke, também iniciou a organização de um grupo de psicanálise no Rio de Janeiro. Em 1949, Werner Kemper, analista didata que possuiu vínculos com o nazismo, chegou ao Rio de Janeiro e também iniciou a formação de um grupo psicanalítico. Em 1950, a SBP-SP seria reforçada com a vinda de dois novos analistas didatas estrangeiros, Théon Spanudis e Nils Haak.

A realização de eventos e cursos foi mínima nos 40. A repercussão da psicanálise na imprensa fora maior. Num momento de muitas discussões sobre a reforma no ensino e ciências no Brasil, proporcionadas pelas reformas na educação do ministro Gustavo Capanema, Durval Marcondes concedeu entrevista à *Folha da Manhã* de São Paulo versando também sobre a reforma do ensino médico. Neste mesmo jornal, Adelheid Koch apresenta o tema “Hollywood e Psicanálise”. Em 1946, o IJP divulgou o balanço das atividades da SBP-SP e em 1949, Durval Marcondes deu entrevista no *Diário de São Paulo* sobre a necessidade da criação da cadeira de Psicologia no Curso Médico.

Entre os anos de 1941 a 1948, traduções, artigos e livros permitiram a difusão da psicanálise a partir do tema guerra, obviamente influenciados pelo contexto da Segunda Guerra Mundial, cujo tema não poderia deixar de envolver os interessados pela teoria psicanalítica. Em 1941, Gastão Pereira da Silva traduziu *A Psicanálise de Guerra* pela editora Calvino e Gonçalves Fernandes publicou um artigo na revista *Neurobiologia* de Recife intitulado *Neuroses de Guerra*. Em 1943, sob patrocínio da Faculdade de medicina de São Paulo, Antônio Carlos Pacheco e Silva organizou o curso de especialização *Psiquiatria da Guerra*, com participação de Henrique Mendes e Durval Marcondes. Este, em 1944, publicava o artigo *Higiene Mental de Guerra* no *Arquivos de Neurologia e Psiquiatria* de São Paulo. Darcy de Mendonça Uchôa publicou, em 1945, três artigos em relação à Segunda Guerra Mundial – *Neuroses de Guerra* no *Arquivo*

³⁰ Foi organizado com as seguintes funções: Presidente Domício Arruda Câmara, Vice-Presidente José Mariz de Moraes, Secretário João José Barbosa Quental, Tesoureiro João Côrtes de Barros, Conselheiros Sebastião Augusto Fontes Lourenço, Januário Jobim Bittencourt, Luiz de Lacerda Werneck, Conselheiro Fiscal Antonio Araújo Villela, Nelson de Souza Cotrim, Antonio Mattos Muniz, Suplentes, Luiz Murgel, Ivolino de Vasconcellos (PERESTRELLO, 1987, 38-39).

do Serviço de Saúde Escolar do Estado de São Paulo, *Readaptação dos Sinistrados de Guerra pela Psicoterapia* na revista *Imprensa Médica e Contribuição do Psiquiatra para os Reajustamentos do Após-Guerra* na *Revista Brasileira de Medicina* e em 1948, o jornalista e advogado traduziu o polêmico livro de Emil Ludwig *Freud Desmascarado*.

A prática de publicação de livros manteve seu vigor na década de 1940, 33 publicações segundo Mokrejs (1993). Inaugura esta década a publicação de Roger Bastide *Psicanálise do Cafuné* em 1941. Mas é perceptível que a maioria das obras publicadas neste período atenderia ao mercado editorial, pois os temas tratados eram facilmente vendáveis – males morais, imaginação, incesto, sonhos, alma do homem, viagem ao interior, a arte e a neurose, virgindade tiveram grande repercussão entre os leitores. Os livros de Gastão Pereira da Silva, nesta década, *Vícios da Imaginação* foi editado 4 vezes e *O Tabu da virgindade* foi editado 3 vezes.

Entretanto, a força difusora da psicanálise manifestava-se indubitavelmente na publicação de artigos em revistas científicas dos anos 40. Entre 1941 a 1950, segundo o levantamento de Mokrejs (1993), houve uma miríade de artigos e resenhas sobre psicanálise em revistas médicas e psiquiátricas que demonstravam sua recepção e aceitação neste meio. Num total de 95 publicações, conforme tabela acima, verificamos que os temas sobre psicanálise constavam mais diretamente de teoria, clínica e aplicação deste saber. Escritos por médicos e psiquiatras predominantemente, alguns deles caminhariam para uma formação psicanalítica e à luta pela institucionalização da psicanálise no Brasil sob a égide da IPA, dentre eles, Durval Marcondes, Flávio Dias, Darcy Uchôa, Mário Yahn, Décio de Souza e a socióloga Virgínia Bicudo.

A divulgação dos temas psicanalíticos em diversas revistas constituiu-se num caminho consistente para a difusão da psicanálise no Brasil. A hegemonia das publicações deu-se em revistas médicas e psiquiátricas no eixo São Paulo-Rio de Janeiro. Interessante notar que houve grande espaço para a publicação de artigos na revista *Neurobiologia* de Recife nesta década, como havia ocorrido com na década anterior na *Bahia Médica* e *Revista Médica da Bahia*. Vejamos no quadro abaixo as principais revistas que publicaram artigos com temas psicanalíticos nos anos 1940:

Quadro 3 – Periódicos de 1941 a 1950

Periódicos	Nº de Artigos
Revista Paulista de Medicina – SP	22
Neurobiologia – PE	15
Imprensa Médica – RJ	12
Brasil Médico – RJ	6
Revista Brasileira de Medicina – RJ	6
Arquivos do Departamento de Assistência aos Psicopatas de São Paulo – SP	5
Arquivos Neuro-Psiquiatria	4
Anais do Instituto de Psiquiatria – RJ	2
Arquivos Brasileiros de Medicina	2
Revista Médica Brasileira	2
Arquivos de Neurologia e Psiquiatria	1
Anais do Congresso Brasileiro de Problemas Médicos e Sociais	1
Arquivo do Serviço Escolar do Estado de São Paulo	1
Arquivos Brasileiros de Neuriatria e Psiquiatria	1
Arquivos do Serviço Nacional de Doenças Mentais – RJ	1
Boletim do Serviço Social de Menores	1
Cultura Médica	1
Jornal Brasileiro de Psiquiatria	1
Pediatria Clínica	1
Publicações Médicas – SP	1
Revista da Associação Paulista de Medicina	1
Revista de Medicina, Cirurgia e Farmácia – RJ	1
Revista de Neurologia e Psiquiatria de São Paulo	1
Revista de Neurose e Psiquiatria	1
Revista Hospital	1
Revista Penal e Penitenciária	1

Fonte: MOKREJS (1993), OLIVEIRA (2005) e PERESTRELLO (1987).

Podemos identificar de acordo com os dados que o maior número de publicação deu-se nos periódicos clássicos de medicina e psiquiatria, mas os artigos com temas psicanalíticos foram amplamente divulgados em revistas especializadas em neurologia e criminologia. A via de difusão garantida pelas publicações em revistas médicas e psiquiátricas na década de 1940 não poderia ser a melhor, para afirmar uma ideia de psicanálise como saber científico promissor. Ainda não chegara a hora de se recuperar um periódico que representasse a força da produção dos sujeitos interessados pela psicanálise.

Entre 1941 a 1950, as publicações enunciavam o caminho a ser tomado pelos “praticantes” da psicanálise. Nos anos 1950 e 1960 as publicações sobre temas psicanalíticos continuavam a crescer, mas a maioria das publicações era reedição de livros dos anos 30 e 40. Em diversas regiões do Brasil revistas

científicas, impressos, livros e teses enunciavam o fortalecimento da difusão do saber psicanalítico. O volume desta produção merece uma análise criteriosa e aprofundada que levaria a outros objetivos mais específicos, fugindo de nossas propostas neste momento da pesquisa. O interesse pela prática clínica aumentava, mas era preciso decidir qual caminho garantiria maior “cientificidade” à prática psicanalítica e, logo, a opção não tardou em aparecer: fortalecer as Instituições psicanalíticas brasileiras que se mostravam como guardiãs da verdadeira psicanálise e legítima herdeira das teses freudianas, vinculando-as às normativas e orientações da IPA. Esse caminho tornou-se para um pequeno grupo que praticava a psicanálise, a via mais interessante para a consolidação desta no Brasil.

1.3 A INSTITUCIONALIZAÇÃO SOB A ÉGIDE DA IPA (1950 a 1967)

Entre os anos 50 e 60 a psicanálise no Brasil caminharia para uma vida mais institucional e se caracterizaria pela estruturação das instâncias de formação e de dispositivos de poder seguindo os critérios da IPA e a definição das linhas teóricas que predominam ainda hoje (OLIVEIRA, 2005, p. 231). A institucionalização da psicanálise sob a égide da IPA não pode ser despreendida do momento histórico que o país atravessava.

As décadas de 1950 e 1960 têm sido caracterizadas como os alegres e descontraídos anos em que se ouvia a Bossa Nova e ainda respiravam-se ares de uma democracia liberal (COIMBRA, 1995, p. 2). Durante o governo de Juscelino Kubistcheck, 1951 a 1960, deram-se os avanços na chamada modernização do Brasil, a política do nacional-desenvolvimentismo, capitalismo monopolista associado ao capital estrangeiro, era a plataforma para esta modernização. A urbanização e suas classes médias cresciam rapidamente. Entre 1961 a 1964, a política de João Goulart, tenta um novo percurso caracterizado nas reformas de base e de desenvolvimento nacional a partir de uma política populista (REIS; RIDENTI; MOTTA, 2004).

Neste processo, desenvolveram-se movimentos sociais que se voltaram contra ou a favor dos atos governamentais. A efervescência política, o clima de mobilização e de modernização trazem, necessariamente, as preocupações com a participação popular (COIMBRA, 1995, p. 3). Somavam-se a este processo os

ecos da Revolução cubana que amedrontavam as classes dirigentes. O pacto populista já mostrava fadiga desde a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, mas as pressões de grupos de esquerda aumentavam em todas as áreas, inclusive na cultura.

Coimbra (1995) enumera uma série de movimentos e ações que culturalmente pressionavam através das chamadas transformações de base – o *Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes*, *Cadernos do Povo Brasileiro*, os filmes *Cinco Vezes Favela* e *Cabra Marcado para Morrer*, as *Ligas Camponesas* no Nordeste, o *Movimento de Cultura Popular*, o *Movimento Bossanovista*.

Mas o pacto populista estava se esgotando e o capital nacional, associado ao estrangeiro resguardados pelos militares, preparavam o golpe de Estado. Uma intensa campanha desenvolveu-se desde os anos 50, divulgando a figura do comunista como perigoso e traidor da pátria. Esta intensificou-se em 1964, bases de apoio ao golpe foram preparadas, em março deste ano marchas saíram às ruas em defesa de “Deus, Família e Propriedade”, compostas pelos setores mais conservadores do país e pelas parcelas da classe média. O golpe concretizar-se-ia pelas mãos dos militares, em 1964.

Mostra-se interessante, e não menos importante, destacar que jovens universitários da classe média, segundo Coimbra (1995) em sua análise deleuziana, criaram seu modo de subjetivação singular através de todos esses movimentos sociais. Recusavam as normas instituídas, os modos de manipulação e de comando desta época. Havia uma intensa difusão da postura “participante e conscientizadora” no período que vai do golpe de 64 até ao Ato Institucional nº 5 (COIMBRA, 1995, p. 8).

Ao longo de sua primeira fase, de 1964 a 1968, a ditadura se consolidou com o estabelecimento das estruturas de repressão e a adoção de uma política econômica que orientava o desenvolvimento do capitalismo brasileiro, dando-lhe um novo impulso através do crescimento do parque industrial e da criação de um mercado interno consumidor (OLIVEIRA, 2005, p. 237)

Para Coimbra (1995), as estruturas de repressão não impediram a circulação das produções teóricas e culturais de esquerda. “Ao contrário, apesar da ditadura, há uma hegemonia cultural da esquerda, que é o traço mais visível deste panorama brasileiro de 64 a 69” (COIMBRA, 1995, p. 8). Mas a circulação

de ideias era bloqueada às camadas populares. As peças de teatro, cinema, *shows*, discos, programas de TV mesmo tendo grande repercussão social, eram “encontros” pelos quais os jovens de classe média renovavam suas inclinações populares, anti-imperialistas, socialistas e revolucionárias (HOLLANDA, 1978, p. 33 apud COIMBRA, 1995, p. 8).

Alguns eventos culturais que marcaram este período foram: o *show Opinião* em 1964, a *Arena Canta Zumbi* em 1965, festivais de Música Popular Brasileira, na TV Record, entre 1965 e 1966. Mas em 1967, o engajamento político é eliminado com o programa *A Jovem Guarda*, pois esse ganha espaço na mídia e acaba conquistando a juventude não-universitária de classe popular e as donas-de-casa com o seu rock, guitarras elétricas e o *iê-iê-iê* potencializados ao lado das versões norte-americanas (COIMBRA, 1995, p. 10).

Uma nova geração estava formada, a geração de 68, influenciada pelas teorias de revolução e pelo movimento contracultural. O Cinema Novo e o Tropicalismo marcariam, no plano cultural, a segunda metade da década de 1960. É o movimento tropicalista que rompe com o discurso de engajamento dos movimentos anteriores.

O tropicalismo irrompe em cena, dessacralizando tanto as canções de protesto como o *iê-iê-iê* da “jovem guarda” e, com seu conteúdo ao mesmo tempo alegre e agressivo, descobre o poder dos impulsos festivos e eróticos (COIMBRA, 1995, p. 12)

O movimento tropicalista expandiu-se para o teatro, cinema e artes plásticas. Tudo isto engrossou o caldo de cultura que irá explodir em 1968. No plano econômico e científico, o embate teórico-metodológico sobre ciência e tecnologia que vinha desde a década de 40 intensificava-se. A opção pela via conservadora e acelerada de crescimento econômico do país fez com que a ciência e tecnologia tornassem prioridades na política econômica. Cumprida a primeira fase da missão que se autoproclamava, os participantes do Regime Militar após o Golpe de 64 defendiam que o desenvolvimento tecnológico e científico seria o caminho indiscutível para a superação do atraso econômico e social. Dessa forma o incentivo ao desenvolvimento da ciência, tecnologia e ensino superior garantiriam as pesquisas voltadas para o mercado. Entre 1964 a 1967 o programa de estabilização econômica do Regime estava concretizado, inflação controlada e dívida externa renegociada, eram alicerces para o

crescimento renovado. Esse crescimento veio em 1968 e abriu o caminho para um “boom” de seis anos, durante o qual a expansão econômica teve uma taxa média altíssima de 10,9% (SKIDMORE, 1998, p. 248-9).

Neste contexto, caracterizado por uma ditadura nas mãos dos militares, os saberes psis ampliavam-se no Brasil. A psicanálise não só teria que lidar com dissidências internas, mediante a formação de outras abordagens, mas como teria que enfrentar a hegemonia da psiquiatria entre os psicanalistas, o fortalecimento de outras escolas como a Junguiana³¹ e Lacaniana³², a expansão da psicologia e sua aproximação com a clínica psicanalítica. Esta ampliação das práticas psis pode ser vista desde a década de 50, com a fundação em 1953 da primeira clínica de psicologia na *Faculdade Sedes Sapientiae* destinada aos alunos de pedagogia, tendo como mentora Madre Cristina, cuja atuação foi fundamental para o desenvolvimento da psicologia educacional naquela Faculdade. Surgiu também o grupo de estudos de psicologia junguiana, liderado pela psiquiatra Nise da Silveira, atuante desde 1946. Nise da Silveira, em 1957, começava sua formação no *Instituto Carl Gustav Jung* em Zurique

No início da década de 1960, a psicologia crescia rapidamente e em 1962 medidas oficiais foram tomadas para a regulamentação da profissão psicólogo, cuja consolidação legal aconteceu em 1964. A psicanálise no Brasil deparar-se-ia com o aumento da demanda das classes médias urbanas pela clínica psicoterapêutica. Não só a psicanálise crescia diante deste processo, mas todo campo das práticas psis também se beneficiou deste interesse das classes

³¹ Escola de psicoterapia fundada por Carl Gustav Jung, amigo e discípulo de Sigmund Freud de 1907 a 1913, introdutor com Eugen Bleuler da psicanálise na Suíça alemã, especialista em psicoses e fascinado pelo orientalismo, Carl Gustav Jung realizou uma obra tão abundante quanto a de Freud, cuja tradução em francês está muito longe de ser concluída. Dezenas de obras, artigos e comentários foram escritos sobre Jung, e o junguismo se implantou em vários países: Grã-Bretanha, Estados Unidos, Itália e Brasil. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 420)

³² Na história do movimento psicanalítico, chama-se lacanismo a uma corrente representada pelos diversos partidários de Jacques Lacan, sejam quais forem suas tendências. Foi entre 1953 e 1963 que ganhou corpo, na França, a reformulação lacaniana, que depois desembocou, com a criação da *École Freudienne de Paris* (EFP), em 1964, num vasto movimento institucional e, em seguida, numa nova forma de internacionalização, num rompimento definitivo com a *International Psychoanalytical Association* (IPA). Depois da morte de Lacan, em 1981, o lacanismo fragmentou-se numa multiplicidade de tendências, grupos, correntes e escolas que formam uma poderosa nebulosa, implantada de maneiras diversas em muitos países. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 451). Para se entender mais profundamente a história do lacanismo é fundamental consultar a obra da mesma autora *Genealogias*. Trad. Nelly Advocat Cintra. Rio de Janeiro: Relume&Dumará, 1995.

médias urbanas. A questão era como manter a melhor fatia deste mercado e como manter um lugar privilegiado neste campo das práticas psis.

Os pioneiros da psicanálise, para institucionalizá-la no Brasil, garantir o controle sobre a vida societária e a principal fatia dos clientes, não tiveram dúvidas em buscar o vínculo e as propostas delegadas pela IPA. Esta chancela dar-lhes-ia condições de exercer a chamada verdadeira psicanálise, discurso já firmado por esta própria instituição, pois eram os legítimos herdeiros da teoria freudiana e membros da instituição por ele fundada. Desta forma, para se vincular à IPA era necessário constituir um grupo de estudo ou uma Sociedade reconhecida e posteriormente adquirir a sua afiliação, ter analistas didatas que pudessem preparar a formação dos próximos psicanalistas e estar filiado a uma teoria psicanalítica autorizada pela IPA.

As instituições e práticas psicanalíticas sob orientação ipeísta impunham-se hegemônicas nas regiões mais urbanas do Brasil a partir dos anos 50. Foi em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre que se formaram as quatro primeiras Sociedades de psicanálise brasileiras: a *Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)*, *Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)*, *Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)* e *Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)*. Assim, uma das particularidades para entender a institucionalização da psicanálise sob a égide do IPA, levou-nos a analisá-la por região.

1.3.1 SÃO PAULO

Em São Paulo, a afiliação da SBP à IPA, em 1951, deu aos seus membros uma chancela prestigiada pelo movimento psicanalítico internacional. Para completar o processo de institucionalização interna, além da consolidada Adelheid Koch, a Sociedade precisaria de mais um analista didata indicado pelo IPA, cuja indicação apontou para Théon Spanudis. Segundo Oliveira (2005) a vinda dele seria uma boa medida para os médicos que não queriam se deitar no divã de Adelheid Koch. A presença de Théon Spanudis e sua convivência na Sociedade com Adelheid Koch não seria tranquila, mais do que “ciúmes” e “sexismo”, houve desacordos teóricos e clínicos entre ambos. Em entrevista com Oscar Lima de Resende, analisado por Koch e depois por Spanudis, ele expõe:

Notávamos que havia uma divergência entre ele e a dra. Koch, que se interessava progressivamente pelos trabalhos de Klein. Spanudis era mais próximo da psicanálise vienense e se interessava pela delinquência. (RESENDE, 1999 apud OLIVEIRA, 2005, p. 245)

Para Maurício Levy, outro analisado de Koch e Spanudis entrevistado por Oliveira (2005), é perceptível que o confronto entre Koch e Spanudis estava nas divergências teóricas e clínicas, segundo sua fala, Spanudis criou problemas para a Sociedade, que já era claramente Kleiniana. Sobre isso, Maurício Levy ressalta: “Spanudis não tinha afinidades com Melanie Klein, que conhecia bem. Ele dizia: ‘Essa mulher é uma delinquente e extremamente agressiva’.” (RESENDE, 1999 apud OLIVEIRA, 2005, p. 245)

Outras três psicanalistas destacaram-se em São Paulo – Lygia Alcântara do Amaral, Margareth Gill e Virgínia Leone Bicudo. Esta última adquiria cada vez mais importância no movimento psicanalítico brasileiro, em 1954 liderava os trabalhos de psicologia no *Serviço de Higiene Mental*, chegou a publicar na imprensa uma série de “pequenos conselhos” destinados aos pais e professores, que somados com sua experiência na rádio Excelsior deu base para a publicação de seu livro *Nosso mundo mental* em 1956 (OLIVEIRA, 2005, p. 336).

Na busca de especialização e aprofundamento começava a se fortalecer entre os psicanalistas paulistas a filiação kleiniana. Lygia do Amaral passara seis meses em Londres em 1951, quando aproximou-se de Paula Heimann, discípula de Melanie Klein. Virginia ficou de 1955 a 1959 em Londres, onde realizou análise com Frank Philips, estágio na *Tavistock Clinice* seminários com Esther Bick e Melanie Klein. Ainda fizeram formação em Londres Décio de Souza e Henrique Mendes.

Na década de 1950, a *SBP-SP* começaria a recrutar os novos analistas didatas no interior de seu próprio meio, pois a primeira geração estava formada - Adelheid Koch, Darcy de Mendonça Uchôa, Durval Bellengarde Marcondes, Flávio Rodrigues Dias, Frank Julian Philips, Henrique Mendes, Isaías Hessel Melsohn, José Nabantino Ramos, Lygia Alcântara Amaral, Margareth Jones Gill, Mário Yahn, Theon Spanudus e Virgínia Leone Bicudo.

Com exceção de Isaías Melsohn, que mantinha laços com um grupo de filósofos paulistas e se interessava pelas teses do filósofo Ernest Cassierer, a maior parte desses novos mestres será formada sob

influência direta ou indireta da escola kleiniana e frequentemente por intermédio de Frank Philips. (OLIVEIRA, 2005, p. 248)

Dessa geração surgiu, na década de 1950, a segunda geração de psicanalistas paulistas (ANEXO I), oriundos em sua maioria da medicina, e segundo Oliveira (2005) tinham trabalhado no Juquery e nos serviços psiquiátricos de diversas instituições públicas e privadas. Mas diferente do Rio de Janeiro e Porto Alegre, em São Paulo havia a heterogeneidade em sua formação, médicos, psicólogas e professoras. Para esta autora, os psicanalistas da segunda geração eram orgulhosos de sua independência e conservavam uma concepção organicista da clínica psicanalítica, poucos se deixaram influenciar pelas novidades vindas de Londres. Ainda Oliveira (2005) aponta que poucos fizeram carreira na *SBP-SP*, dentre os que tornaram analistas didatas temos Luiz Prado de Almeida Galvão, Judith Andreucci e Gecel Szterling.

Em São Paulo, a fundação do Instituto na *SBP-SP*, em 1961, tornou-se a condição essencial para o controle de uma elite psicanalista na vida societária. Virgínia Leone Bicudo teria o papel mais ativo e dirigente no Instituto. Recém chegada de Londres, trouxe as ideias para os dispositivos de seleção, formação e estrutura do Instituto. A mesma enfrentou descontentamentos e oposição, mas traçava as medidas para consolidar o discurso no qual acreditava, defensora das teses de Melanie Klein e Bion, viu na fundação do *Jornal de Psicanálise*, e, 1966, um importante caminho para consolidar estas teses.

A administração da *SBP-SP* foi se tornando nos anos 60 cada vez mais verticalizada e centralizada, garantindo o exercício do poder pela elite de Analistas Didatas. A terceira geração de psicanalistas formada por este grupo era ainda em sua maioria masculina e médicos que orgulhosamente mostravam sua certificação ipeísta. Apesar de todo um aparato de controle, com o qual alguns acabavam rompendo, levavam uma prática mais liberal graças ao aumento da demanda pelo consultório. Ajustando-se às mudanças internas, ao final da década de 1960, foram aprovados novos estatutos e a *SBP-SP* passava ser denominada de *SBPSP*. Reestruturaram algumas categorias de membros e reajustaram algumas imprecisões, erguiam a bandeira da “verdadeira psicanálise”, queriam afastar a psicoterapia de base analítica e preservar a “pureza” de uma prática que se faz a dois no divã (OLIVEIRA, 2005, p. 265).

Para as estudiosas da história da psicanálise brasileira, Perestrello (1987), Russo (2002) e Oliveira (2005) dado relevante e uma particularidade da psicanálise ipeísta em São Paulo foi a participação de não-médicos em suas quatro gerações, que contribuíram para a consolidação desta com uma grande quantidade de publicações durante os anos 50 e 60 nos meios médicos/psiquiátricos, culturais, imprensa, deixando seu maior legado à psicanálise brasileira, a *Revista Brasileira de Psicanálise*. Nos Anexos I e II desta pesquisa é possível verificar a intensa produção dos psicanalistas da SBPSP na *Revista Brasileira de Psicanálise*.

1.3.2 RIO DE JANEIRO

Da fundação do *Instituto Brasileiro de Psicanálise* no Rio de Janeiro em 1948 até 1951 reinava entre os seus membros uma integração que os permitiu contatos externos com a *SBP-SP, a Associação Psicanalítica Argentina* e com os psicanalistas uruguaios. Durante esta fase, Mark Burcke e Werner Kemper, além das análises feitas com os cariocas, realizaram importantes trabalhos nos quais divulgavam a teoria e prática psicanalíticas. Mark Burke apresentou fala sobre “A Técnica Psicanalítica” no *V Congresso Brasileiro de Psiquiatria* em 1948, propôs o início dos seminários teóricos e das análises de controle em 1949. Werner Kemper realizou vários seminários, assim como Burke, em sua residência e no Instituto. Tiveram importante contribuição para a difusão e consolidação da psicanálise no Brasil, inclusive na *Revista Brasileira de Psicanálise*, como veremos mais adiante.

A história da institucionalização da psicanálise nesta cidade foi marcada pela crise entre dois grupos psicanalíticos cuja ocorrência mobiliza a memória do movimento até os dias atuais, um liderado por Mark Burke e outro, por Werner Kemper, que entraram em choque e acabaram se cindindo, cuja solução necessitou da mediação da *IPA* e de Melanie Klein.

Esta crise iniciou-se em abril de 1951, quando, segundo Perestrello (1987, p. 42), o Conselho Diretor do Instituto descobriu que Werner Kemper havia elevado sua mulher, Katrin Kemper, em analista, mais ainda, encaminhava-lhe pacientes e candidatos à formação. O Conselho exigiu que Werner Kemper encerrasse os trabalhos de sua mulher, mas ele não aceitou e acabou sendo

expulso. Para Peretrello (1987), Werner Kemper, em vez de se defender com dados concretos, optou por um caminho equivocado, deslocou o problema acusando Mark Burke de ser louco e estar contaminando seus analisandos com a mesma, inciando-se com isso, a ruptura no Rio de Janeiro.

As causas do caso Kemper-Burke são tratadas pela historiografia psicanalítica a partir das divergências de origem entre os dois analistas. Burke, um judeu-polonês que emigrou para a Inglaterra trouxe para o Rio de Janeiro uma psicanálise mais moderna, então praticada pela *Sociedade Psicanalítica Britânica*. Kemper, alemão, fora membro do *Instituto de Berlim*, 'arianizado' pelo Estado nazista, do qual pesquisas têm gerado controvérsias como a de Hans Füchtner (2010) ao atribuir-lhe vínculos com o nazismo. Para Russo (2002, p. 30), as razões da ruptura ainda hoje não são muito claras e menos do que divergências teóricas entre os dois, a ruptura pode ser debitada certamente na conta do personalismo.

O fato é que de 1951 a 1953 surgiram no Rio de Janeiro três grupos. O grupo de Burke que seguiria as propostas Kleinianas e Neokleinianas, fortalecidas com a vinda de Frank Philips e Emilio Rodrigué. O grupo de Kemper que, dissidente, tendia mais ao freudismo clássico, posteriormente conseguiu aproximação com a *SBP-SP* e se enveredaria pelas novas tendências kleinianas. O terceiro grupo, chamado de argentinos, composto por Danilo Perestrello e sua esposa Mariázilra Perestrello recentemente chegados de Buenos Aires, e Alcyon Baer Bahia e Walderedo Ismael de Oliveira membros da *Associação Psicanalítica Argentina*. Em 1954, Décio Soares de Souza chegou da Inglaterra como membro associado da *Sociedade Psicanalítica Britânica*, em 1956 chegou Edgard de Almeida, outro membro associado da mesma sociedade e Henrique Mendes, membro titular da *SBP-SP* e com longos estágios na Inglaterra, os quais formaram o chamado grupo "os ingleses" que se uniriam ao grupo de Burke.

Em 1953, o grupo liderado pelo Werner Kemper conseguiu o reconhecimento da IPA e logo teria a afiliação, adquirida durante o *XIX Congresso* da IPA em Viena em 1955, passando assim a ser denominado pela *Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro SPRJ*. O grupo liderado por Burke, os Argentinos e os Ingleses fundaram a *Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio*

de Janeiro SBPRJ, reconhecida em 1957, cuja filiação fora adquirida e posteriormente durante o *XXI Congresso da IPA* em Copenhague, em 1959.

Durante a década de 1960, as duas Sociedades, SPRJ e SBPRJ, continuariam o seu percurso da mesma forma que suas similares em São Paulo e Porto Alegre. A base kleino-bioniana era plataforma discursiva dos psicanalistas das duas Sociedades. Na esteira da expansão psicanalítica, a psicologia “psicanalisava-se” cada vez mais. Com a regulamentação do profissional de psicologia, houve no Rio de Janeiro um crescimento do número de cursos de psicologia além da PUC-Rio, surgiram cursos na UERJ, UFRJ, Santa Úrsula e da Gama Filho. Para Russo (2002), a relação dos novos profissionais com os psicanalistas das Sociedades ipeístas era de reverência e ambiguidade. Houve uma divisão sexual do trabalho clínico neste momento. As psicólogas atendendo basicamente crianças e sendo atendidas pelos analistas.

De fato, os psicanalistas promoviam ativamente a difusão da psicanálise entre as psicólogas clínicas, analisando-as, oferecendo-lhes cursos e grupos de estudos, supervisionando seus atendimentos. Ampliavam, deste modo, seu próprio mercado de trabalho e a demanda por seus serviços. Ao mesmo tempo, impediam o acesso das psicólogas às sociedades vinculadas à IPA, isto é, aquelas detentoras de maior prestígio, que, como vimos, exigiam de seus candidatos o diploma de medicina. Às psicólogas era oferecida uma espécie de prêmio de consolação: elas podiam fazer “terapia psicanalítica”, mas nunca psicanálise. Esta era uma prerrogativa dos médicos/psiquiatras. (RUSSO, 2002, p. 46)

Na historiografia da psicanálise, a denominada primeira geração de psicanalistas cariocas fora composta exclusivamente por médicos³³. Considerados os fundadores da psicanálise no Rio de Janeiro tiveram imensa produção nos anos 50 e 60. Sem dúvida, contribuíram para uma intensa difusão da psicanálise pelas suas publicações especializadas, trabalhos em congressos, artigos científicos, seminários, cursos. A segunda geração de psicanalistas no Rio de Janeiro caminhou seguindo as normativas e orientações da SPRJ e SBPRJ. Podemos verificar a participação destes médicos cariocas na RBP,

³³ Podemos identificar neste os seguintes médicos segundo Oliveira (2005): Alcyon Baer Bahia, Danilo Perestrello, Décio Soares de Souza, Edgard G. de Almeida, Gerson Borsoi, Henrique Mendes, Inaura Vaz Carneiro Leão, João Côrtes de Barros, José Marafelli Filho, Marialzira Perestrello, Mario Pacheco de Almeida Prado, Pedro de Figueiredo Ferreira, Oswaldo Domingues de Moraes, Walderedo Ismael de Oliveira e Zenaira Aranha.

tiveram grande participação durante os anos de 1967 a 1986, mas mais intensa a partir de 1971, quando a revista pertencia a ABP. (ANEXO I)

1.3.3 PORTO ALEGRE

A institucionalização da psicanálise sob a égide da *IPA* em Porto Alegre teve seu início com o casal Mário Martins e Zaira Martins. Segundo Gageiro e Torossian (2014), ambos fizeram formação na Argentina, Mário com Angel Garma e Zaira com Arminda Aberastury. A *Associação Psicanalítica Argentina* teve forte influência sobre os gaúchos, além do casal acima, houve influências de Celes Cárcamo, Marie Langer, Arnaldo Rascowsky e Pichon-Rivière. Formada na tradição kleiniana, Zaira Martins, a exemplo de Melanie Klein, foi a única não médica a participar da fundação de uma Sociedade (GAGEIRO; TOROSSIAN, 2014, p. 120). Juntou-se a Mario e Zaira, Cyro Martins que voltava de sua formação na Argentina. Os três constituíram a primeira geração de Porto Alegre, posteriormente completada com David Zimmermann, Ernesto La Porta, José Lemmertz, Paulo Guedes, Pinto Ribeiro, Santiago Wagner.

Definida a origem e formação desta geração, os psicanalistas e psiquiatras decidiram fundar o *Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre*, em 1957.

Entre os anos de 1955 e 1961, esse grupo de Porto Alegre passou a intensificar as negociações junto à Associação Psicanalítica Argentina, à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e à Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro, a fim de obter o reconhecimento como Study group pela IPA, fato que aconteceu durante o 22º Congresso Psicanalítico Internacional em Edimbourg. Em 1963, durante o 23º Congresso Psicanalítico Internacional, em Stockholm, o grupo foi reconhecido como Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Essa Sociedade Psicanalítica, contemporânea ao golpe militar, que no Brasil reinou soberana durante 20 anos no Rio Grande do Sul como filiada da IPA (GAGEIRO; TOROSSIAN, 2014, p. 121)

Em Porto Alegre, a psicanálise esteve muito vinculada à psiquiatria, esta condição acabou criando na SPPA um ambiente de participação exclusiva de médicos psiquiatras. Este círculo *ipeísta* não monopolizaria a clientela por tratamento terapêutico, levando a desenvolver-se no Rio Grande do Sul nesta década o *Círculo de Brasileiro de Psicologia Profunda* ligado às teses de Igor

Caruso³⁴. Concorrentes do círculo *ipeísta*, fortaleceram-se em Porto Alegre e estenderiam suas influências até Belo Horizonte e Minas Gerais (GAGEIRO; TOROSSIAN, 2014, p. 123)³⁵. Nos anos 60, a demanda pela psicanálise ampliava aos serviços e recém-fundados cursos de Psicologia.

O curso de Psicologia da PUCRS data de 1953 e o da Universidade Federal do Rio Grande do Sul de 1973. Cabe salientar que as disciplinas de clínica, técnicas psicoterápicas e outras ligadas às práticas clínicas eram lecionadas nos cursos de Psicologia por psiquiatras e psicanalistas. Esse ensino gerava uma demanda por formação psicanalítica vetada aos não-médicos. Essa situação gerou dois movimentos importantes em nosso Estado que fortaleceram e ampliaram a extensão da psicanálise. (GAGEIRO; TORISSIAN, 2014, p. 121)

Inicialmente, esta foi em direção a um fortalecimento da psicologia clínica recorrente a cursos de psicanálise em especializações, em instituições de cujos psicólogos predominavam textos freudianos e kleinianos. O segundo foi o acirrado debate em torno da formação psicanalítica. A rigidez da SPPA na escolha de candidatos e na formação acabava possibilitando outras experiências que surgiam, como a formação lacaniana e os círculos carusianos (GAGEIRO; TORISSIAN, 2014, p. 124).

Em Porto Alegre, a psicanálise esteve sempre muito vinculada à psiquiatria cujo o entusiasmo predominava na maioria dos trabalhos apresentados em duas revistas de psiquiatria, em 1961: *Arquivos da Clínica Pinel* e *Revista de Psiquiatria Dinâmica*. A partir de 1967, os psiquiatras/psicanalistas de Porto Alegre, além destas duas revistas de psiquiatrias, trariam respeitável contribuição à *Revista Brasileira de Psicanálise*. No Anexo I é possível ver os nomes dos psiquiatras e psicanalistas que publicaram durante o período de 1967 a 1986.

Diante das mudanças sócio-políticas ocorridas na década de 1960 e à ampliação das práticas psis no Brasil, os dirigentes das quatro Sociedades de psicanálise sob a égide da IPA tomariam decisões importantes para manter as

³⁴ Nascido na Rússia em uma família nobre de ascendência italiana, Igor Caruso foi um dos representantes da corrente da psicoterapia existencial e fundador de uma internacional freudiana original, a Internationale Föderation der Arbeitskreise für Tiefenpsychologie. (ROUDINESCO, 1998, p. 104).

³⁵ Em Belo Horizonte, a psicanálise *ipeístas* só conseguiria se instituir definitivamente nos anos 90. Entretanto, a psicanálise *ipeísta* foi praticada, a partir dos anos 50, por Karl Weismann, Leão Cabernite, Paulo Dias Correia e José Pedro Salomão (SANTOS; NETO, 2014, p. 145).

rédeas do movimento e a melhor fatia do mercado desejoso pelas práticas psis. Com efeito, criaram em nível nacional, no ano de 1967, a *Associação Brasileira de Psicanálise* e a *Revista Brasileira de Psicanálise*.

O movimento psicanalítico brasileiro ipeísta abraçava o discurso de valorização do saber científico propagado nas décadas de 60, 70 e 80 e concretizado pelo avanço da fundação de periódicos científicos. O movimento não deixaria de aproveitar o momento de “boom” editorial que existia neste período³⁶ para publicar o seu periódico. Apoderar-se deste veículo poderia garantir os dispositivos de poder dentro do movimento psicanalítico brasileiro. Poderiam expressar em suas páginas a ideia de uma psicanálise enquanto saber científico aportado sobretudo nas teorias de Freud, Klein e Bion e, conseqüentemente, garantir a unidade do movimento psicanalítico por um discurso de legitimidade e controle de uma psicanálise verdadeira, vinculada às orientações e normas advindas da IPA.

Diante deste conjunto de interesses, fora fundada em 1967 a *Revista Brasileira de Psicanálise*, cujo surgimento deu-se em um contexto quando o Regime Militar endurecia sua posição política e o movimento psicanalítico brasileiro intensificava seu processo de expansão e diversificação com novas escolas psicanalíticas e novas práticas psis, posteriormente avaliados.

1.4 A “VERDADEIRA” PSICANÁLISE E A RBP (1967 a 1986)

A *Revista Brasileira de Psicanálise*, como difusora deste saber no Brasil, surgiu exatamente no momento em que Regime Militar endurecia. Foi no ano seguinte de sua fundação, em 1968, que os militares legalizaram seu autoritarismo pelo *Ato Institucional nº 5*. Cassações, perseguições, tortura tornaram-se práticas comuns. Há poucos estudos sobre a relação dos

³⁶Para Coimbra (1995, p. 13) “nunca se leu tanto como nos anos 60. Houve em 1968, um *boom* editorial, uma das manias daquele ano era a leitura dinâmica”. Um exemplo sobre este *boom* é, para ela, a revista *Civilização Brasileira* de 65 a 69 que foi pólo de concentração da intelectualidade de esquerda e ali se travavam debates entre o que se convencionava chamar de esquerda reformista (PCB) e a esquerda revolucionária (as primeiras dissidências então criadas). Daí seu grande sucesso. Figuras como Walter Benjamim, Louis Althusser, Eric Hobsbawm, Ferreira Gullar, Paulo Francis, Fernando Henrique Cardoso, Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder, Nelson Werneck Sodré e muitos outros autores nacionais e estrangeiros desfilarão por suas páginas.

psicanalistas com Regime Militar³⁷. Estudiosos que mais nos auxiliou nesta busca são Oliveira (2005) e Coimbra (1995; 2004).

Durante o Regime Militar, os psicanalistas de esquerda eram malvistas nas Sociedades psicanalíticas, mas a recusa de um pretendente estava muito mais relacionada à possibilidade de dissidência e às divergências teóricas que poderiam colocar em risco a corrente psicanalítica dominante que a tendência política. Essa característica das Instituições psicanalíticas pode ser constatada, segundo Oliveira (2005), quando a diretoria da SBPSP recusou a filiação da candidata Regina Schnaidermann, em 1965 e 1967, por não ter “capacidades necessárias” para se tornar psicanalista.

No que diz respeito à sua filiação de esquerda, constatamos que, ainda que uma boa parte dos membros da direção da SBP da época fosse identificada como sendo de direita, entre os quais Durval Marcondes, Nabantino Ramos e Virginia Bicudo que apoiaram o Golpe de Estado de 1964, outros eram simpatizantes do Partido Comunista Brasileiro e puderam fazer carreira nessa instituição sem problemas de ordem ideológica dessa natureza. (OLIVEIRA, 2005, p. 261)

³⁷ Entre alguns destes estudiosos que nos fornece informações sobre os temas são: FACCHINETTI, Cristiana; PONTE, Carlo. De barulhos e silêncio: contribuições para a história da psicanálise no Brasil. **Psychê**, São Paulo, ano.VII, n.11, 2003, p. 59-83, estes autores discutiram a filiação das sociedades à IPA e a vinda de analistas europeus para a América Latina. COIMBRA, Cecília Maria Bouças, A Psicanálise nos Tempos de Ditadura. **UFF**, Rio de Janeiro, p. 1-14, agosto 2004. <http://www.slab.uff.br/psm/uploads/texto45.pdf> <Acesso em 10/12/2017> a autora faz um breve discussão sobre as sociedades psicanalíticas e a formação do psicanalista como pedagogia da submissão. FILHO, Celso Ramos Figueiredo, Nos Porões da ditadura: psicanálise da tortura aos presos políticos no Brasil pós-64. **Projeto História**, São Paulo, n.38, p. 57-78, jun. 2009, neste artigo o autor mostra a coesão grupal dos torturadores através dos mecanismos psíquicos. JUNIOR, Nadir Lara, A verdade em tempos de ditadura militar: reflexões a partir da psicanálise. **Ciências Sociais Unisinos**, vol.48, n.2, mayo-agosto, 2012, pp. 103-110, a autora discute a partir da psicanálise a opressão dos militares e o discurso atual de abrandamento sobre a ditadura. MOREIRA, Luiz Eduardo de Vasconcelos; BULAMAH, Lucas Charafeddine; KUPERMANN, Daniel. Entre barões e porões: Amílcar Lobo e a psicanálise no Rio de Janeiro durante a ditadura militar. In: **Analytica** Revista de Psicanálise, São João Del Rey, v.3, n.4, p. 173-200, 2014, os autores deste artigo fazem uma crítica direta às Sociedades Psicanalíticas pela convivência com a ditadura e a tortura. NETO, Fuad; PÁDUA, Maria Luiza Guimarães de. Ditadura Militar e Sociedades Psicanalíticas: relações e ressonâncias na Práxis. **Revista da SPAGESP**, v.16, n.2, p. 32-45, 2015, este artigo as autoras debateram a alienação que entre os candidatos à analista a partir da discussão entre Ditadura e Sociedades psicanalíticas. RUBIN, Aline; MANDELBAUM, Belinda; FROSH, Stephen. No memory, no desire: psychoanalysis in Brazil during repressive times. **Psychoanalysis and History**. v.1, n.1, p. 93-118, 2016, neste artigo os autores discutem o apagamento da memória em psicanálise a partir do caso Cabernite-Lobo. OLIVEIRA, Carmen Lucia Montecchi Valadares de. Sob o discurso da “neutralidade”: as posições dos psicanalistas durante a ditadura militar. **História, Ciência, Saúde Manguinhos**. Artigo no prelo, fundamental para se entender o esvaziamento da psicanálise do espaço da política.

O mais importante para as Sociedades psicanalíticas era garantir seus membros filiados à teoria kleino-bioniana, impedir divergência e garantir o controle pelos mandatários do movimento psicanalítico. Com efeito, estas Sociedades contribuíam para a afirmação de subjetividades hegemônicas da época. A estudiosa das práticas psis no Brasil, Cecília Coimbra, confirmou em seu texto *A Psicanálise Brasileira nos Tempos da Ditadura* estas ideias da seguinte forma:

[..] as práticas dominantes nas Sociedades “oficiais”, nos anos 60 e 70, em nosso país, com seus dispositivos e instituições, favorecem em muito as subjetividades hegemônicas produzidas à época e a psicanálise só tem passagem, só se torna um boom, porque há esses processos de subjetivação típicos do capitalismo monopolista. (COIMBRA, 2004, p. 9)

Para esta autora, os processos de subjetivação produzidos por estas Sociedades psicanalíticas teriam o acréscimo de outras produções e do terror gerados pela Ditadura Militar. Vejamos como a autora expressa realidade autoritária.

No caso do Brasil, trata-se de uma ditadura militar – o que agrava mais ainda a situação – e, ao lado de tais produções, há outras: uma forte repressão, uma violência extremada, uma ferrenha censura e um enorme poderio da mídia no sentido de impedir toda e qualquer resistência, toda e qualquer construção singular, todo e qualquer agenciamento. É nesse contexto de terror nos diferentes micro-espacos, de medo, imobilismo e apatia de quase todos os setores da sociedade que as práticas psicanalíticas se expandem e ganham características bem mais autoritárias. (COIMBRA, 2004, p. 9-10)

Neste texto, a autora chama-nos para importância de como se constitui o indivíduo das camadas médias urbanas a partir das práticas psis, especialmente a psicanálise ipeísta e como se constituiu uma cultura psicanalítica através da imprensa, das revistas, dos livros e diversos meios que vão psicologizando o cotidiano do indivíduo.

Diferentes setores da vida social brasileira sofrem esses efeitos: são cotidianamente psicologizados. Toda e qualquer crise é vivida como necessidade terapêutica, pois os especialistas “psi” estão aí para aconselhar, esclarecer, instruir e acalmar pais, mães, maridos, mulheres e para propor modelos – condizentes com os dominantes – de criança, adolescente, família, casamento, esposa, etc., produzidos/fortalecidos por suas próprias práticas. Absorve-se o “modo” psicanalítico de compreender os mais variados fenômenos do cotidiano, através da utilização crescente de palavras, expressões e

concepções próprias da psicanálise, onde tudo passa a ser explicado a partir de esquemas interpretativos já dados. (COIMBRA, 2004, p. 11)

Desta forma, os conceitos da clínica kleino-bionianos também foram para o cotidiano: inveja, reparação, projeção, introjeção, repressão entre outros. Mas na revista, a conceitualidade kleino-bioniana firmava um discurso de neutralidade, importava a realidade interna do indivíduo e não a realidade externa, um discurso que assegurava às Sociedades psicanalíticas um distanciamento político-social neste momento autoritário. De 1967 a 1986, período da expansão da clínica privada e o distanciamento do social, a conceitualidade kleino-bioniana imperou no discurso dos psicanalistas colaboradores, entretanto percebemos que este discurso não refletia apenas a tendência da psicanálise ipeísta, mas relações de poder e mercado entre seus membros internos. Nas relações societárias, os analistas didatas constituíam a pirâmide do reconhecimento e os responsáveis pela última palavra institucional (COIMBRA, 2004, p. 6).

Discutir o indivíduo num contexto de censura, repressão e autoritarismo da realidade político-social brasileira requeria cuidados na exposição de ideias e, muitas vezes, uma autocensura como um mecanismo de defesa e salvaguarda da revista. Ao relacionar o caminho das publicações aos anos de 1967 a 1986 percebemos o cuidado com os temas debatidos. Por exemplo: se antes do AI-5, em dezembro de 1968, era possível uma leitura envolvente sobre cultura brasileira, em textos como o de Virginia Bicudo sobre a peça de teatro “Roda-Viva”, a partir de 1969 esta leitura fica restrita à predominância de textos sobre técnicas e tratamento clínico resguardando assim o distanciamento da realidade política e social.

Durante o Regime Militar, a revista teve o cuidado de apresentar a psicanálise sempre como ciência neutra, pura, isenta de opiniões e posições políticas e ideológicas. Se algum autor quisesse fazer comentários políticos, faria referências a outras épocas e deveria evocar o passado mais longínquo e sem crítica.

Nos artigos que publicou durante vinte anos a *Revista Brasileira de Psicanálise* teve o cuidado de apresentar sempre a psicanálise como uma ciência pura, sem relação com os campos social e político. Impossível aludir à atualidade, salvo travesti-la habilmente. Assim, falava-se de luto, de separação, de castração, de angústia, para

significar exílio, afastamento, sofrimento etc. Através dessa censura voluntária, nunca se fazia referência, de perto ou de longe, a um militante preso ou a um psicanalista torturado ou perseguido. Assim, esses fatos só existiam no imaginário dos indivíduos e, se necessário, podia-se invocar o “sigilo profissional”. Nesse aspecto, a conceitualidade kleiniana, centrada nos processos de violência intrapsíquicos, foi explorada para apresentar a repressão política como uma história de objeto mau ou de identificação projetiva. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 89)

Esta posição de Roudinesco e Plon instiga-nos a investigar como, na *Revista Brasileira de Psicanálise*, desenvolveu uma ‘censura voluntária’ durante as reflexões e atividades científicas dos psicanalistas. Tornou-se um desafio para a nossa pesquisa investigar e analisar, em meio à predominância de artigos sobre teoria, clínica e práticas psicanalíticas, as representações que os colaboradores da revista fizeram sobre ciência, profissão e história neste período obscuro da realidade brasileira.

Se o Regime Militar não deixou de sombrear as produções e publicações dos psicanalistas ipeístas na revista, a expansão do movimento psicanalítico brasileiro, isto é, o surgimento de novas escolas e práticas psis também interferiu para os dirigentes da revista mantivessem o monopólio e a difusão da teoria kleino-bioniana como base de seu poder e controle.

Novas abordagens e novas escolas surgiam entre os anos 70 e 80, o que mostrava a intensa procura pelo tratamento psicoterapêutico. Neste contexto os psicanalistas ipeístas mostravam-se orgulhosos por seu mais importante periódico ter adquirido reconhecimento internacional.

Foi durante a gestão de Diretora-superintendente Fajga Sztterling que a revista recebeu uma carta convite do presidente da IPA, Serge Lobovici, para participar do *Meeting of Editors* de publicações psicanalíticas que seria realizado em Jerusalém no dia 21 de agosto de 1977. Num contexto de difusão de escolas psicanalíticas fora de seu controle e uma profusão enorme de produções e publicações nas diversas Sociedades ipeístas pelo mundo, a direção da IPA decidiu fazer este encontro buscando garantir seu universalismo. Alegando a necessidade de intercâmbio e dificuldade de comunicação entre os analistas de diversas partes do mundo e a necessidade de se criar um Comitê de Publicações para administrar este problema, a IPA decide realizar o encontro fazendo as seguintes argumentações:

Através dos anos, tanto a Administração como os Membros da A.P.I. estão percebendo um aumento de dificuldade na comunicação e entendimento entre analistas das várias partes do mundo. Esta dificuldade abrange as diferenças de língua e diferenças na conceituação da Psicanálise, como teoria e prática. As diferenças conceituais aparecem, muitas vezes, misturadas às diferenças linguísticas. Como as idéias psicanalíticas proliferam em todas as partes do mundo, tornou-se ainda mais importante que as idéias se tornem acessíveis a todos analistas e não somente aos de mesma área geográfica ou linguística. O Conselho Executivo discutiu estes assuntos em Haslemere em fevereiro de 1976, e um Comitê de Publicações foi designado (Drs. A. Green, E. Joseph, A. Limentani e E. Weinshel, Presidente) e encarregado de investigar a extensão do problema, bem como as possíveis soluções e apreciar qualquer recomendação que se acredite possa ser útil para melhorar a importante dificuldade. (RBP, 1978, p. 173)

O Comitê logo tomou as iniciativas para a realização do encontro, consolidando a posição de que havia um grande problema de comunicação e que sua resolução merecia prioridade. Tomou as seguintes posições: artigos psicanalíticos-chave publicados em diversos lugares deveriam ser apreciados por todos, consulta aos editores e seus representantes das Sociedades psicanalíticas filiadas a IPA, que os editores de diversas línguas selecionassem os artigos psicanalíticos-chave e enviassem para a publicação em diferentes revistas. O Comitê justificava que estas não eram medidas suficientes para atender seu objetivo e por isso justificava o *Meeting for Editors* em Jerusalém. Por isso, a participação dos representantes dos principais veículos ipeístas de diversas línguas era importante, o que merecia um convite especial do próprio presidente da IPA, Serge Lebovici. Na carta à direção da *Revista Brasileira de Psicanálise* particularmente ele agradecia:

Ficarei satisfeito se puder vir a esta importante reunião. Se por alguma razão não puder, solicitamos que designe um membro do quadro Editorial de sua Revista ou algum outro representante para comparecer em seu lugar. (RBP, 1978, p. 174)

Como representante brasileira, Fajga Szterling participou do *Meeting of Editors* durante o XXX Congresso Internacional de Psicanálise realizado em Jerusalém. Na revista, ela relatou que esteve presente aproximadamente 20 editores-chefes, representantes de diferentes países da Europa e das Américas. Chegaram às seguintes conclusões: criação de um 'pool' de editores, dedicação de um número anual da *International Journal Review* aos trabalhos-chave, favorecimento de críticas e abstracts, subvenção da IPA às publicações

responsabilizando-se pelas despesas e constituição e treinamento de um corpo de tradutores ligados à IPA, bem como a busca de um estilo unificado de publicação da bibliografia apresentada nos trabalhos psicanalíticos.

Alegando que estes pontos seriam provisórios e poderiam ser alterados, os participantes do encontro deixavam evidente a fidelidade que deveria se ter às orientações da IPA, encerrando da seguinte forma: “Busca de um estilo unificado de publicação da bibliografia apresentada nos trabalhos psicanalíticos” (RBP, 1978, p. 170). A conclusão da representante brasileira demonstrava o clima consultivo e democrático que o Comitê de Publicações tentava firmar em meio de seus objetivos unificadores e de controle sobre o que se publicava e produzia em diversas línguas:

O sentimento e a idéia predominante de “meeting” foi o de que se abria um caminho para a entrada de todas as expressões psicanalíticas significativas para um coral intercambiante de diálogos e vozes. (RBP, 1978, p. 174)

A aceitação a todas às orientações determinadas pela IPA e a submissão a todos os seus Estatutos e Regulamentos era indiscutível ao movimento psicanalítico brasileiro composto pelas quatro Sociedades ipeístas. O vínculo a esta instituição “mãe” não só garantia a etiqueta de uma psicanálise verdadeira, como a hierarquia interna das Sociedades e a proteção de ameaças externas, seja de outras correntes psicanalíticas, como da própria conjuntura política e social do país. Não por acaso o Conselho Editorial publicava em destaque na seção noticiários da revista nº 2 de 1978 o 143º Boletim da IPA que trazia em meio a mensagem do presidente Serge Lebovici, o balanço do XXX Congresso Internacional, eleições da nova diretoria da IPA o conteúdo do chamado *Business Meeting* de 1975 em Londres, que não poderia chegar a um melhor momento às Sociedades ipeístas brasileiras ainda ressentidas pelo caso Amílcar Lobo:

Mensagem-saudação pelo presidente da A.P.I., em que se destacou uma declaração saudada calorosamente pelos presentes:
 “A A.P.I., deseja expressar sua oposição *contra* toda utilização de métodos psiquiátricos ou psicoterapêuticos que tendam a privar os indivíduos de seus direitos à liberdade, *contra* a aplicação de tratamentos psiquiátricos ou psicoterapêuticos baseados em considerações políticas; *contra* a interferência em assuntos de segredo profissional para fins políticos”. (RBP, 1978, p. 325)

Esta posição e determinação da IPA reforçava, na revista, a conclamada posição de neutralidade frente aos temas da realidade social e política, como justificativa para assegurar a cientificidade de seu saber. Escudados desta forma, os psicanalistas ipeístas acreditavam fazer uma psicanálise esvaziada da política e ideologia.

Entre 1971 a 1986 o crescimento e a concorrência na área das práticas psíquicas foi enorme no Brasil, este crescimento deve-se à fundação de novas vertentes e escolas, assim como a cisão das escolas existentes. Podemos citar aqueles mais próximos e concorrentes das Sociedades ipeístas, a formação de psicólogos, os lacanianos e os junguianos. Após a regulamentação e aberturas de cursos universitários, a profissão psicólogo crescia vertiginosamente. Uma série de eventos e instituições foi realizada entre psicólogos clínicos e psicanalistas com o intuito de fazer circular as ideias psicanalíticas, assegurando assim a sua prática clínica e seus fins profissionais (FIGUEIREDO, 1988, p. 130). Como exemplo, podemos citar no Rio de Janeiro o *Instituto de Orientação Psicológica (IOP)*, a *Sociedade de Psicologia Clínica (SPC)*, *Centro de Estudos de Antropologia Clínica (CESAC)* e a *Associação de Psiquiatria e Psicologia da Infância e da Adolescência (APPIA)*. Estes grupos atuavam como mediadores entre os prestigiados psicanalistas e os psicólogos clínicos, uma mediação que não era equivalente, pois os psicólogos estavam envolvidos com a psicanálise como clientes dos psicanalistas e sob supervisão destes, mas sem poder ser psicanalistas (FIGUEIREDO, 1988, p. 132).

Na segunda metade da década de 70 começaram a aparecer novas formas de associação entre psicólogos e diversos psicanalistas, mas com objetivo de promover a formação psicanalítica (FIGUEIREDO, 1988, p. 134). Entre 1977 a 1979 o *Núcleo de Estudos e Formação Freudiana (NEFF)* foi o precursor de dois grupos posteriores, o *Instituto Brasileiro de Psicanálise (IBRAPSI)* e o *Instituto Freudiano de Psicanálise (IFP)*. Somaram-se a estes dois o *Colégio Freudiano do Rio de Janeiro*, a *Terra-Clínica-Escola* e a *Letra Freudiana*, herdeiros do lacanismo que tinham um ponto em comum segundo Figueiredo (1988, p. 138): “legitimar profissionalmente o trabalho psicanalítico de seus membros, constituindo uma alternativa à formação psicanalítica controlada por entidades internacionais” como a IPA. Os lacanianos começavam a ganhar

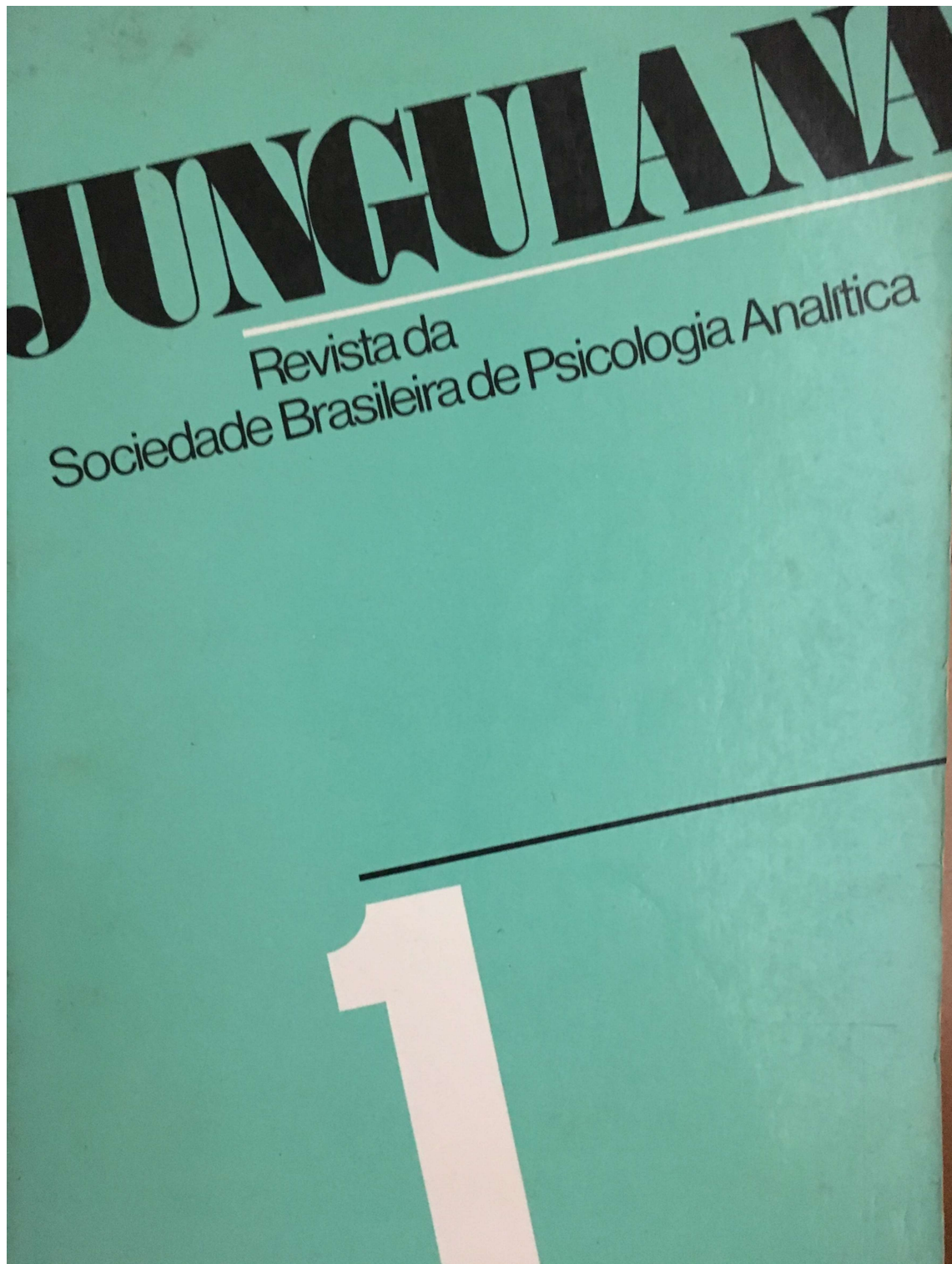
espaço, e em 1975, criou-se em São Paulo o Centro de Estudos Freudianos, de orientação lacaniana por Luiz Carlos Nogueira e Durval Checchinato.

As cisões logo apareceriam, em 1980, Oscar Cesarotto, funda a Clínica Freudiana depois de se separar da Escola Freudiana de São Paulo. Em 1981, o psicanalista francês Jacques-Alain Miller vem ao Brasil para tentar reunir os diversos representantes do movimento lacaniano (OLIVEIRA, 2005, p. 348). O lacanismo crescia no país durante a década de 80, fundação de novos grupos, cisões e cursos criavam um concorrente em potencial para os psicanalistas ipeístas. Em 1982, Jorges Forbes criou em São Paulo a *Biblioteca Freudiana Brasileira BFB*, em 1985 ofereceu curso fundamental da *BFB* e em 1986, fundou a Cooperativa Cultural Jaques Lacan.

A escola junguiana também conquistava o seu espaço. Em 1978, foi fundada a *Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica SBPA* em São Paulo, associada à *International Association for Analytical Psychology*. A psicanálise ligada ao grupo de Igor Caruso mantinha-se forte e concorrente dos psicanalistas ipeístas em Belo Horizonte e Porto Alegre.

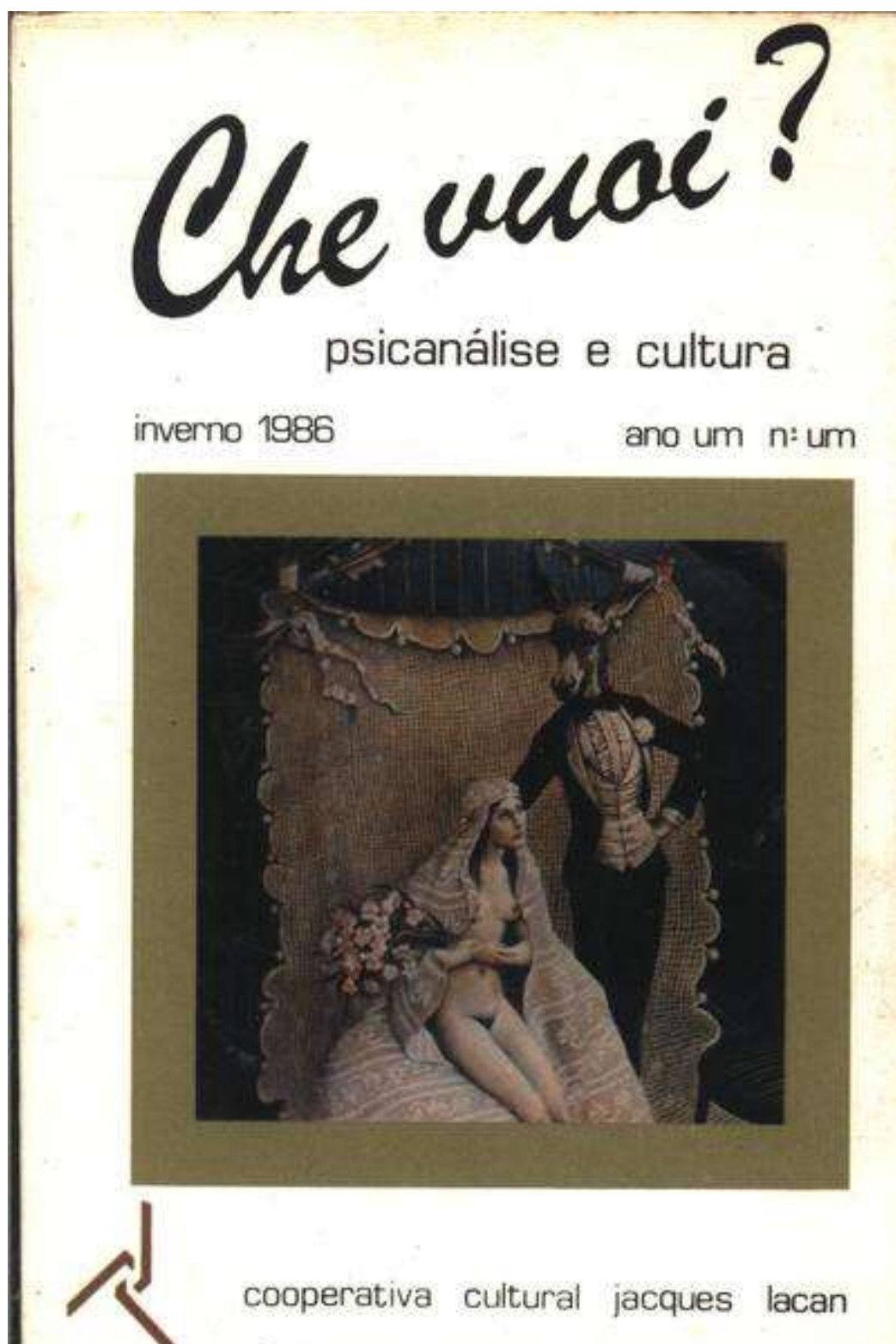
As publicações nas áreas psis também ganhavam um ritmo crescente, não só se intensificava as publicações na psiquiatria e psicologia, mas também entre as diversas correntes e escolas psicanalíticas. Assim como a *Associação Brasileira de Psicanálise*, a *Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica* e a *Cooperativa Cultural Jacques Lacan* fundaram, nos anos 1980, os difusores de seus trabalhos e teorias – a *Revista Junguiana* de 1983 e a lacaniana *Che Vuoi? Psicanálise e cultura* de 1986.

Figura 8 – Capa da revista Jinguiana de 1983



Fonte: Revista Jinguiana, v. 1, n.1, 1983

Figura 9 – Capa da revista Che Vuoi? Psicanálise e cultura de 1986



Fonte: Revista Che Vuoi? psicanálise e cultura, v.1, n.1, 1986

Mas, publicar uma revista específica para discutir cientificamente questões psicanalíticas não pode ser compreendido apenas como uma tentativa

de psicanalistas criarem um veículo que expressasse o pensamento da psicanálise legítima, esta criação resulta de uma trama muito maior entre os psicanalistas brasileiros e que merece ser investigada.

Para os psicanalistas ipeístas, a RBP foi o único periódico científico para a publicação de toda a sua experiência teórica e profissional. No capítulo seguinte analisaremos como foi o surgimento do periódico, seus fundadores, composição da revista, diretores e colaboradores. É uma empreitada longa, mas que se propõe ir às profundezas do que este periódico representa para o movimento psicanalítico brasileiro.

2 Revista Brasileira de Psicanálise: fundadores, dirigentes e colaboradores

Há quase quarenta anos, em junho de 1928, foi publicado em São Paulo o primeiro número da “Revista Brasileira de Psicanálise”, cuja finalidade era de ser o núcleo de difusão da ciência psicanalítica no Brasil. Circunstâncias diversas impediram o prosseguimento de sua publicação, que ficou restrita àquele primeiro número. Não obstante, coube à Revista um saliente papel na introdução do pensamento psicanalítico em nosso país e, entre os aspectos mais agradáveis de sua repercussão, está o de haver estimulado Freud, no propósito de sua leitura, a empreender o estudo da língua portuguesa. Ela representou, de qualquer forma, um esforço inicial, que ficou marcado como um desafio para o futuro, a ser finalmente reavivado em outros melhores dias.

Seu espírito ressurgiu agora, quando a Psicanálise atinge, entre nós, a plenitude de sua maturidade e está a exigir um órgão de expressão que venha canalizar a volumosa corrente de sua produção científica. De ousada e incompreendida rebelião cultural que era naquele tempo, a Psicanálise veio a ter, atualmente, sua consolidação como instrumento de trabalho, generalizando-se seu emprego não apenas no terreno clínico, mas ainda em múltiplos e variados campos da atividade humana.

É, pois, o momento de retomar o passo retido em época tão distante e inaugurar esta outra publicação que, inspirada no entusiasmo do passado, possa refletir a realidade do presente. Para isto, resolveu-se adotar o mesmo nome antigo, embora partindo de novo e revigorado começo. Ela espera congregar os psicanalistas de todo o país e contar com o apoio e a simpatia do meio cultural brasileiro. (MARCONDES, 1967, v.1, n. 1, p. 5)

A epígrafe acima trata do texto de “Apresentação” do primeiro volume da *Revista Brasileira de Psicanálise* (1967), escrito pelo médico e psicanalista Durval Marcondes. Ao mostrar que o objetivo do periódico era difundir a psicanálise como saber científico no Brasil, possibilita-nos um caminho para uma investigação colocando em reflexão o que os psicanalistas denominavam de saber científico. Demonstrando um grande entusiasmo com a fundação da revista, Durval Marcondes deu a palavra de ordem que a nortearia em sua edificação – o saber psicanalítico era uma ciência que chegava, naquele momento, plena e madura e, portanto, tornava-se necessário um veículo que conduzisse a volumosa produção científica dos psicanalistas brasileiros.

Neste capítulo, avaliaremos inicialmente a fundação da *Revista Brasileira de Psicanálise*, bem como seus fundadores. Em seguida, mostraremos como ocorreu sua composição, materialidade, divisão em seções de pré-textos, artigos e pós-textos e como se inseriu no cenário do impresso brasileiro dos anos 60,

70 e 80 do século XX, conforme propostas de Luca (1999; 2008). Também demonstraremos um quadro geral da origem e hierarquia dos colaboradores.

Condição essencial para o desenvolvimento da pesquisa foi considerar a temporalidade interna da revista, que pode ser apresentada em duas fases: a primeira, paulista, da fundação da revista até o ano de 1971, caracterizou-se por ser um periódico exclusivo da *Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)*, com um total de 04 volumes, com os três primeiros divididos em 04 números trimestrais e o quarto volume, em dois números semestrais. A segunda fase, nacional, de sua transferência (1971) para a direção da *Associação Brasileira de Psicanálise (ABP)* até 1986, ano que se comemoraram os 20 anos de existência. Nesta fase foram editados 16 volumes, sendo nos anos de 1972 e 1973 semestrais, e nos demais anos, cada volume foi dividido em quatro números, com periodicidade trimestral.

2.1 OS FUNDADORES E A FUNDAÇÃO DA REVISTA

Diferente dos periódicos que comumente foram fundados por um cidadão ou um grupo de interessados em colocar um produto cultural no mercado³⁸, a *Revista Brasileira de Psicanálise* foi fundada, em 1967, graças ao ideal de um pequeno grupo de psicanalistas paulistas com o objetivo de difundir o saber psicanalítico como um saber científico. Compunham este grupo: Durval Marcondes, Virgínia Leone Bicudo, David Ramos, Luís Prado Almeida Galvão, Lígia Amaral, Adelheid Koch, com a colaboração do psicanalista e jornalista José Nabantino Ramos e o jornalista Moacyr Costa Corrêa.

Após a fundação da revista, este grupo ampliou-se e constituiu o primeiro dirigente da revista. Mais que fundadores e dirigentes, foram importantes colaboradores na publicação de textos e artigos durante os 20 primeiros anos. Como os fundadores eram frequentemente homenageados em virtude de suas contribuições para o movimento psicanalítico, e continuam sendo reverenciados

³⁸ Na história da imprensa vários trabalhos destacaram os interesses dos proprietários de periódicos na fundação e edição destes, podemos citar, por exemplo: LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para (N)ação**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. Obra pioneira na pesquisa e referência na história da imprensa.

em suas Sociedade, faz-se necessária e pertinente a apresentação da pequena biografia, a seguir:

Durval Bellengarde Marcondes: médico de formação, graduado em 1925 pela nova Faculdade de Medicina de São Paulo, teve uma longa trajetória de vida e trabalho dedicados à psicanálise. Como discípulo de Franco da Rocha, Durval Marcondes mais adiante, passou pelas discussões psiquiátricas, sobretudo de higiene mental, até chegar à clínica psicanalítica (SAGAWA, 2002, p. 17). Ao lado de sua formação médica, interessava-se pela literatura e poesia, “em 1922 publicou seu primeiro poema na recém-fundada revista dos modernistas, a *Klaxon* (OLIVEIRA, 2005, p. 90).

Entusiasta pelo saber psicanalítico, Durval Marcondes uniu a psicanálise e literatura no seu primeiro texto apresentado para o concurso à cadeira de literatura na Escola Normal de São Paulo, no qual fora reprovado. “*O Symbolismo esthetico na literatura. Ensaio de uma orientação para a crítica literária, baseada nos conhecimentos fornecidos pela psycho-analyse*”, prefaciado por Franco da Rocha e enviado a Freud, recebeu deste um bilhete de agradecimento que deixaria Durval Marcondes mais entusiasmado a continuar investindo na psicanálise, tornando-se o fundador incontestável do movimento psicanalítico paulista (OLIVEIRA, 2005, p. 93).

Durante toda sua vida profissional, Durval Marcondes esteve à frente da fundação de diversas instituições, organizações e associações, e teve um considerável número de publicações em revistas científicas. No final dos anos 20 esteve na fundação da *Sociedade Brasileira de Psychanalyse*, do *Serviço de Higiene Mental Escolar*, da *Revista Brasileira de Psychanalyse*. Nos anos 30 participou da fundação da *Sociedade de Psychologia de São Paulo*, esteve presente como professor na *Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo* e na *Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo*. Nos anos 40 foi presidente do *Grupo Psicanalítico de São Paulo* e presidente da *Sociedade de Psicologia de São Paulo*. No início dos anos 50 viajou aos Estados Unidos, onde manteve contato com 18 instituições de saúde mental, incluindo algumas universidades (SAGAWA, 2002, p. 157), criou, com Aníbal da Silveira, o primeiro curso de especialização em psicologia clínica em 1954, foi presidente da *Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo*, participou do curso de

graduação de Psicologia da Universidade de São Paulo e foi um dos fundadores do COPAL.

Com esta vasta rede de relacionamentos e experiência adquirida entre os anos 20 e 50, Durval Marcondes conseguia notoriedade e reconhecimento não só no meio médico como nas mais altas instâncias do poder político. Em 1959, recebeu do Governo Federal o título de Membro da Ordem do Mérito Médico, Durval Marcondes tornava-se uma das figuras mais influentes e proeminentes dos meios psiquiátrico e psicanalista. Durante os anos 60, Durval Marcondes continuava suas publicações em revistas médicas e psiquiátricas. Com efeito, um dos mais influentes psicanalistas, quando exercia a presidência da *SBP-SP*, entre 1967 a 1968, foi escolhido para ser o primeiro Diretor presidente da *Revista Brasileira de Psicanálise*. Sua atuação não se restringiu apenas ao controle da revista em seus dois primeiros anos, mas fez dela a fonte da maioria de suas publicações, baseado em suas leituras das teses freudianas, da psiquiatria e psicanálise estadunidenses e influências das teses kleinianas. Publicou 8 artigos na fase paulista e 6 textos na fase nacional.

Ao lado de Durval Marcondes, **Virgínia Leone Bicudo** foi uma figura do alto comando da revista. Com o cargo de Diretora editorial, Virgínia L. Bicudo exerceu pesada influência nas publicações e na linha editorial da revista, garantindo à psicanálise kleino-bioniana posição hegemônica. Virgínia Leone Bicudo teve papel fundamental para a psicanálise no Brasil, fez parte da chamada primeira geração de integrantes pioneiros da instituição da psicanálise brasileira.

Originária de uma família de classe média de raízes humildes, era filha de Giovanna Bicudo, imigrante italiana e Theophilo Julio, filho de escrava alforriada e pai desconhecido (TEPERMAN; KNOPF, 2011, p. 66). Conviveu com os estigmas do preconceito advindos da origem negra do pai e de imigrante pobre da mãe, como também com o desejo de ascensão e conforto, características destes segmentos sociais em meados do século XX. Segundo Abrão (2014, p. 219), estudioso desta psicanalista, “ela foi fortemente investida por uma representação mítica em seu universo familiar, que identificavam nela grande potencial para ascensão social por intermédio de sua capacidade intelectual”. (ABRÃO, 2014, p. 219).

Virginia teve uma formação acadêmica iniciada na Escola Normal Caetano de Campos, em São Paulo, o que permitiu sua atuação como professora primária nos anos 1930. Nesta mesma década, especializou-se como educadora sanitária pelo Instituto de Higiene de São Paulo em 1932, em cujo percurso interessou-se pela sociologia, inscrevendo-se na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.

Foi na disciplina de psicologia social, dada por Noemy da Silveira Rudolfer, durante o primeiro ano de faculdade, que pela primeira vez ela ouviu falar de Freud e da psicanálise, e compreendeu, como ela mesma explica, que a “a perturbação psíquica vem também do interior”. Impressionada com esta descoberta e desejando conhecer melhor a psicanálise, um ano mais tarde ela procurou Durval Marcondes, que a colocou em contato com Adelheid Koch. (OLIVEIRA, 2005, p.207-208)

Em 1938 estava diplomada como socióloga, justamente num momento em que o papel da mulher na sociedade brasileira começava a ser questionado e a psicanálise veio a esse encontro contribuindo para que algumas mulheres encontrassem seu papel profissional como psicanalistas. “Neste contexto, Virgínia Bicudo soube aproveitar o momento histórico em que estava inserida, e adotar uma postura de vanguarda em relação a seus contemporâneos” (ABRÃO, 2014, p. 221).

O seu percurso psicanalítico seria fortalecido com a análise pessoal que fazia com a psicanalista judia-alemã, Adelheid Koch, pioneira ao lado do médico Durval Marcondes na fundação da psicanálise em São Paulo. Da análise pessoal passava à sua formação em psicanálise na década de 1940. Em 1938, ela começava a atuar como educadora sanitária, promovendo a prevenção em saúde mental, ao lado de Durval Marcondes no Instituto de Higiene de São Paulo, na Clínica de Orientação Infantil da Seção de Higiene Mental Escolar.

Em 1941, ela integraria o corpo docente da Escola Livre de Sociologia e Política. No campo da sociologia, foi pioneira em tratar os estudos das relações raciais em sua dissertação de mestrado “Estudo de atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo”. Para Abrão (2014), foi também uma forma dela elaborar o preconceito racial, questão incômoda, e recorrente e parte de sua vida.

Assim, tanto pela análise com Adelheid Koch, quanto pela redação do mestrado, uma etapa era vencida e uma nova vida se abria para Bicudo, esta jovem de origem mestiça e originária

de um meio social mais modesto, que chegou em análise convencida de que o seu sofrimento era devido à sua origem social. (OLIVEIRA, 2005, p.208)

Nos anos 1950, com prestígio e influência, exerceu várias atividades na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, tornando-se uma propagandista da psicanálise. Atuou num programa da Rádio Excelsior, publicou artigos no jornal Folha da Manhã e lançou o seu livro *Nosso Mundo Mental*. Atividades apoiadas e patrocinadas por José Nabantino Ramos, proprietário da Folha da Manhã, demonstravam que Virgínia L. Bicudo, nesta época, já circulava e se relacionava com a elite paulista.

Mas, em 1955, mesmo já promovida analista didata, o mais alto grau da formação de psicanalista, Virgínia sofreria um revés em sua carreira, quando fora acusada de charlatanismo por não ser médica no *I Congresso Latino-americano de Saúde Mental*. Este episódio acabou a levando à sua experiência em Londres, onde fez análise com Frank Philips, teve contatos com Melaine Klein e viu emergir o pensamento de Wilfred Bion.

Retornando em 1959, a “tímida e “silenciosa” Virgínia Bicudo era, agora, resplandecente. Trazia na bagagem o modelo londrino, na vertente Klein-Bion e desbancava Adelheid Koch, para se tornar a chefe do Instituto de Psicanálise. Uma tensão se instalou entre as duas mulheres. Até 1974, Bicudo dirigiu o Instituto com mão de ferro. Depois foi exportar a psicanálise para outras regiões do país, principalmente Brasília, onde formou o primeiro studygroup. (OLIVEIRA, 2005, p.209)

Durante os anos de 1960, Virgínia Leone Bicudo reconhecidíssima como uma das psicanalistas mais proeminentes do país, buscava fundar com Durval Marcondes e outros psicanalistas paulista a *Revista Brasileira de Psicanálise*. Nos quatro primeiros anos da Revista, ela teve um lugar destacável na publicação de textos, pois num total de 66 textos e artigos, 12 foram de sua autoria. Todos os temas abordados em relação à arte, teoria psicanalítica, sociedade e profissão psicanalista estavam vinculados à sua missão como uma das fundadoras da revista e em consolidá-la como periódico científico e único veículo da psicanálise brasileira.

Virgínia Leone Bicudo, nos anos 1960, já possuía uma longa experiência em clínica e teoria psicanalíticas, o que lhe permitiu ser uma das diretoras e membro do Conselho Editorial da Revista. Entre o apoio ao Regime político e a

crítica à sociedade repressiva da época, os seus textos tornaram-se referência para os colaboradores e leitores da Revista Brasileira de Psicanálise. Além de uma vida marcada pelo pioneirismo, foi também a única mulher entre os diretores editoriais na fundação da revista.

David Ramos e Luiz de Almeida Prado Galvão, médicos psiquiatras, integravam o grupo mandatário do movimento psicanalítico e fundadores da revista, o primeiro era membro efetivo da Sociedade e o segundo, analista didata. David Ramos e Prado Galvão idealizaram a revista nos anos 50 como posteriormente será abordado. Estes psicanalistas não só estiveram na direção da revista, como foram importantes colaboradores e seus artigos, assim como de Durval Marcondes e Virgínia Leone Bicudo, foram referências para os psicanalistas leitores da revista. David Ramos fora o 2º Diretor Superintendente e produziu na revista um total de 5 artigos, Prado Galvão, diretor editorial, produziu ao longo dos 20 da revista um total de 8 artigos que tratavam de temas sobre teoria e práticas psicanalistas e ciência, profissão e história. Seus artigos revelaram sua orientação teórica oriunda da psiquiatria e da psicanálise kleiniana.

Lygia Alcântara do Amaral, assim como Virgínia L. Bicudo, não era médica. Chegou à psicanálise por meio da Clínica de Orientação Infantil. Em 1929 foi nomeada para reger a 2ª Escola Feminina Urbana de Presidente Prudente, em 1932 tornou-se educadora sanitária e em 1939, visitadora psiquiátrica na Seção de Higiene Mental com Durval Marcondes. Para Oliveira (2005), Lygia Alcântara do Amaral teve um percurso respeitável na psicanálise. Analisou-se com Adelheid Koch, Frank Philips e Bion, fez supervisão com estes, incluiu em seu currículo importantes psicanalistas ingleses, como Élisabeth Joseph, Hanna Segal, Hans Torner e se aproximou de Eva Rosenfeld, Isabel Mensies e Frances Tustin. Interessava pelas teorias de W. Bion e também esteve à frente de importantes postos de comando da psicanálise em São Paulo.

Membro associado em 1949, e membro efetivo em 1951, tornou-se didata em 1959, ocupando desde então diversos postos de direção, ao mesmo tempo na SBP paulista e no Instituto de Psicanálise. Nos anos 1980, abandonou sua atividade de didata, em meio a uma profunda crise institucional, conservando no entanto um grupo de estudos sobre os trabalhos de Bion. (OLIVEIRA, 2005, p. 220)

Com este currículo e participação na Sociedade paulista, Lygia Alcântara do Amaral não poderia ficar de fora do Conselho Editorial da revista apesar de ter publicado apenas um texto, mas foi um baluarte das teses bionianas no meio psicanalítico paulista. Chama-nos a atenção a participação de **Adelheid Koch** no Conselho Editorial da revista. Nesta época, a primeira dama da psicanálise em São Paulo, sem dúvida, era Virgínia L. Bicudo, convicta kleiniana e bioniana, que desbancara Adelheid Koch logo quando chegara de Londres. Mas os dirigentes da revista não poderiam prescindir de nomes fundadores da psicanálise em São Paulo, como Durval Marcondes e Adelheid Koch. A presença do nome dela na revista permitiu duas condições, o reconhecimento e o brilho de expor o nome da primeira psicanalista da América Latina em suas primeiras páginas.

Adelheid Koch, judia-alemã, chegou ao Brasil em 1936 com seu esposo Ernest Koch e suas duas filhas Esther e Eleonora. Nascida em Berlim em 1896, seu pai, Julius Shawlbe era médico e sua mãe Agnès, dona de casa. Adelheid e Ernest formavam um casal culto, apaixonados pela música clássica, literatura e artes plásticas (OLIVEIRA, 2005, p. 193). Em 1924 formou-se médica e em 1929 começou sua formação de analista no *Berliner Psychoanalytische Institut (BIP)* da *Deutsche Psychoanalytische Gesellschaft (DPG)*, foi analisada por Otto Fenichel, supervisionada por Salomea Kempner e sua formação atravessada pelos acontecimentos que culminaram no nazismo (OLIVEIRA, 2005, p. 194).

Com a chegada dos nazistas ao poder em 1933 na Alemanha, começou a arianização das instituições médicas. A psicanálise logo foi classificada como ciência judaica e as obras de Freud proibidas. Ernest Jones, até então presidente da *IPA* decidiu pela polêmica política de “salvaguarda da psicanálise”, ou seja, aceitar as mudanças impostas pelo Estado nazista. Durante o ano de 1936, o *BIP* e a *DPG* foram encampados pelo Instituto Göering. Neste contexto, muitos psicanalistas judeus já tinham deixado a Alemanha. A vinda de Adelheid Koch ao Brasil fora mediada por Ernest Jones, em 1936 diante o recrudescimento nazista, a decisão por sair da Alemanha foi rapidamente tomada e com sua família deixava Berlim. Acolhida pela comunidade judaica em São Paulo, a família Koch teve muitas dificuldades de adaptação. Feita a adaptação e aprendido o português, Adelheid Koch buscou contatos com Durval Marcondes

em 1937, que prontamente a inseriu nos meios profissionais locais.

Imediatamente Marcondes fez o que pôde, sem medir esforços. Ele a introduziu nos meios profissionais locais, publicou seus artigos, tentou de todas as formas convencer os médicos cépticos a aceitar não apenas a nova disciplina, mas também uma mulher, ainda por cima estrangeira, em um mundo médico masculino, e, pior ainda uma didata. Ele a introduziu ainda na Associação Paulista de Medicina (APM), no Serviço de Higiene Mental, integrou-a como professora assistente da Escola de Sociologia e Política, e, sobretudo, apresentou-lhe seus primeiros analisandos, o que permitiu a Koch rapidamente poder ganhar sua vida exclusivamente da psicanálise. A psicanálise não enriqueceu a família Koch, mas lhes permitiu um nível de vida bastante confortável. (OLIVEIRA, 2005, p. 195-196)

Adelheid Koch foi a responsável ao lado de Durval Marcondes pela formação da primeira geração de psicanalistas em São Paulo. Passaram pela análise de Koch o próprio Durval, Virgínia L. Bicudo, Darcy M. Uchôa, Flávio Dias, Frank Philips, José Nabantino Ramos, Henrique Mendes, Lygia Alcântara Amaral, Isaías Hessel Melsohn, Mário Yahan, Margareth Jones Gill. Pertencentes à elite e classe média em ascensão, estes psicanalistas mantiveram uma coesão sem muitas divergências internas, entre os quais vigorava, nos anos 50, segundo Oliveira (2005), um espírito de grande família.

O pioneiro Marcondes reunia os candidatos e ocupava um lugar de conquistador de espaços de prática e de difusor da psicanálise, ao passo que Adelheid Koch conduzia, como podia, os tratamentos e a formação teórica. Pela sua falta de experiência e carisma, Koch, longe de reproduzir a relação mestre/discípulo das primeiras gerações, busca transmitir o ensino freudiano clássico, ao mesmo tempo em que procurava se adaptar às normas da IPA. (OLIVEIRA, 2005, p. 224)

Na revista, ela colaborou em coautoria com um artigo apenas em 1968 sobre doenças psicossomáticas que fora na verdade um trabalho apresentado na II Jornada Brasileira de Psicanálise.

José Nabantino Ramos pode ser considerado, certamente, o mentor da revista pela sua experiência empresarial, jornalística e bacharelado em direito. Empresário paulista e encantado com a psicanálise, era um jornalista experiente e influente na imprensa brasileira. Entre 1943 a 1962 foi diretor responsável e um dos proprietários do conglomerado jornalístico *Folha da Manhã*, em janeiro de 1960 os três jornais desse grupo foram unificados num único título, a *Folha de S. Paulo*. Conhecido pelas suas posições públicas de direita, autoritário e

conservador – em particular pelo seu apoio ao golpe de Estado de 1964 OLIVEIRA, 2005, p. 216) esteve circulando nas esferas de poder. Também tramitava na área do Direito e fez algumas publicações sobre esta área e economia.

Nas páginas de *Folha de S. Paulo*, José Nabantino Ramos é lembrado como um dos modernizadores da imprensa brasileira. Para este periódico, José Nabantino Ramos foi um dos primeiros a propor um plano de metas e normas internas próprias a um manual de redação, ele foi o responsável pela construção da sede e ter lançado as bases e estruturas de circulação deste grande impresso brasileiro (NATALI, 2009, p.4). Foi, portanto, um ícone para este jornal.

Em 2009, na homenagem que a *Folha de S. Paulo* fez por ocasião dos 30 anos de morte de Nabantino, ficou evidente a posição deste jornal em demonstrar uma imagem positiva e exemplar de um de seus fundadores, isentando-o de seus vínculos com o Golpe Militar. O tributo prestado pelo jornal era de um homem de vitalidade e empreendedor, mas, sobretudo, preocupado com o seu país.

Era um intelectual de posições liberais. Como diretor de jornal, apoiou a construção de Brasília e a política desenvolvimentista dos governos dos anos 50. Defendeu maior participação institucional da classe média e fez campanha pela adoção da cédula única, um obstáculo à manipulação do voto popular. Sob sua direção, a **Folha** também se empenhou na expansão do ensino e da pesquisa científica. Nabantino nasceu em Queluz (SP). Estudou em Bauru e São Paulo e se formou em 1934 pela Faculdade de direito, em seguida incorporada à USP. Fez parte do grupo que em 1945 comprou as “Folhas”, como eram chamados os três jornais, de Octaviano Alves de Lima, que na história do jornal foi o seu segundo proprietário. (NATALI, 2009, p.4)

A construção de uma imagem de competente e investidor fora feita já na época da fundação da revista pelos seus amigos do meio psicanalítico. No quarto número da Revista de 1967, Virgínia Leone Bicudo fez uma saudação a José Nabantino Ramos pelo seus esforços e dedicação à psicanálise brasileira. Considerado um entusiasta e condescendente com o movimento psicanalítico, homem influente nas esferas do poder, Nabantino foi homenageado num jantar no dia 16 de dezembro de 1967, nos salões de Automóvel Clube de São Paulo, oferecido pela *Sociedade Brasileira de Psicanálise* de São Paulo.

Por ventura nossa, Nabantino Ramos, desde muito jovem se interessou pela psicanálise e não mediu sacrifícios para usufruir o

núcleo incipiente, que nascia em São Paulo, constituído pelo prof. dr. Durval Marcondes e pela Dra. Adelheid Koch. Tendo sido analisado e sentido benefícios pessoais, foi sempre sua preocupação estendê-los a outros, no âmbito de sua família e de seus amigos. O interesse em divulgar a psicanálise, aliado às suas possibilidades como diretor de um jornal que ele soube engrandecer, tornou possível entre nós a divulgação de conhecimentos de psicanálise pela imprensa. Eu mesma tive, durante meses seguidos, meia página do seu jornal para a publicação de artigos com ensinamentos psicanalíticos. “Aparência e Realidade” foi como Nabantino Ramos denominou os artigos que elaborava e divulgava semanalmente, aplicando a acontecimentos cotidianos interpretações de base psicanalítica. Suficientemente livre da resistência que se manifesta em oposições à psicanálise no campo da educação, da sociologia, da arte, da economia e, como jurista, no do direito. (BICUDO, 1967, p. 563-564)

José Nabantino Ramos tinha um braço direito nos negócios, o jornalista **Moacyr Costa Corrêa**, praticamente um secretário de Nabantino Ramos. Moacyr C. Corrêa tornou-se o Diretor Secretário da revista desde a sua fundação até o final dos anos 80. Os fundadores da revista nunca deixaram de tecer elogios a José Nabantino Ramos e ao Moacyr Costa Corrêa. David Ramos, durante as comemorações dos dez anos da revista demonstrava a importância que dava aos dois:

José Nabantino Ramos já demonstrara anteriormente toda sua capacidade de homem de empresa desde o momento em que nos decidimos publicar a Revista. Moacyr Costa Corrêa viria daí para frente mostrar a importância que sua experiência jornalística teria para que nossa ambição se concretizasse. (RAMOS, 1976, p. 20)

Tratado sempre como doutor, José Nabantino Ramos foi constantemente cortejado pelo grupo dirigente da revista, Antonio Luiz Serpa Pessanha que foi Diretor-Superintendente de 1969 a 1973 reafirmava esse comportamento de valorização ao Diretor Secretário pela sua capacidade de resolução de problemas:

Outro obstáculo que encontramos, reflexo da difícil situação livreira em nosso país, foram três mudanças de impressoras, já que as duas primeiras entraram em concordata. Para a solução deste problema, contamos sempre com a enorme experiência de nosso Diretor-Secretário, Moacyr Costa Corrêa, que cuidava dos contatos e do estudo dos orçamentos. Contávamos também com inúmeros amigos que nos davam alguma assistência contábil e jurídica na impossibilidade contratar profissionais para esse fim. (PESSANHA, 1976, p. 29)

Esta forma de exaltação e veneração será tratada mais especificamente no último item do capítulo 4, o culto a imagem de um pioneiro fora prática comum

entre os psicanalistas. Todos os seus fundadores foram exaltados e elogiados durante os 20 anos da revista, pois deles partira o interesse pela fundação de meio que fosse o difusor do saber psicanalítico.

A discussão para fundar um periódico que fosse o veículo oficial da psicanálise no Brasil e expressasse a produção e experiências dos psicanalistas brasileiros já havia sido feita na década de 50 entre os psicanalistas paulistas. No volume X, nº 1 da *Revista Brasileira de Psicanálise* de 1976, Luiz de Almeida Prado Galvão e David Ramos comentavam que haviam idealizado a possibilidade de criar uma revista que expressasse a psicanálise paulista em 1950, mas como o movimento psicanalítico brasileiro ainda era pequeno, alegavam que o sonho deveria ser prorrogado para épocas mais promissoras.

A necessidade da fundação de uma revista científica nasceu em 1966, bem como de se criar um lugar, uma sede em que grupo fundador pudesse apresentar as discussões que faziam às quartas-feiras. O local deveria proporcionar reconhecimento aos psicanalistas. Prado Galvão sugeriu adquirir a sede na rua Itacolomi, local que por abrigar consultórios médicos, despertaria o interesse também por consultórios dos psicanalistas paulistas. A sugestão de Prado Galvão não era descompromissada, local frequentado pela sociedade paulistana e reduto de médicos, seria o lugar ideal para elite psicanalista, mas para tal feito deveria ter a anuência dos condôminos deste prédio. O que seria facilitado pela sua proximidade com o influente professor e médico Antônio Barros de Ulhôa Cintra³⁹ que intercederia a favor da criação da sede neste local. No texto, Prado Galvão deixava evidente o nome dos psicanalistas interessados no local:

Vários colegas nossos interessaram-se também em adquirir consultórios próprios no prédio da rua Itacolomi, como eu mesmo, o Prof. Schlomann, meu analista de então, a Dra. Koch, Virgínia Bicudo, Lygia Amaral, Judith Andreucci, minha colega de formação, Breno Ribeiro, entre outros. (GALVÃO, 1976, p. 8)

³⁹O Professor Ulhôa Cintra era de família tradicional de São Paulo onde nasceu a 13 de setembro de 1907, foi reitor da USP entre 1960 a 1963, secretário da educação de São Paulo em 1960 durante o governo de Abreu Sodré, participou da criação da FAPESP em 1960 e foi um de seus presidentes de conselho até 1973. MEDEIROS-NETO, Geraldo. Ulhoa Cintra, Um Pioneiro da Moderna Endocrinologia. In. Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia. Vol. 43. Nº 2. São Paulo. 1999. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-27301999000200012<Acesso em 17/06/2017>

Fechado o negócio, a comissão de sede fora composta pelo próprio Prado Galvão, Eduardo Etzel e Nabantino Ramos, cuja inauguração deu-se em duas sessões solenes: a primeira, a comprovar a relação estreita entre os psicanalistas e os médicos, na Associação Paulista de Medicina e uma posterior, na sede nova.

Instalada a Sede dos psicanalistas, chegava a hora de se dar mais um passo para a psicanálise brasileira: divulgação das ideias. Luiz de Almeida Prado Galvão e David Ramos viam a viabilidade de terem uma revista para esse fim. Com isso, em meados de 1966, num jantar na casa de Virginia Bicudo, ela mostrou ao pequeno grupo um trabalho mimeografado de seus alunos, que acabou se tornando o início do que viria ser o *Jornal de Psicanálise* controlado por ela. Prado Galvão propôs fazer algo parecido para os psicanalistas, uma revista que expressasse as práticas e experiências destes.

Decididos a criar a revista, Prado Galvão e David Ramos, com apoio de Virgínia Bicudo e Lygia Amaral, buscaram orientações para fundar a Revista. O apoio para esta decisão viria de José Nabantino Ramos, de quem a primeira orientação dada ao grupo foi quanto ao cuidado com os recursos financeiros dos quais necessitariam para a fundação da Revista. Ciente das dificuldades de adquirir fundos para constituir uma editora para a Revista, sugeriu a formação de uma Sociedade Anônima com venda de ações aos seus membros, candidatos e simpatizantes.

A sugestão vinha acompanhada da recomendação para levantar verba a garantir a publicação da revista por dois anos. Em seguida, Nabantino orientava quanto à divulgação, apresentação, capas etc. (GALVÃO, 1976, p. 9). A ideia foi acatada e logo a sociedade estava composta por 75 acionistas. O sonho tornou-se realidade, no primeiro trimestre de 1967, a Revista foi publicada e durante os dois primeiros anos atingiu a tiragem de 1500 exemplares em média.

A partir de 1970 a revista passou a acolher mais intensamente psicanalistas das Sociedades do Rio de Janeiro, Porto Alegre e de outros países. Em pouco tempo a revista mostrava seu potencial para ser o veículo nacional dos psicanalistas brasileiros. O discurso de ciência se fortalecia no país e as publicações na área também aumentavam, a *Revista Brasileira de Psicanálise* sofreu com a escassez de publicações originais, mas foi o canal da publicação dos trabalhos apresentados em Sociedades e Eventos psicanalíticos. Enfrentou

uma concorrente em potencial, a *Revista Brasileira de Psiquiatria*, pois muitos psicanalistas também ficaram envolvidos na produção de textos para esta revista, como Durval Marcondes e Darcy Uchôa.

As revistas científicas conquistavam cada vez mais os profissionais das áreas psis e elas foram se expandindo neste período. Uma área do saber, para se consagrar como científica, não poderia prescindir de um periódico que expressasse sua produção. A psicanálise no Brasil desenvolveu uma plêiade de publicações que tendiam à especialização ao lado da *Revista Brasileira de Psicanálise* nas décadas de 70, 80 e 90 do século XX.

No início dos anos 1970, ao mesmo tempo em que a revista apresentava uma situação financeira precária, evidenciava-se o seu potencial de ser o veículo nacional da produção dos psicanalistas brasileiros. Em 1971 a revista era transferida para a *Associação Brasileira de Psicanálise* e com grande entusiasmo o presidente da SBP, Laertes Moura Ferrão, escrevia no Editorial do nº 1 deste volume:

É um dia de grande satisfação para todos os membros e para a Diretoria da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo que não pouparam esforços para que isso acontecesse. Certamente a Revista atingirá o nível científico desejado e desempenhará o seu verdadeiro papel no movimento psicanalítico brasileiro realizando assim o sonho de seus criadores. A entrega da Revista é feita com tranquilidade, passa para mãos seguras, operosas e responsáveis que recebem este legado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e seguramente saberão preservá-lo e desenvolvê-lo. (FERRÃO, 1971, p. 6)

Diante dos malabarismos financeiros para manter a existência da *Revista Brasileira de Psicanálise*, a defesa de transferi-la para a *Associação Brasileira de Psicanálise* tornou-se uma realidade. No início de 1971, a Revista já estava sob nova direção, que pretendia torná-la representante nacional desse saber científico brasileiro.

Vista como um arauto do programa da psicanálise ipeísta no Brasil, esta seria uma aquisição a fortalecer as ações da *Associação Brasileira de Psicanálise* sobre as Sociedades filiadas. O ímpeto de defesa em possuir um veículo oficial da Psicanálise brasileira era mais forte que qualquer obstáculo que pudesse obstruir a posse da ABP pela Revista. Luiz Guimarães Dahlheim escrevia no Editorial do nº 1 do volume 5, de 1971:

O prazer de este fato estar acontecendo na minha gestão me deixa especialmente gratificado. Falar da qualidade de nossa Revista não é necessário; basta folhear qualquer de seus números, sempre feitos com o mesmo carinho, esmero e cuidado pela equipe muito bem capitaneada pelo nosso prezado colega Luiz de Almeida Prado Galvão. O que pretendemos é continuar com a mesma honestidade e fazer da nossa Revista também um órgão informativo que estabeleça sólido elo de permanente comunicação entre as Sociedades componentes da A.B.P. Cada Sociedade terá dois representantes e um redator integrando a equipe da Revista. Esperamos poder cumprir assim um programa de divulgação sadia na síntese da Psicanálise dentro das normas da Associação Psicanalítica Internacional, à qual as nossas Sociedades estão filiadas. (DAHLHEIM, 1971, p. 7)

O psicanalista da SBPRJ, Mário Pacheco de Almeida Prado, havia feito esta defesa em 1970, durante o I Congresso Brasileiro de Psicanálise em Caxias, não só como órgão oficial da ABP na divulgação de fatos ocorridos no movimento psicanalítico, como também dos trabalhos produzidos pelos psicanalistas brasileiros.

Chegava de fato a hora de elevar a revista a um veículo oficial e nacional da psicanálise brasileira. Mário Pacheco de Almeida Prado expôs claramente que o apoio e a concretização de tornar a revista num veículo nacional de divulgação dos trabalhos científicos produzidos pelas quatro Sociedades Psicanalíticas foi mérito da SBPRJ e da diretoria da qual fazia parte como tesoureiro, juntamente com Dr. João Côrtes de Barros (presidente) e Dr. Luiz Werneck (secretário).

O primeiro passo seria a regularização da documentação, da propriedade e das finanças que se mantinham pendentes e obstáculos para a existência da revista. Para ele, valia lembrar que a revista havia sido doada parcialmente e em condições jurídicas precárias à ABP pela SBPSP.

De Sociedade Anônima não liquidada, com débitos enormes, com doação precária à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, feita mais na base da amizade, da confiança e do amor comum à Psicanálise, pudemos, através do Dr. Cecil, e da intervenção sem par do Dr. David Ramos, transformar a doação irregular numa doação de fato e de direito à Sociedade de São Paulo; e depois, por iniciativa e apoio do então Presidente da Sociedade de São Paulo, Dr. Laertes Moura Ferrão, transformar a doação desta para A.B.P. numa doação também de fato e de direito. (PRADO, 1976, p. 16)

Mário Pacheco de Almeida Prado reconhece e homenageia os fundadores da revista, como Durval B. Marcondes e José Nabantino Ramos, valoriza a capacidade de resolver as pendências desta durante a gestão de Cecil José Rezze, superintendente, mas o soerguimento, desenvolvimento e fortalecimento

da única revista de psicanálise em língua portuguesa até então havia sido mérito da ABP.

Além da cooperação efetiva, emocional, e econômica de todos os antigos proprietários da Revista, a A.B.P. enfrentou todas as despesas necessárias para regularizar tudo, até que, ao final do nosso mandato na Diretoria da A.B.P., pudéssemos, com certo orgulho e satisfação, informar todos os demais Delegados das 4 Sociedades Componentes que a Revista era, de fato e juridicamente, o Departamento de Informação da A.B.P. e o órgão divulgador dos trabalhos psicanalíticos brasileiros, com suas edições normalizadas no tempo e sem qualquer débito pendente. (PRADO, 1976, p. 16-17)

A *Associação Brasileira de Psicanálise*⁴⁰ e a Revistas foram fundadas exatamente no mesmo ano, 1967. Um dos dispositivos da ipeização da psicanálise no Brasil, a ABP, já demonstrava em 1970 o interesse por um periódico científico como forma de manter e assegurar a uniformização das práticas e produções psicanalíticas. A situação financeira desfavorável da SBPSP coadunava-se ao projeto da ABP em adquirir a revista.

No primeiro trimestre de 1971 a revista já estava sob propriedade da ABP e permanece até os dias atuais. Quando a ABP assumiu a revista houve considerável reformulação no quadro de seus dirigentes. A antiga diretoria fora substituída, mas as decisões editoriais continuariam divididas em Direção e Conselho Editorial. Antes de demonstrarmos o quadro dos dirigentes da revista no item 2.3, apresentaremos a materialidade da revista e a sua composição no item seguinte.

2.2 A COMPOSIÇÃO DA REVISTA: PRÉ-TEXTOS, ARTIGOS E PÓS-TEXTOS

Após entendermos a fundação da *Revista Brasileira de Psicanálise*, torna-se necessário demonstrar como foi a sua composição e a constituição das seções, cuja apresentação era dividida em três partes: pré-textos, o conjunto central de textos e os pós-textos. Na seção pré-textos demonstraremos como eram edificadas as capas, as imagens, os textos de apresentação, editoriais e notas editoriais. No conjunto central de textos e artigos, discutiremos as fontes

⁴⁰ No ano de 2008 o nome da ABP foi alterado para Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI) com a finalidade de ressaltar o caráter federativo da instituição e sua amplitude nacional. O Estatuto da FEBRAPSI foi reformulado e aprovado pela Assembleia de Delegados (29/03/2008). <http://febrapsi.org.br/quem-somos/historico/> . <Acesso em 15/05/2016>.

que os originaram, a disposição dos textos e os temas debatidos. Nos pós-textos apontaremos as sugestões de leitura, noticiários, homenagens e obituários.

Antes de avaliar os componentes de cada seção, é importante destacar também que a revista, nos seus 74 volumes, apresentou as mesmas dimensões (14X21) e manteve uma média de 140 páginas por número, o que levava cada volume a ter em média 550 páginas; porém havia exceções quando algum problema de ordem econômica atingia a editora da revista. A exemplo, a crise do petróleo que afetou gravemente a economia brasileira em 1973, levando a assinatura desta de Cr\$ 40,00 em 1971, a Cr\$ 2.100,00 em 1975, com redução de número de páginas para 365.

2.2.1 PRÉ-TEXTOS

As primeiras páginas que compunham os pré-textos apresentaram poucas mudanças durante os 20 anos pesquisados. Algumas informações relevantes para os responsáveis da revista foram mantidas durante todo este tempo, como por exemplo, as informações dos membros da diretoria e do conselho editorial, por outro lado, informações como sugestões de leituras inicialmente apresentadas nos pré-textos foram transferidas para os pós-textos como as homenagens, por exemplo.

A capa da revista apresentou algumas variações significativas ao longo do tempo. Entre os anos de 1967 a 1969 foram contempladas imagens representativas dos fundadores da psicanálise a começar pela carta de Freud a Durval Marcondes, seguida da imagem do fundador da psicanálise Sigmund Freud, Karl Abraham, Ernest Jones, Melanie Klein, Franz Alexander, Sándor Ferenczi, Max Eitingon e Hanns Sachs, que contribuía para a confiabilidade do novo periódico e sinalizavam a via e o campo teórico-metodológico assumido pelos psicanalistas brasileiros neste período. O estudo mais detalhado sobre as imagens das capas será discutido no capítulo 4 desta pesquisa.

Passados os três primeiros anos, o conselho editorial atualizava a capa da revista, em cuja parte superior mantiveram a esfinge grega com a identificação do volume, número e ano desta, ladeados pelo título, destacando o termo psicanálise. As imagens dos fundadores foram substituídas, a partir de 1970, pelos nomes dos colaboradores e o título de seus textos. Chegava,

portanto, a hora de colocar em evidência e na vitrine da revista a produção dos psicanalistas brasileiros.

Figura 10 – Imagem da Capa da *Revista Brasileira de Psicanálise* de 1970.

Colaboradores	
Mário Pacheco de Almeida Prado	Identificação Projetiva como Elemento Básico da Percepção Algumas Considerações Sobre Aspectos Técnicos do Tratamento Psicanalítico da Depressão
Guillermo Arcila Arango	La Transferencia Contrasexual y la Técnica Psicoanalítica
Américo Rufino/ Virginia Leone Bicudo	Estados de Depressão - Um Esquema Referencial Teórico e Técnico
Frank Philips	O Problema da Observação da Realidade de Depressão
Milton Zaidan	A Simbolização Vista Através da Análise de uma Criança
David Zimmermann	Contribuição ao Estudo da Técnica da Interpretação em Psicoterapia Analítica de Grupo
Eduardo Kalina	Estudio Psicoanalítico del Cuento "La Bella Durmiente Del Bosque" Aspectos Regresivos y Progresivos del Proceso Puberal
Transcrição Virginia Leone Bicudo	Sobre a Função de Psicanalista

Fonte: RBP, 1970, Vol. IV, nº 1, Capa.

A enumeração dos nomes dos psicanalistas brasileiros e de seus textos na capa da revista durou até 1982, quando foi substituída por uma capa mais sóbria, de tom azul acinzentado com perspectiva e profundidade. A esfinge foi situada no centro deste horizonte aprofundado pelas cores e formas geométricas de quadrados, com o título da revista e sua identificação logo abaixo, num fundo azul escuro.

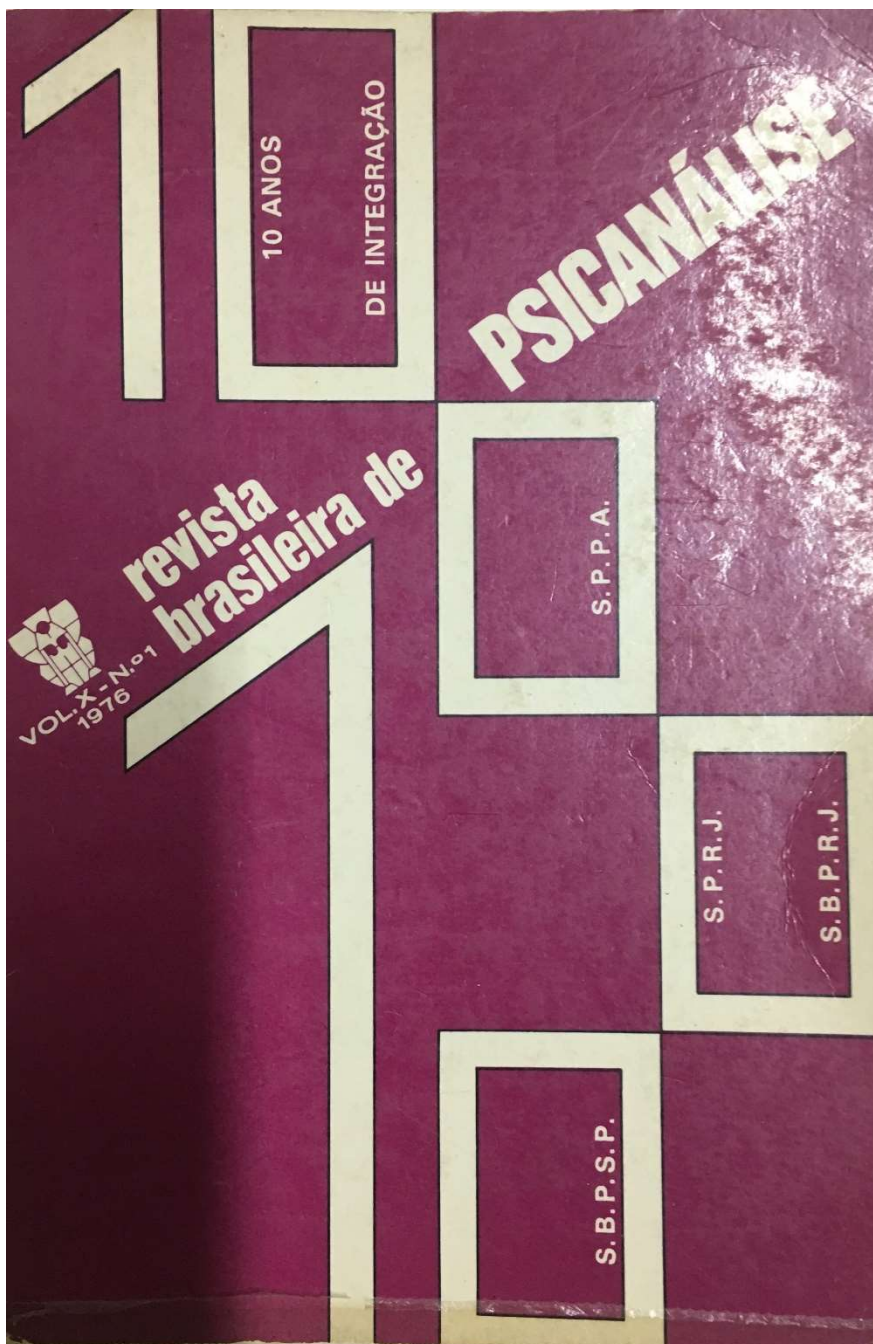
Figura 11 – Imagem da capa da *Revista Brasileira de Psicanálise* de 1982.



Fonte: RBP, Vol. XVI, nº 1, 1982

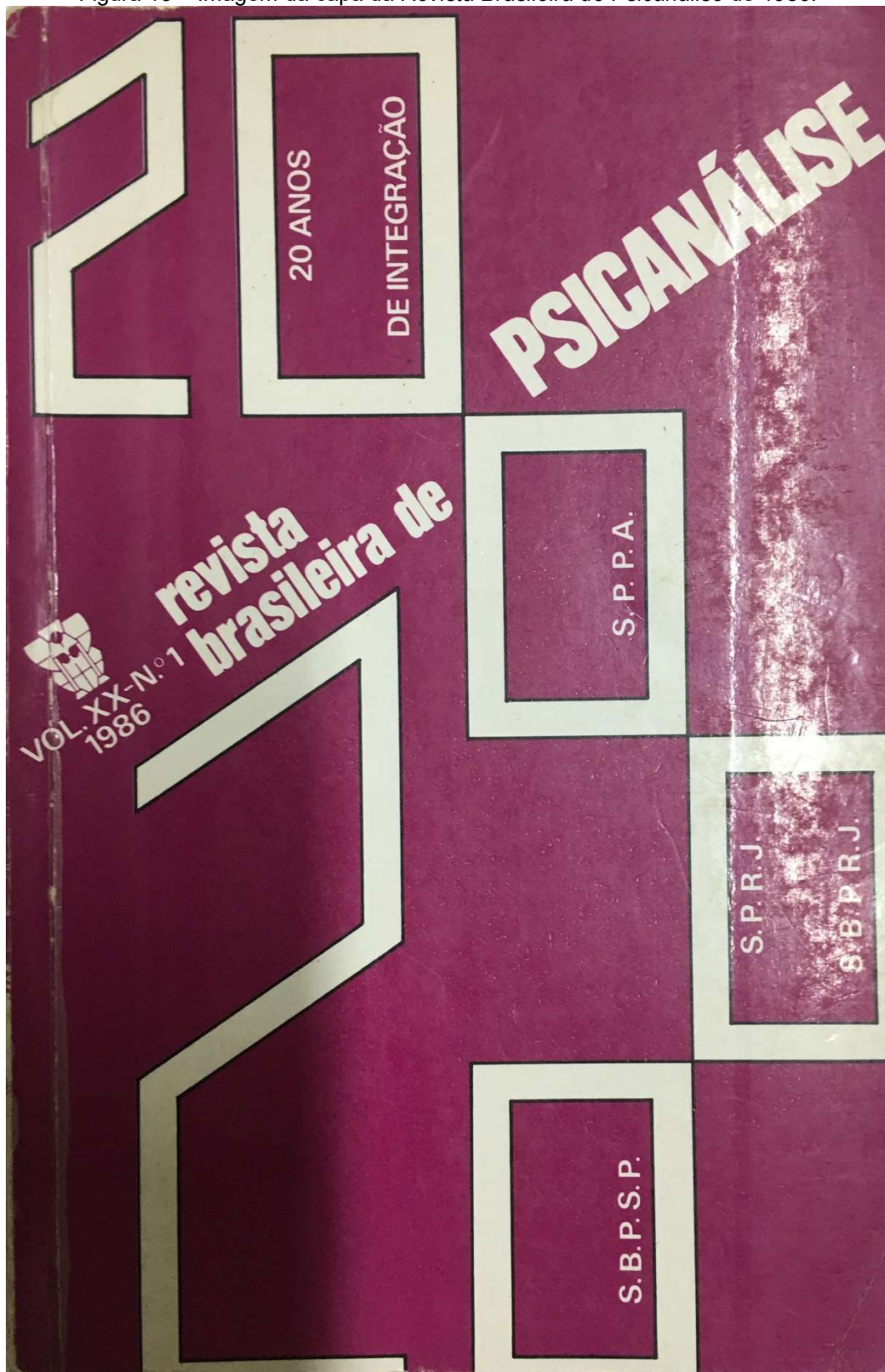
Até o ano de 1986 manteve-se este formato de capa, mas houve dois momentos nos quais ela foi alterada, por ocasião de seus décimo e vigésimo aniversários. Nestes dois momentos, a esfinge grega foi mantida ao lado das iniciais das quatro sociedades brasileiras ligadas a IPA, como se pode ver abaixo.

Figura 12 – Imagem da capa da *Revista Brasileira de Psicanálise* de 1976.



Fonte: RBP, Vol. X, nº 1, 1976

Figura 13 – Imagem da capa da *Revista Brasileira de Psicanálise* de 1986.



Fonte: RBP, Vol. XX, nº 1, 1986

Nas contracapas havia indicações da Editora proprietária, Conselho Editorial, Diretoria Executiva, Redação e Expediente, com inclusão de endereço e preço, antecedidas pelo índice da seção “Nossa Capa”, trazendo uma explicação da capa, isto é, um texto sobre a biografia e a contribuição científica dos primeiros psicanalistas ali representados. Fac-símiles e traduções de cartas dos pioneiros da psicanálise aos brasileiros, erratas, informações sobre aumento de preços, contribuíram para dar a estrutura inicial da revista nesta fase paulista.

Não houve editoriais, mas três “Apresentações” e um “Esclarecimento”, que davam as bases fundadoras da revista. Em 1967, no número 1, Durval Marcondes apresenta a revista como uma necessidade da psicanálise brasileira, no número 3 ele faz um esclarecimento aos leitores sobre o que é a verdadeira psicanálise e os cuidados que se deve tomar frente aos impostores da psicanálise. No ano de 1969, volume III, as duas “Apresentações” indicavam a nova diretoria e novo regulamento, sinais que a revista se preparava para um novo caminho, a condição de ser um periódico nacional e não só paulista.

Durante toda a fase nacional, nas contracapas eram evidentes os nomes que compunham o Conselho Editorial, em 1981 passaram a enunciar as “Normas Gerais de Publicação de Trabalhos”. O Expediente ainda era composto por endereço e preço, entre 1975 a 1978, que entre 1982 a 1986 passaram a integrar os conjuntos de pós-textos. É nítido perceber o processo inflacionário da época e o quanto este problema afetava a saúde financeira da Revista.

Ainda na seção pré-textos, entre 1981 e 1982 informava-se a ampliação da venda com a seguinte chamada “Assinatura da RBP está aberta a psicanalistas, bibliotecas universitárias, médicos, psicólogos, antropólogos e outros estudiosos em pesquisas interdisciplinares”, oferta que logo foi interrompida, mas demonstrava a necessidade de ampliar os recursos da Revista. Diferentemente da fase paulista, é possível identificar no conjunto de pré-textos uma padronização e restrição maior ao que seria publicado, limitando-se às informações sobre o Regulamento e normas de publicação e três textos de homenagens, um sobre o VI Congresso Brasileiro de Psicanálise e o primeiro sobre a transferência da Revista para ABP, nos seus 61 números (1971 a 1986). A maioria das informações extras era inserida no conjunto de pós-textos.

De janeiro de 1971 a julho de 1981 não houve editoriais. Excepcionalmente, foram publicados editoriais em quatro momentos, o primeiro,

por ocasião da transferência da Revista da SBPSP para ABP, quando o presidente da ABP, o psicanalista Luiz Guimarães Dahlheim, felicita e demonstra as aspirações pela aquisição da Revista. O próximo foi no segundo número da Revista de 1975, volume IX, em formato de um artigo científico, no qual Paulo de Paula e Silva da SBPSP esclarece aos colaboradores o que é um artigo original e define suas estruturas, discute as particularidades da investigação psicanalítica. Foi um texto essencial para se perceber a proposta de cientificidade discutida na época e como a preocupação com o rigor científico foi se tornando mais defendido pelo Conselho Editorial da Revista. O terceiro momento excepcional no qual se publicou um editorial foi em 1976, no volume X, nº 1, assinado por Cecil José Rezze e Silvio A. A. Barbosa, intitulado de “Mestre de Cerimônias ou pois é...”, comemorando os dez anos da revista e sinalizando quais seriam as próximas aspirações deste periódico. Num tom poético e de agradecimento aos edificadores da Revista, terminavam o texto da seguinte forma:

Os esforços foram muitos e mais ainda serão necessários. Mas respiremos, façamos um intervalo. Surpreendamo-nos com a poesia do Galvão, a sensibilidade do Nabantino, a firmeza do Mário, a vivência do David Ramos, a experiência do Gecel, o espírito do Pessanha, e a palavra final do Durval, onde tudo começa. Colega apenas, amigos. Ouçamo-los. (REZZE; BARBOSA, 1976, p. 5)

O quarto momento foi em 1979, vol. XIII, nº 1, em cujo editorial justificava-se a necessidade de um novo Regulamento para a Revista com apuração do aspecto técnico-editorial e de normas científicas de publicação.

A partir de julho de 1981, a psicanalista Neyla Regina de França assume a função de Diretora-Superintendente, instituindo mais um aprimoramento no aspecto técnico-editorial a publicação sistemática e contínua de editoriais nas primeiras páginas. O editor-chefe de seu Conselho Editorial, Paulo de Paula e Silva, concluía no nº 4 do volume XV, que a revista era o grande elo entre os membros da ABP e por isso poderia suportar o impacto de crises difíceis. Para continuar nesta perspectiva, entendia que deveria reativar a publicação de editoriais no decorrer dos próximos números, cujo conceito assim definiu:

Por editorial compreendemos artigos não muito longos que focalizam quaisquer assuntos considerados de interesse para a Psicanálise, para os psicanalistas e para a sociedade que os congrega e que estejam predominando no momento, desde que desprovidos de quaisquer

conteúdos **políticos e/ou ideológicos**⁴¹. Assuntos de natureza científica, assuntos abordando problemas vividos dentro da sociedade e que afetem diretamente o estado de ânimo dos associados, para que todos possam tomar conhecimento, sobre eles lucubrar e que possam, por sua vez, expor os resultados das próprias reflexões, à guisa de contribuições. (SILVA, 1981, p. 264)

O diferencial que se iniciava naquele ano foi a publicação irregular de um texto chamado “Nota do Editor”, no qual se enunciavam informações tão valorosas quanto aquelas escritas nos próprios editoriais, dando destaque a algum tema ou problema do momento. Este era de responsabilidade do editor-chefe, enquanto o Editorial era elaborado por outros do Conselho Editorial, principalmente o Diretor-Superintendente.

Nos Editoriais e nos textos “Nota do Editor”, se os assuntos de natureza científica e os problemas das Sociedades de Psicanálise eram destacados por serem diretamente de interesse dos psicanalistas, a clareza sobre a situação política e econômica que o país atravessava também era ressaltada. “Crise”, termo que aparece em alguns editoriais, não poderia ser a melhor forma de demonstrar a concepção como os psicanalistas viam a situação do país. Na Nota do Editor do nº 3 do volume XV de 1981, o editor-chefe, Paulo de Paula e Silva, iniciava o texto expondo esta situação do país: “É nossa crença de que estamos atravessando período de particular conturbação nos cenários social, econômico, cultural e psicológico, como que a caracterizar tempos revolucionários”. (SILVA, 1981, p. 173).

Na *Revista Brasileira de Psicanálise* o material iconográfico é quase inexistente, sendo que nos pré-textos, resume-se nas imagens das capas e primeiras páginas dos volumes iniciais. Outras imagens podem ser encontradas na seção de artigos, porém sem muito destaque. O padrão científico que tentavam demonstrar concentrava-se nos textos escritos. A seção pré-textos forneceu-nos informações regulares sobre as direções e conselhos editoriais da revista, como veremos no item 2.2.3 deste capítulo.

⁴¹ Grifos nossos

2.2.2 ARTIGOS E TEXTOS

A seção central da revista, principal fornecedora de material para esta pesquisa, era composta por artigos e textos. É nela que encontramos grande parte do discurso que teceu representações sobre ciência, profissão e passado histórico dos psicanalistas, possibilitando assim a avaliação dos objetivos propostos da pesquisa nos capítulos 3 e 4.

Uma particularidade da revista é que não publicavam, nesta seção, apenas os artigos científicos dentro de padrões exigidos pelo próprio regulamento, que seria o resumo, abstract, texto (introdução, desenvolvimento e conclusão) e referências. Entre o que publicavam como artigo científico havia texto simples e até sem referências, mas principalmente em alguns números da revista havia o que denominavam de relatório ou síntese de discussão. Estes apareciam na sequência de textos oriundos dos congressos os quais os psicanalistas participavam. Foram textos importantes para a pesquisa, pois demonstravam os debates, os conflitos e as diversas opiniões entre os psicanalistas.

A grande parte dos artigos e textos era oriundo dos trabalhos apresentados em eventos como jornadas, simpósios e congressos internacionais, latino-americanos e brasileiros, como *Congressos Internacionais de Psicanálise* organizado pela IPA, *Congressos Latino-Americano de Psicanálise* organizado pelo COPAL e *Jornadas Brasileira de Psicanálise* e *Congressos Brasileiro de Psicanálise*, organizados pelas Sociedades brasileiras e pela ABP. Artigos e textos cortejadíssimos na revista viriam do chamados *Pré-Congressos de Analistas Didatas*, específicos aos eventos organizados pelas instituições ipeístas, que se tratavam de encontros com participação exclusiva de analistas didatas no primeiro dia de um congresso e jornada, no qual discutiam os principais assuntos, elegiam temas e autorizavam os rumos que o movimento psicanalítico brasileiro deveria tomar.

Outros textos e artigos publicados eram originários das reuniões científicas, cursos, encontros, trabalhos e discussões dentro das Sociedades de psicanálise, atingindo um total de 11% do total da revista. Equivalente ao número destes textos, foram também os publicados como transcrições e traduções de fragmentos de obras e artigos estrangeiros, num total de 10%. Em número bem

menor, encontramos na revista textos e artigos transcritos de outros periódicos científicos, palestras e conferências 0,5% e textos de diversas origens 0,5%.

O número de artigos originais constituiu-se num total de 24%. Entretanto, alguns destes textos apresentavam temas que nos levam a supor serem originários de algum acontecimento antecedente à publicação na revista, mas foram classificados pelo corpo editorial como originais ou sem origem. Temas ligados à prática e clínica psicanalíticas, a necessidade de formação específica para o exercício da profissão, a aplicação da teoria psicanalítica para análise da sociedade, cultura e história – elementos que consideravam fundamentais para uma madura e verdadeira Ciência na época – foram utilizados pelos psicanalistas logo nos primeiros anos da *Revista Brasileira de Psicanálise*, não só como caminho para a construção de um saber psicanalítico, mas como meio de garantir as reais condições e indicações profissionais e intelectuais aos psicanalistas brasileiros.

A diversidade de temas psicanalíticos era imensa e, diferentemente das revistas científicas atuais, não havia indicação, a priori, de um tema ou dossiê específico determinado pela diretoria e conselho editorial, comumente o mais priorizado num determinado volume da Revista era advindo das discussões realizadas nas Sociedades de Psicanálise, dos eventos nacionais e internacionais ou de outras atividades realizadas pelos psicanalistas. Entretanto, a seleção dos textos estava coadunada com a base teórica adotada pela direção e conselho editorial da Revista, ao movimento psicanalítico brasileiro e à conjuntura sociopolítica.

2.2.3 PÓS-TEXTOS

Nas últimas páginas da revista encontravam-se os pós-textos, trazendo riquíssimas informações sobre o movimento psicanalítico nacional e internacional, indicações de leituras, noticiários e homenagens, que demonstravam a vitalidade do movimento na construção do seu saber psicanalítico.

A partir do nº 2, volume 1, da Revista de 1967, esta passou a apresentar um regulamento de edição a ser seguido pelos colaboradores, no qual constava a periodicidade trimestral, o conteúdo, autoria, originais, preparação de originais,

disposições gerais e exclusividade aos membros das Sociedades de Psicanálise filiadas à IPA, porém chama atenção a possibilidade de aceitação, na revista, de colaborações de autores não psicanalistas desde que passassem pelo critério da Diretoria Editorial. Em 19 de agosto de 1969 foi aprovado um novo Regulamento de Edição, no editorial da Revista nºs 3 e 4, volume 3, no qual o Diretor-Presidente, David Ramos, justificava as razões para sua publicação.

Após dois anos consecutivos de publicação regular da REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE algumas modificações no referido Regulamento de Edição se impuseram. As alterações introduzidas têm como finalidade adaptar a REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE, através de seu Regulamento Editorial, à realidade do movimento psicanalítico atual. (RAMOS, 1969, p. 265)

Ao comparar o Regulamento de 1969 com o de 1967, percebe-se que as mudanças são quase inexistentes. David Ramos ainda justificava no Editorial de 1969 que a principal finalidade da Revista era dar cobertura ao movimento psicanalítico em toda sua amplitude. As alterações práticas limitavam-se ao esclarecimento de que os colaboradores teriam, gratuitamente, 30 separatas. Se praticamente o novo Regulamento era uma cópia do anterior, uma informação ficava agora bem evidente – uma vez mais, era possível aceitar colaborações de autores não psicanalistas e membros de qualquer Sociedade de Psicanálise de outros países, sendo que as principais colaborações deveriam vir de membros das Sociedades de Psicanálise filiadas à IPA, bem como de componentes da Associação Brasileira de Psicanálise.

As disposições do Regulamento de 1969 permaneceram até julho de 1974, quando este foi substituído por um novo, mais detalhado, que teve duração por 5 anos. Era um Regulamento dividido por capítulos que tratavam: Capítulo I – Da Denominação, Finalidade e Generalidades, Capítulo II – Da Organização e Administração, Capítulo III – Da Estruturação da Revista, Capítulo IV – Da Edição da Revista, Capítulo V – Das Disposições Gerais e Capítulo VI das Disposições Transitórias.

No vol. XIII, nº 1, de 1979, ante a necessidade de um novo Regulamento que apurasse o aspecto técnico-científico e de normas científicas de publicação, durante nova direção foi aprovado um atual cujo título editorial foi “Neste Número”. Mostravam também o desejo de indexar a Revista no *Psychological Abstracts* e no *Index Medicus* para que ocorresse uma maior difusão da

produção psicanalítica. Nos pós-textos passava a existir um encarte do Regulamento. O editorial da revista informava:

Esperamos que o “*Encarte*” seja útil e, se aceito, que possa propiciar maior homogeneidade na apresentação, composição gráfica e normas de publicação. Contamos com a compreensão e participação de nossos colaboradores e, oxalá, os cuidados do Conselho Editorial sejam propiciatórios ao estímulo de produção científica imaginativa e inventiva. (RBP, 1979, p. 5)

Nestas palavras do psicanalista Gecel Sztterling, os editores deixavam mais explícito seus desejos para o futuro da Revista, propondo um conjunto de normas claras, coerentes e rigorosas para a elaboração científica mais criativa e vindoura para quem nela publicasse.

Nos pós-textos foram indicadas leituras, revistas, jornais e livros de psicanálise psicanalíticos. Nos primeiros anos da fase paulista, foram indicados vários livros vinculados à teoria kleiniana e bioniana, com exposição clara da base teórica que a revista tomaria (ANEXO X). Na fase nacional, o número de indicações não fora tão regular, mas continuariam as indicações e sugestões de leituras kleino-bionianas (ANEXO XI), em cuja hegemonia encontramos a valorização da medicina e psiquiatria.

As notícias apresentadas nos pós-textos durante os anos de 1967 a 1986 demonstravam com clareza e objetividade as atividades científicas e administrativas desenvolvidas pelas quatro Sociedades psicanalíticas, possibilitando a identificação de temas abordados reuniões científicas, nas apresentações de trabalhos, seminários científicos, conferências e visitas técnicas, bem como, conhecimento dos intercâmbios incentivados pela IPA e COPAL. Na seção pós-textos também publicavam homenagens aos psicanalistas com alguma notoriedade pela sua obra, aniversário, morte e, principalmente, contribuição e posição no movimento psicanalítico.

2.3 DIRIGENTES E COLABORADORES DA REVISTA

Apresentaremos agora o quadro dos dirigentes e respectivos conselhos editoriais, bem como dos colaboradores - titulação e origem, das fases paulista, 1967 a 1970 e nacional da revista, 1970 a 1986.

2.3.1 DIRETORES E CONSELHO EDITORIAL

Após a fundação da revista, formou-se a primeira diretoria composta pelos fundadores e outros psicanalistas nacionais renomados. As decisões editoriais eram tomadas basicamente pela Direção e Conselho Editorial, que vigoraram durante os 20 anos pesquisados. Perceberemos que durante as mudanças de diretoria esta estrutura sofreu algumas alterações.

Na fase paulista, a primeira diretoria da revista foi entre 1967 a 1968. **Durval B. Marcondes** ocupava o principal cargo decisório, Diretor Presidente, assessorado por 5 Diretores Editoriais responsáveis pela avaliação final dos artigos e 1 Diretor Secretário responsável pela publicação. O Conselho Editorial era composto por 5 psicanalistas da São Paulo, 4 psicanalistas do Rio de Janeiro e 2 psicanalistas de Porto Alegre. Vejamos no quadro abaixo a disposição da Direção e Conselho Editorial durante a gestão de Durval B. Marcondes.

Quadro 4 – Direção e Conselho Editorial (1967 a 1968)⁴²

Diretores	Conselho Editorial
Diretor Presidente: Dr. Durval Marcondes, Diretores editoriais: Dr. Armando Ferrari, Dr. David Ramos, Dr. Laertes Moura Ferrão, Dr. Luís de Almeida Prado Galvão, Virginia Leone Bicudo, Diretor secretário: Moacyr Costa Corrêa.	SBPSP: Dra. Adelheid Lucy Koch, Dr. Darcy de Mendonça Uchoa, Dr. IzaiasHezelMelson, Lygia Alcântara do Amaral, Margareth Jones Gill, RIO DE JANEIRO: Dr. Danilo Perestello, Dr. Fabio Leite Lobo, Dr. João Cortes de Barros, Dr. Luís Guimarães Dahlheim, SPPA: Dr. Cyro Martins, Dr. Mario Martins.

Fonte: RBP, Volume 1, nº 1, 1967, Contracapa

Entre os membros da primeira diretoria e conselheiros eram analistas didatas Adelheid Koch, Virgínia Leone Bicudo, Darcy de Mendonça Uchôa, Lygia do Alcântara Amaral, Danilo Perestrello, Fábio Leite Lobo e Cyro Martins.

A segunda diretoria da fase paulista foi exercida entre 1969 a 1970, por **David Ramos**, que ocupou o cargo de Diretor Presidente. Nesta direção criava-se um novo cargo de alto comando, o de Diretor Superintendente, ocupado

⁴²Neste quadro e nos seguintes mantivemos o padrão usado na revista para identificar os médicos e psiquiatras com o título de Dr. e Dra.

naquele momento por A. L. Pessanha. Este cargo já sinalizava futuras mudanças, pois na direção seguinte o cargo de Diretor Presidente fora extinto e o de Diretor Superintendente passava ser a autoridade máxima, o próprio Antônio Luiz Serpa Pessanha assumiria a gestão seguinte. O Conselho Editorial cresceu, passou a ser composto por 10 psicanalistas de São Paulo, 6 do Rio de Janeiro e 2 de Porto Alegre. Identifiquemos estas mudanças no quadro abaixo:

Quadro 5 – Direção e Conselho Editorial (1969 a 1970)

Diretores	Conselho Editorial
<p>Diretor Presidente: Dr. David Ramos</p> <p>Diretor-superintendente: Dr. Antônio Luiz SerpaPessanha</p> <p>Diretores-editoriais: Dr. Breno lulo Ribeiro, Dr. Gecel L. Sztterling Dr. Luiz Almeida Prado Galvão, Lygia Alcântara do Amaral, Virgínia Leone Bicudo,</p> <p>Diretor-secretário: Moacir Costa Corrêa.</p>	<p>SBPSP: Dr. Adelheid Lucy Koch, Dr. Armando Ferrari, Dr. Darcy de Mendonça Uchôa, Dr. Durval Marcondes, Dr. IzaiasHezelMelson, José Nabantino Ramos, Judith T. C. Andreucci, Dr. Laertes Moura Ferrão, Lygia Alcântara do Amaral, Margareth Jones Gill,</p> <p>RIO DE JANEIRO: Dr. Danilo Perestello, Dr. Fabio Leite Lobo, Dr. João Cortes de Barros, Dr. Luís Guimarães Dahlheim, Dra. Maria P. Manhães, Dr. Walderedo Ismael de Oliveira,</p> <p>SPPA: Dr. Cyro Martins, Dr. Mario Martins.</p>

Fonte: Revista Brasileira de Psicanálise, Volume 3, nº 1-2, 1969, Contracapa

Eram analistas didatas nesta gestão Adelheid Koch, Virgínia Leone Bicudo, Darcy de Mendonça Uchôa, Lygia do Alcântara Amaral, Judith T. C. Andreucci, Laertes Moura Ferrão, Danilo Perestrello, Fábio Leite Lobo e Cyro Martins, Walderedolsamel de Oliveira e Cyro Martins.

Quando a revista passou para a ABP, em 1971, e iniciou sua fase nacional, houve alterações na Direção e no Conselho Editorial. O cargo máximo da Direção, Diretor-superintendente, era ocupado por **Antônio Luiz SerpaPessanha**⁴³ que exerceria esta função de 1971 a 1972, portanto um

⁴³ Médico e membro associado da SBPSP teve apenas uma publicação na *Revista Brasileira de Psicanálise* por conta dos 10 anos da revista, fora uma pequena publicação de uma página no volume X, nº 1, com o título *História de Trabalhadores*. Antes de assumir a direção da revista fora redator-chefe do *Jornal de Psicanálise* da SBPSP, entre 1967 a 1972. A sua experiência na direção de um periódico seu deu, portanto, antes mesmo de assumir a revista. Por conta dos 50 anos do *Jornal de Psicanálise* Pessanha deu o seguinte depoimento que nos atesta sua

biênio, como era na fase paulista. A Direção era composta então pelo Diretor-superintendente, Diretor Redator e Diretor Secretário.

O Conselho Editorial desta gestão era dividido agora em Diretores Editoriais e Redatores. Havia dois Diretores Editoriais de cada Sociedade Psicanalítica perfazendo um total de 8. Os Redatores do Conselho Editorial eram compostos por 2 da SBPSP, 1 da SBPRJ, 1 da SPRJ e 1 da SPPA. Todos componentes do Conselho Editorial eram médicos e psiquiatras associados às quatro Sociedade psicanalíticas. No quadro abaixo é possível identificar todos os médicos a partir do título Dr. e verificar que a divisão priorizava de qual Sociedade cada psicanalista era originário.

Quadro 6 – Direção e Conselho Editorial (1971 a 1972)

Diretores	Conselho Editorial
Diretor-superintendente: Dr. A. L. Serpa Pessanha, Diretor-Redator: Dr. Leão Cabernite, Diretor-Secretário: Moacyr Costa Corrêa.	Diretores Editoriais: Dr. Gecel Sztterling (SBPSP), Dr. Breno I. Ribeiro (SBPSP), Dr. Mário Pacheco de Almeida Prado (SBPRJ), Dr. José Cândido Bastos (SBPRJ), Dra. Maria P. Manhães (SPRJ), Dr. Fábio Leite Lobo (SPRJ), Dr. David Zimmermann (SPPA), Dr. J. M. Santiago Wagner (SPPA), Redatores: Dr. Antonio Carlos Pacheco e Silva F.(SBPSP), Dr. Chaim José Hamer (SBPSP), Dr. Roberto Bittencourt Martins (SBPRJ), Dr. Leão Cabernite (SPRJ), Dr. Fernando Luiz Viana Guedes (SPPA).

Fonte: Revista Brasileira de Psicanálise, Volume 5, nº 1-2, 1971, Contracapa

Faziam parte desta gestão os analistas didatas Gecel Luzer Sztterling da SBPSP, Mario Pacheco de Almeida Prado da SBPRJ, Maria P. Manhães da SPRJ, Fábio Leito Lobo da SPRJ, Leão Cabernite da SPRJ, David Zimmermann da SPPA e Fernando Luiz Vianna Guedes da SPPA.

A segunda direção da revista, sob o controle da ABP, foi exercida pelo psicanalista paulista **Cecil José Rezze**⁴⁴, de 1973 até o primeiro semestre de

experiência: “[...] minha participação no Jornal teve início em 1967, e foi uma surpresa quando em 1969 fui convidado a ser redator-chefe. Esse cargo, no entanto, não significava, na época, ser o editor, cargo que não cheguei a ocupar no Jornal, mas sim ser a pessoa responsável por uma série de atividades do Jornal, que demandavam trabalho árduo, que muito me orgulho de ter realizado” (PESSANHA, 2016, p. 27-28).

⁴⁴Médico e membro efetivo da SBPSP, tornou-se analista didata. Na revista publicou apenas um artigo no volume de 1981, nº 3. Foi o primeiro artigo deste número da revista, cujo título era *Preservação e alteração do “Setting” na análise*. Foi editor chefe da revista entre 1977 a 1978.

1977, cujo período foi correspondente a dois biênios e seis meses. Bioniano teve ao seu lado na Direção e no Conselho Editorial médicos psicanalistas. A estrutura da Direção e Conselho Editorial não teve alterações, permaneceu a mesma da gestão anterior.

Quadro 7 – Direção e Conselho Editorial (1973 a 1977)

Diretores	Conselho Editorial
Diretor-superintendente: Dr. Cecil José Rezze Redator: Dr. Luiz Werneck Diretor-Secretário Moacyr Costa Corrêa	Diretores Editorias: Dr. Gecel Szterling (SBPSP), Dr. Mário Pacheco de Almeida Prado (SBPRJ), Dr. José Cândido Bastos (SBPRJ), Dra. Maria P. Manhães (SPRJ), Dr. Leão Cabernite (SPRJ), Dr. David Zimmermann (SPPA), Dr. J. M. Santiago Wagner (SPPA), Redatores: Dr. Antonio Carlos Pacheco e Silva Fº(SBPSP), Dr. Chaim José Hamer(SBPSP), Dr. Roberto Bittencourt Martins (SBPRJ), Dr. Ubirajara Pessoa Guerra (SPRJ), Dr. Fernando Luiz Viana Guedes (SPPA).

Fonte: Revista Brasileira de Psicanálise, Volume 7, nº 1, 1973, Contracapa

Os analistas didatas que fizeram parte desta longa gestão foram praticamente os mesmos da gestão anterior: Gecel Luzer Szterling, Mario Pacheco de Almeida Prado, Maria P. Manhães, Leão Cabernite, David Zimmermann, Fernando Luiz Vianna Guedes e Luiz Wernek, o mais novo participante da direção.

A terceira Diretora-superintendente da revista pela ABP foi a psicanalista **Fajga Szterling**⁴⁵ da SBPSP, do segundo semestre de 1977 ao primeiro de 1981, correspondendo, portanto, a dois biênios. A estrutura e as funções foram mantidas, apenas com troca de um dos dirigentes mais permanente na função: o jornalista Moacyr Costa Corrêa, que fora substituído pela médica Virginia Maria Silva na função Diretor Secretário. No Conselho Editorial a única diferença era a presença de assessores aos Diretores Editoriais da SBPSP, sendo eles Luiz de Almeida Prado Galvão e Virgínia Leone Bicudo.

Quadro 8 – Direção e Conselho Editorial (1977 a 1981)

⁴⁵ Psicóloga e membro associado da SBPSP. Na *Revista Brasileira de Psicanálise* publicou um artigo no nº 4 de 1978, cujo título era *Problemas de análise de neurose de caráter*. Participou em 1975 como assessora de redação e em 1981-82 como diretora científica no *Jornal de Psicanálise*. (JORNAL DE PSICANÁLISE, 2016, p. 227-230)

Diretores	Conselho Editorial
Diretor-superintendente: Dra. FajgaSzterling Redator: Dr. AntonioSapienza Diretor-Secretário Dra. Virginia Maria Silva	Diretores Editorias: Dr Cecil José Rezze (SBPSP), Dr. Félix Gimenes (SBPSP), Dr. Luiz A. P. Galvão (SBPSP) Assessor, Virginia Leone Bicudo (SBPSP) Assessora, Dr. Mário Pacheco de A. Prado (SBPRJ), Dr. Paulo Dias Corrêa (SBPRJ), Dra. Maria P. Manhães (SPRJ), Dr. Leão Cabernite (SPRJ), Dr. David Zimmermann (SPPA), Dr. Germano VollmerF° (SPPA), Redatores: Dra. Cléo L. Luz (SBPSP), Dr. Lothar A. C. Solinger (SBPSP), Dr. Paulo Roberto Saubermann (SBPRJ), Dr. Oswaldo Domingues de Moraes (SPRJ), Dr. Sergio Paulo Annes (SPPA).

Fonte: Revista Brasileira de Psicanálise, Volume 11, nº 1, 1977, Contracapa

Os analistas didatas que fizeram parte desta gestão foram: Cecil José Rezze da SBPSP, Luiz de Almeida Prado Galvão, Virgínia Leone Bicudo, Mario Pacheco de Almeida Prado, Maria P. Manhães, Leão Cabernite e David Zimmermann.

No segundo semestre de 1981 assumia como quarta Diretora-superintendente da revista pela ABP a psicanalista da SBPSP **Neyla Regina França**⁴⁶, que dirigiu a revista por três anos e três meses, até o segundo semestre de 1984.

No Conselho Editorial desta gestão havia dois Diretores Editoriais de cada Sociedade Psicanalítica, perfazendo um total de 8. Os Redatores do Conselho Editorial eram compostos por 2 da SBPSP, 1 da SBPRJ, 1 da SPRJ e 1 da SPPA. Todos componentes do Conselho Editorial eram médicos e psiquiatras associados as quatro Sociedade psicanalíticas.

Quadro 9 – Direção e Conselho Editorial (1981 a 1984)

Diretores	Conselho Editorial
Diretor-superintendente: Sra. Neyla Regina França Redator: Dr. Luiz Emmanuel de Almeida Levy Diretor-Secretário Dr. Moacyr Costa Corrêa Secretária Administrativa Dra. Virginia Maria Silva	Diretores Editorias: Dr. Paulo de Paula e Silva (SBPSP), Dr. Jamil Signorini (SBPSP), Dr. Sigmund Perestello (SBPRJ), Dra. Maria de Lourdes S. O'Donnell (SBPRJ), Dra. Galina Schneider (SPRJ), Dra. Inês Besouchet (SPRJ), Dr. David Zimmermann (SPPA), Dr. Germano VollmerF° (SPPA),

⁴⁶Psicóloga e membro efetivo e analista didata pela SBPSP. Não publicou artigo ou textos na *Revista Brasileira de Psicanálise*.

	Redatores: Dra. Izelinda M. Garcia de Barros (SBPSP), Dra. Myrna P. Favilli(SBPSP), Dr. Calos Doin (SBPRJ), Dr. Marco Antonio P. Cordeiro (SPRJ), Dr. Luiz Emmanuel de Almeida Levy (SPPA).
--	---

Fonte: Revista Brasileira de Psicanálise, Volume 15, nº 1, 1981, Contracapa

Os analistas didatas que compunham sua gestão e o Conselho Editorial resumiam-se na presença de David Zimmermann de SPPA e Galina Schneider da SPRJ. O número de médicos ainda era expressivo, mas havia uma maior participação de psicólogos.

É numa conjuntura de crise e comemorações que se inseriram as duas últimas direções, avaliadas nesta pesquisa. No último trimestre de 1984, a Direção fora passada para **Luciano Marcondes Godoy**⁴⁷, exerceria o cargo de Diretor-superintendente num curto período, entre o final de 1984 e o primeiro semestre de 1985. Ele manteve a reformulação da Direção e Conselho Editorial da revista feita em 1982.

A Direção era composta pelo Diretor-superintendente com as mesmas funções, pela Comissão de Relações Públicas que incluía o editor, co-editor e diretor-secretário e pela secretária administrativa. O Conselho Editorial era composto por 5 representantes das instituições psicanalíticas, a comissão de redação era composta por 4 membros das Sociedades psicanalíticas e pela Secretária Administrativa. Vejamos a disposição destas funções no quadro abaixo:

Quadro 10 – Direção e Conselho Editorial (1984 a 1985)

Diretores	Conselho Editorial
Diretor-superintendente: Luciano Marcondes Godoy Comissão de Relações Públicas: FajigaSztering(Editor) Luciano Marcondes de Godoy(Co-editor) Moacyr Costa Corrêa (Diretor-secretário) Paulo Martins Machado (SPPA) Secretária-Administrativa Liliâne de Lourdes TahHsien	Bruno Salésio da Silva Francisco (ABP) José Logman (SBPSP), Celmi de Alencar A.Quilelli Corrêa (SBPRJ), Cyro Martins (SPPA) Comissão de Redação Ana Maria Andrade de Azevedo (SBPSP), Misael Marinho Falcão (SBPRJ), Roberto Musacchio (SPRJ),

Fonte: Revista Brasileira de Psicanálise, Volume 18, nº 1, 1984, p. 1

⁴⁷ Médico, membro efetivo e analista didata pela SBPSP.

Entre os membros da Direção e Conselho Editorial desta gestão, apenas Cyro Martins era analista didata. Mesmo sendo a maioria médica entre os dirigentes da revista, decidiram não colocar mais o título de Dr. frente aos seus nomes, priorizava-se mais o título de formação psicanalítica, associado, efetivo ou titular. Ainda há que se considerar que houve um aumento significativo de psicanalistas cuja formação era de psicologia e não mais medicina.

Terminamos a pesquisa tratando da gestão de **David Léo Levisky**⁴⁸, Diretor-superintendente de 1985 a 1986, mas seu mandato fora até 1987. Nesta gestão, a Direção e o Conselho Editorial passariam por uma nova reformulação no segundo trimestre de 1986. Fora uma reforma mais na nomenclatura do que efetivamente estrutura, a Comissão de Relações Públicas fora substituída pela Comissão de Editoria. Vejamos a nova estrutura e seus membros no quadro abaixo.

Quadro 11 – Direção e Conselho Editorial (1985 a 1986)

Diretores	Conselho Editorial
Diretor-superintendente: David Léo Levisky Comissão de Editoria: Faijga Sztering (Editor) Edna Pereira Vilete (Co-editor) Moacyr Costa Corrêa (Diretor-secretário) Secretária Administrativa Sílvia Suzete Teixeira Faria	Roberto O. Musacchio (ABP), Isaias Melsohn (SBPSP), José Luiz Freda Petrucci (SBPRJ), Nilo Ramos de Assis (SPRJ), Fernando V. L. Guedes (SPPA), Comissão de Redação Antonio Carlos Eva (SBPSP), Bruno Salésio de S. Francisco (SBPRJ), Alceu Dutra Mendes (SPRJ), Luiz Carlos Osório (SPPA).

⁴⁸ Analista didata e professor da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Psiquiatra formado pela Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo, com especialização em Psiquiatria e nas áreas da infância e da adolescência. Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Foi estagiário do Centro Alfred Binet e do Hôpital de la Salpêtrière - assistente estrangeiro da Universidade de Paris. Trabalhou no Centro de Habilitação da APAE de São Paulo e no Serviço de Psiquiatria da Infância e da Adolescência do Hospital do Servidor Público do Estado. Foi diretor clínico do ambulatório do Serviço de Higiene Mental do Instituto da Criança da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e do Centro Israelita. <<http://www.davidleolevisky.com.br/>> Acesso em 18/11/2017.

--	--

Fonte: Revista Brasileira de Psicanálise, Volume 15, nº 1, 1981, Contracapa

Mais uma vez o número de analistas didatas é reduzido, na gestão de David Léo Levisky apenas Antonio Carlos Eva era analista didata. Mas, praticamente todos os componentes da Direção e do Conselho eram médicos psiquiatras. Em todas as gestões exercidas entre os 20 primeiros anos, podemos identificar um padrão, todos os Diretores-superintendentes eram oriundos da SBPSP e o Conselho Editorial era sempre majoritariamente composto por médicos psiquiatras. Entretanto, esta característica não se aplicava a todos os colaboradores da revista, pois nos anos 80 muitos deles tinham a formação de psicólogos. No item seguinte examinaremos o perfil dos colaboradores da revista.

A relação entre os Diretores e o Conselho Editorial autorizou durante estes 20 anos da revista uma grande publicação de artigos e textos que contribuiu para consolidar no movimento psicanalítico brasileiro um saber psicanalítico que se autoproclamava como científico garantido graças a sua base kleino-bioniana e fidelidade às normas da IPA.

2.3.2 COLABORADORES

Enumerar os colaboradores da Revista exigiu uma tarefa cuidadosa, pois foi preciso considerar primeiramente as duas fases da revista: a paulista, de 1967 a 1970 e a nacional, de 1971 a 1986. Considerado este recorte temporal, tornou-se necessário compreender a participação das quatro Sociedades psicanalíticas, quem eram seus membros e que nível de formação se encontravam – analista didata, membro efetivo, membro associado ou membro titular.

Na sua primeira fase, a revista acolhia predominantemente em suas páginas, psiquiatras com formação psicanalítica e médicos publicando suas conferências ou transcrições, mas raramente textos produzidos originalmente para a Revista. Praticamente as figuras que desfrutavam de certa projeção nos meios científicos e médicos também eram contempladas na Revista. Na segunda fase, a nacional, além dos psicanalistas, psiquiatras e médicos, o número de psicólogos tendeu a aumentar.

Durante os 4 anos iniciais, nos 14 números da Revista participaram 123 colaboradores, enquanto na fase nacional foram 605 entre Analistas Didatas, Membros Efetivos, Membros Associados, Membro Titular, Médicos e Outros. No quadro abaixo é possível visualizarmos a colaboração de acordo com a Sociedade psicanalítica dos colaboradores:

Quadro 12 – Colaboradores da RBP por Sociedades de Psicanálise

Sociedades Brasileiras de Psicanálise	Colaboradores Fase Paulista	Colaboradores Fase Nacional
SBPSP	79	166
SBPRJ	10	89
SPRJ	07	130
SPPA	10	49
Outros	01	06
Sem identificação	-	55
Estrangeiros	16	110
Total	123	605

Fonte: Revista Brasileira de Psicanálise, Volumes 1 a 20

Importante destacar que o número de colaboradores considerado na tabela é composto por psicanalistas que publicaram um ou vários artigos, por exemplo, Virgínia Leone Bicudo foi considerada 12 vezes como Analista Didata por 12 artigos publicados. Quantitativamente, os colaboradores com maior número de trabalho na fase paulista da Revista podem ser assim identificados: Virgínia L. Bicudo (12), Durval Marcondes (08), Darçy M. Uchôa (06), Laertes Moura Ferrão (06), Breno Iulo Ribeiro (05), Luiz de A. Prado Galvão (05), Américo Rufino (04), Judith Teixeira de C. Andreucci (04), Mário Pacheco de A. Prado (04).

Com exceção de Laertes Moura Ferrão, Américo Rufino, Mario Pacheco, os demais faziam parte da Diretoria e Conselho Editorial. Nesta pequena fração do total de 123 colaboradores é possível evidenciar alguns aspectos que darão o rumo à Revista. Apesar da hegemonia paulista, já era possível identificar uma perspectiva mais ampla com a participação de psicanalistas do Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Na fase nacional, entre os 605 colaboradores, aqueles que quantitativamente mais publicaram textos na Revista foram: Mario Pacheco de

A. Prado (14), Victor Manoel Andrade (14), Mara P. Manhães (11), David Zimmermann (09), Armando Bianco Ferrari (08), Odilon de Mello Franco Filho (08), Virgínia L. Bicudo (08), Leão Cabernite (07), Abram J. Eksterman (06), Durval Marcondes (06), Laertes Moura Ferrão (06), Paulo Dias Corrêa (06), Bernardo Blay Neto (05), Darcy Uchôa (05), David Ramos (05), Eugênio Davidovich (05), Fabio Herrman (05), Gecel L. Szterling (05), Heitor F. B. de Paola (05), L. C. Meneghini (05), Moises Groisman (05), Walderedo Ismael de Oliveira (05).

Quantitativamente, a produção destes psicanalistas não expressava sozinhos a tendência teórica, metodológica e clínica, mas evidenciava também as escolas psicanalíticas que repercutiram na revista, acompanhados por Freud, Klein e Bion.

Os textos de Klein e Bion não foram elaborados originalmente para a Revista, mas encontravam nela lugar privilegiado entre os artigos traduzidos, o que evidenciava a sua importância na formação dos psicanalistas brasileiros. O intercâmbio do Movimento Psicanalítico Brasileiro era registrado regularmente na Revista e as novas teorias e discussões sobre a Psicanálise que ocorriam principalmente na Inglaterra e América Latina e possuíam espaço garantido na RBP.

A preocupação em trazer para o seio da Revista psicanalistas estrangeiros era enriquecedora, uma vez que daria força à procurada cientificidade em suas páginas. O intercâmbio com os argentinos e ingleses era mais intenso em relação a outros estrangeiros. Conforme o quadro abaixo, pode-se verificar o número de colaboradores estrangeiros na revista.

Quadro 13 – Colaboradores estrangeiros na RBP

Psicanalistas estrangeiros	Fase Paulista	Fase Nacional
Argentinos	06	45
Ingleses	05	16
Venezuelanos	01	13
Estadunidenses	--	12
Colombianos	02	06
Franceses	--	05
Portugueses	02	04

Canadenses	--	01
Holandeses	--	01
Italianos	--	01
Mexicanos	--	01
TOTAL	16	105

Fonte: Revista Brasileira de Psicanálise, Volumes 1 a 20

É claro que o espaço dado às produções de estrangeiros não se sobrepôs à produção de textos brasileiros, mas a influência argentina e inglesa era expressiva na revista e no movimento psicanalítico brasileiro devido à base teórica kleino-bioniana. As contribuições dos colaboradores estrangeiros passavam pelas discussões teórico-metodológicas, clínicas e aplicação da Psicanálise; alguns textos, como “A Grade” de Bion, teve grandes repercussões e desdobramentos na Revista.

Entre os anos de 1971 a 1986, o número de contribuições de psicanalistas das novas gerações foi crescente e as características delas são visíveis em suas páginas; o aumento de não-médicos e mulheres era perceptível. O importante agora era evidenciar a titulação e filiação a uma Sociedade de Psicanálise vinculada a ABP e a IPA, ou seja, a fidelidade à verdadeira psicanálise estaria garantida e sem correr o risco de se contaminar com as novas ideias que volumosamente chegavam e pontuavam por todo o Brasil.

A garantia a esta fidelidade era dada pelos analistas didatas, que ensinavam, orientavam e supervisionavam a formação dos Membros Associados e Efetivos nos Institutos e Sociedades psicanalíticas. Nas Sociedades, os analistas poderiam adquirir o título de Membro Titular, o que garantia ainda mais sua posição de poder e respeitabilidade. Na Revista, certa prioridade fora dada aos textos dos analistas didatas e membros efetivos, as duas posições consideradas mais importantes na hierarquia da formação psicanalista. No quadro abaixo podemos comparar quantitativamente a importância e influência dos analistas didatas:

Quadro 14 – Colaboradores da revista por titulação

Colaboradores por titulação	Fase Paulista	Fase Nacional
Analistas Didatas	42	138
Membros Efetivos	18	102

Membros Associados	14	179
Membros Titulares	02	56
Membros	17	14
Médicos/Psiquiatras	10	-
Outros (Diretor, Professor, Membro do Instituto, Presidente de eventos)	14	22
Sem Identificação	05	94
Total	123	605

Fonte: Revista Brasileira de Psicanálise, Volumes 1 a 20.

A publicação de textos dos analistas didatas era fundamental, pois compunham 34% na fase paulista. Na fase nacional, a proporção caiu para 22%, o que não significa que perderam a capacidade de ditar as orientações e abordagem que os psicanalistas colaboradores deveriam seguir, principalmente se considerarmos que à posição deles somava-se a dos membros efetivos. No quadro acima foi possível constatar que durante a consolidação da revista, na fase paulista, os analistas didatas tiveram um peso maior nas publicações, o que sem dúvidas garantiria o norte teórico, metodológico e clínico que a revista demonstraria aos seus leitores.

A revista, nos seus 20 anos, acolheu em suas páginas as colaborações de artigos e textos de quatro gerações de psicanalistas ipeístas. O conceito de geração como instrumento para classificar a genealogia dos psicanalistas de um determinado local tornou-se comum na historiografia psicanalítica. No Brasil, esta historiografia divide as gerações da seguinte forma: de 1938 a 1950 formou-se a primeira geração de psicanalistas brasileiros, de 1951 a 1960, a segunda geração, 1961 a 1970 a terceira e 1971 a 1980. No Anexo I podemos verificar os nomes dos colaboradores e sua geração na revista. Para o trabalho deste conceito com a psicanálise, Roudinesco e Plon (1998) propõe a seguinte definição:

O estudo das gerações é comum a diferentes campos das ciências humanas e sociais, em especial a antropologia e a história. Na historiografia psicanalítica, esse instrumento sociológico permite estabelecer a genealogia dos sucessores de Sigmund Freud, o encadeamento das diversas interpretações da obra original, a sucessão de escolas e a dialética dos conflitos conducentes a cisões. Por esse ponto de vista, existem dois modos de numeração: um, de alcance mundial e internacional, concerne aos diferentes membros da diáspora freudiana espalhados pelo mundo, e outro, de alcance nacional, permite inscrever a filiação dos psicanalistas a partir de um

grupo pioneiro (passível de ser reduzido a uma única pessoa, em certos países), considerado como introdutor da psicanálise num dado país. (ROUDINESCO, 1998, p. 293)

Entretanto, o uso da noção de geração exige, por parte dos historiadores, cuidado e reflexão, pois esta pode ser um fator natural, biológico ou cultural, investida de simbologia, como também pode ser uma construção do historiador que rotula, classifica e identifica (SCHNEIDER, 2008, p.187). Para Sirinelli (1996; 1998), a complexidade de definição deste conceito, no entanto, não impede sua utilização, basta o historiador se atentar aos seus limites, pois para o conceito de geração

os fatos inauguradores se sucedem de maneira forçosamente irregular e por isso existem gerações “curtas” e gerações “longas”. E assim como o econômico, o social, o político e o cultural não avançam no mesmo passo, e as gerações, em relação a esses diferentes registros, são de geometria variável, tal plasticidade também existe verticalmente em relação ao tempo. (SIRINELLI, 1996, p.133)

Para Sirinelli é preciso entender a geração concebida como uma escala móvel do tempo, ou seja, a geração padrão não existe, é uma “engrenagem do tempo” (SCHNEIDER, 2008, p.187). A noção de geração pode ser entendida como um grupo que constrói uma memória comum, referida a um “tempo” e a “acontecimentos” que conformaram uma certa maneira de experimentar, no caso, a vida intelectual (GOMES, 1999, p.79).

Da mesma forma, define-se outro termo essencial para a história da psicanálise: filiação. O termo filiação na historiografia freudiana não pode ser reduzido a um simples processo biológico de transmissão patrilinear ou matrilinear como entendido na Antropologia clássica. Para os historiadores da psicanálise o termo remete à uma forma particular e específica de se iniciar no saber e prática psicanalíticas. Esta iniciação é possível entre um mestre e um discípulo pela análise pessoal, didática e supervisão. A filiação, portanto, não é uma simples adesão ao pensamento do mestre, para psicanálise, cria-se um forte vínculo entre o mestre e o discípulo graças a relação construída no divã, na análise didática realizada nos Institutos de psicanálise e a supervisão feita pelo mestre ao trabalho do discípulo. Segundo Roudinesco (1998)

O estudo das filiações é essencial para a constituição da história da psicanálise, na medida em que o movimento suas instituições sempre formaram uma comunidade comparável a uma família patriarcal, ou então a um sistema de parentesco. Nessa perspectiva, o estudo de

filiações tem por objetivo estabelecer quem é analisado (ou supervisionado) por quem, e permite compreender a natureza das relações transferenciais entre psicanalistas. (ROUDINESCO, 1998, p. 293)

Percebe-se que Roudinesco (1998) reitera a singularidade do termo filiação ao destacar a 'natureza das relações transferenciais', portanto ao fazer história da psicanálise o termo filiação torna-se indispensável para entender processos em que determinado indivíduo ou grupo exercem seu controle e relações de poder a partir de uma orientação psicanalítica, como a kleino-bioniana, sobre os demais membros de sua comunidade.

A base teórica kleino-bioniana foi hegemonicamente seguida na produção e publicação dos colaboradores da Revista. No capítulo seguinte verificaremos como esta permitiu a construção do discurso dos psicanalistas brasileiros quando apresentavam os temas que mais repercutiam no círculo nacional e internacional dos psicanalistas. Analisaremos como a direção e o conselho editorial da revista selecionavam os temas a partir desta base kleino-bioniana, de acordo com seus interesses e o contexto histórico ao qual que estavam inseridos.

3 *Revista Brasileira de Psicanálise*: difusão kleino-bioniana

A difusão da Psicanálise vem sendo motivo de pesquisa dos psicanalistas do mundo inteiro [...]. Sob o título de difusão da Psicanálise, podem estar subjacentes inúmeras questões: algumas de conteúdo manifesto e outras de conteúdo latente. Vejamos alguns aspectos relativos ao conteúdo manifesto:

1) A difusão intensa da Psicanálise no Brasil incorpora-a à nossa cultura, assim como a riqueza de nossa cultura contribui num sentido de dupla mão, ou mais precisamente dizendo, nossa cultura serve de pano de fundo, onde se manifesta um inconsciente coletivo, primitivo. Portanto, cultura e Psicanálise têm um vínculo, onde cada uma das duas partes dá colorido a outra.

2) A difusão da Psicanálise é importante como elemento de desenvolvimento, enriquecimento e influência nas ciências humanas [...] assim como nas ciências biológicas

Todas estas ciências foram enriquecidas pelos conhecimentos e descobertas psicanalíticas. Por sua vez, estas ciências enriqueceram-nos reciprocamente. [...]

3) Na difusão da Psicanálise, se entendermos por difusão as vias que comunicam conhecimentos, que os difundem, constataremos que temos um órgão oficial da Associação Brasileira de Psicanálise cumprindo esta função: a *Revista Brasileira de Psicanálise*. (SZTERLING, 1986, p. 466)

Estas palavras da psicanalista da Fajga Szterling apresentadas no último número da revista de 1986, volume XX, demonstravam a convicção que os psicanalistas das quatro Sociedades tinham sobre a *Revista Brasileira de Psicanálise*, como veículo oficial e incontestado da difusão da psicanálise no Brasil. Mas, qual psicanálise a revista teria a função de difundir? Mesmo antes da fundação da revista, o movimento psicanalítico ipeísta no país era assumidamente adepto das matrizes da escola kleiniana. Ao longo dos 20 anos a *Revista Brasileira de Psicanálise* ofertou uma gama significativa de artigos, textos e informações para que seus leitores pudessem refletir e adquirir conhecimento sobre o saber psicanalítico, a profissão de psicanalista e o seu passado histórico. Será possível perceber neste capítulo como os psicanalistas, durante cada gestão deste período estudado, contemplavam temas e faziam concepções a partir da abordagem kleiniana corroborada com os conceitos de bionianos.

Nas duas fases da revista, a paulista e a nacional, percebemos que os temas contemplados nos artigos e textos eram oriundos do que se produziam nos eventos e instituições ipeístas, o que fazia a revista ser um repositório do que se passava no movimento psicanalítico ipeísta, à luz das propostas kleino-

bionianas. Demonstraremos a seguir como as ideias de Melanie Klein e de Wilfred Bion foram introduzidas na fase paulista e ampliadas na fase nacional da revista, assegurando uma base teórica para o seu saber profissional psicanalítico e um passado histórico original coadunados com os interesses dos dirigentes deste movimento ipeísta.

3.1 FILIAÇÃO ÀS TEORIAS DE MELANIE KLEIN E WILFRED R. BION

Na fundação da *Revista Brasileira de Psicanálise* a base teórica kleinobioniana já estava fortalecida no movimento psicanalítico brasileiro. Como apontamos no primeiro capítulo, as teorias de Melanie Klein⁴⁹ já eram citadas desde 1938, como fez Darcy Uchôa, em seu artigo “*Psicanálise e higiene mental*”. Certamente, as primeiras damas da psicanálise ipeísta no Brasil e maiores defensoras da teoria Kleinobioniana foram Virgínia Leone Bicudo e Lygia do Amaral, fortalecidas pelas estadias em Londres, encontros, cursos, supervisões, formação no centro do kleinismo mundial e atuação na SBPSP.

Destaque este também conquistado tanto em São Paulo quanto em todo o país, por Frank Phillips, que se tornou referência para os psicanalistas brasileiros que pretendiam fazer alguma formação em Londres. Analisado por Melanie Klein e também por Wilfred R. Bion, Frank Phillips, foi responsável por trazê-lo ao Brasil e impôs seu pensamento como lei máxima da psicanálise do momento em que à São Paulo em 1969. As teorias de Melanie Klein e Wilfred R. Bion também se tornaram hegemônicas nas Sociedades do Rio de Janeiro e de Porto Alegre, estes foram para as Sociedades psicanalíticas grandes

⁴⁹Melanie Klein nascida em 30 de março de 1882 em Viena, era filha de pais judeus. Teve uma vida marcada pela influência e tirania de sua mãe e por perdas familiares. Em 1903, casou-se com o engenheiro Arthur Klein. Em 1914, ano que iniciaria a Primeira Guerra, Melanie Klein iniciou sua análise com Sándor Ferenczi e leu a primeira obra de Freud *Sobre Sonhos*. Em setembro deste ano, Melanie Klein ao ver Freud e ouvir sua comunicação sobre “Os novos caminhos da terapêutica psicanalítica” no V Congresso da IPA teve a convicção que a psicanálise seria seu caminho (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 433). Em 1919, Melanie Klein tornou-se membro da *Sociedade Psicanalítica de Budapeste* e um de seus primeiros estudos foi publicado na *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse (IZP)*. Entre 1920 e 1921, decidiu-se se estabelecer em Berlim e logo se tornou membro da *Deutsche Psychoanalytische Gesellschaft (DPG)*. Em 1922, Melanie Klein participou no VII Congresso da IPA das acaloradas discussões sobre a sexualidade feminina iniciadas por Karen Horney. Em 1924 suas ideias começaram a tomar peso e ter os primeiros choques com as teses de Freud. Foi introduzida na *British Psychoanalytical Society (BPS)*, transferiu-se para Londres em 1926.

continuadores da obra de Sigmund Freud. Na historiografia psicanalítica, o modelo kleiniano⁵⁰ seria o aprofundamento do pensamento de Sigmund Freud, e como diriam os estudiosos desta história: um modelo de continuidade vertical. De fato, como afirma Mezan (2014, p. 44) “a escola kleiniana insiste no tema de aprofundamento das ideias freudianas possibilitado pelo trabalho de Melanie Klein”.

A teoria kleiniana, segundo Roudinesco e Plon (1998), mais que uma corrente como o Annafreudismo, tornou-se uma escola comparável ao Lacanismo. É um sistema de pensamento que possui uma mestra e que modificou a doutrina e clínica freudianas clássicas. Integrou na psicanálise o tratamento das psicoses, inventou o próprio princípio da psicanálise de crianças e transformou a interrogação freudiana sobre o complexo de Édipo, neurose e sexualidade. Mas, reconheceu os fundamentos teóricos do freudismo sem propor qualquer teoria do sujeito, pois a própria Melanie Klein negava um kleinismo independente do freudismo. Para Roudinesco e Plon (1998) o kleinismo é um dos grandes componentes do moderno legitimismo freudiano, uma vez que se inseriu no seio da IPA sem contestar a ideia de organização universal do movimento psicanalítico. Segundo Roudinesco e Plon (1998), o kleinismo teve o seguinte papel no movimento psicanalítico:

Enquanto o annafreudismo encarna, através da figura da filha do pai, o vínculo de identidade que interligou os membros da antiga diáspora vienense exilada nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, o kleinismo é uma doutrina em expansão, sobretudo nos países latino-americanos (Brasil e Argentina), onde ajuda a psicanálise a enfrentar as outras escolas de psicoterapia que começaram a ameaçá-la, a partir da década de 1970, em virtude de sua falta de criatividade. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 435)

Para Mezan (2014), a escola kleiniana não alterou substancialmente o esquema conceptual originado de Freud, mas se houve continuidade e novidade,

⁵⁰ No ano de 1932 Melanie Klein publicou sua obra *A psicanálise de crianças* que sinalizaria a estrutura de seus futuros estudos teóricos. Deste momento em diante Melanie Klein enfrentaria diversos ataques e opositores. Em 1933, quando o nazismo toma o poder na Alemanha, muitos psicanalistas berlinenses e vienenses rumam à Londres, inclusive a família Freud. Melanie Klein teve que enfrentar ininterruptos ataques e hostilidades. Entre 1942 a 1946 a tensão era imensa dentro da BPSaté que a dissidência fora negociada internamente entre Kleinianos, Annafreudianos e Independentes. Entre os anos 50 até sua morte em 1960, Melanie Klein manteve seu dinamismo e uma de suas inovações foi o conceito de inveja como extensão da pulsão de morte. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 433)

não seria linear, e sim uma continuidade. Em sua obra *O Tronco e os Ramos*, Mezan (2014) defendeu esta ideia da seguinte maneira:

Quanto aos modelos sobre determinantes, entre os quais se conta a presente proposta, procuram levar em conta não somente a derivação ideal de teoria a teoria, mas o fato de que a teoria “segunda” se origina de outros focos, além da herança conceitual de Freud. O que chamo aqui de “foco” consiste na verdade, num complexo conjunto de determinações entrecruzadas – algumas de ordem clínica, outras de ordem conceitual, outras vinculadas às disciplinas com as quais se considera que a psicanálise deva manter interlocuções – que, caso a caso, é necessário estabelecer seguindo a pista dos textos. (MEZAN, 2014, p. 47)

As contribuições de Melanie Klein à psicanálise se deram a partir das obras tardias de Freud, como *Além do Princípio do Prazer* (1920), *O Ego e o Id* (1923) e *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926). As contribuições mais clássicas de Klein para a psicanálise podem ser assim enumeradas: 1ª conceitos sobre as etapas mais primitivas do desenvolvimento psicosexual sobre as fantasias inconscientes e as primeiras defesas contra a angústia; 2ª o conceito de posição; 3ª os conceitos sobre o ego, o superego e sobre a situação edipiana; 4ª o conceito de mundo interno; 5ª o novo *status* dado ao objeto e às relações internas deste e 6ª o conceito dos mecanismos de introjeção e projeção como atuantes desde o início da vida psíquica do bebê (NEVES, 2007, p. 22).

Podemos também apontar de forma esquemática, segundo Neves (2007), as principais características específicas da psicanálise Kleiniana da seguinte forma: 1ª o *setting* psicanalítico; 2ª a interpretação; 3ª o mundo interno; 4ª transferência e contratransferência e 5ª identificação projetiva e a função de continência do analista. Como uma das modalidades interpretativas do freudismo, o kleinismo articulado com o antigo suporte biológico e darwinista deste último, inclui os pós-kleinianos que se pautaram em Wilfred Ruprecht Bion⁵¹ (ROUDINESCO; PLON, 1998, 434).

⁵¹ Wilfred R. Bion, médico e psicanalista inglês, nasceu em Muttra, Índia. Em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial, foi incorporado ao batalhão de blindados que em 1918 saiu “com a patente de capitão, uma sólida experiência da fraternidade humana e dos artifícios da hierarquia militar, de que se serviria anos depois” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 69). Formou-se em filosofia e literatura na Universidade de Oxford. Após um fracasso amoroso, Bion procurou a psicoterapia o que o levou à psiquiatria e depois à psicanálise. Dedicou-se durante os anos 30 ao tratamento de jovens delinquentes na respeitada Clínica Tavistock de Londres. Em 1937, inseria-se completamente ao Freudismo durante os seus contatos com John Rickman e Melanie Klein. Participou durante a Segunda Guerra da reforma psiquiátrica na Inglaterra e das experiências de Maxwell Jones com as comunidades terapêuticas. Com Rickman, além de

A influência de Melanie Klein sobre a orientação teórica de Bion foi muito forte. Suas obras foram uma revisão filosófica da obra freudiana e da leitura kleiniana desta. Concebeu um inconsciente fundado na linguagem e baseando-se na filosofia kantiana, “Bion dividiu o aparelho psíquico em duas funções mentais: a função alfa, correspondente ao fenômeno, e a função beta correspondente ao númeno (a coisa em si, a idéia)” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 70).

As ideias de Bion foram se consolidando em alguns conceitos, como: psicologia de grupo, objetos bizarros, ideogramas, o indivíduo e o grupo como conteúdo e continente, personalidade psicótica. Segundo Roudinesco e Plon (1998), Bion buscou dar maior cientificidade à psicanálise.

Bion construiu também um modelo de tratamento, ao qual deu o nome de grade. Composta de um eixo vertical de oito letras (de A a H), conotando o grau de complexidade do enunciado, e um eixo horizontal de seis algarismos (de 1 a 6), representando a relação transferencial, a grade deveria permitir ao mesmo tempo auxiliar o clínico em sua escuta e dar uma base dita “científica” à prática da psicanálise. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 71)

Segundo estes autores, durante os anos 60, perdendo influência na Inglaterra, Wilfred R. Bion decidiu-se mudar para os Estados Unidos. Em 1968, já morador de Los Angeles, ele fez várias viagens ao Brasil e à Argentina, onde “o impacto de seu ensino, de sua doutrina e de sua técnica psicanalíticas teve grande importância na difusão do que não se tardou a considerar como um neokleinismo” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 71). Grande parte de suas obras e publicações no Brasil aconteceram exatamente no momento em que se lançava a *Revista Brasileira de Psicanálise*, cuja repercussão na revista será apresentada mais à frente.

Os estudiosos sobre o kleinismo e o bionismo têm demonstrado um aspecto muito relevante sobre a forma de divulgação destes sistemas de pensamentos no Brasil. Barros e Barros (1995), por exemplo, expôs que as traduções das obras de Klein no Brasil são de baixa qualidade e a publicação fora da cronologia causou confusão conceitual entre os psicanalistas brasileiros. Abrão (2008, p. 373), por sua vez, afirmou que a transmissão do pensamento

atender os pacientes atormentados pela neurose de guerra, Bion experimentou a prática terapêutica com pequenos grupos sem líderes. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 69)

kleiniano no país, seja por via oral ou escrita, tem contribuído para uma compreensão aleijada deste sistema conceitual. É comum, segundo ele, os defensores deste pensamento enfatizarem um aspecto da teoria ou da técnica, “com o intuito de demarcar fronteiras e conferir aos adeptos deste sistema conceitual maior identidade e legitimidade em sua prática clínica”.

Não faremos aqui uma investigação para saber se os conceitos utilizados na revista estão ou não fiéis à obra original de Melanie Klein e Wilfred Bion, mas sim demonstrar que os temas trazidos nas páginas da revista pelos psicanalistas ipeístas de filiação kleino-bioniana demarcavam seu território e as relações de poder e controle entre eles e a legitimidade frente às outras escolas psicanalíticas e demais concorrentes. Perceberemos que ao contemplar determinados temas, demonstravam a realidade institucional em que viviam.

3.2 FASE PAULISTA DA RBP: EDIFICAÇÃO KLEINO-BIONIANA

Nos anos de 1967 a 1970, iniciava-se a edificação da psicanálise kleino-bioniana nas páginas da *Revista Brasileira de Psicanálise*. Percebemos que os inúmeros artigos e textos publicados traziam muitos temas voltados à clínica psicanalítica. Discutidos, em sua grande maioria, à luz da conceitualidade kleino-bioniana, alguns destes temas, como por exemplo *acting out* e agressão, ganharam mais espaço nos números da revista, pois eram discutidos nacional e internacionalmente.

Nos dois primeiros anos da revista, 1967 e 1968, durante a diretoria de **Durval Marcondes**, foram publicados 72 artigos/textos (ANEXO II). Grande parte era originária dos trabalhos discutidos na “I Jornada Brasileira de Psicanálise” em maio de 1967. Entre diversos assuntos publicados à luz da teoria kleino-bioniana, podemos citar: Identificação projetiva, cena primária, depressão, homossexualidade, transferência e contratransferência, arte e fantasia inconsciente, melancolia, organização genital, *splitting*, defesas maníacas, adolescência, personalidades psicopáticas, psicoterapia de grupo, identidade de sexo, estruturação do ego, regressão, fobia e desvios da sexualidade, com destaque entre estes, ao tema central *acting out*⁵².

⁵² Em Laplanche e Pontalis (2016, p. 6) *acting out* é um termo usado em psicanálise para designar as ações que apresentam, quase sempre, um caráter impulsivo, relativamente em ruptura com

A discussão sobre o *acting out* era pauta do movimento psicanalítico internacional. Mas, Michel de M'Uzan e Jacques Lacan, psicanalistas franceses, não tiveram espaço entre os psicanalistas brasileiros fiéis às posições kleinio-bionianas.

Toda a produção sobre o tema *acting out* na “I Jornada Brasileira de Psicanálise” e transcrita na revista foi embasada tanto nas obras de Freud, Melaine Klein e Bion quanto em Rosenfeld, Fenichel, Leon Grinberg, Liberman, Rodrigué, Segal, Thorner, Rascovsky, Ferrão e Décio S. Souza. Não há referência à obra de Lacan em nenhum texto da referida jornada, nos volumes 1 e 2 da revista ou em qualquer produção desenvolvida no momento. A base teórica kleinio-bioniana era fortemente aplicada.

Em 1968, a Revista passava a valorizar além do tema *acting out*, a regressão⁵³. Ao lado do tema fobia, a regressão foi discutida na II Jornada Brasileira de Psicanálise em maio de 1968. Avaliada sob o ângulo kleinio-bioniano, a regressão foi destacada em suas conexões com o processo analítico, cena primária, sonho, mito, contratransferência, elaboração das posições esquizoparanóides e depressivas, reação terapêutica negativa com o instinto de morte (UCHÔA, 1968, p. 313). Apesar do domínio kleinio-bioniano, as contribuições basearam-se também nos trabalhos de Freud, Fenichel, Heimann, Winnicott.

Não houve artigo que apontasse diretamente o que acontecia no Brasil, o artigo “A Mensagem de Roda-Viva”, de 1968, Virgínia L. Bicudo trouxe uma interessante crítica sobre poder e sociedade na perspectiva kleinio-bioniana e

os sistemas de motivação habituais do sujeito [...] Para o psicanalista, o aparecimento do *acting out* é a marca da emergência do recaiado. Quando aparece no decorrer de uma análise (durante a sessão ou fora dela), o *acting out* tem de ser compreendido na sua conexão com a transferência, e frequentemente como uma tentativa para ignorá-la radicalmente. Para Roudinesco e Plon (1998, p.5) o termo remete à técnica psicanalítica e designa a maneira como um sujeito passa inconscientemente ao ato fora ou dentro do tratamento psicanalítico, ou mesmo para evitar a verbalização da lembrança recaiada e para se furtar à transferência. No Brasil também se usa “atuação”.

⁵³Num processo psíquico que contenha um sentido de percurso ou de desenvolvimento, designa-se por regressão um retorno em sentido inverso desde um ponto já atingido até um ponto situado antes desse (LAPLANCHE E PONTALIS, 2016, p. 440). Conceito descritivo para Freud definido em 1914 em *A Interpretação dos Sonhos*: “Distinguimos três espécies de regressões: a) *Tópica*, no sentido do esquema [do aparelho psíquico]; b) *Temporal*, em que são retomadas formações psíquicas mais antigas; c) *Formal*, quando modos de expressão e de figuração habituais são substituídos por modos primitivos. (FREUD, 1914, p. 554)

inserida no tema conflito de gerações, mas uma discussão que nos ofertou elementos sobre as representações da realidade presente.

A reflexão sobre o saber psicanalítico feita pela revista neste seu momento inicial demonstraria as concepções e representações que apareceriam durante os 20 anos pesquisados. A construção de um saber psicanalítico como um saber científico específico começou a ser defendido no primeiro artigo publicado sobre o tema em 1967: “Psicanálise – Ciência Específica – Psicanalista – Profissão Especializada”, de David Ramos. Ideia que fora reforçada pelos artigos “Duas formas Ativas de Resistência à Psicanálise: Hostilidade Declarada e Falsa Adesão”, de Virgínia L. Bicudo, “Considerações sobre a Metodologia Psicanalítica”, de David Ramos, “Reflexos da Análise Didática na Vida Científica de Sociedades de Psicanálise”, de Luiz de Almeida Prado Galvão.

Sobre a profissão de psicanalista, a revista iniciava pelo artigo fundador de David Ramos “Psicanálise – Ciência Específica – Psicanalista – Profissão Especializada” a construção de uma concepção de um profissional com uma formação especializada e diferenciada em relação às áreas psis. Concepção que seria corroborada neste momento pelo artigo “Sobre o Exercício da Psicanálise: Uma Nova Profissão”, de 1967, de Luiz de Almeida Prado Galvão.

Para garantir a legitimidade de sua base teórica kleino-bioniana, o seu saber psicanalítico como uma ciência específica e a profissão de psicanalista como um ofício especializado, os dirigentes do movimento psicanalítico ipeísta e da revista não abririam mão de se reportar ao passado histórico do movimento psicanalítico. Neste momento inicial da revista publicaram o artigo “Notas para a História da Psicanálise em São Paulo”, de 1967, de Luiz de Almeida Prado Galvão.

Durante a direção de **David Ramos** entre 1969 e 1970, os dois volumes da revista publicaram 51 artigos/textos (ANEXO III). O tema do I Congresso Brasileiro de Psicanálise realizado em Porto Alegre em 1969, “Identidade de sexo e seus distúrbios” tomou conta da revista neste ano e foi apresentado mais especificamente pela abordagem psicológica e pelo ponto de vista biológico. Sobre o qual houve, segundo o analista didata gaúcho Cyro Martins, incumbido de fazer o Relatório Final do Congresso, acalorados confrontos entre os participantes.

Por momentos, houve divergências claras, dividindo-se os participantes das discussões em três correntes: biológica, psicológica e sociológica. Cada uma punha o acento tônico do problema da identidade sexual num desses pontos de vista, embora nenhum pretendesse ser exclusivista. Entretanto, viu-se em seguida que havia um denominador comum subjacente a essa discussão, por vezes acalorada, pois todos levavam em consideração, no problema em estudo, essa base tríplice. (MARTINS, 1969, p. 109)

Em 1970⁵⁴, o tema contemplado pelos eventos ipeístas era a agressão⁵⁵, mas nas páginas da revista foram priorizados temas que demonstravam nitidamente a perspectiva kleino-bioniana para a construção do saber psicanalítico: Identificação projetiva, Transferência, Simbolização, Relações internas do objeto, Depressão, Narcisismo, Inveja, Psicoterapia de grupo. O artigo “La Matanza de los Hijos”, de 1970, de Arnaldo Rascovsky, neste debate kleino-bioniano, permitiu que identificássemos representações da realidade que estavam inseridos.

As reflexões que eram feitas sobre o seu saber enquanto ciência ainda apresentavam forte influência do fisicalismo, como podemos verificar nos debates apresentados nos artigos de 1970 “Posição da Psicanálise na Psicologia e na Ciência em Geral”, de Durval B. Marcondes e “Troca de Idéias sobre Psicanálise”, de Laertes Moura Ferrão.

Sugestões para a profissão de psicanalista na revista foram apresentadas no artigo “Sobre a Função de Psicanalista”, de 1970 de Virgínia L. Bicudo e “Distúrbios na capacidade para o trabalho”, de Elliot Jaques. Em relação ao passado histórico, foi exaltada a figura de Freud no artigo “Freud e as

⁵⁴ Neste ano a revista anunciava três grandes eventos: o II Congresso Brasileiro de Psicanálise, o VIII Congresso Latino-Americano de Psicanálise e o XXVII Congresso Internacional de Psicanálise da IPA. O vínculo entre os psicanalistas brasileiros e a IPA também poderia ser percebido quando o Congresso Brasileiro de Psicanálise optava pelo mesmo tema escolhido pelo Congresso Internacional de Psicanálise da IPA, no II Congresso Brasileiro de Psicanálise a ser realizado em 1971 o tema seria “Estudo psicanalítico da agressão: aspectos teóricos e clínicos” e o do XXVII Congresso Internacional de Psicanálise da IPA “O Conceito Psicanalítico de Agressão: Aspectos Teóricos, Clínicos e Aplicados”.

⁵⁵ Como agressividade Laplanche e Pontalis (2016, p. 11): Tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantasísticos que visam prejudicar o outro, destruí-lo, constrange-lo, humilhá-lo, etc. A agressão conhece outras modalidades além da ação motora violenta e destruidora; não existe comportamento, quer negativo (recusa de auxílio, por exemplo) quer positivo, simbólico (ironia, por exemplo) ou efetivamente concretizado, que não possa funcionar como agressão. A psicanálise atribuiu uma importância crescente à agressividade, mostrando-a em operação desde cedo no desenvolvimento do sujeito e sublinhando o mecanismo complexo da sua união com a sexualidade e da sua separação dela. Esta evolução das ideias culmina com a tentativa de procurar na agressividade um substrato pulsional único e fundamental na noção de pulsão de morte.

Vicissitudes de uma Sociedade Psicanalítica”, de 1970, de Maria P. Manhães e Adolfo Hoirish.

Estrategicamente os dirigentes da revista reforçavam a defesa das ideias kleino-bionianas na seção artigos e textos com sugestões de leituras de livros novos na seção pós-textos. No primeiro volume, 1967, a resenha apresentada como indicação de leitura “Introdução à obra de Melanie Klein” de Hanna Segal, com comentários da analista didata Lygia do Amaral, menos que sugerir uma simples leitura, oferecia o convite para o leitor dar os primeiros passos no caminho do kleinismo.

Os dirigentes da revista foram cuidadosos na publicação dos dois primeiros volumes. Nos oito números foram indicadas leituras, todas vinculadas ao kleino-bionianismo: “Vocabulaire de Psychanalyse” de J. Laplanche et J. -B. Pontalis comentado por Durval Marcondes; “História, Enseñanza y Ejercicio legal del Psicoanálisis” de Aberastury, A., Aberastury M., Cesio, F. R., comentado por Armando Ferrari; “Os Elementos da Psicanálise” de Wilfred R. Bion comentado por Laertes Ferrão; “Os Estados Psicóticos” de Hosenfeld, comentado por Lygia do Amaral (ANEXO X).

As indicações de leituras e livros no volume 4 da revista não poderiam ser mais reveladoras da posição psicanalítica do Conselho Editorial para os leitores. As *Obras Completas* de Sigmund Freud, *Noções Básicas de Psicanálise* de Charles Brenner, *Amor, Ódio e Reparação* de Melanie Klein e Joan Rivière e *Experiências com Grupos* de Wilfred R. Bion, todas publicadas pela Imago Editora em 1970, demonstravam a plataforma teórica legada pela SBPSP

Na fase seguinte, é possível identificar no material textual da revista sob a égide da ABP a consolidação da psicanálise kleino-bioniana a partir dos textos que colocavam em reflexão o saber, a profissão e a história do movimento psicanalítico ipeísta.

3.3 FASE NACIONAL DA RBP: REPOSITÓRIO KLEINO-BIONIANO

Durante esta fase, 1971 a 1986, avaliaremos a consolidação da psicanálise kleino-bioniana na *Revista Brasileira de Psicanálise* nas seis direções exercidas consecutivamente por Antonio Luiz Serpa Pessanha, Cecil José Rezze, Fajga Szterling, Neyla Regina França, Luciano Marcondes Godoy

e David Léo Levisky. Verificaremos, durante estas gestões, como foram as escolhas dos artigos e temas, a reflexão indicada aos seus leitores quanto ao saber psicanalítico, a profissão de psicanalista e o seu passado histórico.

Durante a direção de **Antonio L. S. Pessanha**, 1971 a 1972, foram publicados 74 artigos/textos (ANEXO IV). Dentre os temas importantes para a clínica psicanalítica, foram apresentados na Revista: Psicose, Identidade, Objeto, Transferência, Interpretação, Fantasias inconscientes, Criatividade e Cura. A revista trazia o debate nacional e internacional sobre a Agressão cujos artigos eram trabalhos ou relatórios apresentados no II Congresso Brasileiro de Psicanálise em abril de 1971, no Rio de Janeiro, e no XXVII Congresso Internacional de Psicanálise, em Viena, em julho de 1971.

O tema “Agressão” não foi discutido somente pelo aspecto psicanalítico, mas também pelo que, segundo os colaboradores da revista, chamavam de teoria psico-sócio-cultural. O mesmo estava relacionado à conjuntura internacional mobilizada pela Guerra do Vietnã, movimentos pela liberdade e regimes repressores como a Ditadura no Brasil, de modo que o tema “Agressão” era enunciado necessariamente para entender a relação do sujeito em seus conflitos psíquicos e o mundo que o cercava.

Os psicanalistas da SBPRJ, Maria Luiza Pinto, José Candido Bastos e Roberto Bittencourt Martins, liderados pelo analista didata Walderedo Ismael de Oliveira, publicaram na revista, em 1971, v. 5, n. 3-4, o seu Relatório Oficial apresentado no II Congresso Brasileiro de Psicanálise, com o título “Estudo Psicanalítico da Agressão – Aspectos Teóricos e Clínicos”. Neste texto, os colaboradores demonstraram a incidência da conjuntura de crise e guerra na constituição do sujeito e a agressão passa ser o problema de fundo a ser discutido. Partem das avaliações de Freud sobre os momentos de crise e afirmação de que o indivíduo passa a ser uma partícula da gigantesca máquina de guerra. Para estes psicanalistas da SBPRJ, deveria haver consternação com as trágicas situações a que as forças de agressão conduziram a espécie humana:

Num tempo em que a profusão de guerras e a probabilidade do emprego das armas atômicas armazenadas ameaça a sobrevivência de toda humanidade; em que os reservatórios de armas bacteriológicas, gases letais e outros dispositivos mortíferos aumentam gigantesca e seu potencial destrutivo; e no qual a liberação dos

impulsos mais agressivos do homem pode significar não apenas o extermínio da espécie mas até o do próprio planeta em que ela surgiu e se desenvolveu – num tempo como esse, as palavras de Freud nos indicam, mais uma vez, o caminho a seguir, ao investigar psicanaliticamente as tendências agressivas e as manifestações destrutivas no comportamento humano. (OLIVEIRA et. al., 1971, p. 207)

Percebe-se a abordagem sobre as tragédias pelas quais o mundo passava: guerra, bombas e crise, mas não era enfatizada a conjuntura brasileira, pois os exemplos de problemas que afligiam o comportamento humano sempre eram distantes e universais. Os psicanalistas reafirmavam que através do material clínico teriam ampla visão e penetração nos processos que se desenvolviam a partir de acontecimentos incidentais da realidade externa e que as associações e fantasias de um paciente poderiam reduzir as manifestações de natureza agressiva recolhidas em dados da realidade externa.

Uma diversidade de posições psicanalíticas era perceptível sobre os temas tratados entre 1971 e 1972, entretanto era submetida ao eixo psicanalítico Freud-Klein-Bion. Em 1971, durante o II Congresso Brasileiro de Psicanálise, é possível ver esta profusão de posições psicanalíticas sobre o tema Criatividade. Em quase todo o volume 5, 1972, o tema debatido foi Critérios de Cura⁵⁶, com participação de psicanalistas das quatro Sociedades neste debate. A posição comum entre eles foi que a cura no tratamento psicanalítico difere dos demais tratamentos psicoterápicos. Segundo a analista didata da SPRJ, Maria P. Manhães (1972, p.53), a cura em Psicanálise “não visava apenas a volta ao estado anterior da enfermidade, mas também um melhor desenvolvimento do aparelho psíquico”. Mesmo diante de uma vasta referência teórica de base freudiana, os psicanalistas ipeístas chegaram à conclusão da dificuldade em definir o conceito de cura⁵⁷.

⁵⁶Para debater este tema fizeram questão de enumerar os autores que dariam base teórica para este debate, a começar por Freud, indicavam Otto Rank, Hans Sachs, H. Numberg, Glover, Ferenczi, K. Abraham, Sandor Lorand, Ella Freeman Sharp, Karl Menniger, Melaine Klein, Gitelson, H. Racker, Fairbairn, Hanna Segall, Paula Heimann, James Strachey, Bela Grunberger, P. Luquet, S. Nacht, Pichon Rivière, Donald Meltzer, John Rickman, W. Hoffer, H. Kohut, W. W. Kemper, o brasileiro Zimmermann.

⁵⁷ A revista também deu destaque ao tema Criatividade. Discutido por quatro grupos de trabalho dentro do II Congresso Brasileiro de Psicanálise. Fora melhor trabalhado pelos psicanalistas da SPRJeSPPA, que apresentaram trabalhos mais semelhantes quanto aos conteúdos e às inquietações que dominaram os debates (RBP, 1971, p. 173). O III Congresso Brasileiro de Psicanálise em 1972 teve como temas oficiais “Critérios de Cura” e “Avaliação da Interpretação”, dando continuidade aos debates do II Congresso e ofertando novos artigos para a revista

Entre os debates dos psicanalistas ipeístas, aspectos da sua realidade presente apareceram nos artigos “Incidência da Realidade Social no Trabalho Analítico” de Virgínia L. Bicudo, “Psicanálise e Economia Política – uma análise do dinheiro” de Victor M. Andrade e “Influência Histórico-Social na atitude analítica” de Adelheid Koch e Helládio Francisco Capisano.

As sugestões da revista para a reflexão da psicanálise enquanto saber científico puderam ser vistas no artigo “Avaliação da Interpretação” de Walderedo I. de Oliveira, Maria L. Pinto e Roberto B. Martins em 1972. A revista trazia o debate sobre o tema regulamentação da profissão de psicanalista, que fora dirigido pelos analistas didatas, cujos artigos que trataram deste tema foram “A Profissão de Psicanalista, sua Regulamentação” de Armando Bianco Ferrari, “Regulamentação da Profissão de Psicanalista” de Leão Cabernite e “Algumas considerações sobre psicanálise como profissão e sua regulamentação” de Mário Pacheco de Almeida Prado publicados em 1972.

O passado histórico como um meio de legitimação dos psicanalistas ipeístas foi tratado na revista pelos artigos “Agressão, Édipo e Perspectiva Histórica” do presidente da IPA Leo Rangell, “Quatro Cartas inéditas de Freud dirigidas a um português” de Maria Alice Malva do Valle, Orlando Silva Santos, Francisco Alvim e Pedro Luzes e “Passado, Presente e Futuro da COPAL” de Arnaldo Rascovsky e Leon Grinberg.

Nas páginas da revista o reforço às ideias kleino-bionianas vinha da seção pós-textos. Os editores traziam, além das informações sobre os temas agressividade, cura e criatividade, informações sobre o I Pré-Congresso de Didatas realizado no primeiro dia II Congresso Brasileiro de Psicanálise em 1971. A revista não poderia deixar de informar o poder de decisão e controle dos analistas didatas kleino-bionianos neste momento. Presidido por Durval Marcondes, este conclave teria o objetivo de deixar sob o controle dos analistas didatas decisões fundamentais para a garantia da psicanálise “verdadeira” sob orientação ipeista. Neste I Pré-Congresso de analistas didatas, discutiram que a abertura de um novo Núcleo de Psicanálise seria uma decisão exclusivamente deles.

Durante os anos de 1971 e 1972, os noticiários da seção pós-textos da revista atestaram a grande agitação administrativa que tomou as Sociedades

psicanalíticas. Foram realizadas eleições e posses em todas elas e na ABP, o grupo bioniano ampliaria suas influências a partir deste momento.

Durante a direção de Antônio L. S. Pessanha a base teórica kleiniana-bioniana aprofundava sua influência entre os psicanalistas ipeístas. A revista como veículo deste processo continuava a publicar os trabalhos dos Congressos psicanalíticos. Na seção central, artigos e textos, e na seção pós-textos a base kleino-bioniana era visível nos artigos, informações e sugestões de leituras. Intensificaram-se também as concepções kleino-bionianas sobre o mundo externo violento e repressivo.

Nos dois biênios de **Cecil José Rezze**, na seção central da revista foram publicados 238 artigos/textos (ANEXO V). Os temas publicados eram oriundos dos IV, V e VI Congressos Brasileiros de Psicanálise, dos XXVIII e XXIX Congressos Internacionais da IPAe dos X e XI Congressos Latino-Americanos de Psicanálise.

Os temas que mais envolveram os psicanalistas entre 1973 a 1974 foram influência e consequência de novas teorias na técnica psicanalítica, conflito de gerações, psicanálise como investigação e terapia, identificação projetiva, a Grade, drogas e identidade na cultura atual. De 1975 a 1977 o debate kleino-bioniano deu-se fortemente sobre os seguintes temas: ego e id, função beta, teoria estrutural e relações de objeto, elaboração, identificação projetiva, narcisismo e inconsciente.

A influência de Wilfred R. Bion sobre os psicanalistas brasileiros era notória a partir de 1973, quando de sua visita ao Brasil. Por intermédio do analista didata da SBPSP e membro efetivo BPS Frank Phillips, Wilfred R. Bion veio ao Brasil e teve grande repercussão entre os psicanalistas das quatro Sociedades. Na seção pós-textos fora dado destaque à visita de Wilfred R. Bion em abril de 1973, como também à visita, em dezembro, do psicanalista britânico Hans Adof Thormer, cujo destaque editorial foi de que ambos deram continuidade à obra de Melanie Klein.

O tema oficial do IV Congresso Brasileiro de Psicanálise no Rio de Janeiro foi “Influências e Consequências do Advento de Novas Teorias no Manejo de Técnicas Psicanalíticas”. As novas teorias discutidas neste Congresso eram, certamente, as ideias bionianas a causar expectativas e também resistências

entre os psicanalistas ipeístas. A *Revista Brasileira de Psicanálise* publicou os debates realizados no Congresso e priorizou o tema em suas páginas.

Nos textos, é possível identificar que Wilfred R. Bion, apesar de ser a novidade, era colocado na sequência de Freud e Klein. As teorias dele vinham para acrescentar e inovar a base kleiniana dos psicanalistas ipeístas. Mas foi interessante notar que os diversos grupos em debates sobre “Novas Teorias” apresentavam a preocupação em relação à análise e ao uso da teoria psicanalítica. Um dos sintetizadores na revista, o médico e membro associado da SBPRJ, Abram Josek Eksterman, concluía a síntese: “Na medida que o analista absorve os postulados teóricos de um autor, não é Bioniano, nem Freudiano, nem Kleiniano, mas ele mesmo” (EKSTERMAN, 1973, p. 59). O sintetizador, também médico e psicanalista José Carlos S. Carpilovsky concluía a importância do debate sobre o tema Novas Teorias:

Ao final todos os participantes julgavam-se enriquecidos, embora lamentando um não maior exame de material clínico. Compreenderam o retorno constante ao tema de como trabalhar, como sendo esta uma expressão das dificuldades de contato com novas idéias. E não conseguiram responder as questões que a presidência reiteradamente colocava: “A que conclusões vocês chegaram? Há novas teorias? Em que medida influíram na técnica?” (CARPILOVSKY, 1973, p. 60)

Esta situação apresentada no IV Congresso Brasileiro de Psicanálise remete-nos a duas ideias: uma de Roudinesco e Plon (1998) que os psicanalistas brasileiros, diferentemente dos argentinos, não produziram teorias que inovassem a psicanálise, outra advinda de Khun (1994) e Latour (2011) que advogam a construção de um saber científico no ato, exercício e prática de seus pesquisadores. De fato, não houve naquele momento algum psicanalista que inovasse algum aspecto da teoria psicanalítica, mas na seção de pós-textos da revista é possível verificar a dinâmica desta comunidade de psicanalistas na produção do saber psicanalítico. Sem dúvida, era intensa e rica como afirmava o psicanalista Abram Josek Eksterman.

Outro tema instigante e debatido pelos psicanalistas no IV Congresso de Psicanálise foi “Conflito de Gerações”. Na revista foram publicados os relatórios feitos sobre os debates em torno deste tema, como o significado psicanalítico de conflito e sua explosão em meio às gerações na adolescência e o papel da inveja recíproca no conflito de gerações. Esboçaram os aspectos sociológicos, antropológicos e históricos do conflito de gerações trazendo o exemplo dos

hippies, sexo e drogas. Mas, o conflito que mais lhes causou polêmica foi, certamente, aquele surgido dentro dos Institutos e Sociedades. Chegava a hora de tocar num problema latente e incômodo para os psicanalistas ipeístas, os conflitos entre os psicanalistas de uma determinada Sociedade e Instituto.

Três artigos publicados na revista de 1973 “Conflito de Gerações” de Darcy M. Uchôa, “O Conflito de Gerações” de Galina Schneider, Ernesto M. La Porta, Leão Cabernite, Inês Besouchet e Nylde Macedo Ribeiro, “Conflito de Gerações, Emergente de Idéias Novas” de César A. Ottalagano, Gecel L. Sztterling e Fajga Sztterling e “Conflito de Gerações – Sexo x Tóxico” de Jacob David Azulay eram na verdade relatórios feitos do IV Congresso Brasileiro de Psicanálise com abordagens e referências kleino-bionianas.

O sintetizador do relatório da SPRJ, Eduardo Mascarenhas, mostrou que o debate deu sobre a necessidade de haver diálogos constantes nas Sociedades sobre-se os interesses coletivos para acabar, como dizia ele, com a hipocrisia e o clima opressor. Para Katz (1985, p. 223), este texto era uma exceção na revista por fazer uma crítica contundente aos analistas didatas como: chamá-los de “cardeais vitalíticos que se elogivam entre si e determinavam a vida da instituição”. A síntese do relatório da SPRJ feita pelo seu membro associado Eduardo Mascarenhas deixa-nos claro o conflito entre analistas didatas e os outros membros da Sociedade, que assim expõe:

Que nestas reuniões assuntos considerados “tabus” sejam amplamente discutidos, como por exemplo o critério de seleção de candidatos, se deve ou não incluir psicólogos e outros profissionais, e para as sociedades da Guanabara, qual a posição de seus membros com respeito à existência de duas Sociedades.

Que assuntos como a expulsão de candidatos ou membros sejam regulamentados a portas abertas, ficando os regulamentos das sociedades e seu critério de aplicação claramente conhecidos e definidos, evitando-se assim o clima secreto e obscuro gerador de fantasias persecutórias e desconfiança.

Foi discutida também a necessidade de as sociedades psicanalíticas serem auscultadas sobre distintos assuntos, evitando-se que os mesmos sejam discutidos apenas entre os didatas. (MASCARENHAS, 1973, p. 317)

Na revista, Eduardo Mascarenhas afirmava que a intenção do grupo no evento não era atacar os analistas didatas, mas os conchamar a atualizar a instituição psicanalítica à realidade do momento e que a não-atualização é geradora de conflitos e tensão entre os seus membros (MASCARENHAS, 1973, p. 318). Por mais que tivessem havido estes questionamentos, os analistas

didatas continuavam a tomar decisões como a elite dos psicanalistas. Foram estrategicamente contemplados no último número da revista de 1973, no qual foram publicados quatro textos sobre a “Formação de Novos Núcleos Psicanalíticos no Brasil”. Mais uma vez a revista teve exclusividade para registrar uma discussão dos analistas didatas, ocorrida no III Pré-Congresso, anteriormente já discutida, no I Pré-Congresso em 1971.

Numa nítida relação de poder, os analistas didatas deixavam alguns critérios para a formação de novos núcleos ligados ao ipeísmo, pois para estes, deveria ser atribuição da ABP, assim como a transferência de analistas efetivos ou associados das Sociedades para os locais que abririam novos núcleos. Sendo que a aplicação de recursos financeiros para a abertura destes novos núcleos também seria atribuição da ABP, cuja busca por reserva de mercado era nítida nos textos.

Em 1974, entre vários temas publicados na revista, teve destaque no nº 4 do volume VIII “Identificação e Identidade na Cultura Atual”⁵⁸. Este não fora criado pelo Conselho Editorial, mas adveio do X Congresso Latino-Americano de Psicanálise realizado no Rio de Janeiro, cujos relatórios feitos durante o evento foram publicados na revista em forma de artigo e intitulados como “Identificação e Identidade na Cultura Atual”, “Identificação e Identidade na Cultura Atual”. e Mais uma vez buscavam primeiro discutir cada conceito – identificação, identidade e cultura – para depois tratar especificamente da crise de identidade dos psicanalistas, que ao serem discutidas, tinham como ênfase a situação clínica, não a posição social.

A *Revista Brasileira de Psicanálise* também foi, em 1975, um repositório dos temas debatidos no X Congresso Latino-Americano de Psicanálise. O número de textos publicados pelos psicanalistas argentinos foi considerável, com predomínio dos temas sobre clínica, técnica e psicanálise aplicada, e pouco destaque às questões relacionadas à realidade e à sociedade. Característica que foi reforçada com os textos advindos do XXIX Congresso Internacional da IPA e que teve como tema oficial “Trocas na prática e experiência psicanalíticas”.

⁵⁸ Se o conceito de identidade não faz parte diretamente do repertório psicanalítico, o conceito de identificação é historicamente utilizado pelos psicanalistas, segundo Laplanche e Pontalis (2016, p. 226) identificação é o “processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações”.

Não se pode pensar que as relações entre os psicanalistas ipeístas eram isentas de conflitos. As sínteses dos trabalhos realizados no V Congresso Brasileiro de Psicanálise apresentadas na revista nº 1 de 1976 demonstrou ácidos conflitos entre eles por causa do tema do evento. A síntese feita pelo psicanalista Bernardo Blay Neto sobre o trabalho do primeiro grupo de estudos dentro do evento demonstrou claramente esta tensão:

Passou-se a interrogar o porquê da escolha do tema para o Congresso, interrogação esta não acolhida, pois foi rejeitada; outras tentativas de colocar novas interrogações como crise da psicanálise, o que é psicanálise, foram igualmente rechaçadas.

Diante disso, o grupo entrou em período de silêncio; não tendo aparentemente um rumo direcional, a moção de analisar uma avaliação do que fora discutido foi sentida como a tábua de salvação.

Aventou-se a hipótese de que as coisas não andavam bem por causa do sintetizador que perseguia o grupo, tentando funcionar como um gravador intervindo e atrapalhando a naturalidade e a espontaneidade das comunicações. Uns passaram a defender o sintetizador, outros a atacá-lo, até o deixarem em paz e a considera se a palavra servia para comunicar ou era a própria anticomunicação. Considerou-se estar o grupo de estudos tonto, procurando temas para fugir de perceber estar perdido (BLAY NETO, 1976, p. 156)

Assim como este autor, Raymundo Barcellos, membro efetivo da SBPSP, em seu texto “Narcisismo de Vicissitudes do Direito nas Sociedades de Psicanálise”, sem deixar sua posição kleino-bioniana, considerou os conflitos entre os psicanalistas e a importância do narcisismo na origem destes conflitos. E mais, ao tratar deste tema, ele nos permitiu identificar as relações de poder entre os psicanalistas de uma Sociedade:

Assim, a nível das Sociedades de Psicanálise e em função do contexto histórico, poderemos detectar o Grupo Narcísico em variável hierarquia: como *establishment*, ou não, e, em virtude das características dinâmicas expostas, este Sistema tenderá ao abuso de poder caracterizado por um permanente confronto com o princípio de realidade, na medida em que é representado nos demais membros da comunidade, tomados como representante do objeto mau, na forma de controles, hegemonias, discriminações etc., incapazes, portanto de um conagraçamento verdadeiro e fecundo para a preservação das prerrogativas de harmonia grupal e desenvolvimento científico da comunidade psicanalítica. (BARCELLOS, 1976, p. 448)

Ao mesmo tempo em que Raymundo Barcellos, neste texto da revista, fazia esta considerável crítica às relações de poder na SBPSP, deixava claro em seguida que não queria assumir posição política e nem gerar dissidências. Barcellos finaliza o texto dizendo “O presente trabalho não leva nenhum fim

polêmico. Pretende, apenas, lhe seja conferido foro de subsídio introdutório ao Narcisismo” (RBP, 1976, p. 448). A direção de Cecil José Rezze na revista encerrou no primeiro semestre de 1977, mas ele continuou como Diretor Editorial da revista pela SBPSP.

Na constante busca de afirmar uma psicanálise ipeísta de base kleinobioniana, a revista apresentou artigos que discutiam a realidade daquele momento como: “Conflito de Gerações” de Darcy M. Uchôa de 1972, “Acomodação e Independência” e “Perfil Trágico de nossos dias” de Mario Pacheco de Almeida Prado, publicados respectivamente em 1973 e 1974.

Na longa gestão de Cecil José Rezze alguns artigos apresentaram reflexões mais diretas sobre o saber psicanalítico como um saber científico, dentre eles podemos citar: “A Esfinge do Enigma Indecifrado” de Victor M. Andrade em 1973, “Psicanálise: Investigação ou terapia?”⁵⁹ em 1974 e “Psicanálise – Ciência, Pesquisa e Estudo de Gêmeos” do diretor da IPA Edward D. Joseph em 1975. Se, por um lado, a revista apresentara nesta gestão uma grande quantidade de artigos que discorriam sobre técnicas para o ofício de psicanalista, por outro, apresentara apenas um artigo de forma clara sobre as especificidades da profissão de psicanalista, em 1973, intitulado “Ofício: Psicanalista” de Ivan Ribeiro.

Mas, era chegada a hora de se reverenciar o passado histórico da revista e do movimento psicanalítico brasileiro. As comemorações de 10 anos da revista, em 1976, ofertaram vários textos que confirmavam a concepção dos dirigentes do movimento psicanalítico ipeísta de um passado memorável e louvável por terem uma história diretamente vinculada a Freud, Melanie Klein e Wilfred R. Bion, garantindo a ideia de legítimos herdeiros de uma psicanálise verdadeira. Merecem destaque os seguintes textos publicados: “Pré-História e História da Revista Brasileira de Psicanálise” de Luiz de Almeida Prado Galvão, “Revista para Sempre” de José Nabantino Ramos, “Alguns subsídios para História da Revista Brasileira de Psicanálise” de Mário Pacheco de Almeida Prado, “Dez

⁵⁹ Este artigo publicado na revista fora o Relatório Oficial do X Congresso Latino-Americano de Psicanálise no Rio de Janeiro em 1974. Fora um relatório feito por psicanalistas membros da Sociedade Venezuelana de Psicanálise. Coordenador Manuel Kzer R., Sintetizador Julio Aray, Secretário William Hobaica H., Autores: Fernando Acuña, Julio Aray, Antonio Briceño M., Nicolás Cupello M., Hugo Dominguez C., Antonio Garcia R., William Hobaica H., Manuel Kizer R., Juan A. Olivares C., Hernán Quijada, Guillermo Teruel T., Hans Voss M. A tradução fora feita por Cecil José Rezze, Raymundo Barcellos e Raquel S. Nelken. (RBP, 1974, p. 279)

anos depois” de David Ramos, “10º Aniversário da Revista Brasileira de Psicanálise” de Gecel Luzer Szterling, “História de trabalhadores” de Antonio Luiz Serpa Pessanha e “Ontem e Hoje” de Durval Marcondes.

Ainda no ano de 1976 trouxeram sobre o passado do movimento psicanalítico brasileiro “Contribuição ao Estudo da História da Psicanálise no Brasil” de Cyro Martins e “A Psicanálise em São Paulo - Jubileu de Prata. Homenagem a Durval Marcondes e Adelheid Koch” de Cléo Lichtenstein.

Durante a direção de Cecil José Rezze, a hegemonia da base teórica kleiniana-bioniana entre os psicanalistas ipeístas era incontestada. A revista como veículo deste processo continuava a publicar os trabalhos dos Congressos psicanalíticos. Na seção central, artigos e textos, nos 238 artigos/textos entre a miríade de temas discutidos sobre a teoria e técnica psicanalítica foi possível verificar uma distensão dos mandatários da revista frente a alguns temas antes não discutidos, como a relação de poder e as questões do mundo externo. Por outro lado, há claras evidências da manutenção do controle sobre o movimento pelo poder decisório dos analistas em seus Pré-congressos e a exaltação de seu passado histórico.

De 1977 a 1981, durante a direção de **Fajga Szterling**, foram publicados um total de 131 artigos/textos na revista (ANEXO VI). Publicaram-se predominantemente os trabalhos e debates apresentados no VI e VII e VIII Congresso Brasileiro de Psicanálise e alguns do XXX Congresso Internacional da IPA e dos Congressos Latino-Americanos de Psicanálise. No ano de 1979 a revista publicara textos produzidos para este volume e oriundos de trabalhos das Sociedades e de diversos outros eventos e Congressos.

No primeiro biênio desta gestão, 1977 a 1979, os artigos publicados na revista trouxeram à luz do referencial kleino-bioniano os temas: narcisismo e despersonalização, técnica psicanalítica, investigação em psicanálise, metapsicologia, afetos, dor, identificação projetiva, neurose de caráter, interpretação, simbolismo, supervisão, psicose e posição depressiva. No segundo biênio, os debates avançavam para os seguintes temas kleino-bionianos: transferência e contratransferência, *acting-out*, instinto de morte e interpretação.

O tema do VI Congresso Brasileiro de Psicanálise “Os Afetos e a Situação Psicanalítica” desdobrou-se em artigos na revista nos anos seguintes a 1977. As

discussões se deram sobre os aspectos teóricos, técnicos e clínicos, todas fundamentadas predominantemente em referências Freudianas, Kleinianas e Bionianas. Nas sínteses dos trabalhos apresentadas na revista, os temas da teoria kleino-bioniana como afeto, transferência e contratransferência demonstravam os debates e conflitos entre os psicanalistas.

Enquanto no XXII Congresso Latino-Americano de Psicanálise realizado em fevereiro de 1978 no México discutiram o tema “Problemas da análise de caráter”, no VII Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado em São Paulo, entre 1 a 5 de novembro, os psicanalistas concentraram-se em diversos temas que pudessem proporcionar o maior, “Estudos e troca de experiência”.

Entretanto, o que nos chama atenção é a articulação dos analistas didatas no IV Pré-Congresso Didático realizado no dia 1 de novembro de 1978, cujo tema discutido era “A Importância e a Necessidade das Associações de Candidatos”. Debateram temas que demonstravam o exercício de seu domínio nas Sociedades: seleção de pretendentes à formação, funcionamento das clínicas e institutos, seminários clínicos, coordenação de análise pessoal, cursos teóricos e supervisão, avaliação da formação, critérios de aceitação e preparação de analistas pessoais, supervisores e professores e grupo livre de troca de experiências, enunciados na revista como prática comum e consensual dos analistas didatas no Pré-Congresso:

O VI Pré-Congresso transcorreu em clima de cordialidade, com alto nível de integração e de produtividade, sendo opinião unânime dos pré-congressistas que a experiência deveria ser levada adiante nos futuros Pré-Congressos. (RBP, 1979, p. 252)

Este clima consensual e de controle proposto pelos analistas didatas seria abertamente criticado nas páginas da revista, no final da gestão de Fajga Sztterling. No artigo “As Dissidências entre os Psicanalistas e a Concorrência Capitalista” de Wilson L. Chebabi, membro associado da SPRJ, advogou a ideia de que as sociedades psicanalíticas constituem a afirmação de uma ordem que tem o objetivo de garantir certo poder a todos os seus membros, mas fracassava neste intuito quando surgiam as dissidências.

Nossas divergências, então, impele-nos compulsivamente a constituir dissidências justamente porque, em lugar de cooperar, concorreremos. A referência deixa de ser a obra de restauração da liberdade interior de nossos pacientes, para ser nossa posição em face da produção dos

outros. E quanto mais operante se torna a maquinaria burocrática de nossas instituições, mais somos convocados a servi-la em prejuízo do artesanato clínico do nosso “métier à tisser”. (RBP, 1981, p. 120)

Indiretamente Wilson L. Chebabi fez, ao final de seu artigo, uma dura crítica ao monopólio dos que mantinham o controle, os dirigentes das Sociedades de psicanálise. E na linguagem kleino-bioniana afirmou:

A corrida da concorrência visa o acúmulo, acúmulo que é a razão de ser da plutocracia. O acúmulo implica a imobilização de bens, ou de forças que garantam o poder econômico. Não vejo como extrapolação leviana entender que o recalado seja também um acúmulo de intensidades de excitação que ficam fora de circulação e que a recuperação consista justamente na redistribuição dessas energias. O monopólio exercido pelo Eu sobre as forças libidinosas com finalidade de garantir o poderio, chamamos em Psicanálise de Narcisismo. E é este que se tem tornado o foco de nosso empenho. (RBP, 1981, p. 120)

Os temas discutidos no VII Congresso Brasileiro de Psicanálise e no XII Congresso Latino-Americano de Psicanálise continuavam a dominar o espaço de publicação da revista nos anos de 1979 e 1980. Os temas kleino-bionianos publicados na revista foram: narcisismo, simbolismo, relação analítica e psicanálise das psicoses entre estas publicações a revista daria destaque a morte Wilfred Bion.

Os dois últimos anos em que Fajga Sztterling foi Diretora Superintendente da revista, 1980 e 1981, os debates do movimento psicanalítico se deram em torno dos temas recorrentes no VIII Congresso Brasileiro de Psicanálise e no XIII Congresso Latino-Americano de Psicanálise. A revista continuava a ser um repositório destas discussões em forma de artigo e textos, nos quais é perceptível uma ampliação do referencial teórico, principalmente oriundos da filosofia, mas a tendência kleino-bioniana continuava a ser hegemônica.

Durante esta fase, a revista já trazia abertamente críticas à realidade política, ao sistema capitalista, à ditadura nos artigos “Fantasia e Realidade no Homem Contemporâneo” de Abram Eksterman em 1980, “Nascimento, Violência e Poder” de Victor M. Andrade em 1980 e “As Dissidências entre Psicanalistas e a Concorrência Capitalista” de Wilson de Lyra Chebabi em 1981.

As reflexões sobre o saber psicanalítico como ciência podem ser vistas nesta gestão, pelos seguintes artigos: “O Lugar da Teoria na Formação Psicanalítica – Uma Visão do Candidato” de Moisés Groisman e Rubens Molina em 1977, “A psicanálise como contribuição ao Humanismo” de Curt E. Schwarz

em 1977, “Validação da Interpretação em Psicanálise” de Eugenio Davidovich em 1978 e “Dilemas da Produção Científica e da Psicanálise no Brasil” de Virginia L. Bicudo e Odilon de Mello Franco Filho em 1980. No segundo biênio de Fajga Sztterling um dos pilares defendidos pela concepção kleino-bioniana de ciência seria polemicamente debatido, neutralidade⁶⁰. Artigos como “E o Rei Está Nu: Reflexões sobre a Neutralidade” e “O Analista e a Água em que o Bebê foi Lavado na Banheira” de Odilon de Mello Franco Filho em 1980 explicitariam este debate.

Para a profissão de psicanalista, a revista trazia alguns artigos que criticavam a formação de psicanalistas fora das instituições ipeístas, como: “A Influência da Teoria e da Prática da Psicoterapia sobre a Formação Psicanalítica” de David Zimmermann, em 1980, “Além da Experiência Supervisionada” de José Longman, em 1980 e “A Psicanálise, o Psicanalista e a Instituição” de Ronaldo Fabião Gomes, em 1981.

O passado histórico foi valorizado neste momento pelo artigo “Subsídios à História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – Abertura do VI Congresso Brasileiro de Psicanálise” de Mário Pacheco de Almeida Prado em 1978.

Durante a direção de Fajga Sztterling, a *Revista Brasileira de Psicanálise* era incontestavelmente um veículo da psicanálise ipeísta assumidamente kleino-bioniana. Mas não podemos deixar de apontar que a direção de Fajga e seu Conselho Editorial permitiram a publicação, entre os 131 artigos/textos, de questões que outrora não seriam ali cogitadas como: socialismo, capitalismo, violência política, repressão dando-nos a impressão de uma gestão mais aberta e democrática. Os analistas didatas, por sua vez, deixavam claro seu grau de decisão e poder no movimento psicanalítico a partir de seus Pré-Congressos ao afirmar as suas atribuições frente às Sociedades e Institutos psicanalíticos.

Entre os anos de 1981 a 1984, durante a direção de **Neyla Regina França**, foi publicado um total de 85 artigos/textos (ANEXO VII). O debate do

⁶⁰ Uma das qualidades que definem a atitude do analista no tratamento. O analista deve ser neutro quanto aos valores religiosos, morais e sociais, isto é, não dirigir o tratamento em função de um ideal qualquer e abster-se de qualquer conselho; neutro quanto às manifestações transferenciais, o que exprime habitualmente pela fórmula “não entrar no jogo do paciente”; por fim, neutro quanto ao discurso do analisando, isto é, não privilegiar a priori, em função de preconceitos teóricos, um determinado fragmento ou um determinado tipo de significações (LAPLANCHE E PONTALIS, 2016, p. 318).

movimento psicanalista ipeísta neste período pode ser demonstrado pelos artigos e textos publicados na revista oriundos do VIII e IX Congresso Brasileiro de Psicanálise, XIV Congresso Latino-Americano de Psicanálise, XXXI Congresso Internacional de Psicanálise e a 1ª e 2ª Jornadas Psicanalíticas.

Entre os artigos publicados do segundo semestre de 1981 até o primeiro semestre de 1983, correspondente à primeira gestão de Neyla R. França, os temas kleino-bionianos mais debatidos foram: *Setting* psicanalítico, Inveja do pênis, Paternidade e Maternidade, Masoquismo, Supervisão, Análise terminável e interminável, Projeção, Instinto de Morte, Identificação e Relação psicótica. Do segundo semestre de 1983 até o terceiro trimestre de 1984, segunda gestão de Neyla R. França, os temas foram: Narcisismo, Elaboração teórica, Interpretação, Transferência e contratransferência, Estados primitivos, Agressividade, Regressão e Objeto interno.

O movimento psicanalítico ipeísta sofreria por um lado, neste momento em que a revista estava sob direção de Neyla R. França, o avanço e a concorrência de outras escolas psicanalíticas e práticas psis e, por outro, a forte crise interna que abateria o movimento, atingindo até mesmo a revista. Este contexto de crise pôde ser visto no texto em homenagem a Durval Marcondes por ocasião de sua morte, “O mestre Dr. Durval Bellengarde Marcondes” de Amina Maggi Piccini, membro efetivo da SBPSP, através do qual a autora traçou críticas aos analistas didatas lembrando as palavras do próprio Durval Marcondes:

... Eu não quis ser analista didata ... E talvez, tenha sido melhor assim, porque pude ser útil de outra maneira. Eu não quis ser analista didata porque queria ficar fora deste fuxico todo que é a análise didática. (RBP, 1982, p. 34)

Mas é no artigo do analista didata da SPPA, David Zimmermann, “Seleção de Candidatos (Contribuição ao Estudo dos Ambientes dos Institutos)” que a luta pelo poder é enunciada declaradamente. Zimmermann, posicionando-se contrário a qualquer dissidência no movimento, mostrava que as relações entre os analistas deveriam constituir padrões de conduta e modelo ético para os candidatos. Portanto, as lutas dentro das Sociedades psicanalíticas destruíam os padrões e modelo dos analistas para os mais jovens. Para ele, esta situação

poderia interferir na seleção de candidatos, preterindo o talento por eventuais “alianças”.

Nestas situações são preferidos os aspirantes ou candidatos que tenham maior prestígio profissional e/ou social, que sejam cultos, falem e escrevam com erudição e que pertençam a determinada orientação política, entre outras características. E a capacidade para ser analista desliza suavemente para um plano secundário. (RBP, 1982, p. 59)

Fica evidente que a crítica do autor direcionava-se aos analistas didatas interessados em privilegiar candidatos com poder aquisitivo elevado e da elite. Zimmerman reafirmava esta relação de poder demonstrando o deslocamento da análise pessoal:

A análise pessoal destes candidatos não terá por objetivo torna-los independentes. Serão antes seguidores fiéis do líder, ainda que de forma mascarada, com o rótulo de “identificação com a figura do analista”, em vez de ser com sua função. (RBP, 1982, p. 59)

Texto contemplado na revista, demonstrava como as relações de privilégios e poder passavam a ser um problema para as mais altas instâncias psicanalíticas. Este era, na verdade, um trabalho apresentado por Zimmermann a pedido da própria IPA sobre o tema “Seleção” para o 2º Simpósio sobre “Educação Psicanalista” realizado em 1980, em Broadway, Inglaterra. Era um texto ao qual a direção da revista não poderia se opor, devido a sua origem e autor. Ao final deste, Zimmermann fazia uma crítica contundente à luta pelo poder nas Sociedades psicanalíticas:

A luta pelo poder, tão frequentemente observada nos grupos psicanalíticos, é uma tentativa de obter satisfação destinada a mitigar a intensa frustração pela incapacidade de obter gratificação no trabalho analítico do dia-a-dia, bem como pela limitação que a natureza da atividade psicanalítica impõe no que diz respeito à satisfação em outras áreas de projeção social que não seja estritamente científica. (RBP, 1982, p. 59-60)

A insatisfação aos desmandos e autoritarismo nas Sociedades psicanalíticas passava a ser contestada abertamente. O primeiro texto da revista nº 1 de 1983, “Instituição e Crise”, do psicanalista Roberto Alexandre Quilelli Corrêa, membro titular da SBPRJ, abordou as crises institucionais e as hierarquias societárias por meio de dois fragmentos clínicos, deixando claro que muitos elementos da formação analítica considerados essenciais estavam sendo questionados e esta contestação fazia parte de todo um movimento de

desmistificação que ocorria naquela época. Advogou que não podia aceitar a “consciência mítica” que orientavam os psicanalistas num horizonte único e definido.

Curiosamente os analistas se queixam de algo que se constitui um legado fecundo de Freud: a capacidade de questionar e contestar. Estamos nos queixando de algo que semeamos. Mas, espero que não pensemos, por outro lado, que podemos afastar e destruir a capacidade mitopoiética de quem quer seja. [...]. Nossa formação se parece com aquela que os mestres Zen dão aos seus discípulos: eles não ensinam um exercício determinado ou tal e qual técnica; deixam o discípulo aprender às suas próprias expensas: assistem ao aprendizado. (RBP, 1983, p. 28-29)

Roberto Alexandre Quilelli Corrêa concluiu que não tem como evitar e nem sabe se é possível o surgimento de novos mitos e rituais nas Sociedades, mas que os analistas deveriam exercer a consciência intelectual e se prepararem para descobrir e entender estes mitos. Para este autor caberia aos analistas didatas atentarem-se às contestações para assegurar a integridade da psicanálise ipeísta.

Estrategicamente, o Conselho Editorial ao permitir a publicação de um artigo que fizesse críticas aos analistas didatas, como o artigo “Supervisão – Ensino ou Terapia?” de Quilelli Corrêa, publicava na sequência outros textos que valorizavam as funções dos analistas didatas, como a importância destes na supervisão e sua experiência subjetiva no processo analítico.

Em meio à grave crise que perdurava durante a direção de Neyla R. França, em 1983 fora publicado o artigo do filósofo Vilém Flusser “Três níveis da consciência brasileira”, uma análise da realidade social brasileira. Não houve artigos de psicanalistas que discutissem a realidade presente. Estes estavam tomados pelas discussões sobre as possíveis dissidências, concorrência e, sobretudo, a crise institucional e as perdas de seus pioneiros.

Neste contexto de concorrência, possibilidades de dissidências e crise, a revista trouxe artigos que mantinham a reflexão sobre saber psicanalítico como saber científico, dentre os quais podemos destacar: “O Resto é Sonho (Ainda sobre a neutralidade do analista)” de Odilon de Mello Franco Filho em 1981, “Continuidade e Renovação na Obra de Melanie Klein” de Eugenio Davidovich em 1982 e “Inconsciente” de Romualdo Romanowski em 1984. Neles

encontramos um debate sobre neutralidade, garantias de unidade e cientificidade e a discussão sobre novas teorias.

Para a reflexão sobre a profissão de psicanalista, a revista trazia aos seus leitores artigos sobre a formação idealizada, a formação de profissionais não qualificados e a interferência do mundo moderno na profissão de psicanalista, cujos artigos foram: “A Formação Psicanalítica como Fenômeno Transicional” de José Izai em 1981, “O Futuro da Psicanálise como Ciência e Terapia” de Victor M. Andrade em 1981 e “Tempos Modernos e o Psicanalista de Hoje em Dia” do psicanalista holandês P. J. Van Leeuv em 1982.

Sobre o passado histórico, a revista valorizou as figuras de Mário Martins, Durval Marcondes e Adelheid Koch com a publicação póstuma de vários textos, exaltou Freud e especialmente Melanie Klein. Os artigos que tratavam destes nomes de referência da psicanálise nacional foram, em 1981: “(In Memmoriám) Mário Alvarez Martins (1908-1981)” de David Zimmermann. Em 1982: “Durval Marcondes em Lapidação 8/8” de Luiz de Almeida Prado Galvão, “Até qualquer dia, amigo Durval!” de David Ramos, “O mestre Dr. Durval Bellegarde Marcondes” de Amina Maggi Piccini, “Oração para homenagear a memória de Durval Marcondes” de Ryad Simon, “Durval Bellegarde Marcondes” de Carlos David Segre, “Durval Marcondes: suas contribuições à medicina psicossomática” de Luiz Miller de Paiva, “Homenagem póstuma à Dra. Adelheid Koch” de Durval Marcondes.

Os artigos que tratavam dos nomes internacionais foram: “Freud: as dimensões do missivista (comunicação e personalidade)” de Marco Aurélio de Moura Matos em 1981 e em 1982 “Melanie Klein” Armando Bianco Ferrari, “Melanie Klein (1882-1960) - Uma visão atual” Edna O’Shaughnessy, “Meu encontro com Melanie Klein” H. A. Thorner, “Continuidade e Renovação na obra de Melanie Klein” Eugenio Davidovich.

Em 1984, no último ano da Diretora Superintendente Neyla R. França, Ana Maria Andrade Azevedo da Comissão de Redação expõe publicamente no Editorial da revista a situação financeira em que se encontrava o periódico. Intitulado “A Crise” Ana Maria associou a dificuldade da revista com a situação econômica pela qual passava o país, afirmando que em sua superintendência “o orçamento se equilibra graças aos esforços de verdadeiros trapezistas, nos quais se transformaram nossos colegas” (RBP, 1984, p. 5).

Neste editorial, Ana Maria chamava a atenção não só para a queda das contribuições financeiras, mas também para a crise na qual se encontravam as colaborações científicas, o que merecia atenção e reflexão. Colocava no Editorial questionamentos com o intuito de mobilizar seus leitores e colaboradores e em tom de apelo, concluía o Editorial:

Sob qualquer prisma que se encare a questão, seja sob o ponto de vista econômico, seja dando relevo ao caráter científico assinalado, sempre se colocará como premissa indispensável aos propósitos assumidos a participação atuante dos colegas, para que a R.B.P. possa continuar existindo, contribuindo de maneira eficaz para o intercâmbio de idéias, representando realmente o pensamento vivo e atual da Psicanálise no Brasil. (RBP, 1984, p. 6)

Os resultados da crise para a produção de trabalhos científicos foram discutidos no momento imediatamente após o Editorial. No primeiro artigo do nº 1 de 1984 “Entraves à Produção de Trabalhos Psicanalíticos” de Carlos Doin, membro titular da SBPRJ, foram examinados quatro itens que levavam aos entraves a produção científica: metodologia, lealdade à relação analítica, sigilo e dinâmica grupal. Itens já bastante discutidos entre os psicanalistas, mas que seria importante retomá-los para enfrentar a crise presente. Com efeito, Carlos Doin justificava da seguinte forma: Se os trago hoje, neste trabalho, é por injunções de minha trajetória pessoal e em homenagem aos que também apreciam o diálogo construtivo da Ciência, agora mais frequente (RBP, 1984, p. 25).

A preocupação com dissidências, cisões, crescimento da concorrência de outras linhas psicanalíticas somava-se agora com a crise econômica que abatia os dirigentes da revista. Chegava, contudo, o segundo número da revista de 1984 ao leitor, que foi um repositório da I Jornada Psicanalítica de São Paulo, em outubro de 1983. O tema tratado neste evento e publicado na revista era a clássica Transferência e Contratransferência no trabalho do psicanalista.

Os psicanalistas de abordagem bioniana eram hegemônicos neste momento, o que não simpatizava a IPA, assim como vários outros acontecimentos que levaram, inclusive, a intervenção dela na SBPSP.

Intervenção da direção da IPA na SBPSP, que passa a deliberar sobre os novos estatutos, a qualificação e a formação de novos didatas e professores, além de suspender por tempo indeterminado à inscrição de novos candidatos e questionar os honorários exorbitantes dos analistas, principalmente didatas. (OLIVEIRA, 2005, p. 349)

Para Oliveira (1995), a IPA também rejeitou a proposta do psicanalista Roberto Azevedo de formar um *study group*, mas tinha interesse em ampliar outras tendências para quebrar a influência dos bionianos. “Um outro elemento que preocupava a direção da IPA, neste momento, é o crescimento quantitativo provável dos psicanalistas latino-americanos, e em particular dos brasileiros” (OLIVEIRA, 2005, p. 349).

Na direção de Neyla França Regina, a *Revista Brasileira de Psicanálise* passou por seu maior período de turbulências. A base teórica kleino-bioniana consolidada como a única voz do movimento ipeísta não seguraria mais as contestações e críticas publicadas pelos colaboradores da revista. Críticas ao poder dos analistas, sociedade violenta, necessidade de mudanças não deixavam de revelar a difícil situação econômico-social que o país atravessava e que acabaria afetando a própria revista.

É numa conjuntura de crise e homenagens que se inseriram as duas últimas direções, avaliadas nesta pesquisa. Neyla R. França não terminaria o último trimestre de 1984, pois a Direção fora passada para **Luciano Marcondes Godoy**, que a exerceria no final de 1984 e no primeiro semestre de 1985. Nesta breve gestão foram publicados 29 artigos/textos (ANEXO VIII), dos quais a maioria dos temas veio dos trabalhos apresentados na II Jornada Psicanalítica de Porto Alegre, em 1984. Mais bionianos, os artigos publicados na revista traziam os seguintes temas: Agressividade, Transferência e na contratransferência, Homossexualidade, Intuição, Evidência (texto de Bion), Angústia e Objeto Originário Concreto.

As tensões continuavam dentro do movimento psicanalítico ipeísta. Na revista, não houve textos que trouxessem reflexões diretas sobre o saber psicanalítico como saber científico. Sobre a profissão de psicanalista houve um artigo apenas, mas que trouxe uma das críticas mais duras às estruturas de poder das instituições ipeístas durante os 20 anos pesquisados. Escrito pelo analista didata Chaim José Hamer e por Odilon de Mello Franco Filho, membros efetivos da SBPSP, intitulado “As Estruturas Institucionais Psicanalíticas e seus Efeitos sobre a Formação do Analista: Linhas de Poder e Ideologias Pedagógicas” fora publicado na revista, v.19, n. 2, 1985.

Neste texto estavam claras as linhas de poder que estruturavam os Institutos de Psicanálise, e descreveram a existência de uma estrutura explícita despojada de normas e pretensamente simples e uma estrutura implícita na qual esta se instituiu através da função atribuída aos analistas didatas. Existia, portanto, o que denominavam de Paradoxo Institucional Psicanalítico. Em seu texto diziam:

Consideramos as formulações ideológicas que regem a instituição como elementos racionalizadores que visam a esconder a verdade institucional e instituir o exercício do poder.

Este é centrado na figura do analista didata, porquanto ele concentra as decisões do grupo, principalmente como integrante da Comissão de Ensino.

Como a linha de poder se institucionaliza através da estrutura dos Institutos, estes acabam se tornando mais importantes que as próprias Sociedades, acarretando uma nítida inversão de papéis, com maior valorização das atividades dos Institutos. (RBP, 1985, p. 278)

E suas propostas para a resolução deste problema seriam:

Resgataram-se os aspectos da instituição que estão ocultos pelas formulações ideológicas vigentes. Denunciar o Paradoxo Institucional Psicanalítico, porquanto a manutenção do mesmo é tão sufocante para a Psicanálise, quanto seriam as regras que quisessem enquadrá-la em padrões rígidos e dogmáticos. Assumir a necessidade de explicitar as regras institucionais claramente. Enfatizar a necessidade do analista reconhecer sua instituição como sujeita às mesmas vicissitudes de outras, ainda que possuindo um objetivo próprio – a Psicanálise. (RBP, 1981, p. 120)

Nesta breve gestão de Luciano Marcondes Godoy, o passado histórico do movimento psicanalítico ipeísta mais uma vez foi vinculado à imagem do pai da psicanálise no artigo “E se Freud tivesse vivo...”. A direção de Luciano Marcondes Godoy serviu como transição de uma fase em crise para uma nova gestão.

Entre 1985 a 1987, durante a direção de **Davi Léo Levisky**, foram publicados um total de 48 artigos/textos (ANEXO IX), oriundos do X Congresso Brasileiro de Psicanálise e trabalhos apresentados nas Sociedades. Os artigos publicados nesta gestão traziam os seguintes temas: Linguagem, Inconsciente, Inconsciente, Identificação, Intuição, Self, Vivências depressivas, Dissociação, Autismo infantil, Afetos, Bion, Paciente, Cura, Meia Ponte, Transferência, Contratransferência, Interpretação.

A abordagem kleino-bioniana dos psicanalistas ipeístas também era patente neste momento, mas se remeter constantemente a Bion e sua obra

tornou-se praticamente obrigatório em seus trabalhos e produções acadêmicas. Na revista, após várias traduções e sugerindo leituras de obras de Bion, no ano de 1986, foi publicado o trabalho apresentado no X Congresso Brasileiro de Psicanálise “Freud e Bion: um tipo de convergência?” de Carlos de Almeida Vieira, membro efetivo da SBPSP. Nele o autor abordou a convergência nas teorias psicanalíticas, enfatizando a teoria da técnica em Freud e Bion.

Bion, no meu modo de pensar, com a mesma atitude e rigor científico de Freud, em relação à pesquisa do Inconsciente, sofisticou, desenvolveu e falou, de maneira mais clara e precisa, da importância de o psicanalista abandonar suas “crendices”, sua arrogância, para poder até se dar conta do óbvio. A convergência, no pensamento de Freud e Bion, em relação à teoria da técnica, reafirma o propósito que deve ter o psicanalista de abdicar daquilo que “pensa saber”, em favor do “vir a saber”. Intuir um fato psíquico ou até dar uma interpretação a ele é agora sinônimo de palpite desprezível. (RBP, 1986, p. 369)

Durante todo seu artigo, Carlos de Almeida Vieira preocupou-se em mostrar a atitude interna do psicanalista enquanto trabalha para captar os fenômenos inconscientes de seus pacientes. Para tanto, fez a convergência entre a teoria de Bion a qual prega que o analista deve se isentar de memória, desejo e compreensão com conselhos e técnicas de Freud sobre a necessidade do psicanalista “observar as teorias do analisando em vez de aplicar, neles, as teorias psicanalíticas, não saturando, deste modo, o campo de pesquisa psicanalítica” (RBP, 1986, p. 370).

Foi na direção de David Léo Levisky que a *Revista Brasileira de Psicanálise* comemoraria os seus 20 anos de existência. Mas, diferente do ano de 1976, em 1986 não houve um número grande de artigos ou textos que aludissem a esses 20 anos da revista, tendo sido tratado apenas num editorial.

Os textos e artigos dos quatro números da *Revista Brasileira de Psicanálise* de 1986 valorizaram o tema “Relação analista-analisando” debatido no X Congresso Brasileiro de Psicanálise e nos trabalhos apresentados nas Sociedades psicanalíticas brasileiras. No último número da revista de 1986, o texto de Fábio Hermann “Convergência de várias teorias psicanalíticas”, apresentado no XVI Congresso Latino-Americano de Psicanálise na Cidade do México, procurou apontar as causas das divergências teóricas e da falta de diálogo presente naquele momento entre os analistas. O interessante é que o autor propôs um esquema metateórico como modelo de superação das

divergências entre as escolas psicanalíticas. Para Fábio Herrmann, esta possibilidade seria possível com a recuperação do método de psicanálise.

O melhor reconhecimento que podemos prestar às Escolas Psicanalíticas atuais é organizar dentro de um corpo unificado que tenha, por cabeça, o Método, descendo hierarquicamente para uma teoria geral da Psique, uma generalização metapsicológica abrangente, e daí para as várias teorias especiais, até a teoria da técnica e a clínica, ponto final e início de nossa inquirição epistemológica. (RBP, 1986, p. 558)

A preocupação de Fábio Herrmann demonstra-nos como a profusão de teorias e escolas psicanalíticas era uma realidade que não mais poderia se ocultar e a tratar de maneira distante pelos psicanalistas das Sociedades ipeístas. O possível encontro entre as teorias não dependeria, segundo ele, de nenhum Congresso Internacional e nem se reduziria a uma terminação terminológica (RBP, 1986, p. 561), mas propõe uma revisão das teorias clínicas, acredita que uma teoria da técnica completa e coerente estaria por nascer. Reiterava que era preciso superar o problema das divergências que decorriam de níveis teóricos adversos aliados à questão do poder (RBP, 1986, p. 564). Fábio Herrmann encerrava sua proposta deixando a esperança de que a América Latina seria o lugar onde se poderia desenvolver a convergência de teorias pelo Método da Psicanálise.

Talvez, essa carência de grandes movimentos teóricos possa converter-se em virtude, no alvorecer da terceira geração de psicanalistas. Não tendo de promulgar num item particular a essência da Psicanálise, os analistas latino-americanos estarão, quem sabe, mais livres para inquirir a verdadeira essência metodológica de nossa disciplina, sem o temor de demolir o alicerce de sua própria prática. (RBP, 1986, p. 564)

A realidade discutida por Fábio Herrmann, no ano de 1986, propondo uma convergência dos kleinianos, bionianos, lacanianos e annafreudianos ampliar-se-ia ao final dos anos 80 e geraria um número de psicanalistas que se autoproclamava independente e fora do controle das instituições ipeístas.

Entretanto, a *Revista Brasileira de Psicanálise* não abriu mão de propagar uma certa convergência, a união das teorias kleinianas com a bionianas que recorriam regularmente as teorias clássicas de Freud. O kleino-bionismo no movimento psicanalítico brasileiro ipeísta e na revista era o porto seguro dos analistas didatas em suas Sociedades e Institutos.

Impossível não perceber como este posicionamento kleino-bioniano dos psicanalistas ipeístas, e em especial dos analistas didatas, garantia por um lado sua relação de poder e controle e, por outro, um mercado de trabalho sustentado por uma rica clientela. Foi possível perceber neste capítulo que os temas publicados em cada gestão da revista foram se edificando desde a fase paulista e se consolidando na fase nacional, mas identificamos que não foi uma mudança linear, ausente de conflitos e contradições.

A base teórica kleino-bioniana, como vimos, começou a ser edificada na fase paulista numa miríade de temas sobre a clínica psicanalítica. Alguns temas, entretanto, foram mais discutidos e polemizados como: *acting out*, identidade de sexo, agressão, cura. Durante a fase nacional, foi possível perceber o crescimento da influência bioniana, principalmente a partir da direção de Cecil José Rezze com a discussão sobre novas teorias, conflitos de geração e identificação e identidade. Começavam nesta gestão os questionamentos e conflitos internos que se ampliariam na direção de Fajga Sztetling. Nesta gestão, entre debates sobre afetos, transferência e contratransferência, análise de caráter e trocas de experiência, explodiam críticas ao poder e controle dos analistas didatas.

Durante a direção de Neyla R. França e Luciano M. Godoy, foi possível constatar, pelo material textual da revista, uma profunda crise que se abatia no movimento ipeísta devido à concorrência e possibilidade de dissidências e na própria revista em virtude dos conflitos internos e dos problemas econômicos. Na direção de David Léo Levisky foi possível identificar, pelas páginas da revista, um movimento psicanalítico ipeísta pela manutenção da unidade, ao se defender a convergência de teorias psicanalíticas, entretanto, sem deixar de defender a prioridade da psicanálise kleino-bioniana, apesar de neste momento estar mais firmada nas teorias de Wilfred R. Bion.

Era consenso no movimento psicanalítico ipeísta, segundo as páginas da revista, a ideia de psicanálise verdadeira firmada nas teorias de Melanie Klein e Wilfred R. Bion. Verificamos no material textual que fora possível se questionar até o poder dos consagrados analistas didatas, mas não abriam mão de sua base teórica kleino-bioniana que garantiria a chancela de uma psicanálise legítima e verdadeira frente às outras abordagens, escolas psicanalíticas e práticas psis que se ampliavam no país. Os psicanalistas ipeístas mantinham,

portanto, uma rica clientela e a elite destes psicanalistas, analistas didatas e membros efetivos, manteriam o controle e o poder sobre o movimento psicanalítico brasileiro ipeísta.

A compreensão deste mecanismo de controle e poder poderá ser aprofundada quando avaliarmos três temas que foram apresentados neste capítulo – saber psicanalítico, profissão de psicanalista e passado histórico, ao demonstrarmos as representações que os psicanalistas construíram sobre estes temas, no capítulo seguinte.

4 Revista Brasileira de Psicanálise: saber, profissão e história

Há, como se sabe, várias críticas irrelevantes dirigidas contra a Psicanálise, em geral, e contra os psicanalistas em particular. Não perderemos tempo com elas. Duas há, porém, obviamente relevantes. Vêm sendo formuladas há longos anos, com absoluta clareza. E a verdade é que não lhes temos dado resposta, como é de nosso dever. A primeira diz respeito à Psicanálise como ciência. A segunda, à Psicanálise como profissão. A segunda crítica a que nos referimos é consequência da primeira. Uns defendem a tese de que a Psicanálise só pode ser exercida profissionalmente por médicos. Outros, a de que esse exercício pode ser conferido ao psicólogo (ou outros de formação universitária), não diplomados em medicina, mas regularmente habilitados pela Associação Psicanalítica Internacional, através das sociedades a ela filiadas e de acordo com suas regulamentações (RBP, 1967, p. 108).

A história da Psicanálise pode ser assim resumida. Primeiro, foram Freud e seus discípulos. Melhor dizendo, primeiro Freud e sua necessidade de interlocutores, divulgadores, perpetuadores. É natural. A inquestionável superioridade de Freud sobre a primeira geração de psicanalistas, tanto se revelou no domínio quase exclusivo que tinha do método heurístico da Psicanálise, como por possuir o conhecimento do conjunto de suas próprias teorias e de sua articulação. Demais, Freud assumiu, muito conscientemente, sua posição de fundador. (RBP, 1986, p. 553)

Buscamos neste capítulo final demonstrar como o discurso dos psicanalistas ipeístas, firmado na base teórica kleino-bioniana, teciam representações de ciência, profissão e história. Pela *Revista Brasileira de Psicanálise*, estes psicanalistas deram sentido nas construções que imprimiram de sua realidade, isto é, não deixaram de dar sentido ao mundo através das representações que construíram sobre a realidade das experiências vividas” (PESAVENTO, 2008, p.13). O conceito de representação advindo da História Cultural tem sido central nos estudos sobre as publicações em periódicos. Para Roger Chartier (2002), o conceito de representação relaciona-se com a possibilidade de ver num objeto algo ausente, ver o que não está dito, mas que precisa ser lido, decifrado.

Desta forma, o que o discurso dos psicanalistas ipeístas sobre saber psicanalítico, profissão destes e o passado histórico deixar-nos-ia ler nas suas entrelinhas? Nas páginas da *Revista Brasileira de Psicanálise* foi possível identificar que as representações sobre saber, profissão e passado psicanalíticos revelavam a maneira especial e diferenciada que os psicanalistas

ipeístas se auto denominavam em relação ao movimento psicanalítico brasileiro e, sobretudo, revelava o poder e controle dos seus dirigentes.

Para demonstrar esta ideia discutiremos, primeiramente, como os psicanalistas ipeístas posicionaram-se em relação à sua realidade presente para, em seguida, avaliarmos suas representações de ciência, profissão e história.

4.1 A REALIDADE PRESENTE: TEMPOS AUTORITÁRIOS

Durante os 20 primeiros anos da revista, vários textos publicados trataram de forma direta e indireta a realidade presente constituída pela Ditadura Militar. Percebemos que ao pensar a sua realidade presente, os psicanalistas ipeístas defenderam uma posição de isenção e distanciamento da realidade política brasileira. Mas, construíram um discurso que tecia representações sobre a realidade presente a partir de temas como conflito de gerações, incidência da realidade externa no trabalho psicanalítico, regressão, interdisciplinaridade. Com efeito, traziam para as páginas da revista assuntos como os movimentos pela liberdade dos anos 60, Guerra no Vietnã, Contracultura, Violência, entre outros, que evidenciavam tempos autoritários e de contestações. Demonstraram na revista a imagem de uma realidade trágica caracterizada pela opressão e obscuridão do momento no qual viviam. Tomaram os temas sociais e políticos, mas os converteram à uma certa normalização psicanalítica (KATZ et. al. 1985, 215).

Entretanto, quando o tema ou acontecimento envolvia diretamente os psicanalistas com a ditadura não tinha espaço e se quer alguma referência ao acontecido. É o caso Amílcar Lobo, o mais marcante e traumático para o movimento psicanalista ipeísta. Amílcar Lobo, ex-médico militar, inscreveu-se como candidato a formação analítica no SPRJ em 1968, formou-se em medicina em 1969 e passa servir o DOI-CODI/RJ em 1970 (COIMBRA, 1995, p. 99). Em 1973, uma revista argentina chamada *Cuestionamos* publicou uma nota reproduzida num jornal brasileiro de esquerda e clandestino denominado “Voz Operária” em que denunciava o médico Amílcar Lobo como participante da equipe e tortura do DOI-CODI/RJ (VIANNA, 1994, p. 17).

O caso Amílcar Lobo chega ao presidente da IPA, Serge Lebovici, que aceita a justificativa do analista de Amílcar Lobo, Leão Cabernite que alegou ser uma calúnia de um jornal brasileiro clandestino. Após conseguir uma cópia do manuscrito do jornal “Voz Operária”, Leão Cabernite junto com SBPRJ concluem ser letra da psicanalista Helena Besserman Vianna que acabou sendo expulsa desta Sociedade, enquanto Amílcar Lobo continuava suas atividades.

O caso volta à tona em 1980 quando numa mesa redonda na PUC/RJ promoveu um debate sobre “Psicanálise e Fascismo” o ex-presos político, Rômulo Noronha de Albuquerque que além de relatar torturas sofridas, denunciou Amílcar Lobo. Diante deste fato, os psicanalistas da SPRJ, Hélio Pelegrino e Eduardo Mascarenhas solicitaram à Sociedade providências a respeito.

A Comissão de Ensino se reúne às pressas e exclui o nome de Amílcar Lobo do quadro de candidatos da Sociedade. [...] No dia seguinte, Hélio Pellegrino e Eduardo Mascarenhas são convocados pelo Conselho Consultivo da SPRJ e comunicados por seu presidente que estavam expulsos da Sociedade. (COIMBRA, 1995, p. 101)

A expulsão destes dois psicanalistas causou verdadeiro mal-estar nas duas Sociedades do Rio de Janeiro. O movimento de apoio a eles foi intenso e o caso Amílcar Lobo ganharia as manchetes dos jornais.

Em 06 a 07/02 de 1981, em manchetes de primeira página dos principais jornais cariocas, a ex-presos política Inês Etienne Romeu e seis outros ex-presos políticos (Cid Benjamin Queiroz, Vânia Abrantes, Germana Figueiredo, Abigail Paranhos, Dulce Pandolfi e Cecília Coimbra), denunciam Amílcar Lobo como o médico que os atendeu em 1970 e 71 no DOI-CODI/RJ e na “Casa da Morte”, em Petrópolis. (COIMBRA, 1995, p. 102)

O caso Amílcar Lobo ficou esquecido até 1986 quando ele decide procurar a grande imprensa para afirmar que tinha visto Rubens Paiva no DOI-CODI/RJ⁶¹. Em todo este tempo a *Revista Brasileira de Psicanálise* não mencionou nenhuma vez o caso, até porque não podemos esquecer que Leão Cabernite foi um dos Diretores Editoriais da revista de 1971 a 1980.

⁶¹ Rubens Paiva era um desaparecido político, preso em 1971. Segundo Cecília Coimbra, os Movimentos de Direitos Humanos do Rio e São Paulo estaria sendo instrumento de uma facção militar, a linha dura, que teria perdido forças, daí sua busca pela imprensa. (COIMBRA, 1995, p. 104)

Pela abordagem kleino-bioniana, “sem memória, sem desejo” (RUBIN et. al. 2016), os psicanalistas ipeístas defendiam uma “posição de neutralidade” naquele momento. Segundo os historiadores da psicanálise, era uma proposta que deveria capturar apenas a “realidade interna” do sujeito, em contrapartida a “realidade externa” deveria ser recalçada⁶². Desta forma, quando a realidade externa ameaçasse emergir, devia ser expulsa e mantido o recalçado e se proteger com a teoria servindo-se dela como defesa, evitando assim ficar aberto à realidade social (OLIVEIRA, 2005, p. 273).

Foi preciso ser tomado pelos psicanalistas cuidado minucioso na revista diante da realidade brasileira de tensão, censura, repressão criada pelo Ditadura Militar. A falta de discussão política e social era justificada pela necessidade de se garantir o discurso científico e, muitas vezes, evocava-se a ética profissional firmada no silêncio para garantir um distanciamento de assuntos polêmicos e comprometedores (OLIVEIRA, 2005, p. 273).

A realidade social, a atualidade, a situação sociopolítica e econômica em que os psicanalistas se encontravam apareciam nos artigos normalmente como apoio ao tema psicanalítico central, mas para nossa pesquisa tornou-se uma fonte de dados importante para entender as representações que os psicanalistas ipeístas faziam sobre a realidade presente, ou seja, o contexto da época.

Entre 1964 a 1968, período do endurecimento do Regime Militar coincidente com a fase paulista da revista, não houve artigo que fizesse alguma crítica a este momento brasileiro, mas poderíamos vê-las em relação à sociedade de modo geral ou a uma realidade distante. Um dos temas apresentados na revista que nos permite verificar as representações que faziam da realidade em que viviam foi “Conflito de Gerações”, tema que mobilizou as discussões dos psicanalistas ipeístas.

No artigo “A Mensagem de Roda-Viva” publicado na revista nº 2 de 1968 Virgínia L. Bicudo teceu análise sobre a peça de teatro dirigida por Chico

⁶² Na linguagem comum, a palavra recalque designa o ato de fazer recuar ou de rechaçar alguém ou alguma coisa. Assim, é empregada com respeito a pessoas a quem se quer recusar acesso a um país ou a um recinto específico. Para Sigmund Freud, o recalque designa o processo que visa a manter no inconsciente todas as idéias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. Freud, que modificou diversas vezes sua definição e seu campo de ação, considera que o recalque é constitutivo do núcleo original do inconsciente. No Brasil também se usa “recalcamento”. (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 647)

Buarque, onde resumidamente explicava o objetivo da peça. Envolvida com o tema “Conflito de Gerações” criticou a realidade opressiva existente na civilização, mas não a que se passava no cenário político brasileiro:

“Roda Viva”, como outras peças teatrais, põe em evidência alguns aspectos dos conflitos mentais e sociais operantes em nossa sociedade. Refere-se à engrenagem social do presente como uma roda-viva que culmina matando os anseios do ser humano. A sociedade de “Roda-Viva” está organizada para desenvolver o culto ao triunfo da personalidade hipomaníaca, impedindo assim o desenvolvimento e a utilização do pensamento científico para a construção de uma sociedade humana. (BICUDO, 1968, p. 244)

A publicação deste texto na revista deu-se meses antes do regime censurar e reprimir a peça de José Celso Martinez e seus atores. De qualquer forma, fora um artigo produzido pela maior mandatária da SBPSP naquele momento, e que, possuía uma proximidade com as esferas do poder (GOMES, 2017, p.4). Ademais, sua avaliação estava assegurada pelo conceitual teórico da psicanálise kleino-bioniana e o tema poderia ser justificado sobre o “Conflito de Gerações”, como psicanalítico, e não diretamente sobre poder político.

Entre os anos de 1968 a 1970 era perceptível o número expressivo de artigos sobre técnica, prática e experiência clínica psicanalítica. A realidade histórica e social praticamente sumiu das discussões neste período, “recalcava-se”, portanto, os temas que poderiam comprometer os objetivos da revista, caso fizessem buscariam o passado mais distante, ou focariam na história do fundador da psicanálise e seus pioneiros.

O último artigo no qual pudemos constatar representações sobre a realidade que se passava pode ser identificado em “La Matanza de los Hijos” de Arnaldo Rascovsky, analista didata da Associação Psicanalítica Argentina. Um texto muito instigante, pois tratava de filhos que são expostos à destruição, mutilação, tortura física e mental e assassinato. Neste artigo publicado na revista nº 3 de 1970 e em espanhol, fazia um histórico da matança dos filhos desde os primórdios da humanidade, passando pela discussão do incesto, da guerra como sistema de matança de filhos e do conflito de gerações demonstrando a luta dos jovens contra a guerra.

Resumiendo: la matanza de los hijos perpetúa em fenómeno primitivo que parece haber constituído una imperiosa compulsión individual, después convertida em la norma exigida por sociedade, con determinadas regulaciones desde los albores del desarrollo cultural:

Constituye la expresión extrema de la actitud egresiva parental; la civilización atenuó sus formas, que aún persisten para mantener la condición dependiente y sometida de los hijos exigida por los patrones culturales universales que fundamentan el procedimiento denominado educación (RASCOVSKY, 1970, p. 406)

É claro que o artigo de Arnaldo Rascovsky não era uma crítica política, mas um texto que nos permite identificar a maneira que os psicanalistas ipeístas se referiam a realidade social de forma geral. Não oferecia perigo à revista, pois além de ser um psicanalista reconhecido, era um estrangeiro que explanava em espanhol remetendo genericamente a uma sociedade distante.

Era recorrente o tema “Conflito de Gerações” na revista, mas o artigo de Darcy M. Uchôa deixa-nos evidente como não havia o compromisso de se referir à realidade brasileira diretamente. Publicado na revista nº 2 de 1973, o artigo intitulado “Conflito de Gerações” tratou de movimentos de contestação do mundo todo, mas não fez a mínima referência aos que se passavam no Brasil, como o movimento estudantil em 1968. O próprio Conselho editorial e a Direção da revista apontavam o objetivo do autor:

Analisa, no cenário contemporâneo, as várias manifestações dos “movimentos de juventude”: os “Beats” (Beatnik), “Hippies”, “Yuppies”, os “protestos dos estudantes” em conexão com outros movimentos de caráter revolucionário não-violento (esquerdas revolucionárias, movimentos raciais tais como “O Poder Negro” e demais movimentos político-sociais) etc. (UCHÔA, 1973, p. 180)

E enfatizavam a seguinte posição do autor:

Tenta o autor fazer um estudo sociodinâmico de tais “movimentos” à luz dos dados da psicodinâmica individual, revelando como muitos desses macroconflitos são compreensíveis à luz da dinâmica individual (intrapsíquicos) e familiar. (RBP, 1973, p. 180)

No Relatório Oficial para o II Congresso Brasileiro de Psicanálise feito por Virgínia L. Bicudo e Armando Ferrari, também intitulado na revista como “Estudo Psicanalítico da Agressão – Aspectos Teóricos e Clínicos”, discutiram-se os fatores externos geradores da agressão na experiência interna do indivíduo, elementos que representavam uma realidade violenta e agressiva, porém sem se referir à realidade brasileira.

Como todo “acting out” provoca uma resposta da mesma natureza, ou, em outras palavras, violência gera violência, fecha-se um círculo de comportamento violentamente agressivo entre indivíduo e grupos. É nesse ambiente de desintegração, sob os impulsos de morte ativados,

que cada um pugna pela própria sobrevivência à custa da morte do outro. Os conflitos entre pais e filhos, entre gerações, entre grupos nacionais e culturais diferentes são reativados pela intensidade crescente de intolerâncias recíprocas, conseqüentemente tornando-se funções egóicas e culturais no sentido construtivo. A matança, o quanto pior melhor se tornam lemas idealizados, desaparecendo o interesse recíproco de sobrevivência. A realidade trágica aflora em atos individuais ou coletivos, em atos de real barbaridade, dando evidências de que ao lado dos impulsos de vida a natureza humana contém impulsos instintivos de morte, impulsos destrutivos ligados a ambições narcísicas, vorazes e invejosas, maciçamente liberados nos períodos de frustrações intoleráveis e de mudança social rápida. (BICUDO; FERRARI, 1971, p. 186-187)

Estes autores permitem-nos identificar claramente suas representações de uma realidade trágica em que o mundo vivia a partir dos conflitos de gerações e da incidência da realidade externa na experiência interna do indivíduo. O fragmento de texto acima nos passa a ideia de que os autores não estariam inseridos nesta realidade, mas era uma realidade distante deles. As discussões sobre a incidência da realidade social no trabalho analítico também foi uma questão que mobilizou os psicanalistas ipeístas e nos permitiu avaliar as suas representações sobre a realidade presente a eles.

Podemos ver a incidência da realidade social sobre o trabalho clínico em dois artigos de 1972, publicados por nomes de peso no movimento psicanalítico – o Virgínia L. Bicudo, intitulado “Incidência da Realidade Social no Trabalho Analítico” e Adelheid Koch com Helládio Francisco Capisano, intitulado “Influência Histórico-Social na atitude analítica”. Este foi um raro momento em que os membros da ABP poderiam ter parado para pensar mais de perto questões da ideologia (KATZ, 1985, P. 222). Todavia, a Direção e o Conselho editorial deixavam evidente que os autores reforçavam a ideia de que era inevitável a influência hitórico-social, mas defendiam que o analista deveria tentar o máximo possível se isentar desta influência, manter uma posição de neutralidade.

Alertam os autores o cuidado necessário para reduzir o mais possível as variáveis do analista. Este deixa suas realidades sociais (usos, costumes, normas, tabus, preconceitos, ideologias, etc.) para, com mínimo de contaminação, ter o máximo de área cerebral livre. Assim, contactuando-se com seu paciente – de inconsciente para inconsciente – dispõe de seu “insight” para entende-lo e intregá-lo consigo mesmo (RBP, 1972, p. 355)

Mais uma vez vemos um movimento de recalque em relação à realidade social, o importante como expôs os dirigentes da revista acima era a realidade interior a ser considerada. Essa posição dos dirigentes era reforçada nesta fase da revista, pois estava interconectada com os debates sobre as novas teorias que surgiam e o fortalecimento da influência das teorias de Wilfred R. Bion.

A partir da direção de Cecil J. Rezze surgiram textos que expunham conflitos e questionamentos sobre a psicanálise. Num artigo da revista nº 4 de 1973 “Acomodação e Independência”, Mario Pacheco de Almeida Prado, na discussão sobre realidade social e psicanálise, chamou para si a responsabilidade de rebater as críticas sobre a maneira da psicanálise conduzir os pacientes e os tornar adaptados e “por essa razão amorfos num rebanho de pessoas submetidas ao regime sócio-econômico vigente” (PRADO, 1973, p. 435). Rebatendo esta ideia, dizia: “Não iremos negar, nem falar da existência dos injustiçados sociais porque não é esse o nosso tema, nesta presente contribuição” (PRADO, 1973, p. 436). Mário Pacheco de Almeida Prado expôs argumentos contrários às críticas que para ele distorciam a psicanálise. Na sinopse de seu artigo defendia que o enorme alcance social da psicanálise,

tenta proporcionar a única oportunidade científica de o indivíduo conseguir uma autêntica personalidade, uma genuína individualidade, uma original e produtiva independência: a independência mental resultante de um funcionamento psíquico que inclui maior comunicação com o seu próprio inconsciente. (PRADO, 1973, p. 180)

Preocupado em demonstrar o valor de seu saber científico, ele fez outras publicações com temas mais polêmicos e críticos. Em “O Perfil Trágico de Nossos Dias”, Almeida Prado, ao estudar a regressão no processo analítico, deixou se levar pela reflexão de como seria a patologia regressiva na sociedade em geral. Discutiu temas caros para o momento – liberdade de pensamento, liberdade de agir, normal e anormal, autenticidade e falsidade. Para ele, em sua abordagem kleiniana, os que dirigem o mundo, quer no governo, quer na família, não puderam se constituir em pais amorosos devido às angústias resultantes das identificações projetivas das hostilidades edipianas próprias. Portanto, não puderam exercer uma relação amorosa, o que gerou violência por parte dos filhos.

E assim, essas gerações dirigentes lançam mão da violência, da arbitrariedade, da força bruta de ações cruéis repressivas num desespero próprio aos estados regressivos onde campeiam a onipotência, a negação e o impulso de morte. (PRADO, 1974, p. 153)

Almeida Prado, em todo seu texto aponta a responsabilidade da psicanálise e dos psicanalistas na produção deste estado regressivo social, sua colaboração e seu comprometimento, entretanto não fez menção direta à sociedade brasileira submetida a um regime autoritário. Numa abordagem kleiniana, aparentemente neutra, fez críticas ao estado social do momento, mas de uma realidade que parecia de forma geral e não especificamente brasileira.

Assim como ele, nesta mesma revista, Victor Manoel de Andrade publicou o artigo “Velocidade e Instinto de Morte” pelo qual fazia críticas ao sistema capitalista, referenciou-se em alguns autores como Marcuse e Russell, mas predominantemente nos clássicos da psicanálise. Na perspectiva kleino-bioniana considerou ainda a destrutividade como o fator mais importante nos estudos da sociedade e para entendê-la deveríamos buscar sua origem a nossa autodestruição. Entretanto, em várias passagens do texto, Victor M. Andrade expressava a realidade repressiva da sociedade de modo geral.

A par das repressões imprescindíveis à cultura, a vida em sociedade tem procurado esmagar a individualidade, de tal forma que o sentimento de identidade fica seriamente afetado. Além da ética, que rege a convivência social, surgem as etiquetas, que são éticas menores, que dão o padrão de sofisticação e distinguem os homens refinadamente civilizados. E às vezes isto vai tão longe, o superego social se hiperatrofia e adquire características tão tirânicas, que a moda transforma os indivíduos em massa em que tudo é uniformizado, desde a roupa até o pensamento. Os meios de comunicação, que deveriam aproximar as pessoas, aceleram o processo de massificação, e a chamada “aldeia global” passa ser “massa global”. (ANDRADE, 1974, p. 196-197)

As colaborações de Mario Pacheco de Almeida Prado e Victor Manoel Andrade traziam, em meio de conceitos kleino-bionianos, questões vinculadas à realidade e à sociedade. Todas as suas críticas eram respaldadas em experiências clínicas e sustentadas majoritariamente por referências de autores da psicanálise kleiniana. Não fizeram menções diretas ao regime político, o que nos deixa a pensar que estavam voltados exclusivamente para a vida interna de suas instituições do que um compromisso ou crítica à realidade repressiva e política brasileira. Defendiam uma posição de isenção e neutralidade, como se pode ver

no texto “Realidade Social e Psicanálise” de Mário Pacheco de Almeida Prado em 1976:

Sugiro que, se o analista tem uma determinada ideologia política ou religiosa, é talvez devido à existência de algo que resistiu à análise, mas o que realmente importa é que essa *ideologia seja mantida ausente em sua mente, e não interfira em seu trabalho analítico*. Por ausente em sua mente, quero dizer que não deve ser misturado no material do paciente como outro qualquer material seu – como de regra sempre assim se considerou de boa técnica analítica. (PRADO, 1976, p. 273)

Esta posição de Almeida Prado seria comum entre os psicanalistas ipeístas. Mas, no segundo semestre de 1979 começava uma nova tendência na revista – a publicação de textos que enunciavam diretamente questões sociais, políticas e econômicas. Tendência que fora propiciada durante a gestão de Fajga Sztterling com o aumento dos debates sobre a psicanálise, conflitos internos e início da crise que se abateria nos anos 80. As representações sobre a realidade presente eram abastecidas agora por discussões mais assertivas sobre o contexto da época.

No texto “O Quarto Golpe”, publicado no nº 3 da revista de 1979, Victor M. Andrade discutiu a necessidade de uma aproximação da psicanálise com as ciências sociais e discutiu o fenômeno social num enfoque psicanalítico. Fazendo alusão aos três golpes que Freud demonstrou em suas teorias – o cósmico, o biológico e o psicológico⁶³ - Victor M. Andrade apontava a existência de um quarto, “o golpe social”, considerando que a teoria psicanalítica fornece subsídios para que se conclua haver no homem uma tendência inata transindividual” (ANDRADE, 1979, p. 368), ou seja, um impulso social que se sobrepõe ao indivíduo.

Esta publicação rompeu uma tradição dos textos anteriores, quando consideramos suas referências bibliográficas. Mesmo mantendo o conceitual kleino-bioniano, o autor utiliza predominantemente Freud e os filósofos Roland Corbisier, Friedrich Hegel, Hebert Marcuse, Alexandre Opárin entre outros e, sobretudo, as obras de Friedrich Engels e Karl Marx como *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, *O Capital*, *Dialética da Natureza e Escritos*

⁶³ O primeiro gerado por Galileu Galilei com sua teoria do Heliocentrismo, o segundo Darwin com sua teoria da evolução, o terceiro o próprio Freud com a sua teoria do inconsciente. São consideradas por Freud as três feridas narcísicas da humanidade.

econômicos. Neste texto, o autor sugere a existência inata do homem para o socialismo. É possível, inclusive, identificar como este processo é vivenciado no Brasil naquele momento.

O injusto não é tanto o capitalista ou quem quer que aufera rendimentos muito superiores à média, mas o sistema econômico que propicia essa injustiça. Deste modo, um capitalista ficará perplexo se lhes disserem que é um explorador do povo, da mesma forma que um advogado, um médico ou psicanalista, que estão condicionados por uma estrutura individualista, primária e primitiva. Penso que é neste contexto que pode ser entendido o termo “ditadura do proletariado”, que parece ter sido bem entendido pelo metalúrgico brasileiro “Lula”, quando afirmou não querer ingerência de “intelectuais” (leia-se: profissionais liberais mais próximos dos capitalistas, enquanto classe social do que operários) no seu sindicato. (ANDRADE, 1979, p. 361)

Victor M. Andrade procurou penetrar no campo da Economia Política, fez pequena análise da mais-valia, também apresentou críticas a Marx, pois ao conceber este conceito não atingiu o ponto central da exploração, por paradoxal que pareça, de uma premissa individualista. Segundo Katz (1985, p. 222-223), Vitor M. Andrade escreveu sobre psicanálise e Economia Política, mas analisando as estreitas relações entre o caráter anal e o dinheiro e em nenhum momento pode ser lido em seu texto uma linha sobre a economia política da profissão. Em seu texto, Victor M. Andrade conclamava os psicanalistas a buscar as Ciências Sociais para o seu ofício.

Nesta altura alguém poderá estar me inquirindo do por que um psicanalista estaria a falar desses assuntos especializados, alheios a seu campo específico de atividade profissional. [...]. Estou convicto de que o homem é um ser intrínseco e constitucionalmente social e como a Psicanálise visa ao estudo do psiquismo humano, forçosamente será encontrada nesse psiquismo a tendência para o social como um fenômeno psíquico. Encontrada esta tendência, se quisermos acompanhá-la (e acho que temos de fazê-lo, para não estudarmos o homem apenas unilateralmente), mergulharemos inelutavelmente nas Ciências Sociais. (ANDRADE, 1979, p. 361)

Questões sobre a realidade social e os problemas societários passavam ser discutidos no nº 2 da revista de 1980. O primeiro artigo “Fantasia e Realidade no Homem Contemporâneo” de Abram Eksterman, concluía que a aquele momento que viviam estava marcado pelo processo primário de pensar a realidade social, intensificado por um clima persecutório. Segundo ele:

Era um acentuado processo de “psicotização do mundo”, em cujo socorro a Psicanálise poderá exercer papel destacado, na medida em

que puder atuar como agente social desmitificador, interligada às demais disciplinas das Ciências Humanas. (EKSTERMAN, 1980, p.145)

Mais uma vez os colaboradores, como o autor acima, ao propor uma interdisciplinaridade da psicanálise, aproximação com outras ciências humanas, permitiu-nos identificar mais uma representação de uma realidade presente distante como psicótica e persecutória. O segundo artigo, “O Momento da Psicanálise”, de Fabio A. Hermann propôs uma explicação do surgimento da psicanálise. Para ele esta teria o papel essencial de curar a crise do real, pois considerou como um acidente a psicanálise ser reduzida a uma ciência da psicoterapia, o que deveria mudar.

O artigo de Victor M. Andrade “Nascimento, Violência e Poder” no nº 4 da revista de 1980 tratava abertamente a relação do poder e violência. Ele fez um estudo do poder, concluindo, a partir das afirmações de Freud, que a angústia decorre do temor da separação, defendeu, em linguagem kleiniana, que o poder visa o controle do objeto, impedindo-o fazer a separação. Neste artigo é possível perceber uma realidade ditatorial, mas sem citar o nome de presidentes ditadores: O que se busca fundamentalmente com o poder é o controle do objeto. Há uma evidência de que os grandes tiranos da História foram pessoas carentes de afeto e de traços marcadamente paranóides. (ANDRADE, 1980, p. 422)

No momento central de seu texto, Victor M. Andrade ainda fazia críticas diretas ao sistema capitalista e socialista quando lançavam mão da violência e da opressão:

[...] fenômenos semelhantes ocorrem no mundo socialista, onde vemos não só cidadãos correrem riscos terríveis apenas por pensarem de maneira contrária ao pensamento oficial, mas também nações serem esmagadas somente por manifestar o desejo de viver sua própria experiência socialista, como aconteceu na Hungria em 1956 e como Checoslováquia em 1968, quando pretenderam deixar de ser tuteladas pela Rússia. Instituições como a C.I.A. e a K.G.B., com tudo o que representam de invasão e desrespeito à liberdade, nos deixam às vezes desalentados e duvidando da possibilidade de sair da atmosfera da violência. (ANDRADE, 1980, p. 417)

Posterior a este texto, perceberemos que começava a aparecer na revista artigos que demonstravam posições mais críticas, não só ao sistema capitalista, mas a toda a sociedade e ao próprio movimento psicanalítico ipeísta. Com os artigos de Mario Pacheco de Almeida Prado, Victor Manoel Andrade e Wilson L. Chebabi identificamos uma posição mais aberta da direção da revista.

Dos anos 1981 a 1984, durante a direção de Neyla R. França entre as discussões da crise no movimento ipeísta e da própria revista a concorrência interna e externa, a profissão de psicanalista era recorrente. Mais do que Victor M. de Andrade foi Wilson de Lyra Chebabi que apresentou uma crítica dura ao movimento ipeísta. Apontou que a realidade externa e social leva à concorrência entre os psicanalistas e a dissidência de seu movimento. No artigo “As Dissidências entre Psicanalistas e a Concorrência Capitalista” relacionou a economia capitalista à dissidência entre os psicanalistas, demonstrando que a plutocracia, isto é, a tirania do dinheiro, contribuiria ao recalque do indivíduo.

Na forma de produção industrial o ser humano é encurralado a limitar-se a ser peça da máquina que ele aciona. Também na família as tensões tendem a se distribuir de tal maneira que cada membro se limite a desempenhar seu papel especializado e atrofia sua capacidade de apreender o funcionamento do conjunto. É esta organização que permite a formação de uma ordem, dentro da qual todo e qualquer questionamento surge como um transtorno. O único recurso para impedir esse transtorno não pode ser outro senão a repressão. O sedimento da repressão no interior do indivíduo é o recalque. (CHEBABI, 1981, p. 119-120)

E mais à frente concluí sua crítica:

Trata-se de ensaio ingênuo. Ingênuo porque desenvolve conjecturas questionadoras de uma situação de fato cujo poder é inevitável e intransponível. O poder da conjuntura sócio-econômico-ideológica em que vivemos. É esta conjuntura que nos condena, como analistas, ao solipsismo acumulativo impedidor de intercâmbios frutíferos e profundos. (CHEBABI, 1981, p. 122)

O artigo de Chebabi ocupou lugar central na revista nº 2 de 1981 entre seis artigos publicados, mas com certeza a sua crítica ficaria ofuscada, pois o Conselho Editorial publicaria na sequência de seu artigo, uma tradução de Bion “A Cesura”, um texto publicado em 1977 pela Imago no Rio de Janeiro, retirado do original em inglês “*Caesura*”. In “*Two Papers: The Grid and Cesura*”, retratando a vida intra-uterina e a primeira infância muito requisitada na época, pelos psicanalistas.

Em 1984 o clima de abertura no país era também de profunda crise econômica. Este contexto atingiria a revista que no seu nº 1 deste mesmo ano, traria apenas quatro artigos e uma tradução a ponto de Ana Maria Andrade de Azevedo, Diretora editorial, fazer, como já mostramos anteriormente, um editorial

intitulado “A Crise” esclarecendo a dificuldade que se apresentava na revista e convocava o movimento psicanalítico à reflexão:

A questão parece ser complexa e difícil. Por que não vendemos mais revistas? Não haverá interesse por parte dos colegas psicanalistas e de outras áreas afins em adquiri-las? Ou terá ela, a Revista, se tornado órgão não representativo das Sociedades Brasileiras de Psicanálise? Coloco questões, não respostas. Questões que penso requerem a atenção minha e de meus colegas da Comissão de Redação e Editorial. Mas também são questões a serem pensadas talvez por todos os membros de nossas Sociedades e leitores de nossa Revista, para que assim pudessem também contribuir com suas opiniões, impressões e informação. (AZEVEDO, 1984, p. 6)

Importante lembrar que 1984 era um ano de Diretas-já, redemocratização e eleições presidenciais, ou seja, era o último governo do Regime Militar, neste momento associado à crise econômica que o país atravessava. Em nenhum momento os colaboradores da revista referiram-se a este contexto político, era colocado em questão a crise econômica e as consequências para a revista, como apresentou Ana Maria Andrade de Azevedo, pois esta era vista só pelo prisma da economia, o que garantiria uma relativa crítica e o recalcado das questões político-ideológicas para manutenção da “cientificidade” da revista.

Os psicanalistas das quatro Sociedades psicanalíticas ipeístas, tomados pela conceitualidade kleino-bioniana, defenderam um suposto distanciamento político alegando um discurso de neutralidade e proclamavam que seu ofício era voltado para o trabalho clínico do qual o foco seria a realidade interna do indivíduo e não a externa, campo perigoso e distante do tratamento clínico kleino-bioniano.

Vemos que o discurso que se montava diante da realidade representada como trágica, autoritária e obscura, cabia à psicanálise socorrer o mundo. É possível decifrar que nesta missão de socorro caberia ao saber psicanalítico e seu profissional um papel destacado e de liderança frente aos demais profissionais.

4.2 REPRESENTAÇÕES DO SABER PSICANALÍTICO

Os psicanalistas ipeístas, especialmente seus dirigentes, firmados nas teorias kleino-bionianas, produziram um discurso que tecia representações

sobre o seu saber psicanalítico. Buscaram situá-lo como uma ciência, modelo de saber confiável no qual a psicanálise indubitavelmente deveria ser inserida.

4.2.1 FASE PAULISTA: PSICANÁLISE COMO CIÊNCIA ESPECÍFICA.

Em Birman (1994), vimos que para se entender um determinado saber científico é preciso identificar em que modelo de ciência se insere e o que caracteriza sua cientificidade. A psicanálise, nas páginas da revista, não se filiaria a nenhum modelo clássico de ciência e teria uma cientificidade própria. Na fase paulista, entre as direções de Durval Marcondes e David Ramos, podemos citar as seguintes representações construídas pelos psicanalistas ipeistas: ciência do espírito, ciências da matéria, *work in progress*, ciência do homem, ciência inexata. Para discutirem a cientificidade da psicanálise, analisaram vários temas, como observação, metodologia, objetividade, neutralidade, relação analista-paciente, “insight” e “setting” analítico, análise didática e novas teorias.

Fizeram representações que, mesmo contraditórias, passavam-nos a ideia de uma ciência especial, única capaz de adquirir o poder de ir até as profundezas do inconsciente, de enfrentar a Esfinge e seu enigma que cada indivíduo traz internamente. Os colaboradores da revista consolidavam a ideia de que, segundo Porge et. al. (2015, p. 146), a psicanálise era uma nova razão que se declarava científica. No rol de todas as outras ciências, apesar ser considerada numa condição inferior às demais, galgou a condição de ser ciência eleita por ser a única a fornecer condições reais para entrar no psiquismo.

A concepção de um saber psicanalítico como ciência específica, apresentava-se já no primeiro volume da revista, 1967, no artigo intitulado “Psicanálise – Ciência Específica – Psicanalista – Profissão Especializada”, do psicanalista David Ramos, diretor editorial, defendendo que para se entender a cientificidade da psicanálise seria necessário partir da observação do concreto, da práxis e não de uma especulação teórica apenas:

Alega-se que a Psicanálise não está até agora devidamente caracterizada como *ciência específica*. Uns a desejam como uma das ciências chamadas médicas. Outros a veem como uma das ciências chamadas psicológicas. Enquanto tal antagonismo opinativo existe e

até cresce, com sabor polêmico, ninguém está verdadeiramente autorizado a *definir* a posição da Psicanálise. (RAMOS, 1967, p. 109)

Aparentemente empirista, David Ramos buscou defender sua posição a partir de uma posição que considerava dialética. Para ele, existiam três valores essenciais para a cientificidade da psicanálise: o psíquico, o somático e o cultural (RBP, 1967, p. 108). Ainda dizia que havia uma falsa dicotomia entre as ciências humanas em “ciências de espírito” e “ciências da matéria”, refutou a validade da oposição psique-soma.

Para David Ramos, era imprescindível buscar na obra de Freud respostas para estas questões. Segundo ele, o próprio Freud já reconhecia que a Psicanálise, como as demais ciências do homem e da sociedade, era um “*work in progress*”, ou seja, um saber em construção. A primeira especificidade do saber psicanalítico enquanto ciência era reconhecer Freud como o fundador de um saber científico. “Realizar a aspiração de Freud é o dever dos psicanalistas de hoje, no mundo inteiro....” (RBP, 1967, p. 110). A segunda especificidade seria a filiação a uma Sociedade de psicanálise ligada ao IPA, condição imprescindível para o progresso da psicanálise brasileira enquanto ciência, pois, para ele, as Sociedades de psicanálise possuíam condições morais e científicas para pleitear tais reivindicações.

Assumindo a diretriz de ciência deixada por Freud, caberia aos psicanalistas ipeístas entender muito bem por que existem ataques à psicanálise, minimizando-a como ciência. Para eles, a própria rejeição significava, contraditoriamente, que possuíam o privilégio de exercer uma ciência especial, pois os seus críticos e adversários sentem-se ameaçados pela possibilidade de seu psiquismo ser revelado ou dominado. Desta forma, desenvolviam a ideia de que seu saber possuía uma capacidade como nenhum outro, que resguardados por esta potencialidade de sua ciência, eram os escolhidos de uma ciência específica, ciência eleita.

Nas páginas da revista esta inferência poderia ser identificada no debate trazido por Virgínia L. Bicudo sobre o tema resistência nº 3 do volume 1 de 1967, cujo título é “Duas formas Ativas de Resistência à Psicanálise: Hostilidade Declarada e Falsa Adesão”, mostrou nele os obstáculos para a construção da psicanálise como ciência. A autora demonstrou neste texto que a hostilidade e a falsa defesa à psicanálise ocorriam justamente porque a busca do conhecimento

científico despertaria angústia frente à expectativa de perda de significados culturais, ativaría angústias ligadas à perda e à morte.

O objetivo de tornar conhecido o inconsciente atrai inevitavelmente resistências contra a técnica psicanalítica, instrumento específico para a penetração nos níveis profundos da personalidade, bem como contra a teoria psicanalítica. Envolvidas nas próprias angústias e protegendo-se pelo recurso à defesa maníaca, pessoas inteligentes e cultas comportam-se comumente como se tivessem conhecimento científico para combater e negar os conhecimentos obtidos pela técnica psicanalítica (RBP, 1967, p. 402-403)

A resistência ao conhecimento do inconsciente também parte, segundo Bicudo, daqueles que fazem uma adesão falsa, que promovida a psicanalista, é mobilizada por uma defesa do mesmo medo daqueles que resistem, porém, com a fantasia de “curar” a humanidade. Tanto aqueles que expressavam resistência, quanto aqueles que faziam uma adesão falsa à psicanálise causavam, segundo Virgínia L. Bicudo, danos e prejuízos a indivíduos mal assistidos e à sociedade então mal informada pela desmoralização da psicanálise (BICUDO, 1967, p. 403). A autora conclui: “Entre as ciências que se ocupam do estudo do fenômeno psíquico, a psicanálise enfrentará sempre os obstáculos provenientes do fato de pôr em movimento as resistências inconscientes e oponentes à tomada de consciência”. (BICUDO, 1967, p. 403)

Todo este processo de resistência acabava reforçando a representação de uma ciência específica pelos psicanalistas ipeístas. Outra questão que deveria ser discutida no âmbito da especificidade do saber psicanalítico durante a fase paulista da revista era a metodologia. O caminho proposto para discussão desse tema também viria de David Ramos, que em seu artigo “Considerações sobre a Metodologia Psicanalítica”, trabalhou posições que criticavam o método psicanalítico por falhar na objetividade científica. Procurou caracterizar, a partir da teoria de Bion, o que seria objetividade científica nas ciências do espírito, em especial, da psicanálise.

Não é possível forçar o critério de objetividade científica tradicional na Psicanálise (Bion). Objetividade científica nem sempre é uma e universal. A Psicanálise propicia a base para a reformulação do método nas ciências do espírito, quando une a individualização à imaginação criadora. É impossível estudar o fenômeno psicológico profundo em “si mesmo”; somente é possível fazê-lo em relação ao observador (na transferência), pois eles só se completam com a observação. (RAMOS, 1967, p. 537)

David Ramos contundentemente defende a necessidade de se conhecer especificidade da metodologia psicanalítica entre as ciências, cujo centro desta teria origem na relação analista-paciente:

Há um “método” psicanalítico cientificamente válido dentro das modernas concepções do método. É, sem dúvida, um método menos normativo. O que lhe falta é formulação exata. A ausência de uma conceituação filosófica da ciência psicanalítica tem dado falsa ideia de que ela não é ciência e não quer comércio algum com os fatos. Já é tempo de reformular esta posição, pois a teoria psicanalítica se elabora a partir da experiência analítica e exista porque confirmada pela experiência como qualquer outra ciência. (RAMOS, 1967, p. 538)

Ele concluiu seu texto afirmando que não é possível forçar o critério de objetividade tradicional na psicanálise. Aponta a validade da neutralidade no caso do analista, sugere o profundo estudo sobre o uso da contratransferência como instrumento de análise e de entendimento da metodologia, o que, para ele, localizava-se a origem do progresso científico da psicanálise.

Durante a fase paulista, o reforço da posição de que a psicanálise era uma que ciência e possuía suas especificidades também pode ser verificado no texto de Durval Marcondes, “Posição da Psicanálise na Psicologia e na Ciência em Geral”, publicado como primeiro artigo no volume IV, nº 2 de 1970 da revista. Para ele, o saber psicanalítico não estava tão distante da psicologia, mas graças ao seu caráter mais específico conseguia superar e auxiliar as limitações científicas e metodológicas da psicologia.

Para Durval Marcondes, o que afligia o campo da psicologia naquele momento era a objetividade científica, condição que a psicanálise possibilitou mudar, pois mostrava uma compreensão mais apropriada sobre a subjetividade. “Alargando a área de vigilância com respeito à subjetividade, a técnica psicanalítica permitiu sua inclusão no próprio campo da observação científica” (MARCONDES, 1970, p. 144). Durval Marcondes enalteceu o fato de a psicanálise ter trazido meios seguros de proteção contra os elementos estranhos que penetraram na pesquisa psicológica e pudessem alterar a relação paciente-psicanalista.

Sem dúvida, a própria natureza do método psicanalítico, que se alimenta no jogo constante das forças afetivas do observador, obriga a um padrão de objetividade que não é o das ciências em geral. O nível em que se desenvolvem os fatos por ela estudados exige um diferente critério para a medida de sua aceitação. (RBP, 1970, p. 144)

Mais uma vez era afirmada a diferença entre psicanálise e outras ciências e em relação à psicologia, a psicanálise possuía uma maior cientificidade. O fundamental para Durval Marcondes e os psicanalistas de modo geral é que a psicanálise apontava as deformações que a personalidade do observador poderia criar na verificação dos fatos, mas a mesma era a única que estudava esta fonte de erro. Durval acentuava orgulhosamente no final de seu texto:

A psicanálise não é apenas um método a mais de observação. É um método diferente, que veio criar novos problemas para a metodologia científica e para a construção do destino do homem. No seu sentido dialético, a psicanálise proporciona, dentro de cada ser humano, um diálogo corretivo do presente com o passado, do racional com o irracional. Desse modo pode alargar as medidas do futuro. E abre para a humanidade uma permanente revisão de sua atitude diante do mundo e diante de si própria. (MARCONDES, 1970, p. 145)

Laertes Moura Ferrão também tratou em seu texto a importância do método científico como condição central para o desenvolvimento da ciência psicanalítica. Para ele, o método científico psicanalítico também possuía suas especificidades fundadas na relação analista-paciente, “insight” e “setting” analítico.

A sessão analítica é o campo de pesquisa clínica do psicanalista, que se utiliza da relação analista-paciente – de um lado uma pessoa que se dispõe a se deixar analisar e de outro lado uma outra pessoa que se propõe analisar. Do “insight” sobre o “aqui e agora” desta relação bipessoal é que vai surgindo o conhecimento. A preservação do “setting” analítico, da posição analítica, etc., são louvadas nas teorias da técnica, mas nem sempre cumpridas na prática, a partir da decoração de nossos consultórios. (FERRÃO, 1970, p. 310)

Para ele, os psicanalistas deveriam estar livres da observação carregada de *a priori*, memória, impressões sensoriais e se apoiar no livre exercício da intuição. Mas, para os psicanalistas ipeístas a condição mais nobre para a psicanálise ser um saber científico específico residia na análise didática.

Luiz de Almeida Prado Galvão traria, no número 3 da Revista de 1967, a vigia mestra sobre a qual giravam os problemas atinentes à vida científica das Sociedades de Psicanálise – a análise didática. “Reflexos da Análise Didática na Vida Científica de Sociedades de Psicanálise”, artigo que para Katz (1985, p. 222) reforçava a posição de distanciamento político e crítico da revista, Prado Galvão demonstrava como as qualidades que constituem os candidatos dos institutos e dos analistas didatas refletiam a própria capacidade científica das

Sociedades. Considerava neste texto também a seleção de analistas didatas, relação entre eles e o ensino de psicanálise. Em síntese, propugnava o progresso do ensino e da psicanálise como um saber científico que selecionasse bons analistas didatas, sobre cuja seleção assim dispõe:

[...] penso que no momento posso responder dizendo que cada psicanalista deve fazer sua auto-análise, quando receber algum convite para que se torne analista didata e procure situar-se diante do problema de sua vocação. Aquêles que já fazem parte do corpo didático dos Institutos deverão igualmente proceder a êste auto-exame, no que poderão ser muito auxiliados, se puderem objetivamente avaliar o desempenho que vêm nesta missão. (RBP, 1967, p. 387)

Para o movimento psicanalítico ipeísta, o analista didata era guardião dos verdadeiros conceitos psicanalíticos, responsável pela formação dos psicanalistas e sujeito indispensável nas decisões das Sociedades e Institutos psicanalíticos, teria a “missão redentora” de manter a psicanálise como um saber científico. Era a força centrípeta dos cânones científicos da psicanálise ipeísta. Não só legavam um caráter específico para a psicanálise enquanto ciência como lhe dava um caráter de ciência especial no mundo psi.

A psicanálise enquanto ciência específica era uma conquista do movimento ipeísta, portanto não poderiam deixar que outras teorias viessem tirar-lhe esta condição. Os psicanalistas ipeístas estiveram sempre atentos às mudanças teóricas e metodológicas no seu campo científico. O analista didata Laertes Moura Ferrão, em seu texto publicado na RBP de 1970, “Troca de Idéias sobre Psicanálise”, aprofundou a questão sobre o efeito revolucionário gerado por uma perspectiva, o aperfeiçoamento do método analítico e a maneira de observar do analista.

Embasado nas obras de Bion, Grinberg e Klein, Laertes Moura Ferrão evidenciava, na Revista, um debate amplo sobre a evolução da Psicanálise frente à emergência de novas ideias que não afetassem a sua condição de ciência já estabelecida, mas pudessem contribuir ainda mais para esta condição ao impedir a cristalização e paralisação do saber psicanalítico.

O DESENVOLVIMENTO DAS CIÊNCIAS PODE SER RELACIONADO AO TALENTO de seus pesquisadores e à eficiência e aperfeiçoamento de seus métodos de investigação. Na psicanálise podemos citar Freud, Klein e Bion, como investigadores de talento, que tiveram o atrevimento de pensar e a coragem de comunicar ideias novas. São exemplos de pessoas que têm capacidade para inovar a ciência, bons continentes

para a nova descoberta e o desenvolvimento dela, que têm portanto, capacidade para tolerar a ansiedade que produz o conhecer. (FERRÃO, 1970, p. 306)

Laertes Moura Ferrão demonstrava o conceito utilizado por Bion para designar as autoridades dentro das sociedades científicas, o *Establishment*, que era fundamental para conter ou permitir a penetração de novas ideias científicas. Colocava em questão se as Sociedades Psicanalíticas seriam o ambiente adequado para receber, conter e desenvolver um novo descobrimento. Firmado nas ideias de Leon Grinberg, Moura Ferrão afirmava que o rechaço às novas ideias em Psicanálise estaria relacionado à forte identificação dos psicanalistas à excepcional qualidade de Freud e à adesão rígida e idealizada a tudo que foi pelo mesmo criado. Outra afirmação de Grinberg valorizada por Moura Ferrão é a possibilidade de se ter abusado do fenômeno transferencial para transmitir e preservar a “tradição” aos seguidores da doutrina psicanalítica. Das afirmações de Leon Grinberg, Moura Ferrão ressaltava:

Ainda segundo este autor os conflitos entre conservadores e inovadores não só se devem a divergências ideológicas, mas têm suas raízes em situações emocionais cujas consequências expressam-se em nível pessoal, grupal e institucional. Trata-se de um mal endêmico latente que eclode periodicamente em diversos ambientes e contextos. Nestas lutas, baseadas em conflitos de gerações há aqueles que se sentem impulsionados a perpetuar a rebeldia infantil e buscar figuras paternas contra as quais rebelam-se, como também há “pais” que não toleram o crescimento e o valor de “filhos” capazes e talentosos que ameaçam sua posição e prestígio. (RBP, 1970, p. 308)

Demonstrando o exemplo de resistência às ideias de Melanie Klein pela Sociedade Psicanalítica Britânica, apontou que o aumento de divergências, falta de comunicação e o estancamento do desenvolvimento da psicanálise poderiam se intensificar, pois o mesmo fenômeno estava acontecendo com as ideias de Bion no meio psicanalítico. Moura Ferrão defendeu que as teorias psicanalíticas seriam úteis quando explicavam os dados clínicos e novos modelos deviam ser aceitos quando os fatos clínicos assim exigissem (FERRÃO, 1970, p. 309).

Durante a fase paulista estavam dadas as primeiras representações dos psicanalistas ipeístas sobre seu saber cuja especificidade residia em ser uma ciência firmada nos valores psíquicos, somáticos e culturais, ou seja, refutavam a dicotomia entre modelo fisicalista e modelo interpretativo como discutido em Birman (1994). Fidelidade ao fundador da ciência, objetividade/subjetividade na metodologia, análise didática eram os elementos específicos da cientificidade de

uma psicanálise verdadeira exercida apenas pelos psicanalistas ipeístas controlados por um grupo mandatário composto por membros efetivos e analistas didatas das instituições ipeístas.

4.2.2 FASE NACIONAL: SABER PSICANALÍTICO EM DEBATE

Na fase nacional, quando a revista passa para a ABP, em 1971, o debate sobre o saber psicanalítico enquanto ciência dar-se-ia principalmente entre a concepção de ciência natural e ciência humanista, diferente da fase anterior quando tendiam à defesa de uma psicanálise como ciência do homem.

Nesta fase, as representações do saber psicanalítico pareciam ser as mais diversas, como sendo ciência privada, ciência inexata, conhecimento transcendental, ciência básica, ciência da prática, ciência das experiências, ciência empírica. Representações que, como na fase paulista, mantinham a ideia de ciência especial, ciência eleita.

Mas, esta representação não foi construída sem debates e divergências entre os psicanalistas ipeístas e com seus mandatários. Pelas páginas da revista foi possível perceber que eram comuns as divergências entre os psicanalistas quando traziam temas vinculados ao seu saber, não distantes da fase anterior. Resistências, empirismo, interpretação, investigação, objetividade, neutralidade, análise didática, kleinismo e bionismo compunham os conteúdos do discurso que faziam da psicanálise enquanto ciência.

Durante a direção de A. L. S. Pessanha, nas páginas da revista, o discurso sobre o saber psicanalítico começava definindo-o mais uma vez como saber científico específico, um “fenômeno único”. No artigo “Identidade e Ideologia”, dos psicanalistas argentinos León Grinberg e Rebecca Grinberg, a especificidade da psicanálise era tratada da seguinte forma:

Um de nós assinalou que a Psicanálise não pode localizar-se em determinado setor das disciplinas científicas ou humanísticas. Trata-se de fenômeno único, resultado de um descobrimento revolucionário que rompeu com todos os esquemas de sua época, transformando-se num instrumento de investigação mais importante *pe/a* mente humana, para desentranhar os segredos da mente humana. (GRINBERG; GRINBERG, 1971, p. 127)

Percebermos que, ao mesmo tempo em que discutiam entre si pontos polêmicos de sua ciência, estavam coesos em afirmá-la como saber

revolucionário e único. Para Katz (1985, p. 222) este artigo do casal Grinberg, apesar de se inserir em discussões sobre temas institucionais, estava na linha da “conversão psicanalítica”, isto é, temas sociais, políticos e institucionais que foram convertidos às normas da psicanálise ipeísta.

Como fenômeno único, a psicanálise também foi discutida no artigo “Avaliação da Interpretação” de Laertes Moura Ferrão. Houve toda uma explanação sobre o método de investigação psicanalítico através do qual o psicanalista poderia estabelecer bases empíricas para formular seus enunciados e sistemas dedutivos científicos (FERRÃO, 1972, p. 206). Em sua ideia, o importante era que a psicanálise tivesse uma base empírica para garantir sua cientificidade.

Para o conselho editorial da revista, o relatório dos psicanalistas da SBPRJ – Walderedo I. de Oliveira, Maria Luiza Pinto e Roberto B. Martins sobre a Avaliação da Interpretação – demonstrava como estes defendiam a validade científica das interpretações psicanalíticas. O conselho editorial, compactuando com as ideias destes psicanalistas afirmava:

Não deve subestimar a subjetividade implícita na própria essência da Psicanálise, ciência humana, cultural, com métodos próprios, irreduzível à metodologia das ciências ditas exatas como a Física, a Matemática e a Química. (OLIVEIRA; PINTO; MARTINS, 1972, p. 240)

Como podemos perceber, em todo momento ressaltava-se um aspecto específico da psicanálise, neste caso, a essência desta residia na subjetividade. Esta ideia era complementada nas páginas da revista com a publicação do texto originário do relatório apresentado no IX Congresso Latino-Americano de Psicanálise em Caracas, Venezuela, dos psicanalistas da SBPSP. A analista didata Inaura V. Carneiro Leão e os psicanalistas Geraldo do Prado Jucá, Júlio de Mello Filho, Maria de Lourdes O'Donnell e José Barbosa Vasco discutiram a posição da psicanálise no contexto das ciências.

Eles consideravam a psicanálise uma ciência do homem e inexata, uma metodologia peculiar na qual utilizava-se apenas os métodos científicos de investigação, fizeram críticas àqueles que pretendiam utilizar os métodos das ciências exatas na investigação psicanalítica (LEÃO et. al., 1972, p. 263). Partindo das colocações deste grupo de psicanalistas, o Conselho Editorial asseverava:

Consideramos que as dificuldades de enquadrar a Psicanálise como Ciência Exata não devem angustiar o psicanalista, mas oferecer-lhe a segurança de que está rigorosamente dentro do campo de seu objeto – o Homem, que, em vez de ser coisificado, é realmente reumanizado. (RBP, 1972, p. 266)

Mas esta segurança que o Conselho Editorial tentava passar não impedia o surgimento de novos questionamentos sobre a psicanálise. O dilema de que tipo de conhecimento seria a psicanálise emergiu novamente na gestão de Cecil J. Rezze no texto “A Esfinge do Enigma Indecifrado” de Victor M. Andrade em 1973. Texto publicado volume VII, nº 2, com reflexões surgidas de seu relatório avaliativo do III Congresso Brasileiro de Psicanálise. Insatisfeito com a indefinição dos temas abordados no evento – conceito de cura e validade da interpretação – Victor M. Andrade acabou indagando aos participantes no evento que tipo de conhecimento seria a psicanálise.

Que é ela? Uma ciência? Não estamos seguro disto. Não é nosso escopo discutir aqui a conceituação de ciência, mas estamos pensando em um corpo de conhecimentos passíveis de ser transmitidos e cuja validade, em determinadas circunstâncias, pode ser constatada por observadores diferentes, em locais e em tempos diversos. (ANDRADE, 1973, p. 187)

Para ele, caso a resposta fosse positiva, a psicanálise seria então uma espécie de ciência muito peculiar, devido ao seu aspecto específico, ele definia a psicanálise como “uma ciência com dono, uma propriedade privada, dirigida por uma superestrutura científico-político-administrativa” (ANDRADE, 1973, p. 187). Esta definição foi reiterada pela Direção e Conselho Editorial, destacando seu aspecto de *work in progress*:

Considerando-a um tipo de conhecimento que não pode ainda ser caracterizado como ciência definida, o autor acha que ela é, todavia, uma espécie de conhecimento que transcende a atividade meramente clínica. (RBP, 1972, p. 266)

Em 1974, o dilema da cientificidade da psicanálise era discutido a partir do tema investigação psicanalítica. Seria essa uma investigação científica? A revista trouxe em suas páginas as discussões feitas em torno deste tema durante o X Congresso Latino-Americano de Psicanálise realizado no Rio de Janeiro em julho de 1974. O grupo de psicanalistas ipeístas da Associação Venezuelana de

Psicanálise publicou o artigo “Psicanálise: Investigação ou terapia?” no qual afirmavam:

A necessidade de aprender ou adquirir firmes conhecimentos sobre o que é investigação, com o propósito de situar a Psicanálise dentro de um contexto científico e contrastar a noção de investigação científica com a noção de investigação psicanalítica, foi o primeiro emergente de nossa Associação. Pensou-se que assim se poderia decidir com fundamento se a Psicanálise é uma investigação científica, ou de outro tipo. (KIZER et. al., 1974, p. 291)

Por este artigo notamos que a definição dada pelos psicanalistas venezuelanos foi observada com reservas pelos outros grupos que defendiam declaradamente a psicanálise como um saber científico específico. Algumas posições que causavam debates por parte dos venezuelanos foram assim registradas na revista:

Parte dos nossos psicanalistas pensa que a Psicanálise não elucidou ainda suas ideologias e propõe, tomando como modelo Lacan e Althusser, estudar os conteúdos teóricos da Psicanálise. Partimos do suposto que o conhecimento psicanalítico está integrado pelo conhecimento científico, validado metodológica e epistemologicamente pela “práxis”, e pelo conhecimento não científico. (KIZER et. al., 1974, p. 294-295)

As sínteses que faziam destes debates também foram publicadas na revista. Numa delas, feita pelo psicanalista Guillermo Ferschtut sobre “Psicanálise: Investigação ou Terapia?”, foram apresentados os problemas metodológicos que a psicanálise enfrentava, mas a ideia de que havia uma especificidade para esta ser ciência foi confirmada e acabaram afirmando que “a Psicanálise não deve carregar com exclusividade aquilo que outras ciências não resolveram e, às vezes, nem questionaram” (FERSCHTUT, 1974, p. 349).

A inserção da psicanálise como uma ciência específica percorreu toda a trajetória das publicações. A comparação com as ciências físicas e biológicas algumas vezes servia como ponto de partida para discutir a validade científica da psicanálise e sua especificidade. No texto “Psicanálise – Ciência, Pesquisa e Estudo de Gêmeos” foi possível identificar este debate mais uma vez. Mas a comparação viria agora de um psiquiatra estadunidense, ex-presidente da Associação Psicanalítica Americana e componente da diretoria da IPA, Edward D. Joseph que, em sua palavra de ordem, reiterava o modelo vigente de psicanálise:

Em nossa busca da verdade, muitas teorias anteriores foram abandonadas e a ciência psicanalítica encara uma mudança contínua em conceitos atualmente existentes. Estamos também procurando novos modelos ou paradigmas que unificarão o nosso pensar atual, mas, até que isto aconteça, continuamos a explorar dentro de nossa própria moldura de referência. (JOSEPH, 1975, p. 108)

A tradução do texto de Edward D. Joseph fora feita pelo analista didata da SPPA, David Zimmermann, um dos diretores editoriais da revista mais defensores da psicanálise como ciência. No mesmo nº 1 da revista de 1975 que publicava a tradução de Edward D. Joseph, era indicado por David Zimmermann, com o intuito de fortalecer aos leitores a ideia de uma psicanálise enquanto ciência e profissão, o livro de Maxwell Gitelson “Psychoanalysis: Science and Profession”. Em seus comentários sobre este, Zimmermann demonstrava a definição de psicanálise frente à psiquiatria:

Sua ideia é de que nos encontramos em “um conflito de identidade, entre a Psiquiatria, que é uma especialidade terapêutica da medicina, e a Psicanálise, que se constitui em ciência básica”. E termina dizendo esperar que uma confrontação poderá auxiliar-nos e a analisar e a não “atuar”. (ZIMMERMANN, 1975, p. 117)

David Zimmermann era também um médico psiquiatra e envolvido com este saber, não deixou de trazer esta influência para a psicanálise. Mas neste momento, a direção da revista ainda não abriria mão de manter uma proximidade estreita com a psiquiatria, fazendo assim emergir o debate se a psicanálise seria uma ciência humana ou natural.

A ideia de uma psicanálise como ciência básica e natural ainda era expressiva neste momento da revista. Para Eugenio Davidovich, psicanalista da SPRJ, no seu pequeno artigo “Sobre a Teoria Psicanalítica” publicado na revista nº 3 de 1976, afirmava que pretendia contribuir para uma revisão da teoria psicanalítica. Pontuou as teorias da libido, instintos, mecanismos de defesas entre outros. Situou o saber psicanalítico da seguinte forma:

O campo de estudo da psicanálise se inclui dentro das ciências naturais, e sua metodologia deve ter a mesma objetividade lógica que estas. Este trabalho é uma comunicação preliminar de caráter geral [...]. (DAVIDOVICH, 1976, p. 391)

Esta visão de psicanálise como ciência natural, objetiva e empírica, era compartilhada por diversos psicanalistas. Pedro de Figueiredo Ferreira, da

SBPSP, no seu texto publicado no nº 2 da revista de 1977 sob título de “Controle” afirmava, segundo a direção da revista:

Conhecimento é prática da teoria. Isto constitui a essência, o conteúdo e o fundamento da Psicanálise. Ciência da prática do conhecimento. Ciência da experiência e, por isto mesmo, ciência que não parte de premissa teórica, mas de fatos. De fatos observados, comprovados e experimentados em novas experiências dirigidas e em repetições de experiências. E, por estas razões, ciência empírica no sentido literal da expressão. (FERREIRA, 1977, p. 152)

Este psicanalista ressaltava o caráter indutivo da cientificidade psicanalítica, tendência muito expressiva nestas duas direções iniciais da fase nacional da revista. Mesmo havendo a representação de uma ciência específica, havia uma instabilidade quanto à classificação humanista ou natural. O debate sobre o estatuto do saber psicanalítico coadunava-se ao momento das discussões de novas teorias, conflitos de gerações e sobretudo, os conflitos internos ao movimento ipeísta em torno das ideias bionianas que tomaram a direção de Cecil J. Rezze.

A partir da direção de Fajga Sztetling haveria uma inflexão na posição sobre ciência entre os textos publicados na revista, com posterior debate mais crítico sobre a concepção de ciência. A teoria, prática e técnica seriam discutidas mais distantes da ideia de uma psicanálise como ciência natural e eminentemente empírica. No texto “O Lugar da Teoria na Formação Psicanalítica – Uma Visão do Candidato” de Moisés Groisman e Rubens Molina da SPRJ, discutiram teoria e prática psicanalíticas a partir das posições do filósofo Althusser como:

Se a Psicanálise é uma ciência, ao ser ciência de um objeto próprio, será uma ciência estruturada como qualquer outra ciência, possuindo uma teoria e uma técnica (método), que permitam o conhecimento e a transformação de seu objeto em uma prática específica. (GROISMAN; MOLINA, 1977, p. 266)

Tema debatido anteriormente no Pré-Congresso Didático do XI Congresso Latino-Americano de Psicanálise, Moisés Groisman e Rubens Molina demonstraram a insatisfação com seminários teóricos, desvalorização do ensino da teoria e pouca criatividade na vida científica dos Institutos de Psicanálise. Propunham uma maior abertura em relação às influências de outras ciências. Nestas discussões, a direção da revista permitiu textos que relacionavam a

psicanálise à uma ciência mais humanista. Como em “Psicanálise como contribuição ao humanismo”:

Os resultados da compreensão-conhecimento adquirem o valor de consciência humanista e de maturidade, dando ao indivíduo maiores possibilidades de viver seu dia-a-dia dentro de uma textura racional consigo e com os demais no trabalho e no lazer. [...] A Psicanálise tem nessa consciência humanista seu escopo e dispõe de meios para ajudar aos que pretendem tal forma de conhecimento uma vez que se ocupa em particular do inconsciente [...]. (SCHAWRZ, 1977, p. 443)

Esta concepção de psicanálise não era seguida na totalidade dos psicanalistas. No texto “Validação da Interpretação em Psicanálise” de Eugênio Davidovich, membro da SPRJ, publicado no nº 2 da revista de 1978, reencontramos mais uma vez a tentativa de aproximar a psicanálise às ciências naturais. Este psicanalista fez, durante todo o texto, comparações da psicanálise com a física, refutando as críticas que excluem a psicanálise dos métodos aplicáveis à validação de percepções e ideias em outras ciências naturais. Preocupado em defender a atitude científica do analista no processo analítico, afirmou no início de seu texto: “O problema da validação da interpretação em Psicanálise pode ser reduzido ao problema de validação de uma hipótese em qualquer ramo da ciência” (DAVIDOVICH, 1978, p. 313).

A preocupação de Eugênio Davidovich demonstrava uma concepção clássica de ciência. Para defender sua posição, apresentou dois argumentos que negavam a psicanálise como ciência: a falta da objetivação da observação psicanalítica e a interferência do observador no processo. Davidovich não chegou a questionar estes argumentos enquanto científicos, entendeu-os como corretos e demonstrou que certamente a psicanálise atende ao que foi questionado. Vejamos como ele contra argumenta:

Na física, na química ou em qualquer outro exemplo das chamadas ciência naturais, os fenômenos também nunca se repetem. E a construção de uma observação preparada como a que é feita na sessão analítica pode oferecer uma oportunidade para a repetição das experiências, permitindo que se chegue a conclusões objetivas. Além disso, a Psicanálise não ocupa uma posição única como terapia e pesquisa, como sugere Hanna Segal; o psicanalista, como os seus colegas de outros campos, deve ser um pesquisador, não se limitando a ser um técnico que aplica cegamente o que aprendeu, como se fosse o limite do conhecimento. (RBP, 1978, p. 315)

Em relação ao segundo argumento, Eugênio Davidovich contra-atacava:

O que se observa, na situação analítica, não são os fatos em si do paciente, mas a interrelação dual do analista e do paciente, experiência recíproca que vai ser investigada e formulada. [...] Tanto na física como na Psicanálise se podem observar fenômenos próprios ao objeto, como também às interrelações. (RBP, 1978, p. 315)

Este autor considera, portanto, que a validação de uma observação ou de uma teoria era o passo importante na construção científica e a psicanálise poderia ser tratada como um ramo da ciência, pois usa métodos compatíveis com as outras ciências.

Haveria uma mudança sobre algumas considerações feitas sobre a cientificidade do saber psicanalítico a partir de 1980. O debate nas páginas da revista traria críticas à neutralidade científica tão prezada anteriormente. Categoricamente, o psicanalista da SBPSP Odilon de Mello Franco Filho criticou o conceito de neutralidade em ciência num texto cujo título era bastante sarcástico: “E o Rei Está Nu: Reflexões sobre a Neutralidade”. Segundo ele, o seu objetivo era focalizar o problema da neutralidade na ciência à luz da epistemologia moderna e à maneira como este problema se manifesta na prática analítica. Numa visão mais próxima do que havia defendido Thomas Khun (1994), o autor afirmava:

A epistemologia atual reconhece que “a” ciência não existe mais. O que existe são “as ciências”, ou, mais precisamente, as “práticas científicas”. Falar de “a” ciência é adotar, no ponto de partida, uma tese idealista e abstrata. A significação da ciência reside no fato de ser *prática humana* e portanto uma *realidade sócio-histórica* em contínua mutação. (FRANCO FILHO, 1980, p. 69)

Começavam a chegar à revista os debates que, na época, existiam sobre ciências. No seu texto, o psicanalista Odilon de Mello Franco Filho asseverava que a questão da neutralidade das ciências era um mito que suportava um movimento ideológico - o cientificismo. Ele substituiu o conceito de neutralidade por objetivação, “o qual se reconhece como um esforço e uma forma particular e limitada de aproximação da realidade” (FRANCO FILHO, 1980, p. 83). Afirmava que inexistiam ciências mais objetivas que outras e, portanto, a psicanálise não deveria se sentir a prima pobre destas. Rompido o mito da neutralidade, a psicanálise, segundo ele, teria sua contribuição para uma nova objetividade científica que deveria começar pela reformulação do ideal de neutralidade baseado no que denominou de analista-espelho.

O analista teria uma grande tarefa segundo Odilon: primeiro, seria chegar à objetividade derrubando suas próprias resistências e tomar consciência de que não é um personagem neutro e indefinido e, segundo, compreender que nenhum membro da dupla analista-paciente é compreensível sem o outro, isto é, entender sempre na complementaridade numa relação dinâmica e original. Para ele, deve-se existir na relação uma constante disponibilidade dos dois para se reformularem a cada encontro, pois só assim existirá autêntica objetividade (FRANCO FILHO, 1980, p. 84).

Odilon de Mello Franco Filho continuaria seu debate num segundo texto “O Analista e a Água em que o Bebê foi Lavado na Banheira” publicado no nº 4 do mesmo volume de 1980. Neste artigo fez uma grande explanação sobre a influência de pressupostos filosóficos e os juízos de valor nas teorias psicanalíticas, reiterando sua ideia de que não há neutralidade e que nem por isso se deveria rejeitar uma teoria, mas valeria saber como lidar com estes pressupostos e juízos de valor.

Em relação à neutralidade, por exemplo, o texto “O Rei está Nu: Reflexões sobre Neutralidade” de Odilon de M. Franco Filho no nº 1 de 1980, trazia uma nova reflexão: o conceito de que a neutralidade em ciência seria um mito e estava sendo substituído pelo conceito de objetivação. Posição diferente de Victor Manoel de Andrade, que em 1978 fazia uma defesa a este conceito psicanalítico. No seu artigo “Identificação Projetiva e Instinto de Morte – Uma Contribuição à Psicologia do Ego” na revista nº 3 de 1978, demonstrava a especificidade da neutralidade firmada num conceito aos que criticavam a neutralidade na relação psicanalítica:

Não nos referimos à neutralidade fria, estática, do observador de um fenômeno físico. Referimo-nos a uma neutralidade dinâmica, de quem observa e também é peça fundamental dos fenômenos que se desenrolam no processo. (ANDRADE, 1978, p. 367)

Victor Manoel Andrade fundamentava-se em filósofos para defender sua ideia como Bertrand Russel e Hegel, assim como o brasileiro Caio Prado Júnior. Deste pensador brasileiro retira suas discussões sobre lógica formal para ampará-lo na discussão sobre neutralidade:

No processo psicanalítico, aqueles que consideram o analista como observador frio, indiferente ao processo, racionam formalmente, devendo ser examinada somente a linguagem do paciente. Aqueles

que advogam a não neutralidade, vendo papéis semelhantes no analista e no paciente, confundem, por outro lado, ainda de maneira formal, como se analista e paciente falassem a mesma linguagem. Na verdade, seus papéis são opostos, apesar de se tornarem idênticos no todo da relação. São pensamento e linguagem identificados. (ANDRADE, 1978, p. 174)

Nesta relação de neutralidade entre analista-paciente proposta por Victor Manoel Andrade, firmada no aqui e no agora, distanciar-se-ia de qualquer interferência externa. A posição dele não diferia dos conceitos clássicos sobre neutralidade, diferente de Oldilon de M. Franco Filho que propunha a reformulação do ideal de neutralidade dos psicanalistas baseado na noção do que chamava analista-espelho. Para ele, era preciso deixar este mito da neutralidade “Em matéria de espelho, aliás, o único admissível será aquele que permitir ao analista se olhar nele para se lembrar de que o rei está nú” (FRANCO FILHO, 1980, p. 84). Mas afirma que abrir mão do mito exigiria assumir algumas consequências para encarar a situação analítica, como ultrapassar as resistências para fazer consciente a contratransferência e assim o psicanalista estará “em condições para avaliar como a mesma co-determina a transferência e faz de cada par analítico uma unidade dinâmica (FRANCO FILHO, 1980, p. 84).

O debate sobre neutralidade avançaria durante a direção de Neyla R. França, pois na revista nº 3 de 1981, o artigo “O Resto é Sonho (Ainda sobre a neutralidade do analista)” de Odilon de Mello Franco Filho, dava continuidade ao tema anteriormente discutido em seu artigo na revista nº 1 de 1980. A partir da apresentação de material clínico, Odilon avaliava em que medida a personalidade do analista está presente na sessão. Ele acredita que mesmo sem transmitir juízos de valor, a presença do analista veicula uma série de emoções. Em suas conclusões enfatiza que essa presença não deve ser rotulada como uma patologia da relação. Para ele “Entre a análise que desejamos e a que fazemos, pode haver distância cujo significado procuramos compreender” (FRANCO FILHO, 1981, p. 193). Para Odilon, os psicanalistas deveriam refletir sobre o seu tom de voz “neutro”, monocórdico, denominado de “voz de psicanalista”.

Pior a emenda do que o soneto! Trata-se da construção de um esteriótipo na tentativa ingênua de se neutralizar emoções, como se esse esteriótipo não acabasse adquirindo, ele mesmo, significados

emocionais tão intensos quanto os que se quer evitar. (FRANCO FILHO, 1981, p. 202)

Para Katz (1985, p. 223) os artigos de Franco Filho eram exceção, um dos únicos psicanalistas que se preocupava com questões concretas. Como dissemos, este debate sobre neutralidade na revista não estaria desprendido dos debates sobre ciência em outras comunidades científicas. Em 1979, fora realizada a 31ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em Fortaleza, que teve a participação de psicanalistas. Odilon de Mello Franco Filho filiado à Virgínia Bicudo, realizaram uma conferência que nos revela mais uma vez o incômodo dos psicanalistas com o principal dilema da psicanálise, o seu estatuto científico.

Estes psicanalistas apresentaram uma série de questionamentos que a psicanálise enfrentava para ser denominada uma ciência. Intitulado “Dilemas da Produção Científica e da Psicanálise no Brasil”, neste artigo foram enumeradas as seguintes questões/dilemas: o dilema da esfinge, a cientificidade das teorias psicanalíticas, conflito ou integração entre objetividade e subjetividade, que valor social pode ser atribuído à Psicanálise, oficialização da profissão e legalização dos cursos de formação, bem como quem deve formar e ser psicanalista. As respostas dadas por eles dois confirmavam as posições nas quais os psicanalistas ipeítas acreditavam e nos permite decifrar como as representações de psicanálise, enquanto saber específico, corroboram para as relações de poder e controle de mercado pelos dirigentes do movimento ipeísta.

Convocados a refletir sobre os dilemas, os leitores poderiam deparar-se com as seguintes respostas dadas por Virgínia L. Bicudo e Odilon de Mello Franco Filho: pensar que a psicanálise lida com problemas insolúveis e solúveis, o que levaria seu profissional pensar e repensar constantemente como se tivesse diante de um enigma da Esfinge; o cuidado de não adaptar o discurso psicanalítico a modelos cientificistas externos à psicanálise com consequência da perda de sua identidade própria, o que para estes autores a levaria à morte, por isso deveria considerar suas especificidades; ter consciência de que conhecimentos oriundos das teorias psicanalíticas são utilizados por psiquiatras, pediatras, educadores, psicólogos e sociólogos apesar de sua marginalização e falta de reconhecimentos pelos órgãos governamentais e oficiais. A sequência

destas repostas revela-nos a diferença do profissional psicanalista e a garantia de seu saber ensinado por especialistas, os analistas didatas.

Nos anos 80, passada a fase mais profunda da crise que abatera o movimento psicanalítico e a revista, durante a direção de Neyla R. França, as representações sobre saber psicanalítico como uma ciência específica tornaram-se fundamentais para a unidade do movimento ipeísta. Na direção de Luciano Marcondes Godoy e de David L. Levisky, era nítido na revista a estratégia para assegurar a unidade e o monopólio das instituições ipeístas – fazer emergir regularmente a discussão em torno das teorias kleino-bionianas. Em 1982, Eugênio Davidovich, novamente traria suas ideias à revista, em seu texto “Continuidade e Renovação na Obra de Melanie Klein”, numa defesa declarada às ideias de Klein para a cientificidade da psicanálise:

É importante que saibamos colher todos os frutos da generosa contribuição de Melanie Klein à Psicanálise. Ao divergir ou acrescentar algo novo ao que fora proposto anteriormente por Freud, Melanie Klein não apenas desenvolveu uma área do conhecimento, mas demonstrou a solidez de um campo que pode ser tratado com suficiente objetividade para poder ser considerado como ramo da Ciência. (DAVIDOVICH, 1982, p. 445)

Este autor permite-nos compreender a importância, para os psicanalistas ipeístas, como a teoria kleiniana era base para a cientificidade da psicanálise. Neste momento, evocar o sistema de conceitos da teoria kleino-bioniana seria fundamental para enfrentar a ampliação da concorrência interna e externa nas áreas psis.

Romualdo Romanowski, analista didata da SPPA, publicou em 1984 o artigo “Inconsciente” no nº 1 da revista, que tinha como objetivo fazer uma análise sobre a situação do pensamento psicanalítico naquele momento. Iniciou a discussão pela obra de Freud e descreveu resumidamente as teorias de outras escolas vinculadas ao pensamento freudiano, como a “Psicologia do Ego”. Mas o interessante foi como se colocou frente à teoria de Lacan, uma escola vista com certa desconfiança:

Sobre Lacan e sua chamada “École Freudienne” tenho dificuldade de apresentar um ponto de vista, pois é árduo ultrapassar a barreira linguística e estilística deste autor e discípulos. Até o presente, seus pronunciamentos sobre os fenômenos inconscientes deixam dúvidas se constituem uma tentativa de contribuição da Linguística e da Filosofia à Psicanálise ou se são um esforço no sentido de empregar concepções freudianas para o desenvolvimento de teorias filosóficas.

Dada a repercussão que os trabalhos de Lacan têm tido em determinados setores da América latina, creio que neste Congresso terei a oportunidade de ser auxiliado por colegas mais versados no assunto, na compreensão de seus objetivos. (ROMANOWSKI, 1984, p. 60)

Romualdo Romanowski reeditava na revista a discussão que realizara em Buenos Aires, em 1976, no XI Congresso Psicanalítico Latino-Americano. Era um assunto que não poderia mais ser ignorado devido ao avanço da escola lacaniana no Brasil. Nos artigos da revista, a referência a Lacan era quase inexistente, mas a partir dos anos 80 sua teoria começava a aparecer na revista, mesmo que minimamente.

Os dirigentes da revista não mediram esforços para trazer textos que reforçassem sua posição de psicanálise como ciência a partir dos vínculos kleiniano-bionianos e garantisse a sua especificidade. Em 1986, na revista nº 3 o psicanalista da SBPSP com sede em Brasília, Carlos de Almeida Vieira, publicava seu artigo “Freud e Bion: Um Tipo de Convergência”. O tema “convergência de teorias” passava a ser pauta das discussões do movimento psicanalítico ipeísta. O texto a seguir, oriundo do X Congresso Brasileiro de Psicanálise, demonstrava claramente esse posicionamento:

Este trabalho leva-me a refletir sobre a importância de se construir uma linguagem comum entre os psicanalistas, principalmente quando verifico que Bion, ao ensinar postulados técnicos, está usando conceitos e modelos de Freud. E é bom ter em mente que, quando (Bion) fala de evitar o uso de desejo, memória e compreensão está falando da “atenção uniformemente suspensa”, de Freud. (VIEIRA, 1986, p. 367)

O psicanalista Fabio Herrmann, ao defender a convergência das diversas teorias psicanalíticas, demonstrava-nos um novo quadro que se abriria na época e que se intensificaria nos anos posteriores:

Pois hoje assistimos, penso ao surgimento de uma terceira geração de analistas, uma geração pós-escolástica, chamemo-la assim provisoriamente. Critica-se abertamente o sectarismo das Escolas estabelecidas, estas perdem força e originalidade, como o comprovam nossos Congressos, propõe-se o tema presente: CONVERGÊNCIA DAS VÁRIAS TEORIAS PSICANALÍTICAS. Nos centros de origem, os discípulos criativos, em sentido estrito, rareiam: somente por um fenômeno de expansão defasada, as Escolas ampliam sua influência em regiões periféricas do mundo psicanalítico. Há menor produção lacaniana, kleiniana ou bioniana, e esta é menos original do que as criações individuais, não agrupáveis, de pensadores algo isolados ainda, mas que formarão, com certeza, uma futura rede de construtiva heterogeneidade. (HERMANN, 1986, p. 555)

A discussão de Fabio Herrmann sinalizava, portanto, um novo dilema que agitaria as próximas fases da revista, que foge a esta pesquisa. Mas entre os anos de 1967 a 1986, as representações de ciências feitas pelos psicanalistas ipeístas na revista revelavam uma posição de defesa a um caráter próprio e específico de seu saber e o que garantiria a sua cientificidade. Enquanto na primeira fase a revista reforçava a concepção de um saber psicanalítico como ciência humanista, na fase nacional demonstrava os fortes debates entre ciência natural e ciência humanista, mas com claras defesas à concepção de ciência humanista. Durante o momento de crise e divergências, a revista não deixou de demonstrar as teorias kleino-bionianas como garantia de unidade. Estas posições sobre o saber psicanalítico como ciência foram cuidadosamente vinculadas às discussões sobre o ofício do psicanalista.

4.3 REPRESENTAÇÕES DA PROFISSÃO DE PSICANALISTA

Era consenso entre os psicanalistas ipeístas a estreita relação sobre a discussão da psicanálise como um saber científico e os debates sobre a profissão de psicanalista como um ofício diferenciado. Para eles, optar pela profissão de psicanalista requeria uma formação específica e altamente qualificada, que só poderia ser adquirida por meio um saber psicanalítico de origem científica e confiável, em um Instituto integrado a uma Sociedade de origem ipeísta, que estivesse constantemente em análise e supervisão.

Profissão, especificidades do trabalho psicanalítico, necessidade do aprimoramento deste ofício e a regulamentação da profissão foram temas regularmente discutidos na *Revista Brasileira de Psicanálise* que permitiram tecer representações de uma profissão diferenciada durante as duas fases da revista.

4.3.1 FASE PAULISTA: PSICANALISTA COMO PROFISSIONAL DIFERENCIADO

Tema de discussões acaloradas, a profissão de psicanalista era debatida na fase paulista da revista por nomes consagrados da primeira geração de

psicanalistas – David Ramos, Luiz de Almeida Prado Galvão e Virgínia Leone Bicudo. Estes foram objetivos e diretos ao esclarecer o que seria a referida profissão, como sê-lo e quais os cuidados necessários para exercer a profissão. Representado como um profissional diferenciado e especializado, os psicanalistas, nas páginas da revista, afirmaram que a psicanálise era a mais nova profissão e para tanto debateram se era restrita a médico, discutiram sobre a formação restrita nos Institutos ipeístas ou a faculdades, bem como as diferenças do profissional caracterizadas pela função analista, pesquisador e aplicador de psicanálise, defendendo a necessidade de aptidão para a profissão de psicanalista.

O debate sobre quem poderia ser psicanalista, se apenas médicos ou leigos, assunto que vinha desde a década de 50 como vimos no capítulo 1, apareceu logo no volume 1, nº 2 da revista em 1967. O artigo de Luiz de Almeida Prado Galvão já trazia no seu título a preocupação com este ofício, “Sobre o Exercício da Psicanálise: Uma Nova Profissão”. Neste artigo, Prado Galvão chama a atenção à necessidade de uma formação especializada para a consolidação da psicanálise como ciência e profissão. Para ele, a psicanálise como ciência já era uma conquista consolidada, mas o direito de praticá-la ainda merecia discussões constantes e aprofundadas.

Hoje, como outrora, a psicanálise suscita discussões apaixonadas em torno de si. Todavia, de Freud para os dias de hoje há uma diferença essencial: já não mais se põe em dúvida ser a psicanálise uma ciência do homem, com seus próprios métodos. *Entre todas as discussões que dizem respeito à psicanálise, aquela em que se procura estabelecer que tem o direito de praticar a psicanálise é a que tomo como tema do presente trabalho.* (GALVÃO, 1967, p. 252)

Fica evidente que para este autor somente um profissional diferenciado poderia exercer uma ciência do homem que possuía métodos próprios. Após fazer um breve histórico sobre a origem da psicanálise como método de tratamento e de pesquisa, ele destacava uma afirmação de Freud “Não pode praticar a psicanálise quem não haja conquistado, por meio de uma determinada preparação o direito a uma tal atividade” (FREUD, *apud* GALVÃO, 1967, p.252). Com isso, Prado Galvão alertava para a necessidade do psicanalista diferenciarse e se preparar num Instituto de Psicanálise de uma Sociedade credenciada pela IPA.

O que se expressa aqui, isto é, somente o profissional treinado nos Institutos de Psicanálise está credenciado ao exercício da psicanálise, é ponto pacífico, pelo menos entre psicanalistas, e um ponto de vista que também vem sendo aceito por número crescente de homens de ciência, de maneira geral, quando se interessam pela matéria e ouvem as ponderações que a este respeito lhes são fornecidas através da literatura ou palestras que são feitas pela difusão cultural da psicanálise; diga-se também que o homem bem informado aceita a tese de que um psicanalista é o profissional formado convenientemente para exercer este mister. (GALVÃO, 1967, p. 252)

Era ponto pacífico para os colaboradores da revista o surgimento de uma nova profissão, mas para Prado Galvão o problema era a quem caberia exercer a profissão de psicanalista, ao médico ou ao leigo. Ele considerou a argumentação dos dois lados e as rebateu defendendo que a profissão deveria ser exercida pela pessoa que passou por uma preparação especial e se tornou um psicanalista profissional e não um psicanalista médico ou leigo, mas tão somente psicanalista, um profissional diferenciado.

A defesa tomada por Prado Galvão não deixava de ser uma posição estratégica da SBPSP na Revista. Entre as quatro Sociedades, a SBPSP era a única que incluía leigos entre seus membros, como a analista didata Virgínia L. Bicudo. Caberia a Prado Galvão, como médico e psicanalista, demonstrar a alternativa conciliatória deste problema alentada desde a época de Freud – a criação de uma faculdade de psicanálise. Para tanto, elabora no seu artigo três razões contra os defensores de que a psicanálise só pode ser praticada por médicos. A primeira é que o psicanalista médico não pode, por motivos de ordem técnica, segundo a metodologia psicanalítica, fazer a psicanálise do seu próprio paciente, ele deve indicar outros psicanalistas. A segunda razão não é por que o médico se considerava com uma formação mais completa, estaria apto para receber a formação dos Institutos, Prado Galvão (1967, p. 255) refutava afirmando “Quem tenha feito um curso médico sabe perfeitamente que isto não é verdade, ciências importantes na formação intelectual do psicanalista não são estudadas nas escolas médicas”.

A terceira razão que Prado Galvão levantava contra o argumento de que só os médicos podiam se tornar psicanalistas é o fato dos médicos psicanalistas esquecerem-se das contribuições que os psicanalistas leigos deram ao progresso da psicanálise. Ele refutava o argumento dos médicos psicanalistas de que os psicanalistas leigos foram aceitos no início da psicanálise porque a

medicina oficial não reconhecia a psicanálise, então era necessária a colaboração de todos aqueles que se interessavam pela psicanálise, mas com a grande procura dos médicos pela formação psicanalítica, não seriam mais necessários os leigos e com o tempo logo estes estariam extintos dos meios psicanalíticos. Referenciado em Willy Baranger, psiquiatra e psicanalista argentino, Prado Galvão afirmava:

O que se tem feito e preconizado sobre este aspecto é manter os psicanalistas não-médicos no exercício de suas funções, até que morram, como tolerância ao passado e, para o futuro, haver tão-somente a preparação de médicos. (GALVÃO, 1967, p. 257)

Uma vez mais, Prado Galvão recorria a Freud para rebater tal argumento advindo dos médicos. A ideia de se criar uma Faculdade de Psicanálise seria a solução para a posição retrógrada e negativa dos médicos, segundo ele.

Creio que é hora de se converter o acalento da fantasia premonitória de Freud em realidade, não como uma demagógica homenagem póstuma ao surpreendente sábio, mas como um imperativo ao próprio desenvolvimento científico que não mais pode deixar de reconhecer que surgiu na verdade uma profissão, que está a reclamar, insisto, nova escola profissional. (GALVÃO, 1967, p. 258)

Defendendo integralmente tal ideia, Prado Galvão demonstrava sua contribuição fazendo um esboço da faculdade que idealizava⁶⁴ para a formação de um profissional especializado e diferenciado. Entretanto, a estrutura ipeísta e o controle dos analistas didatas ficariam garantidos. No quarto ano o aluno iniciaria o mais importante em sua formação – a análise didática, receberia nesta fase os cursos teóricos em vigor nos Institutos, bem como o título de psicanalista ao término da preparação psicanalítica, obedecendo às normas dos Institutos de Psicanálise.

Virgínia Leone Bicudo reforçava a importância desta discussão sobre a profissão de psicanalista em seu texto “Sobre a Função de Psicanalista”, revista nº 1 de 1970. Bicudo apregoava que a análise didática de um candidato seria imprescindível à formação de psicanalista. Para ela, era inconcebível que

⁶⁴Seria um curso de 5 anos de duração, entraria nele estudantes após o término do curso médio admitido por seleção. No curso, o aluno aprenderia disciplinas como: Filosofia, Psicologia, Antropologia, Sociologia, História Universal, Literatura Universal, Artes, História das Religiões e Mitologia, Política, História da Psicanálise, Biologia, Noções de Anatomia Humana, Fisiologia e Fisiopatologia, História da Psiquiatria, Psiquiatria Contemporânea (GALVÃO, 1967, p. 258).

peças sem formação adequada, mesmo médicos, e estabelecida pelos Institutos se conferissem no direito de ministrar cursos de psicanálise.

Vítimas do próprio inconsciente, tais pessoas não possuem preparo adequado para o ensino e exercício da psicanálise, tarefas das quais se investem pela ignorância de que o simples conhecimento teórico está em parte limitado e transformado pelas vicissitudes da falta de "insight" e portanto com pontos cegos, fatos que somente podem ser reduzidos através da submissão à análise terapêutica. (BICUDO, 1970, p. 122)

Para ela, caberia aos psicanalistas de formação levar os benefícios da psicanálise à coletividade. Deixava claro que as funções de psicanalista atenderiam à coletividade de três formas: como analista didata, pesquisador e aplicador da psicanálise, funções que no seu conjunto beneficiariam e diferenciariam o ofício de psicanalista de qualquer outra profissão.

A importância da análise didática e terapêutica para a formação do psicanalista, condição fundamental do exercício da psicanálise, serviu de enunciados na fase paulista da revista também pelas colaborações e espaço dados aos psicanalistas estrangeiros. Na seção Transcrição da revista, vol. IV, nº 7, de 1970, publicou-se o texto de Elliot Jacques onde defendeu que a diferença para o trabalho psicanalítico dependeria do inconsciente do sujeito e da integração e força do ego e de sua capacidade, em face à ansiedade e incerteza (JACQUES, 1970, p. 368), reforçando na revista a ideia de que nem todos os sujeitos teriam aptidão para ser um profissional da psicanálise, pois dependia de suas condições psíquicas.

Depois de elencar conceitos teóricos, Elliot Jacques descreveu que a profissão do psicanalista possuía uma marca, que exigia do psicanalista consciência do objetivo da cura mental e dos conteúdos simbólicos inconscientes dos pacientes, e somente esta condição levaria ao amor e à energia de um trabalho em psicanálise. A partir deste diferencial, indicaria o seguinte cuidado:

Devemos ter passado por uma análise pessoal suficiente, que nos torne aptos a partilhar a capacidade mental necessária para a tarefa sem interferência de outras preocupações – especialmente as ansiedades inconscientes – que podem distrair nossa atenção e enfraquecer nossa concentração no inconsciente do paciente. (JACQUES, 1967, p. 258)

Discorre, por conseguinte, que esta condição permitiria a clareza na compreensão dos pacientes, na interação entre a percepção objetiva e da exploração deste por identificações projetivas e introjetivas. Elliot Jacques trazia em seu texto toda uma discussão sobre a transferência e contratransferência do psicanalista com seu paciente.

Estavam dados os primeiros passos para demonstrar a ideia de profissão exigida dos dirigentes da revista a seus leitores. A representação da psicanálise como uma ciência específica e eleita continuaria na fase nacional da revista.

4.3.2 FASE NACIONAL: PROFISSÃO DE PSICANALISTA EM DEBATE

O debate entre os psicanalistas ipeístas sobre seu ofício ampliar-se-ia quando a ABP passou a controlar a Revista. Base teórica, experiência, regulamentação da profissão, críticas às estruturas de poder, concorrência, aptidão e reconhecimento foram alguns temas debatidos que demonstravam a representação de uma profissão especializada e um profissional diferenciado por estar vinculado às Instituições psicanalíticas. Nesta fase, percebe-se a luta para afirmar sua profissão sem ceder às concessões externas como regulamentação oficial e ideias de outras escolas psicanalíticas.

Em 1971, sob a direção de Serpa Pessanha, o primeiro tema debatido na revista sobre a profissão de psicanalista foi sobre a psicanálise como técnica, prática e interpretação demonstrando a base teórica que discutiram estas questões. Pacheco e Silva Filho da SBPSP publicara nos pós-textos da revista uma resenha sobre o livro de Ralph R. Greenson⁶⁵. Deste livro, Pacheco e Silva Filho alertava para a necessidade de não abandonar técnica clássica em função do enfoque kleiniano e destacava sobre a obra do autor estadunidense:

Nela encontramos algumas respostas para muitas indagações que fazíamos e para as quais nenhum outro estudo, mesmo aqueles realizados nos cursos, seminários e supervisões do Instituto, nos havia feito. Talvez porque o enfoque kleiniano, nitidamente prevalente entre nós, como em toda a América do Sul, embora útil e fecundo em muitos aspectos, abandona muitos pontos considerados importantíssimos dentro da técnica clássica, conforme estabelecida por Freud e depois desenvolvida pelos freudianos puros, não-adeptos da escola inglesa. (SILVA FILHO, 1971 p. 303)

⁶⁵ Psicanalista de Los Angeles, publicou *The Technique and Practice of Psychoanalysis*, vol I, publicado pela Intern. Univers. Press. Inc. New York em 1967.

Mas a diretriz bioniana que a nova gestão tomava evidenciava-se pelos textos publicados na revista. Carlos H. P. Affonso, também da SBPSP, demonstrava pelas ideias de Wilfred R. Bion apresentadas em sua obra *Attention and Interpretation*, que o diferencial do profissional da psicanálise estaria na sua experiência adquirida pela observação durante o seu trabalho. Carlos H. P. Affonso iniciava sua resenha da seguinte forma:

Começa-o duvidando que possa ser compreendido por alguém a não ser quem trabalhe em psicanálise: “porque o analista, no seu trabalho, diferentemente daqueles que lêem ou ouvem sobre psicanálise, tem a oportunidade de experimentar por si mesmo”, o que nesse livro é transmitido. É fruto de quem tem experiência e capacidade de observação, “back-ground” em psicanálise. (AFFONSO, 1971, p. 315)

As palavras de Affonso defendiam, a partir das ideias de Bion, a especificidade da profissão do psicanalista, característica abrigada e publicada na revista. As discussões sobre o ofício psicanalista não ficaram somente na esfera da prática clínica, isto é, discutir as técnicas e experiências para qualificar o trabalho clínico. Pois, na revista, a discussão sobre o ofício de psicanalista tratava de questões externas ao ambiente clínico como, por exemplo, a regulamentação da profissão tema que tomava de assalto os psicanalistas na década de 1970.

A estratégia editorial para a discussão desta questão foi muito interessante. Algo sem consenso entre os psicanalistas ipeístas, alguns defensores e outros indiferentes, a regulamentação da profissão era discutida entre questões que fixavam o interesse do psicanalista, por exemplo: na revista nº 1/2 de 1972, foi cuidadosamente debatida entre o tema “Critérios de Cura” que de longe fora tratada como assunto mais relevante. Neste volume da revista foram publicados três textos sobre a regulamentação da profissão de psicanalista, todos oriundos das discussões do II Pré-Congresso de Didatas em São Paulo em 1972. Para Katz (1985, p. 222), estes textos defendiam que o verdadeiro psicanalista seria aquele que se filiasse à ABP e à IPA.

O primeiro texto em forma de artigo publicado foi do analista didata da SBPSP Armando B. Ferrari “A Profissão de Psicanalista, sua Regulamentação”. Texto derivado do relatório que apresentara no II Pré-Congresso de Didatas com colaboração de Virgínia L. Bicudo. Nele, explicaram uma breve história da

profissão de psicanalista, diferenciaram Sociedade de Instituto, como se desenvolve a formação e finalmente discutiram a regulamentação. O importante neste texto é que incluía a avaliação dos colegas sobre a discussão de Ferrari e Bicudo, nela ficava explícitas as divergências de opiniões. Os avaliadores não concordaram com os relatores por afirmar que os Institutos deveriam ser independentes das Sociedades psicanalíticas, mas defenderam a ideia de regulamentação desde que os Institutos tivessem autoridade e autonomia na formação:

Conforme nosso ponto de vista, exposto no item III, a autonomia dos Institutos – e seu conseqüente reconhecimento como órgãos de ensino superior – levará à superação de grande parte das atuais dificuldades, abrindo caminho para uma diversificação das atividades de psicanalista, pois seu campo de ação é mais amplo do que a mera aplicação da técnica psicanalítica na relação bipessoal. (FERRARI; BICUDO, 1972, p. 15-16)

Para Ferrari e Bicudo, a profissionalização e regulamentação da profissão de psicanalista deveriam acontecer, mas jamais aceitariam a interferência de órgãos do Estado nos assuntos internos dos Institutos. Defesa que claramente expressava a manutenção do controle e reserva de mercado para a elite dirigente do movimento psicanalista ipeísta. Estes autores confirmavam ao final de seu texto esta possibilidade:

A profissionalização virá legitimar o exercício da atividade psicanalítica desenvolvida por elementos devidamente credenciados pelos Institutos de Psicanálise das Sociedades Brasileiras de Psicanálise, segundo os estatutos que as regem. (FERRARI; BICUDO, 1972, p. 24)

Leão Cabernite da SPRJ também teve seu relatório do II Congresso de Analistas Didatas de 1972 publicado na revista. Com o título “Regulamentação da Profissão de Psicanalista” concordava com Ferrari e Bicudo, defendendo que a regulamentação da profissão de psicanalista poderia acontecer desde que os Institutos tivessem a autonomia e controle da formação, mas ao contrário dos dois, defendeu abertamente que caberia à Medicina orientar a regulamentação:

Acreditamos, por tudo que expusemos que compete à Medicina a sua regulamentação, abrigando, com carinho e honra, os queridos e ilustres colegas não diplomados em Medicina que já estão entre nós. [...] Propomos não permitir mais a inscrição de candidatos não médicos nos Institutos, a não ser em caso de excepcional capacidade e talento que beneficiaria a Psicanálise, ouvida a Associação Brasileira de Psicanálise através de seus órgãos. Propomos que seja fiscalizado pelas Sociedades Psicanalíticas, através de seus Institutos, o ensino

da Psicanálise ao pessoal leigo e que se estabeleçam as restrições de suas atividades terapêuticas. (CABERNITE, 1972, p. 34)

Da mesma forma que Leão Cabernite, o analista didata da SBPRJ, Mario Pacheco de Almeida Prado, defendia a exclusividade dos psicanalistas serem médicos e a autonomia dos Institutos:

Desse modo, penso que, se uma regulamentação puder ser obtida, ela deve consignar o direito de *autonomia da profissão de psicanalista*, como sendo *unicamente* da alçada dos Institutos de Psicanálise da Associação Brasileira de Psicanálise, a organização de preparação e titulação desses profissionais, com *inteira e absoluta autonomia*. (PRADO, 1972, p. 45)

A tese de Mario Pacheco de Almeida Prado refletia os interesses da classe dirigente do movimento psicanalítico ipeísta, uma crença não consistente na regulamentação da profissão de psicanalista e expressava: “Desde já confesso minhas dúvidas a respeito da viabilidade de ser conseguida tal regulamentação, que, diga-se de passagem, me parece a única possível” (RBP, 1972, p. 45). E, no último parágrafo de seu artigo, confirmava esta dúvida:

Se se pudesse conseguir tal regulamentação, sem qualquer ligação com os órgãos do Estado, penso que, quiçá, seria desejável trabalhar no sentido de obtê-la. Caso contrário, julgo ser melhor – ainda – continuar como estamos; que é como sempre a Psicanálise desde Freud. (PRADO, 1972, p. 47)

Passada a fase dos debates sobre a regulamentação, a direção de Cecil José Rezze começava a receber críticas das estruturas de poder sobre o ofício de psicanalista. No artigo “Ofício: Psicanalista” do membro associado da SPRJ, de Ivan Ribeiro, publicado na revista nº 3 de 1973, defendia que a profissão de psicanalista poderia melhorar se o acesso aos relatos das experiências clínicas não fossem monopolizados pelos dirigentes do movimento psicanalítico, mas fossem também publicados em sínteses e comunicações nos eventos, nas Sociedades psicanalíticas e na revista.

Neste artigo, Ivan Ribeiro demonstrava a função específica do psicanalista – a de acompanhar o analisado através do trabalho de decodificação de suas mensagens e de prezar sua posição como psicanalista. Também afirmava que a função de psicanalista não era simples, uma vez que passava por pressões sociais e das próprias Sociedades psicanalíticas. Para Ivan Ribeiro:

O analista, no desempenho de seu ofício, é focalizado como o ponto de convergência da ação de diversos grupos de pressão, que como objetos externos variam das sociedades analíticas à Sociedade, no sentido geral dentro da qual o psicanalista exerce suas funções. (RIBEIRO, 1973, p. 346)

- Este tipo de crítica ao poder das Sociedades psicanalíticas sobre os psicanalistas voltaria mais tarde nas discussões sobre a profissão de psicanalista, pois entre os anos 1973 a 1980, a revista trouxe uma grande quantidade de temas que se direcionavam à prática clínica dos psicanalistas, a partir das teorias kleino-bionianas, mas sem refletir sobre a profissão de psicanalista.

Em 1980, sob direção de Fajga Szterling, tomava às páginas da revista as concorrências advindas de outras práticas psíquicas. O debate sobre a diferença entre psicoterapia e psicanálise e a ampliação de outras correntes psicanalíticas, consideradas pelos psicanalistas ipeístas espúrias aparecerem no material textual. No texto “A Influência da Teoria e da Prática da Psicoterapia sobre a Formação Psicanalítica” de David Zimmermann, revista nº 1 de 1980, criticava-se a “formação paralela” que fazia uma espécie de plágio das sociedades ipeístas.

Existem, naturalmente, muitas diferenças, especialmente se comparados com os treinamentos autorizados pela IPA. A principal é que a chamada “formação paralela” é realizada na base da oposição, ressentimento e ódio dos “candidatos”, dirigidos à formação oficial e alimentados por vários professores e analistas (“didatas”). (ZIMMERMANN, 1980, p. 367)

Desta forma, Zimmermann atacava as concorrentes da psicanálise ipeísta e os membros das Sociedades ipeístas que as traíam. Acabava ressaltando que a principal diferença na formação de um analista de uma sociedade ipeísta com outra considerada impostora estaria na qualidade de uma formação que passaria pelas mãos de um Analista Didata, o profissional de psicanálise diferenciado e especializado, pois decorria da função deste a existência da boa psicanálise.

Mais conciliador com a psicologia, Zimmermann afirmava que o trabalho psicoterápico poderia “ajudar muito no treinamento psicanalítico, proporcionar amadurecimento ao candidato e proporcionar-lhe os meios econômicos para realizar sua análise pessoal” (RBP, 1980, p. 39). Colocada numa escala inferior, a psicologia seria importante para os que não tiveram formação médica para estar no meio psicanalítico.

A partir de 1980, o material textual demonstrava-nos a construção de uma imagem de psicanalista como um profissional missioneiro por possuir um dom natural para a psicanálise, imagem reforçada pela competência e paixão inerentes a eles. Como colocava José Longman da SBPSP “o aprender da experiência e a experiência de fazer psicanálise não é um conhecimento para acumular e especular, mas uma paixão” (LONGMAN, 1980, p. 349). Em seu texto “Além da Experiência Supervisionada” publicado na revista nº 3 de 1980, José Longman defendia que a atividade psicanalítica era um esforço, uma habilidade, uma competência e uma relação amorosa. Para tanto, era necessário colocar no centro da profissão a discussão sobre transferência e contratransferência, assim como ficar atento e observar a evolução da experiência emocional realizada no ato psicanalítico, desta forma, o José Longman afirmava:

Como estou considerando, a experiência analítica é uma relação significativa entre duas pessoas. Penso neste processo fundamental do ser humano que é o vínculo com o outro e que Freud realizou com o nome de *transferência* e Melanie Klein destacou como *relação-de-objeto*. É na área do relacionamento que se dão os fenômenos, os objetos da observação analítica apreendidos pela *intuição* (Bion) e não nas versões da realidade informada pelos órgãos dos sentidos. (LONGMAN, 1980, p. 353)

Fundamentado nas obras de Freud, Klein e Bion, José Longman demonstrava-nos a sua base kleino-bioniana, aliás, presente também nos demais colaboradores da revista. Em seu texto José Longman deixa-nos enxergar ao mesmo tempo como ele valorizava sua filiação teórica, como representava a profissão de psicanalista e como reconhecia a competência e autoridade dos analistas didatas. Para ele, era indiscutível o valor das obras de Freud, Klein e Bion, a profissão de psicanalista era diferenciada por possuir pessoas nascidas para isto e a importância de Frank Philips, neste momento considerado o analista dos analistas, Virgínia L. Bicudo e Armando Ferrari.

ESTE TRABALHO É UMA APRESENTAÇÃO, A MINHA APRESENTAÇÃO e o que apresento é a minha presença, o meu presente resultante de um grande esforço no qual empenhei e empenho o melhor dos meus recursos, assim como fizeram Frank Philips, meu analista didata, Virgínia L. Bicudo e Armando Ferrari, meus supervisores. E com o meu reconhecimento faço-me conhecer. (LONGMAN, 1980, p. 350)

Análise pessoal e didática, bem como supervisão seriam, portanto, condições fundamentais para o ofício psicanalista segundo José Longman, sobretudo, para dar conta do essencial na arte da profissão, a relação transferencial. Para ele, o sujeito com a natureza para ser psicanalista teria sua construção como profissional na relação com o paciente e deveria, de acordo com a teoria de Bion, buscar a isenção da memória e do desejo para um bom trabalho e ser um bom profissional.

A influência bioniana crescia a partir de 1980, sem refutar ou colocar as ideias kleinianas no ostracismo, unia-se ou em alguns momentos se sobrepunha a elas. Traduções da obra de Bion eram feitas em forma de textos em vários volumes da revista, no nº 2 de 1981, por exemplo, fora traduzido o texto “Cesura” de Bion, que colocado em destaque, fora seguido pelo artigo do psicanalista da SPRJ, Ronaldo Fabião Gomes, membro associado e pertencente à chamada terceira geração de psicanalistas, como José Longman, mas diferente deste, fazia críticas ao profissional psicanalista que se interessava pouco pelo trabalho institucional.

Este pouco interesse instigou uma discussão bastante crítica com o pequeno artigo de Ronaldo Fabião Gomes “A Psicanálise, o Psicanalista e a Instituição” e, conforme afirma, “o hábito de psicanalisar e a manutenção do mito da neutralidade, fora do ‘setting’ analítico, são fatos prejudiciais no engajamento do psicanalista na instituição” (GOMES, 1981, p. 137). Ronaldo Fabião Gomes afirmava:

O pequeno número de psicanalistas que exercem uma atividade paralela no campo social se deve, segundo penso, além dos pontos levantados acima – o hábito de psicanalisar e o mito da neutralidade – ao fato de ser o psicanalista um indivíduo treinado a observar, a perceber, a intuir o desconhecido [...]. (GOMES, 1981, p. 139)

Mais uma vez este autor permite-nos ver as imagens construídas do ofício de psicanalista, pois entre a capacidade de observar e de perceber, ele possuía a natureza de intuir sobre o desconhecido.

A direção da revista permitiu também através da pressão de outras correntes psicanalíticas e da crise que se abatera neste momento, mesmo que raramente, avaliações diferentes da kleino-bionianas. Com efeito, a direção e o Conselho editorial não conseguiriam mais estancar totalmente as novas posições psicanalíticas. Na revista nº 3 de 1981 encontramos o texto do

psicanalista José Izai da SPRJ o qual fazia uma abordagem winnicottiana da formação do psicanalista, intitulado “A Formação Psicanalítica como Fenômeno Transicional”, apontava que os candidatos à formação iam aos Institutos em busca de um conhecimento que eles supunham e imaginavam, estando aí a força que o levaria a busca da formação.

Encaminham-se para a análise e sabemos que os candidatos, assim que chegam à análise, vêm com uma visão idealizada e tendem a usar os recursos onipotentes auto-eróticos, para satisfação dos seus instintos orais. [...] Desta análise são encaminhados, depois de certo tempo, com autorização de seu analista didata, ao Instituto de formação, para entrarem em contato com o conhecimento psicanalítico. (IZAI, 1986, p. 367)

Na sinopse do texto, a revista expunha a posição de José Izai sobre a formação do psicanalista, condição fundamental para o seu ofício:

O autor, utilizando como base o trabalho de Winnicott sobre Objeto Transicionais e Fenômenos Transicionais, tenta aproximar a formação psicanalítica e os fenômenos transicionais de Winnicott, onde a área transicional seria ampliada da análise didática, para o Instituto de Formação e suas diversas atividades e de seus componentes. Tenta mostrar a “contaminação por contiguidade” das atividades e dos componentes durante a formação, como uma área de extensão do objeto transicional. Aponta uma consequência da não-análise deste fenômeno, levando a um bloqueio na capacidade de pensar e do trabalho em atenção flutuante necessária ao analista. (RBP, 1981, p. 191-192)

Entre os anos de 1982 a 1986, período da direção de Neyla R. França, Luciano M. Godoy e David L. Levisky, houve alguns artigos que tratavam mais especificamente da formação do analista.

Tornava-se, em meados dos anos 80, para os psicanalistas ipeístas, consumada a ideia de quem deveria formar o psicanalista, pois a ideia de levar para a universidade a formação já não empolgava mais muitos destes, sendo consenso que a administração e gestão das universidades poderiam intervir na formação, o que era inaceitável, uma vez que já estava consolidada a estrutura de formação nos Institutos. No artigo de Virgínia L. Bicudo e Odilon de Mello Franco Filho “Dilemas na Produção Científica da Psicanálise no Brasil” a justificativa para esta condição era assim colocada:

É importante esclarecer que nossa condição de exilados ou excluídos das Universidades não nos transformou em vítimas; soubemos nos defender. Organizamos e desenvolvemos nossas Sociedades, que mesmo com o risco de serem vistas como os templos dos supostos

donos da verdade, têm representado um instrumento de desenvolvimento da psicanálise e um fator de integridade de seus postulados essenciais. (BICUDO; FRANCO FILHO, 1980, p. 212)

E categoricamente resolviam o dilema de quem deveria formar o psicanalista com a seguinte sugestão:

A sugestão para a solvência do dilema pró ou contra a inclusão do curso de formação de psicanalista da Universidade estaria no reconhecimento pelo MEC dos atuais Institutos de Ensino das Sociedades Brasileiras de Psicanálise, resguardadas, porém, a autonomia administrativa e didática necessária à situação analítica. (BICUDO; FRANCO FILHO, 1980, p. 212)

Por meio desta sugestão os autores buscavam responder a uma outra, que seria mais polêmica ainda: quem poderia ser reconhecido como psicanalista? Argumentando que havia pressão sobre o psicanalista, advinda da sociedade em geral, e especificamente para explicar porque havia profissionais que se intitulavam psicanalistas, mas não tinham formação, os Institutos de Psicanálise ligados à IPA foram chamados a esclarecer às dúvidas surgidas naquele momento (BICUDO; FRANCO FILHO, 1980, p. 213).

Desta forma, a explicação correta só poderia ser dada pelos filiados à IPA, os autores colocavam em relevo várias outras questões no texto: a falta de reconhecimento do MEC, o surgimento das escolas adleriana e junguiana, os órgãos fiscalizadores da profissão psicanalista oriundos dos Conselhos Regionais de Medicina e de Psicologia e a participação de não graduados em medicina. Frente a esta miríade de questões, Virgínia L. Bicudo e Odilon de Mello Franco Filho sugeriram o exemplo da Inglaterra:

Agrupadas as profissões contendo representantes de todas as entidades médicas, psicológicas, sociais, educacionais, conclui-se que deveria haver um Conselho de Psicoterapia composto de representantes de psicoterapeutas das várias entidades associadas, para a regulamentação da profissão. (BICUDO; FRANCO FILHO, 1986, p. 367)

Não concluindo com o que seria o ideal, deixaram em aberto para a reflexão de seus leitores se o termo psicoterapeuta seria viável para a profissão de psicanalista. Mas durante todo o tempo, estes autores afirmaram, no artigo, o que o movimento psicanalítico ipeísta defendia sobre a psicanálise verdadeira não se tratava do desejo de alguns psicanalistas, mas eram as condições históricas e as próprias da vida emocional dos psicanalistas. Estas seriam as

razões das Sociedades psicanalíticas e seus Institutos vinculados à IPA serem os porta-vozes da psicanálise científica e verdadeira desde Sigmund Freud.

Não podemos afirmar que houve rupturas entre o que diziam os psicanalistas durante a fase paulista e a fase nacional. Foi consenso a ideia de profissão de psicanalista como um ofício especializado e diferenciado durante os 20 anos estudados. Todo o tempo demonstrou o que essencialmente fazia a diferença em sua profissão: a formação num Instituto, estar submetido à terapia, supervisão e estudos teóricos sob a égide dos analistas didatas e dirigentes do movimento. Entretanto, na primeira fase vimos uma preocupação dos psicanalistas em firmar as condições de sua formação e na segunda, mais especificamente um debate sobre a regulamentação da profissão

Representada como uma profissão especializada, os candidatos a este ofício poderiam trilhar um caminho profissional diferenciado graças aos estudos, as análises, supervisões e orientações dadas pelos membros efetivos e analistas didatas das Instituições ipeístas iniciando num saber que posteriormente lhes garantiriam o mesmo status, condição econômica e reconhecimento profissional. A crença dos psicanalistas ipeístas de que seu saber era como ciência específica e profissão especializada levava-os regularmente a revisitar seu passado histórico.

4.4 REPRESENTAÇÕES DE HISTÓRIA DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO

A *Revista Brasileira de Psicanálise* não publicou apenas artigos e textos que tratassem de teoria e prática psicanalíticas ou Ciência e Profissão, mas que contemplaram também a história do movimento psicanalítico, como forma de garantir a legitimidade de seu saber psicanalítico e sua prática profissional.

A valorização da História na revista vai além dos artigos escritos pelos psicanalistas, aparece representada nas capas, nas imagens, em fac-símiles de documentos, em biografias dos fundadores e personalidades da psicanálise brasileira e internacional. Manancial para entender a História do Movimento Psicanalítico Brasileiro foi a seção de Noticiários da Revista, na qual foi possível encontrar o registro de todos os acontecimentos do movimento no período.

Michel de Certeau, em “História e Psicanálise: entre ciência e ficção” de 2011, afirmou que a psicanálise dos fundadores havia transformado a história

em uma região a conquistar, movimento que os psicanalistas ipeístas souberam realizar com maestria na revista durante os 20 anos estudados. O interesse pela biografia dos “grandes nomes” surgiu desde as origens da psicanálise: nas “sessões de quarta-feira” com Freud (CERTEAU, 2011, p. 87). A valorização dos fundadores, pioneiros e revista pôde ser constatada pelas imagens, homenagens, comemorações e pelos próprios artigos publicados.

4.4.1 REPRESENTAÇÕES DOS FUNDADORES E PIONEIROS DA PSICANÁLISE

Na fase paulista, a figura do fundador era constantemente revisitada para a construção do saber psicanalítico enquanto ciência e o modelo de profissional. Voltar à origem garantiria a fidelidade àquele que mesmo repudiado pelos opositores⁶⁶, era considerado um gigante na fundação de sua ciência. Freud e seus discípulos, depois Melaine Klein, Bion, Winnicott e vários membros da psicanálise no Brasil, em especial Durval Marcondes e Adelheid Koch, foram constantemente reverenciados como os “pais” e “mães” da psicanálise, nos 20 anos estudado da revista.

Esta forma de representação, assim como propõe Chartier (1991) é o produto de uma prática simbólica. A representação ou imaginário construído sobre os fundadores e pioneiros da psicanálise nacional e internacional atribuída sentido às práticas dos psicanalistas ipeístas. Para Pesavento (2008, p. 15), o imaginário faz parte do campo das representações e pode ser expresso por imagens e discursos que buscam uma definição do real, mas não a realidade em si e afirma que este processo “envolve a relação que se estabelece entre significantes (imagens, palavras) com os seus significados (representações, significações), processo este que envolve uma dimensão simbólica”. (PESAVENTO, 2008, p.15).

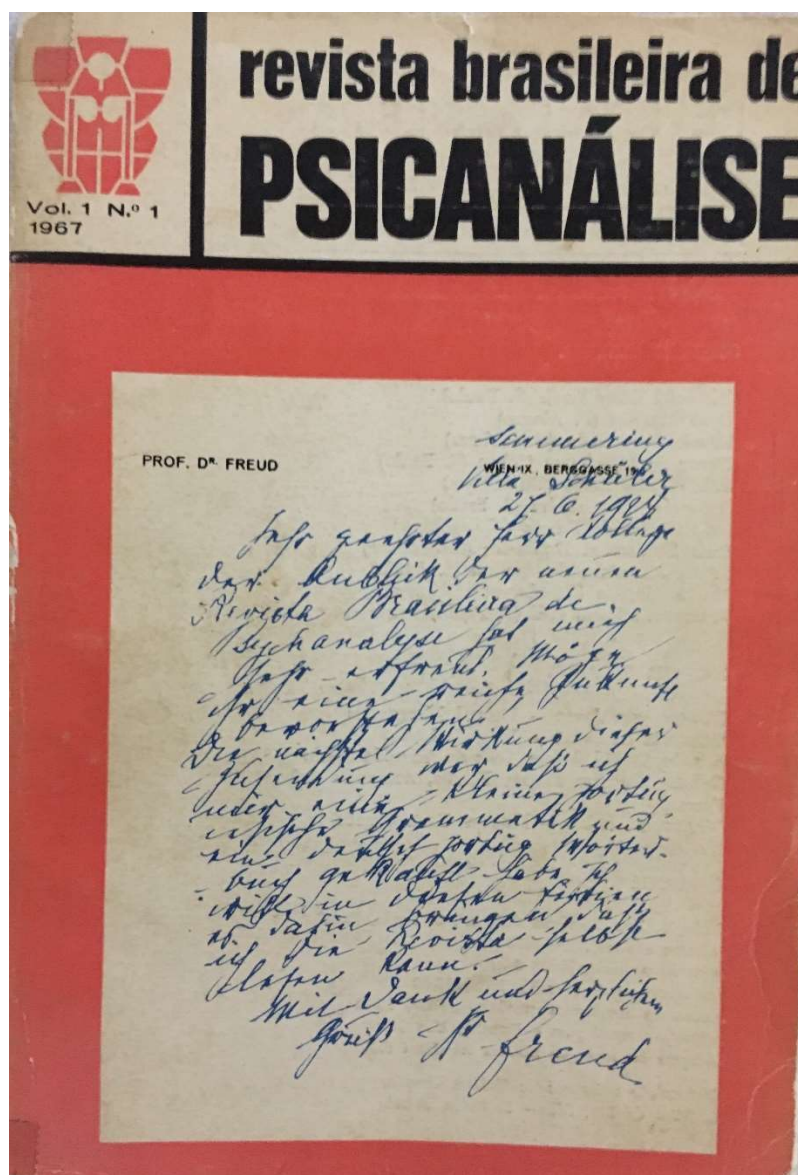
Encontramos na revista nº 1 de 1967 dois dados que nos permitem constatar uma espécie de hagiografia⁶⁷ – a imagem da carta de Freud a Durval

⁶⁶Vimos na Introdução como a psicanálise é motivo de acirrados debates até os dias de hoje, no primeiro capítulo podemos verificar a oposição à psicanálise desde sua chegada ao Brasil e no capítulo três e quatro identificamos as resistências a este saber.

⁶⁷Em a “Escrita da História”, Michel de Certeau, além de analisar as escritas freudianas, trabalhou este conceito para avaliar as escritas religiosas do século XVII. O conceito hagiografia em nosso

Marcondes, de 1928, apresentada na capa da revista, seguida de sua tradução na página 2 e a imagem da capa da *Revista Brasileira de Psychanalyse* de 1928 na página 4 deste nº 1 de 1967. É evidente que a referida carta não era uma escolha para simplesmente ilustrar a inauguração da Revista, vejamos a imagem tão reverenciada na capa:

Figura 14: Imagem da carta de Freud a Durval Marcondes



Fonte: RBP, v.1, n.1, Capa, 1967

Vejamos a tradução na página nº 2:

caso remete à ideia de uma escrita aos personagens sacramentados pelos psicanalistas brasileiros.

Figura 15: Imagem da tradução da carta de Freud a Durval Marcondes

NOSSA CAPA

Reprodução da carta de Freud ao Prof. Durval Marcondes, por ocasião do lançamento do primeiro número da *Revista Brasileira de Psicanálise* em 1928, e cuja tradução é a seguinte:

*Semmering,
Villa Schüler
27 - 6 - 1928*

Muito estimado colega.

O aspecto da nova Revista Brasileira de Psicanálise muito me alegrou. Que um fecundo futuro lhe esteja reservado!

O efeito que se seguiu a essa remessa foi que eu comprei uma pequena gramática portuguesa e um dicionário alemão-português. Quero ver se com isso eu consigo ler, por mim mesmo, a revista, durante estas férias.

Com os agradecimentos e a saudação cordial do seu

FREUD

Colocada como um documento fundador, a carta de Freud a Durval, evidenciaria a legitimidade da psicanálise brasileira e sinalizaria o caminho que a revista tomaria para garantir a fidelidade ao fundador da psicanálise e o seu discípulo no Brasil, Durval Marcondes. Não por acaso, este ocupou a diretoria da SBPSP e do conselho editorial da Revista em seus dois primeiros anos. Durval Marcondes defendia que a cientificidade da revista estaria garantida pelas publicações das experiências e estudos de seus colaboradores psicanalistas.

A citada imagem na capa da Revista de 1928, seguia os padrões de publicação e diagramação dos anos 20, retratava também um passado memorável para os psicanalistas ipeístas que, evidenciado, permite construir um paralelo da psicanálise brasileira com sua matriz europeia.

Assim como a psicanálise europeia apresentava avanços e recuos no seu processo de consolidação, a psicanálise brasileira apresentava os mesmos problemas no seu processo de instauração. Evidenciar em 1967 a imagem da capa de 1928, um periódico que se limitou a apenas um volume, era rememorar as difíceis condições que a psicanálise enfrentava em sua construção e consolidação. Condição que é possível ser confirmada com as palavras de Durval Marcondes:

EM CARTA QUE ME ENVIOU EM 1926 (HÁ MEIO SÉCULO, PORTANTO), Freud se refere ao meu propósito de despertar o interesse de meus patrícios para a Psicanálise, que ele chama de “nossa jovem ciência” (“unsere junge Wissenschaft”). Na verdade, ela, então, era ainda jovem e muita coisa veio a mudar no decurso do tempo. Por obra de seu criador e de seus discípulos, a Psicanálise cresceu e foi-se tornando gradativamente adulta. Hoje alcança a plena maturidade. (MARCONDES, 1976, p.31)

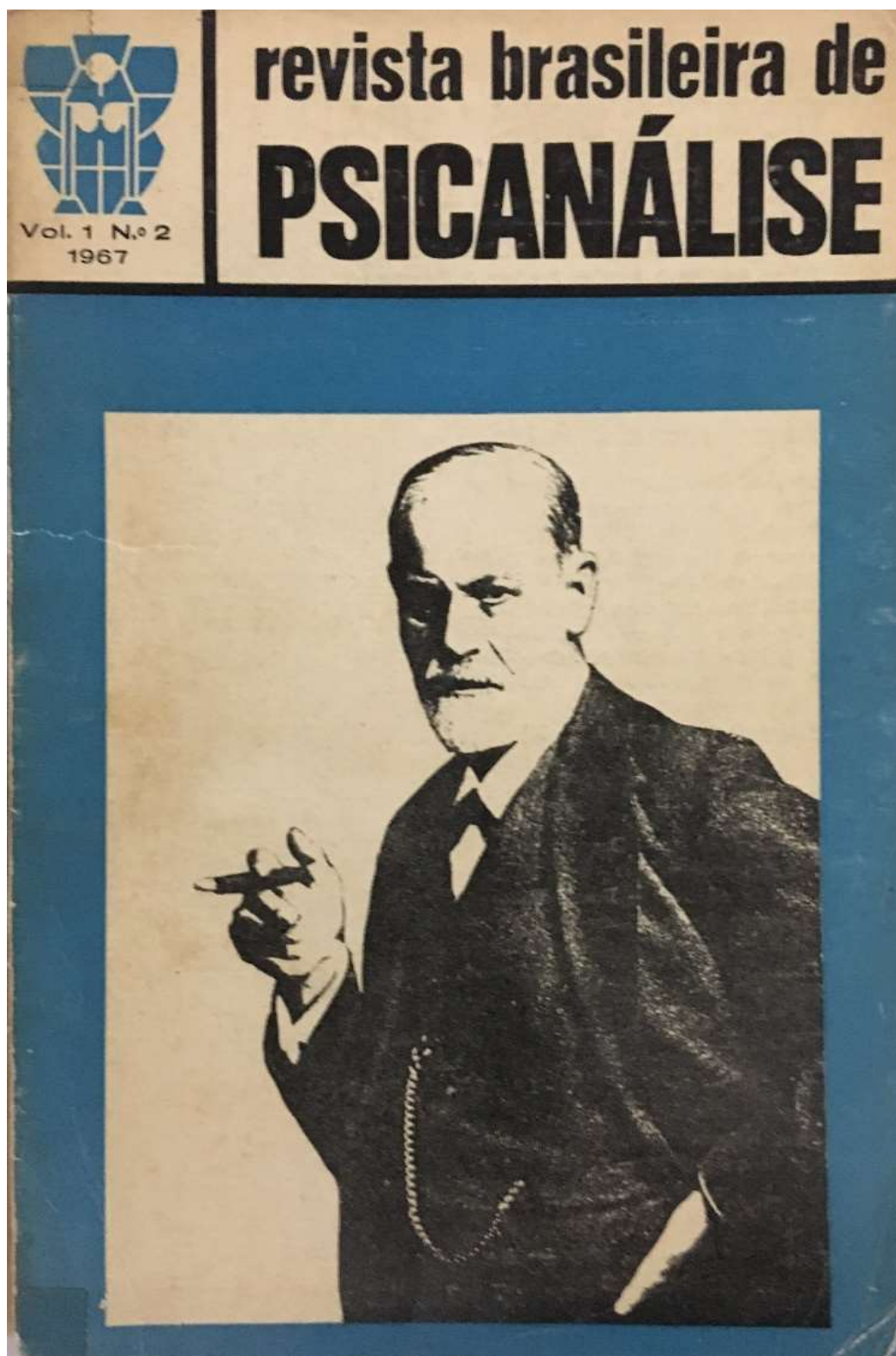
A interface entre a valorização de elementos históricos e Psicanálise como uma das estratégias para garantir a legitimidade e originalidade da psicanálise no Brasil leva-nos à percepção de que a Diretoria Executiva e o Conselho Editorial cuidadosa e habilidosamente selecionavam as imagens que seriam publicadas na Revista.

Na elaboração da revista nº 1 de 1967, percebemos que os artigos publicados são escritos pelos membros da Diretoria Executiva e do Conselho Editorial. A valorização destes membros como autores mostra uma certa garantia

em manter a psicanálise brasileira fiel à matriz kleino-bioniana, daí um cuidado rigoroso em escolher as imagens que seriam colocadas nas capas da Revista.

Entre 1967 e 1969, as publicações da *Revista Brasileira de Psicanálise* valorizaram em suas capas “grandes nomes” que contribuíram para a construção do saber psicanalítico. Comumente nas terceiras páginas dessas revistas havia uma pequena biografia destes personagens para que seus leitores e colaboradores pudessem entender a relevância destes pioneiros da psicanálise colocados como “pais fundadores”. Apresentadas como uma figura ou desenho, garantiria uma ilustração de caráter artístico, assim como poderia isentar de direitos autorais por algumas imagens. Feito o vínculo do fundador da psicanálise com os brasileiros, chegava a hora de dar destaque a sua própria imagem, apresentaram a clássica figura de Freud com o charuto na mão direita:

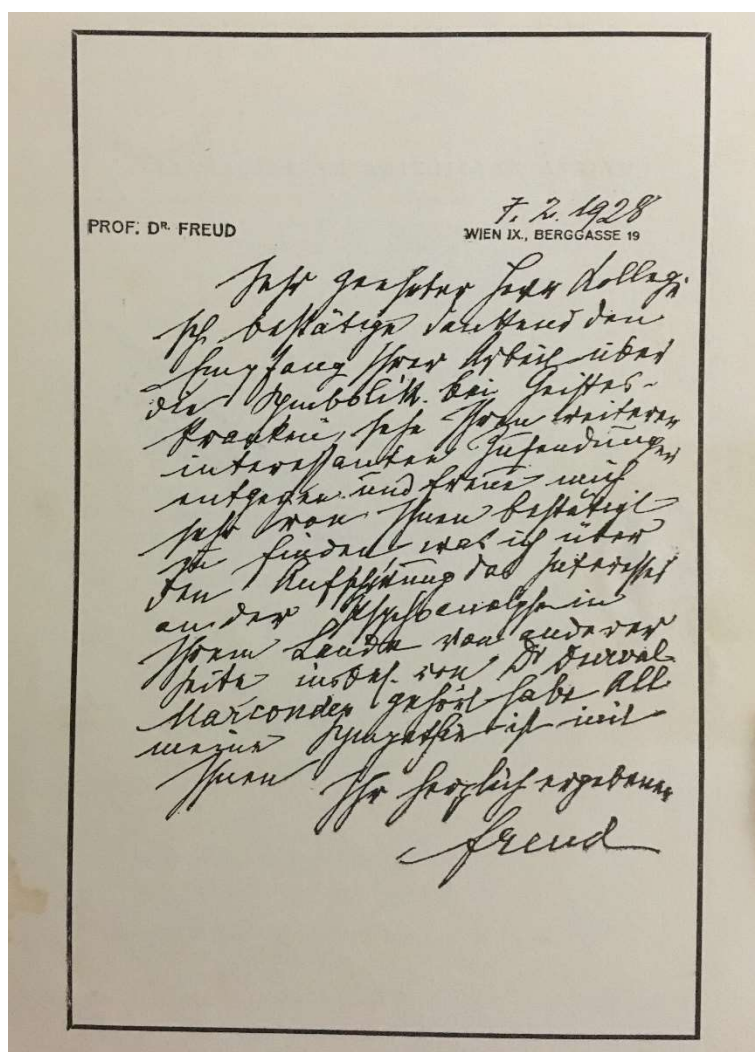
Figura 16: Imagem de Sigmund Freud



Fonte: RBP, v.1, n.2, Capa, 1967

Esta clássica imagem de Freud⁶⁸ não foi escolhida apenas pela sua visibilidade, mas pelo seu reconhecimento internacional. É claro que os mandatários da revista poderiam ter escolhido uma imagem de Freud que caracterizaria mais especificamente o ofício de psicanalista, entretanto, não poderiam deixar de trazer para a revista uma imagem icônica de Freud e demonstrar o potencial desta como representante oficial da psicanálise brasileira. A Diretoria e o Conselho editorial da revista, para não deixar dúvidas do vínculo com o fundador da psicanálise, publicavam mais um fac-símile, era outra carta de Freud, desta vez enviada ao médico Osório César em agradecimento por este ter enviado seu trabalho.

Figura 17: Imagem do fac-símile da carta de Freud a Dr. Osório César

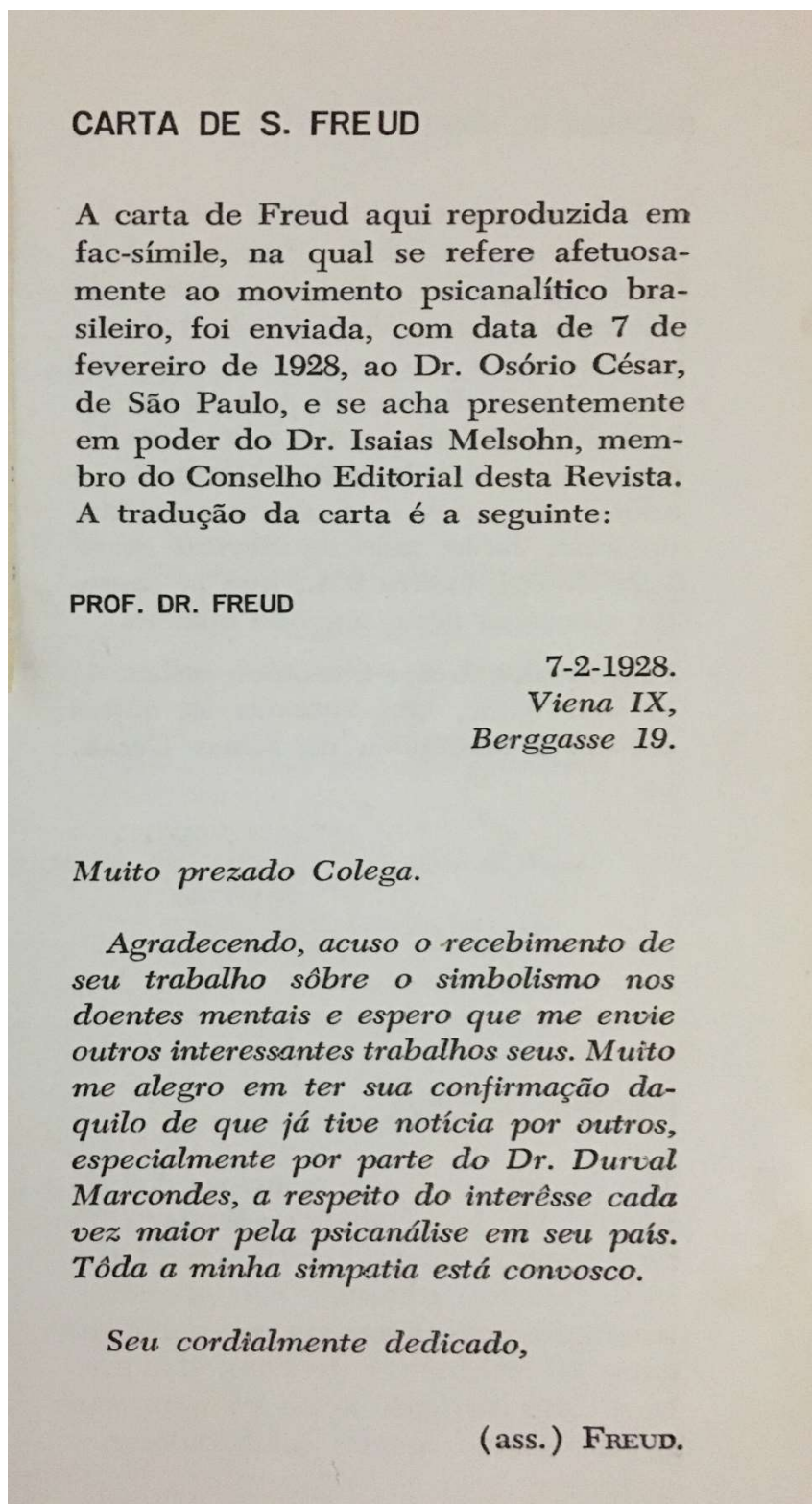


Fonte: RBP, v.1, n.2, p.150, 1967

⁶⁸Tirada em 1921 por Max Halberstadt, genro de Freud, é uma imagem de domínio público.

Em seguida a esta valorização do documento, destacavam a tradução da carta da seguinte forma:

Figura 18: Imagem da tradução da carta de Freud a Dr. Osório César



O clima de proximidade com o pai da psicanálise estava dado aos leitores, agora a Diretoria e o Conselho Editorial trariam para as capas das revistas os principais discípulos de Freud, especialmente àqueles que escreveram ao mais entusiasta da psicanálise paulista, Durval Marcondes. No nº 3 da revista de 1967, trouxeram a imagem de Karl Abraham, um dos primeiros discípulos de Freud, médico e figura proeminente na fundação da Psicanálise.

Figura 19: Imagem de Karl Abraham



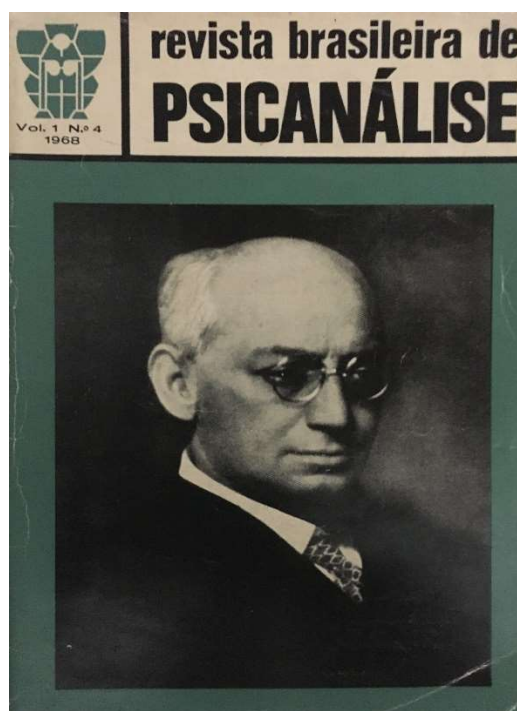
Fonte: RBP, v.1, n.3, Capa, 1967

Semelhante a Freud que fora apresentado de forma séria e compenetrada, a imagem de Karl Abraham fora acompanhada pelo texto na página 299 deste número da revista, o que reforçava a importância dele para a o início da psicanálise.

Sua contribuição científica foi de valor imenso, abrangendo variados assuntos, como a natureza das relações de objeto na esquizofrenia, a caracterologia em sua relação com as diferentes fases do desenvolvimento da libido etc. Paralelamente com Freud, esclareceu, no que respeita à melancolia, o papel da perda do objeto, da oralidade e da agressividade [...] Vários de seus trabalhos constituem hoje modelos clássicos, verdadeiros marcos no desenvolvimento histórico da psicanálise.(RBP, 1967, p. 299)

Com a visualização da imagem e a informação sobre a contribuição dos pais da psicanálise, os leitores teriam a noção de legitimidade de sua ciência. O ano de 1967 se encerrava com o nº 4 da revista apresentando a imagem de Sandor Ferenczi, um dos primeiros discípulos de Freud e uma das figuras mais proeminentes no desenvolvimento da Psicanálise, de quem muitos dos trabalhos tornaram-se fundamentais para a consolidação da psicanálise, como por exemplo, o intitulado “Introjeção e Transferência”

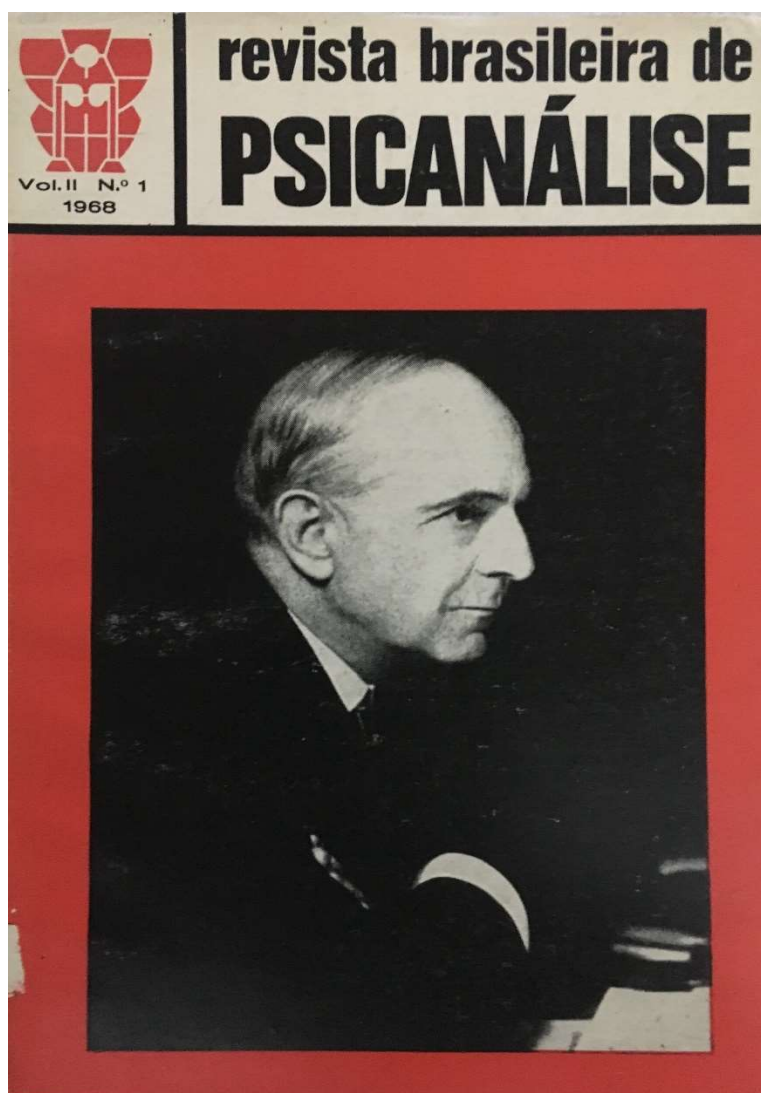
Figura 20: Sandor Ferenczi



Fonte: RBP, v.1, n.4, Capa, 1967

Esta imagem de Sandor Ferenczi tinha o objetivo de transferir ao leitor uma ideia de seriedade, observação e compenetração, condições de um exímio psicanalista. Mas outros nomes considerados na história da psicanálise também serviram como referências e modelos para os leitores e colaboradores da Revista. Nas capas dos quatro números do volume de 1968 foram destacados Ernest Jones (1879-1958), Melaine Klein (1882-1960), Franz Alexander (1891-1964) e Abraham Arden Brill (1874-1948). É possível verificar nas imagens a ideia de observação, atenção, avaliação e seriedade nestes nomes de peso que dariam rumos e caminhos para a psicanálise no século XX. Vejamos estes aspectos nas imagens abaixo:

Figura 21: Imagem de Ernest Jones



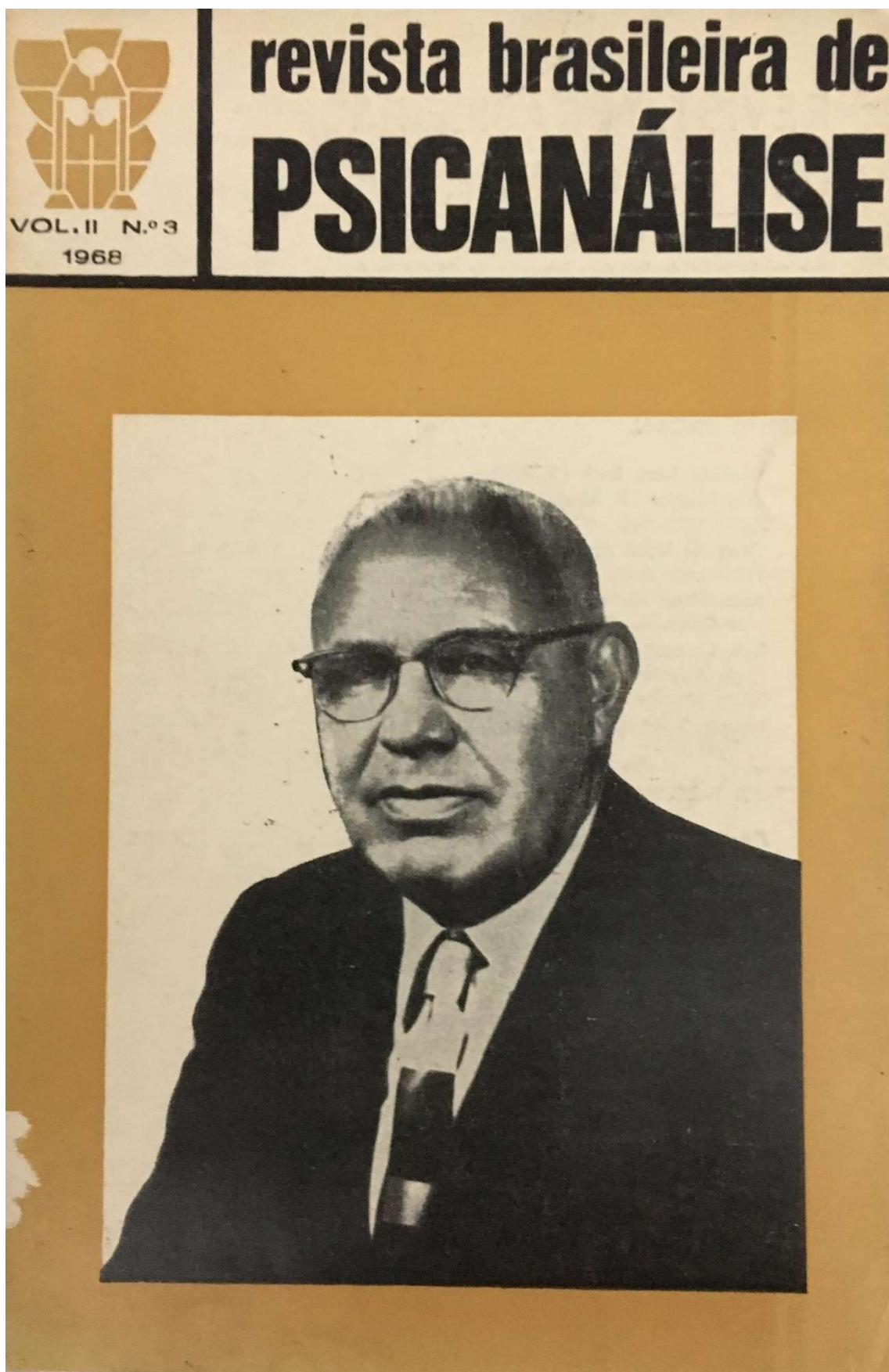
Fonte: RBP, v.2, n.1, Capa, 1968

Figura 22: Imagem de Melanie Klein



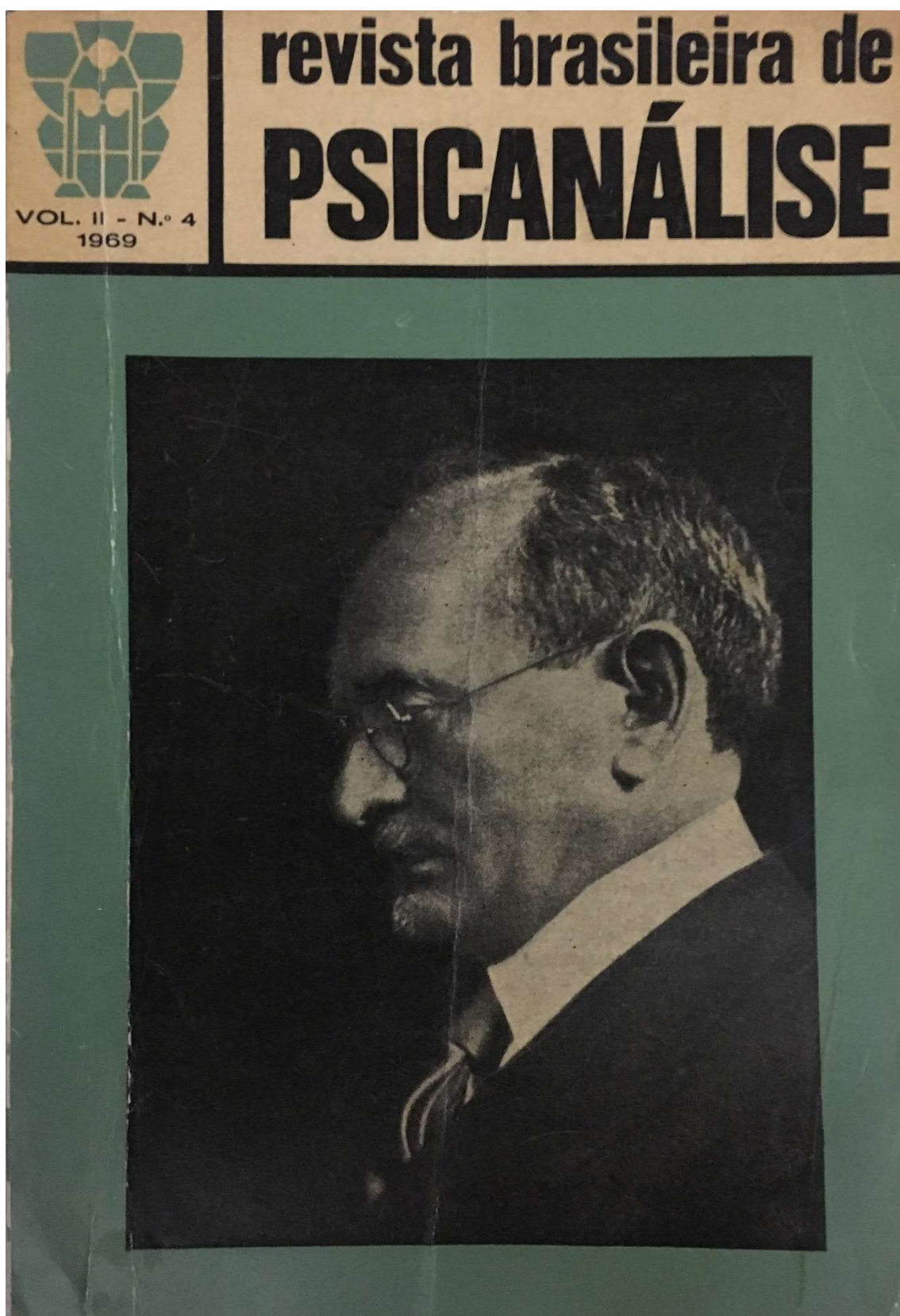
Fonte: RBP, v.2, n.2, Capa, 1968

Figura 23: Imagem de Franz Alexander



Fonte: RBP, v.2, n.3, Capa, 1968

Figura 24: Abraham Arden Brill



Fonte: RBP, v.2, n.1, Capa, 1968

As imagens desses pioneiros não foram colocadas apenas para ilustrar esta revista brasileira, representavam os nomes do panteão que dariam legitimidade ao papel desta na consolidação da psicanálise no Brasil. A expressão de seriedade, observação, compenetração e avaliação destes pioneiros tinham a função de sinalizar as condições científicas tomadas pela revista. Comparemos, como exemplo, a imagem de Melanie Klein na revista de 1968 e outra num álbum de memória publicado pela Casa do Psicólogo em 1994 com participação da SBPSP.“

Figura 25: Imagem de Melanie Klein



Fonte: RBP, v.2, n.2, Capa, 1968

Figura 26: Imagem de Melanie Klein



Fonte: Álbum de Família, p.147, 1994

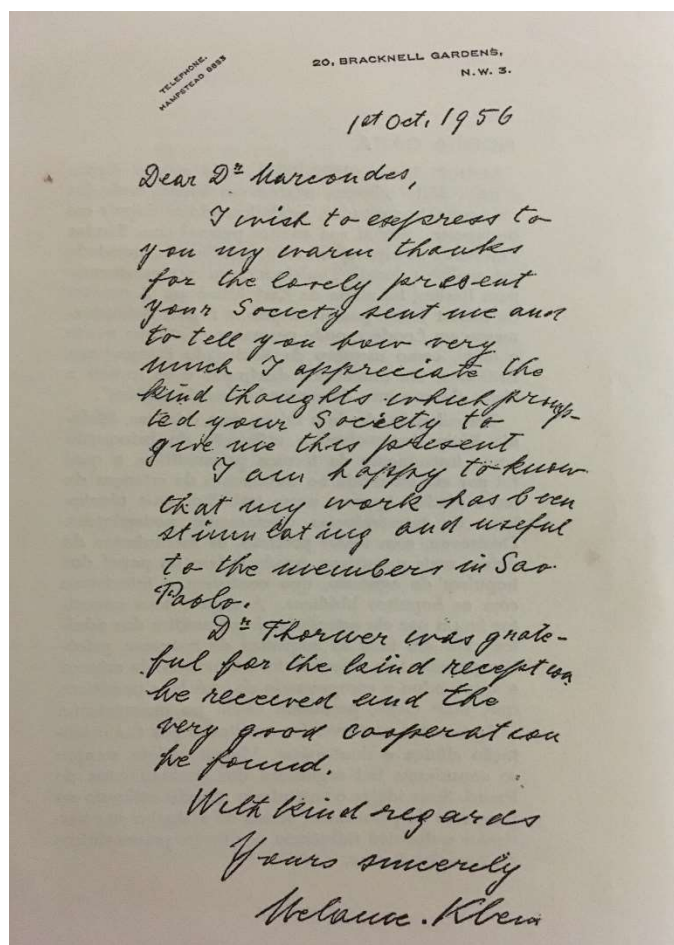
A imagem de Melanie Klein representada na capa da revista em 1968 transmite a seriedade e maturidade de uma da teórica da psicanálise mais contemplada pelos psicanalistas brasileiros, diferentemente, com o objetivo de comemorar o movimento psicanalítico ipeísta, a figura 26 foto representada no “Álbum de Família: Imagens, Fontes e Idéias da Psicanálise em São Paulo” demonstrava uma mulher com aspectos serenos para a memória deste

movimento. A imagem de Melanie Klein, psicanalista que exerceu influência hegemônica sobre a psicanálise brasileira foi reforçada com uma pequena biografia na revista que destacava a sua importância para a psicanálise na América Latina:

Apesar das controvérsias suscitadas por sua orientação clínica e doutrinária, Melanie Klein sempre se considerou fiel seguidora dos ensinamentos de Freud. Suas ideias constituíram grande estímulo no progresso da psicanálise, sendo de assinalar sua particular e decisiva influência nos meios psicanalíticos da América Latina. (RBP, 1968, p.147)

Considerada uma matriarca da psicanálise para os psicanalistas ipeístas, a Direção e o Conselho Editorial não deixariam de valorizar o seu contato com Durval Marcondes, abaixo podemos observar o fac-símile e a tradução da carta de Melanie Klein a Durval Marcondes:

Figura 27: Imagem do fac-símile da carta de Melanie Klein a Durval Marcondes



Fonte: RBP, v.2, n.2, p.148, 1968

Figura 28: Imagem da tradução da carta de Melanie Klein a Durval Marcondes

CARTA DE MELANIE KLEIN

É a seguinte a tradução da carta de Melanie Klein enviada, em 1.º de outubro de 1956, ao presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, dr. Durval Marcondes, e que é reproduzida neste numero:

TELEPHONE,

HAMPSTEAD 8853.

20 *Bracknell Gardens*,
N. W. 3.

Caro Dr. Marcondes,

Quero expressar-vos meus afetuosos agradecimentos pelo belo presente que vossa Sociedade me enviou e dizer-vos o quanto apreciei as amáveis considerações que levaram vossa Sociedade a oferecer-me êsse presente.

Sinto-me feliz em saber que minha obra tem sido estimulante e útil aos membros da Sociedade de São Paulo.

O Dr. Thorner ficou muito grato pela amável recepção que lhe foi dada e pela excelente cooperação que encontrou.

Com cordiais saudações da

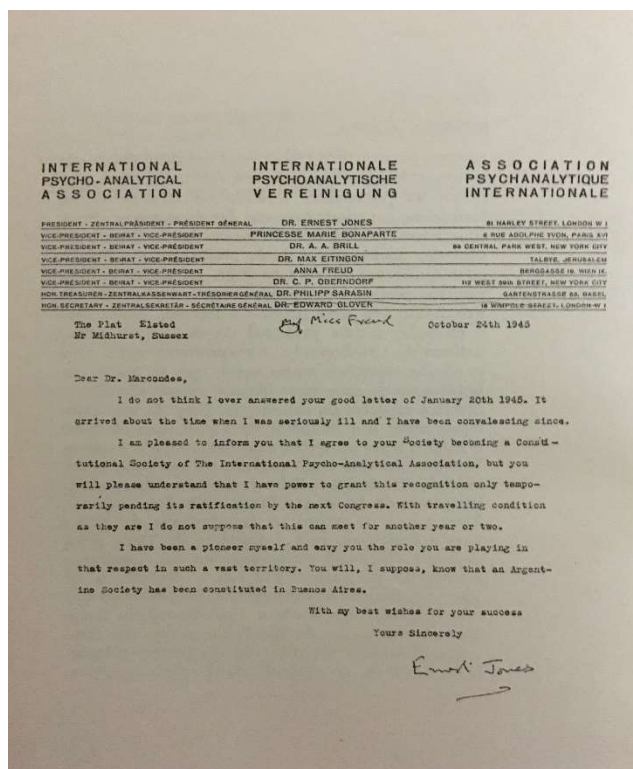
Sinceramente vossa

(a). MELANIE KLEIN

Na carta acima, não ficava evidente um simples contato, mas algo que se tornaria fundamental para o saber psicanalítico brasileiro, as obras de Melanie Klein. Assim como Freud, ela seria referência e reverenciada em inúmeros artigos da revista durante seus primeiros 20 anos.

Na figura 21, vemos um dos pioneiros e mandatários mais polêmicos da Psicanálise, Ernest Jones, autor de uma das mais famosas biografias de Freud que deu norte à uma historiografia oficial do movimento psicanalítico, foi também presidente da Associação Psicanalítica Internacional e responsável pela “salvaguarda” da psicanálise durante o nazismo (RBP, 1968, 3). A Direção e o Conselho Editorial da revista também publicaram o fac-símile da carta de Ernest Jones a Durval Marcondes na página 4 da revista, enviada em 24 de outubro de 1945 para comunicar o reconhecimento provisório da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, fato que o tornou admirado pela Sociedade paulista, considerando-o um dos mais ativos pioneiros da psicanálise. A tradução da carta foi colocada de forma especial na página 5. Vejamos o fac-símile e a tradução da carta:

Figura 29: Imagem do fac-símile da carta de Ernest Jones a Durval Marcondes



Fonte: RBP, v.2, n.1, p.4, 1968

Figura 30: Imagem da tradução da carta de Ernest Jones a Durval Marcondes

CARTA DE ERNEST JONES

A CARTA de Ernest Jones aqui reproduzida foi enviada em 1945 ao Dr. Durval Marcondes, presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, para comunicar-lhe o reconhecimento provisório desta última (que logo depois se tornou definitivo) pela Associação Psicanalítica Internacional. A tradução da carta é a seguinte:

The Plat. Elsted.
Nr Midhurst, Sussex.

24 de outubro de 1945.

Caro Dr. Marcondes.

Não sei se já respondi sua boa carta de 20 de janeiro de 1945. Ela chegou por uma ocasião em que eu me achava seriamente doente e, desde então, tenho estado convalescendo.

Apraz-me informá-lo de que concedo à sua Sociedade tornar-se uma Sociedade constitutiva da Associação Psicanalítica Internacional, mas pedindo-lhe entender que tenho poderes para conferir êsse reconhecimento só temporariamente, dependendo sua ratificação do próximo Congresso. Com as condições de viagem como estão, não espero que êle possa reunir-se dentro de um ou dois anos.

Eu mesmo tenho sido pioneiro, mas o invejo no papel que está tendo a êsse respeito em território tão vasto. Suponho que é de seu conhecimento que uma Sociedade Argentina se constituiu em Buenos Aires.

Com meus melhores votos de sucesso,
sinceramente seu

(a) ERNEST JONES

Fonte: RBP, v.2, n.1, p.5, 1968

As palavras deste ativo pioneiro, um dos pais da psicanálise, contribuíam para a ideia de legitimidade junto a IPA na medida em que aproximava os leitores

da ideia de continuidade e vínculo dos pioneiros brasileiros com os “pais” fundadores.

Na figura 23, a imagem valorizada foi de Franz Alexander, um dos introdutores do pensamento psicanalítico na criminologia, cuja influência foi decisiva ao estabelecimento da orientação psicossomática na Medicina e possuía forte influência na Psicanálise norte-americana (RBP, 1968, p. 301). Na figura 24, temos a imagem de Abraham Arden Brill ali colocado como o pioneiro do movimento psicanalítico dos Estados Unidos, país para onde emigrou sozinho aos 15 anos, após ter deixado a Áustria, cuja vida difícil e competência para se tornar um dos grandes pioneiros da psicanálise foi ressaltada pela revista. “Lutando com dificuldades financeiras conseguiu fazer sua formação universitária, graduando-se em Filosofia no ano de 1901 e em Medicina em 1903” (RBP, 1968, p. 483). Destacava-se na revista seu pioneirismo em diversas ocasiões: o primeiro e, por algum tempo, o único psicanalista dos Estados Unidos, fundou a Sociedade Psicanalítica de Nova York, participou da criação da Associação Psicanalítica Americana e o primeiro tradutor das obras de Freud para o inglês (RBP, 1968, p. 483). Assim como dos pioneiros anteriores, foi traduzida a carta de Abraham Arden Brill endereçada a Durval Marcondes solicitando a este a possibilidade de receber psicanalistas judeus perseguidos pelo nazismo em 1934.

Figura 31: Imagem do fac-símile da carta de A. A. Brill a Durval Marcondes

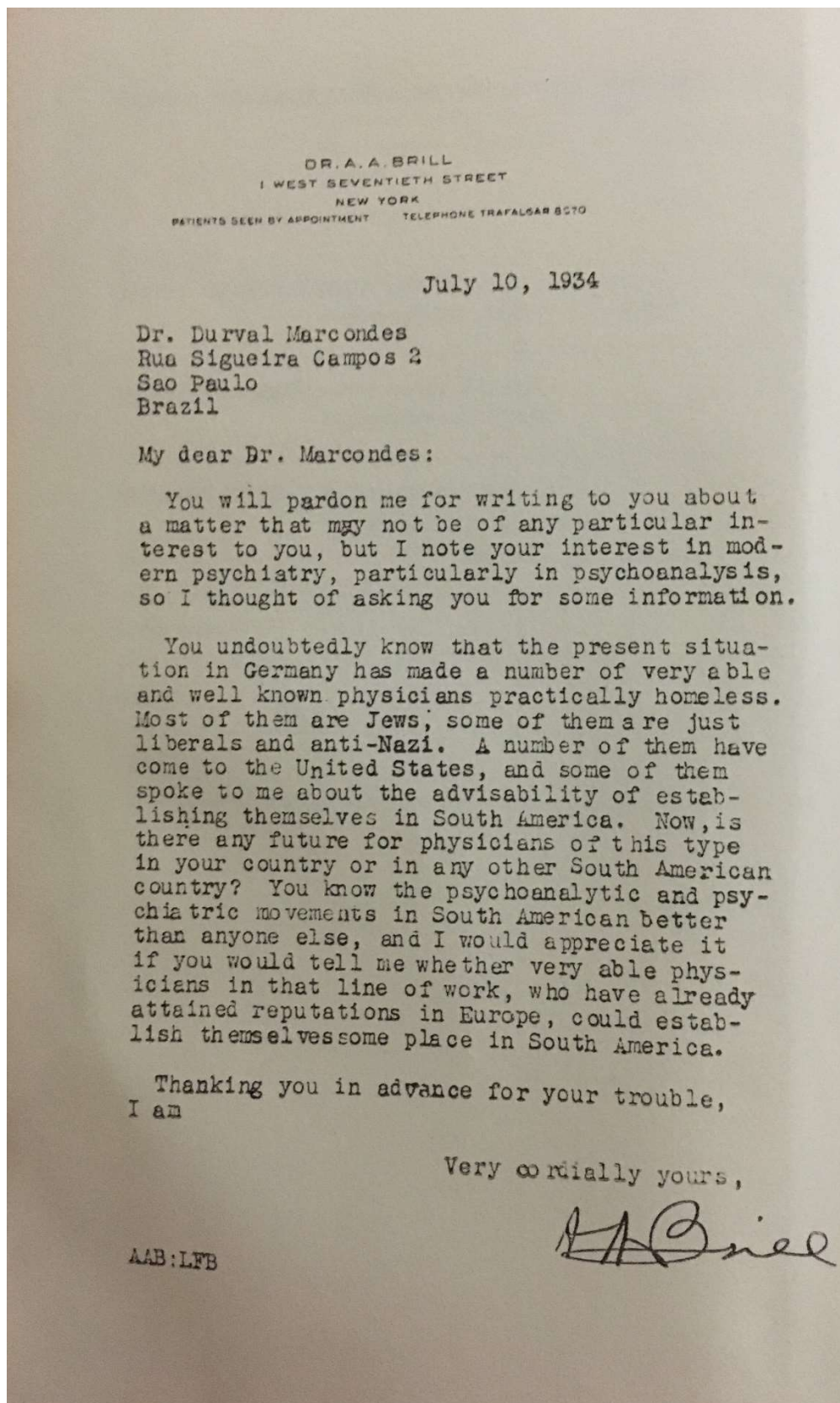


Figura 32: Imagem da tradução da carta de A. A. Brill a Durval Marcondes

CARTA DE A. A. BRILL

A carta de A. A. Brill reproduzida ao lado, enviada em 1934 ao Dr. Durval Marcondes, mostra seu espírito de cooperação, buscando acudir colegas em dificuldade e aproximar-se do então incipiente movimento psicanalítico da América Latina. A tradução da carta é a seguinte:

10 de julho de 1934

Meu caro Dr. Marcondes

O Senhor perdoar-me-á por escrever-lhe sôbre um assunto que possivelmente não terá nenhum interêsse particular para o senhor, mas eu noto seu interêsse pela psiquiatria moderna, particularmente pela psicanálise, de modo que pensei em pedir-lhe uma informação.

Indubitavelmente, o senhor sabe que a presente situação na Alemanha fêz com que certo número de médicos muito competentes e de notoriedade ficassem praticamente sem lar. A maioria dêles é de judeus, alguns são apenas liberais e antinazistas. Certo número veio para os Estados Unidos e alguns me falaram sôbre a conveniência de se estabelecerem na América do Sul. Há, então, algum futuro para médicos dêsse tipo no seu país ou em qualquer outro país sul-americano? O senhor conhece os movimentos psicanalítico e psiquiátrico na América do Sul melhor que qualquer outra pessoa e eu ficaria muito grato se me informasse se médicos muito capazes nessa linha de trabalho, que já atingiram reputação na Europa, poderiam estabelecer-se em algum lugar da América Latina.

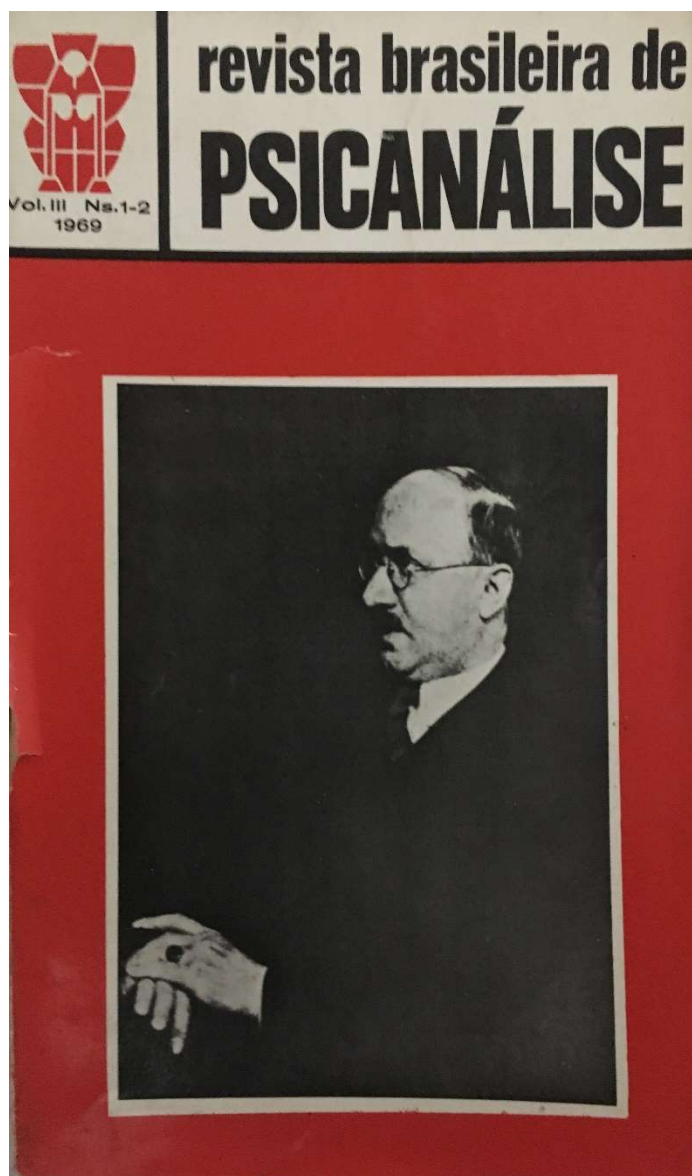
Agradecendo-lhe antecipadamente pelo incômodo, sou

Cordialmente seu,

(a) A. A. BRILL

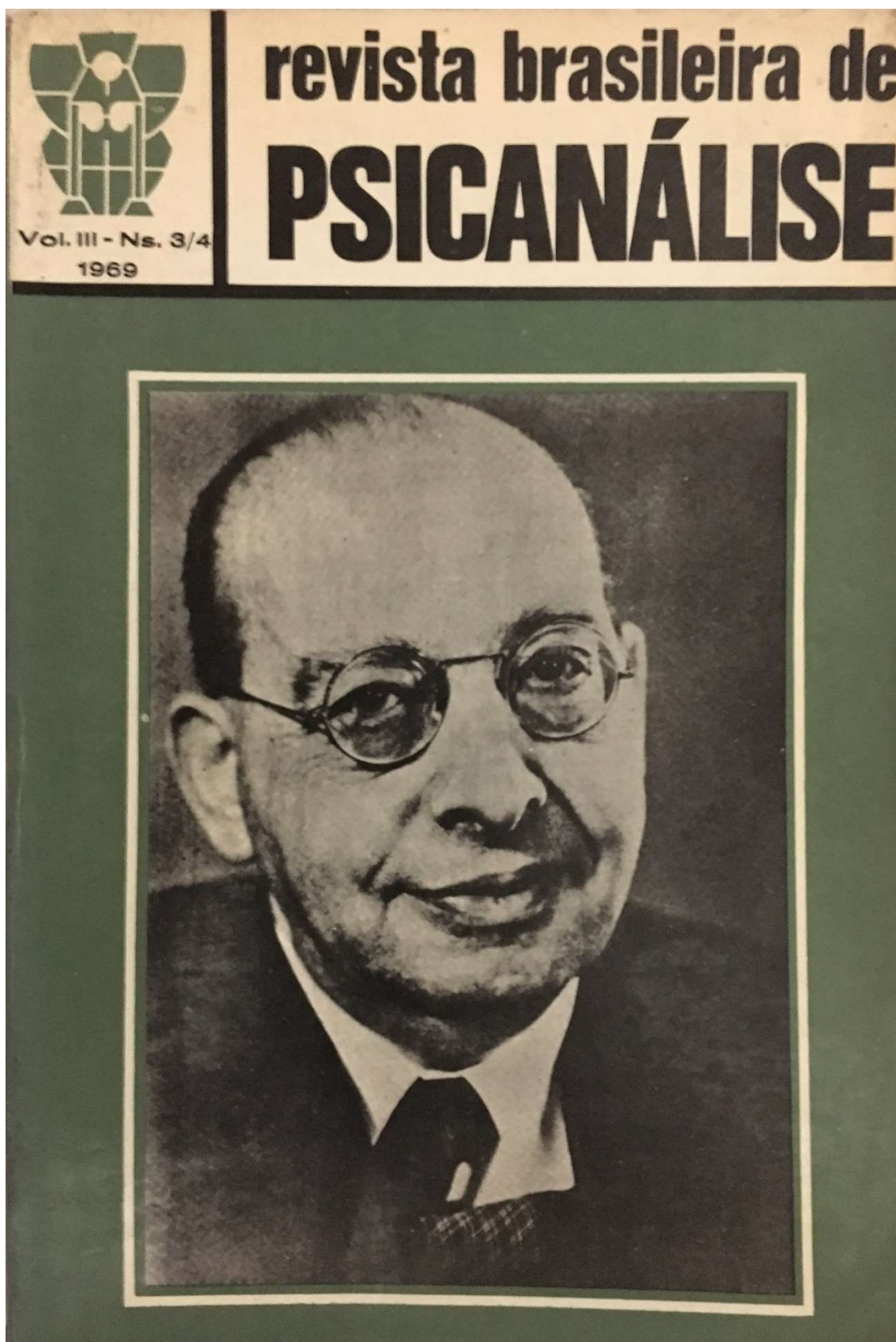
No Volume 3, 1969, a revista circulou de forma semestral e os números 1 e 2 foram unidos, assim como o 3 e 4. Este foi o último ano a valorizar as imagens dos pioneiros da Psicanálise. As imagens de Max Eitingon (1881-1943) e Hanns Sachs (1881-1947) mantinham o mesmo padrão das imagens anteriores, observação e seriedade eram evidentes no rosto destes “pais da psicanálise”. Na última revista que contemplava a imagem de Hanns Sachs, pode-se identificar também a valorização de uma certa expressão de satisfação e felicidade dele. Observemos as últimas imagens na revista de 1969:

Figura 33: Imagem de Max Eitingon



Fonte: RBP, v.3, ns.1-2, Capa, 1969

Figura 34: Imagem de Hanns Sachs



Fonte: RBP, v.3, ns.3-4, Capa, 1969

O papel de Max Eitingon, figura 33, para desenvolvimento inicial da Psicanálise, em 1920, Berlim, foi fundamental. Com a colaboração de Abraham e Simmel, Max Eitingon fundou a Policlínica Psicanalítica (RBP, 1969, p. 3) momento crucial para institucionalização da psicanálise na Alemanha. A figura 34 mostra a imagem de Hanns Sachs (1881-1947), um dos integrantes do círculo original de discípulos de Freud, formado em Direito e logo atraído pela Psicanálise, interessando-se por sua aplicação às Ciências Sociais (RBP, 1969, p. 259). A carta de Max Eitingon e a de Hanns Sachs endereçadas a Durval Marcondes também foram publicadas com o objetivo de reforçar a mensagem proposta pela imagem e consolidar a ideia de vínculo e legitimidade.

Figura 35: Imagem do fac-símile da carta de Max Eitingon a Durval Marcondes

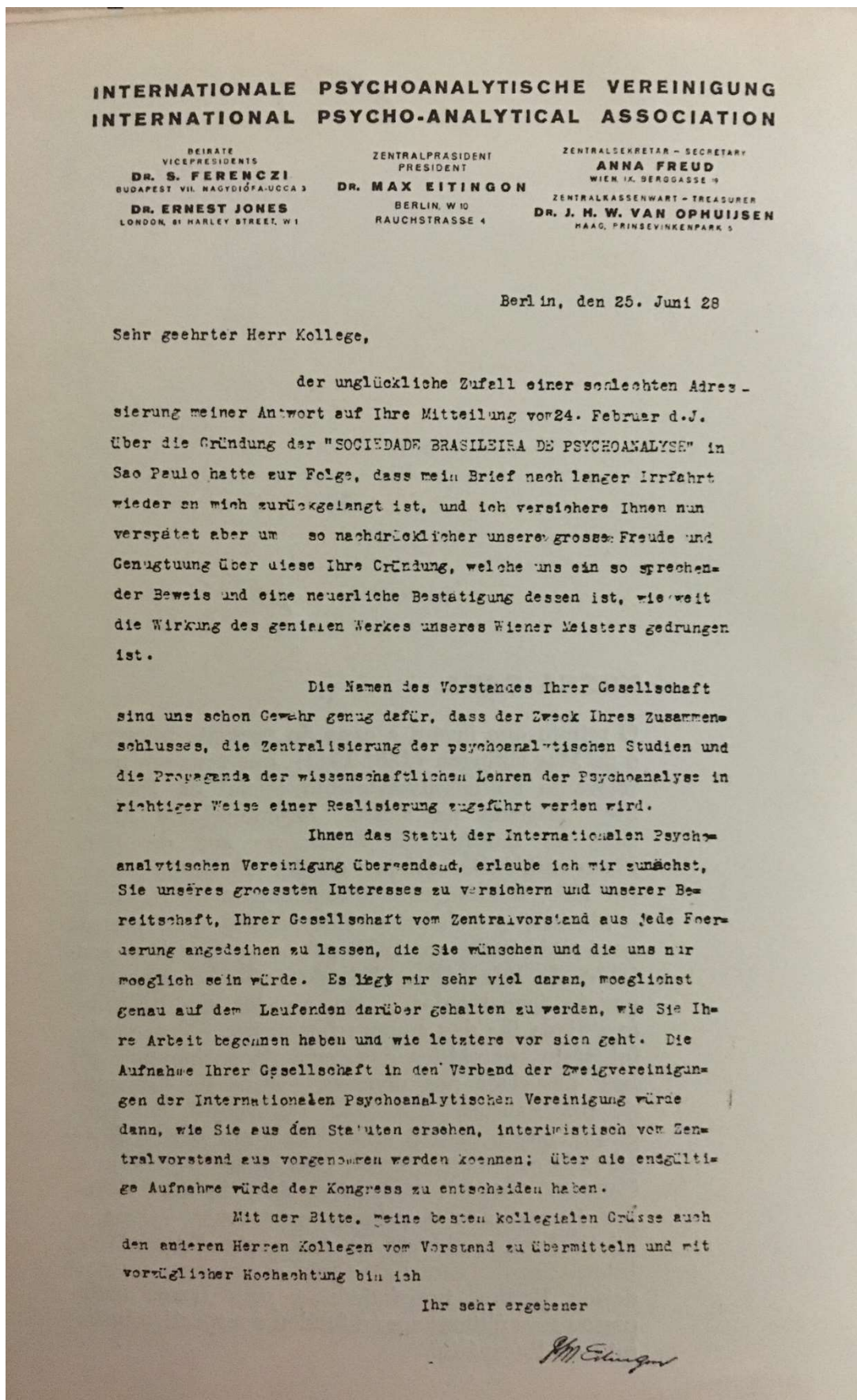


Figura 36: Imagem da tradução da carta de Max Eitingon a Durval Marcondes

CARTA DE MAX EITINGON

A carta de Max Eitingon reproduzida neste número e datada de julho de 1928 foi por êle enviada, na qualidade de presidente da Associação Psicanalítica Internacional, ao Dr. Durval Marcondes e diz respeito à fundação, que então ocorrera, da primeira Sociedade Brasileira de Psicanálise, antecessora daquela que hoje existe. Com palavras estimulantes, Eitingon se refere à possibilidade da filiação da primitiva Sociedade à Associação Internacional, o que realmente se deu logo a seguir.

A carta de Eitingon pode ser assim traduzida:

Berlim, 25 de junho de 1928.

Muito prezado Colega

O infeliz acaso de um mau enderêço na minha resposta à sua comunicação de 24 de fevereiro dêste ano sôbre a fundação da Sociedade Brasileira de Psicanálise em São Paulo fêz com que minha carta me viesse de volta após longo extravio. Asseguro-lhe, agora com atraso, mas, por isso mesmo, mais vigorosamente, nossa grande alegria por essa fundação que, para nós, é uma prova convincente e uma confirmação a mais da amplitude da penetração da obra genial de nosso mestre vienense.

Os nomes dos membros da Diretoria de sua Sociedade já são para nós a plena garantia de que seus objetivos, isto é, a centralização dos estudos psicanalíticos e a propagação dos ensinamentos científicos da Psicanálise, serão realizados de maneira acertada.

Enviando-lhe os estatutos da Associação Psicanalítica Internacional, permito-me, antes de mais nada, assegurar-lhe nosso máximo interêsse e nossa disposição de prestar, na medida do possível, à sua Sociedade, por parte da Diretoria Central, tôda

Figura 37: Imagem da tradução da carta de Max Eitingon a Durval Marcondes (continuação)

ajuda que fôr desejada. Faço muito empenho em estar ao corrente, o mais exatamente possível, de como começaram seu trabalho e de como êle prossegue. A admissão de sua Sociedade no grupo das filiadas à Associação Psicanalítica Internacional pode, como verá nos estatutos, ser feita, provisoriamente, pela Diretoria Central. Sôbre a admissão definitiva o Congresso decidirá.

Pedindo transmitir aos demais colegas da Diretoria meus melhores cumprimentos, sou, com particular estima,

seu muito atento

(a) M. EITINGON

Figura 38: Imagem do fac-símile da carta de Hanns Sachs a Durval Marcondes

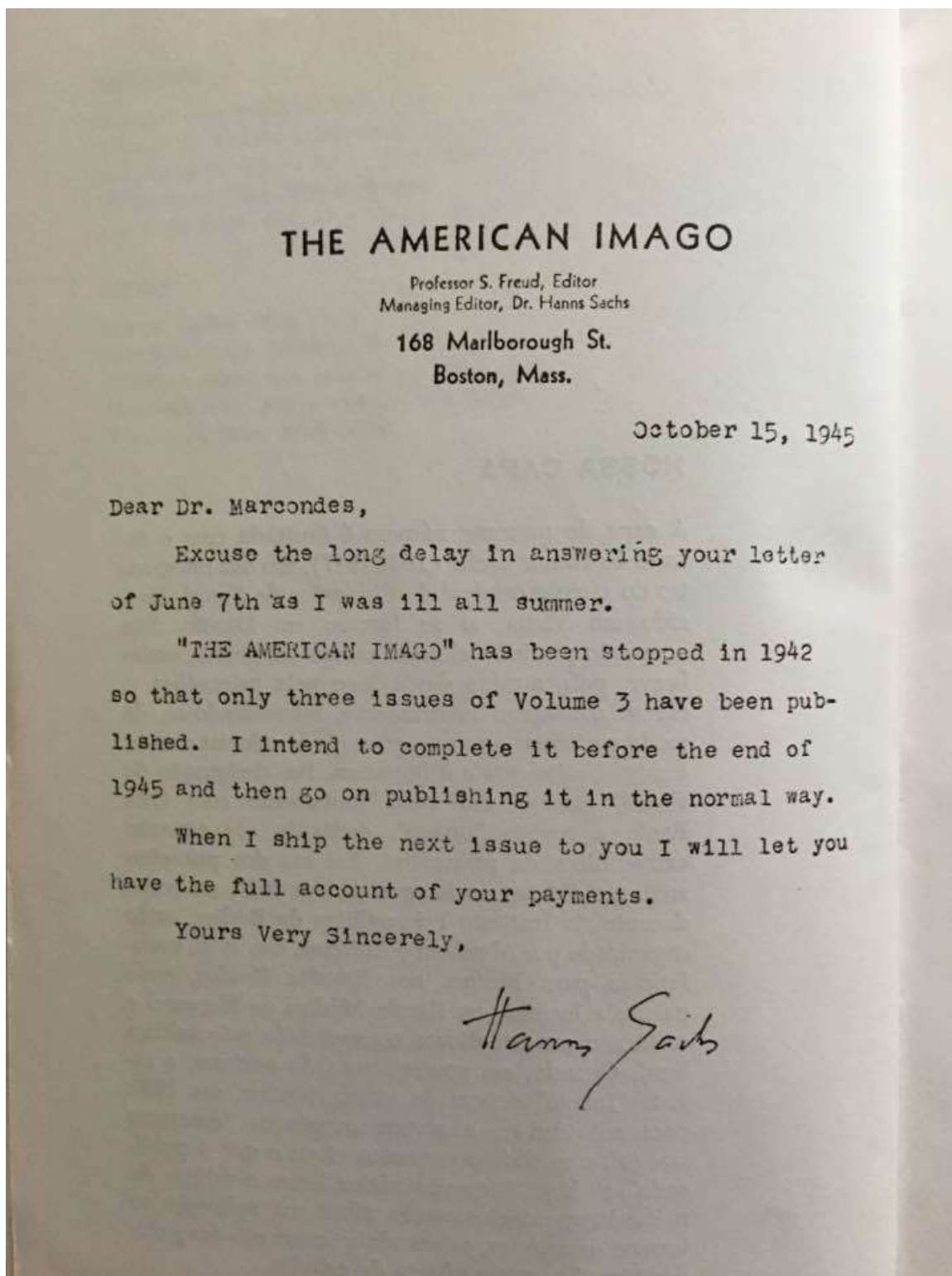


Figura 39: Imagem da tradução da carta de Hanns Sachs a Durval Marcondes

CARTA DE HANNS SACHS

A carta de Hans Sachs, aqui publicada e escolhida no arquivo de correspondência do Dr. Durval Marcondes, refere-se à revista "The American Imago", que Sachs havia fundado, sob o patrocínio de Freud, como "revista psicanalítica para as artes e ciências". Freud faleceu antes do aparecimento do primeiro número, que saiu em novembro de 1939, e Sachs ficou com a responsabilidade da publicação que, mesmo após a sua morte, em 1947, prossegue até hoje. A carta, escrita quando ele já se achava doente, traduz o seu dedicado esforço para a manutenção regular da revista. Sua tradução é a seguinte:

15 de outubro de 1945

Caro Dr. Marcondes

Desculpe a longa demora para responder sua carta de 7 de junho, pois estive doente por todo o verão. "The American Imago" parou em 1942, de modo que apenas três números do volume 3 foram publicados. Eu pretendo completá-lo antes do fim de 1945 e, então, prosseguir em sua publicação de modo normal.

Quando lhe houver expedido o próximo número, eu o farei ciente da relação total de seus pagamentos.
Seu, muito sinceramente,

(a) HANNS SACHS

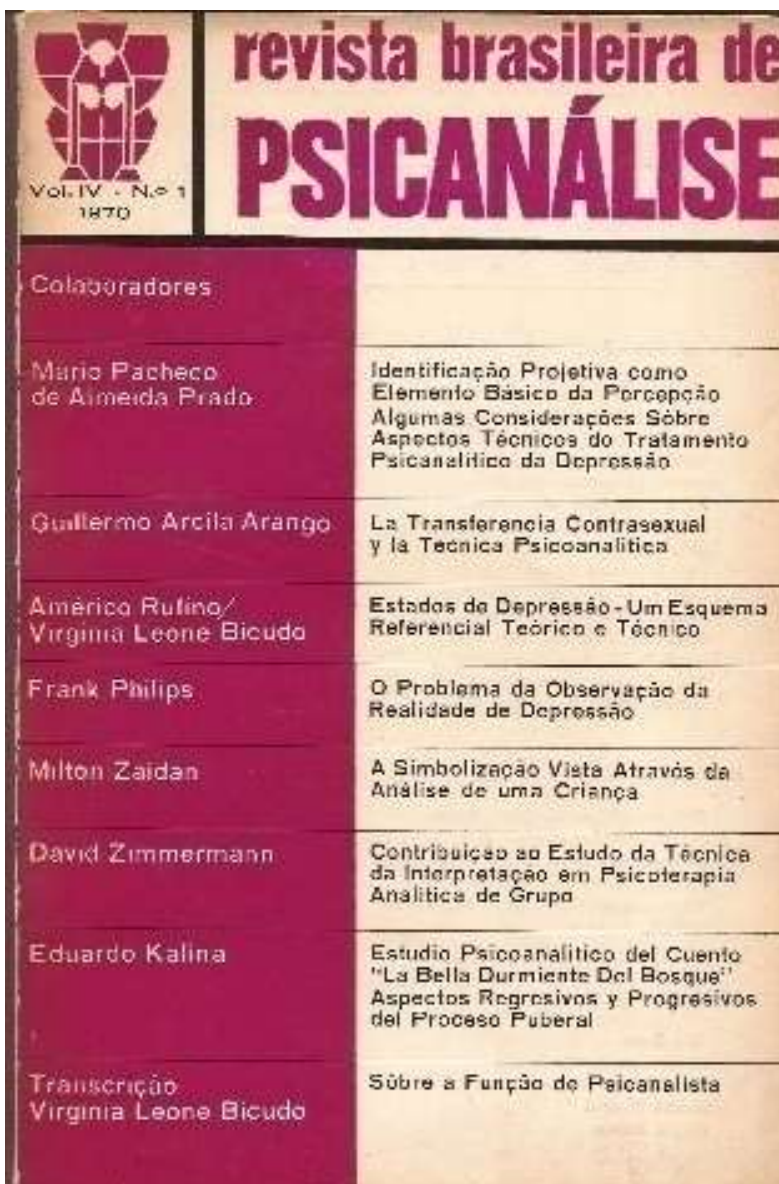
Fonte: RBP, v.3, ns.3-4, p.261, 1969

A revista encerrava o uso de imagens em suas capas, a forma idílica de retratar o passado histórico para o seu vínculo legitimista estava concluída. A partir de 1970, a *Revista Brasileira de Psicanálise* passa contemplar os nomes

próprios dos autores colaboradores e o título do artigo que escreveu. Mesmo com algumas dificuldades, a revista mostrava depois de três anos fôlego para continuar seu objetivo como único veículo da psicanálise brasileira.

Chegava a hora de colocar na vitrine da Revista os psicanalistas brasileiros. As imagens foram abolidas e se seguia o padrão de publicação dos anos 60, a concepção de objetividade para o fortalecimento da revista como periódico científico era visível logo na capa com a enumeração dos nomes dos colaboradores e o título de seus artigos. Vejamos, como exemplo, o Volume 4, de 1970, que volta a circular trimestralmente:


Figura 40: Imagem dos nomes dos colaboradores e artigos RBP 1970, v.1



revista brasileira de PSICANÁLISE	
Vol. IV - N.º 1 1970	
Colaboradores	
Mário Pacheco de Almeida Prado	Identificação Projetiva como Elemento Básico da Percepção Algumas Considerações Sobre Aspectos Técnicos do Tratamento Psicanalítico da Depressão
Guillermo Arcila Arango	La Transferencia Contrasexual y la Técnica Psicoanalítica
Américo Rufino/ Virginia Leone Bicudo	Estados de Depressão - Um Esquema Referencial Teórico e Técnico
Frank Philips	O Problema da Observação da Realidade de Depressão
Milton Zaidan	A Simbolização Vista Através da Análise de uma Criança
David Zimmermann	Contribuição ao Estudo da Técnica da Interpretação em Psicoterapia Analítica de Grupo
Eduardo Kalina	Estudio Psicoanalítico del Cuento "La Bella Durmiente Del Bosque" Aspectos Regresivos y Progresivos del Proceso Puberal
Transcrição Virginia Leone Bicudo	Sobre a Função de Psicanalista

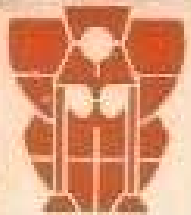
Fonte: RBP, v.4, n.1, Capa, 1970

Figura 41: Imagem dos nomes dos colaboradores e artigos RBP 1970, v.2

 Vol. IV - N.º 2 1970		revista brasileira de PSICANÁLISE
Colaboradores		
Durval Marcondes		Posição da Psicanálise na Psicologia e na Ciência em Geral
Guillermo Sánchez Medina		La Identidad del Analista en la Situación Analítica
Ereno Iulo Ribeiro		Objeto Tanático
Maurício Levy Júnior		Contribuição Para o Estudo Psicanalítico dos Sonhos Telepáticos
Conferências Maria P. Manhães Adolfo Heirisch		Freud e as Vicissitudes de uma Sociedade Psicanalítica


Fonte: RBP, v.4, n.2, Capa, 1970

Figura 42: Imagem dos nomes dos colaboradores e artigos RBP 1970, v.3

	
Vol. IV - N.º 3 1970	
revista brasileira de PSICANÁLISE	
Colaboradores	
Pedro Luzes	As Perturbações do Pensamento em Psicanálise - 1.ª Parte
Laertes Moura Ferrão	Troca de Ideias Sobre Psicanálise
Maurício Levy Júnior	Contribuição Para o Estudo Psicanalítico dos Sonhos Telepáticos - 2.ª Parte
Brano Iulo Ribeiro	Defesas Maníacas e Filicídio
Transcrições Elliott Jaques	Distúrbios na Capacidade Para o Trabalho
Arnaldo Raskovsky	La Malanza de los Hijos

Fonte: RBP, v.4, n.3, Capa, 1970

Figura 43: Imagem dos nomes dos colaboradores e artigos RBP 1970, v.4

 Vol. IV - Nº 4 1970		revista brasileira de PSICANÁLISE
Colaboradores		
Pedro Luzes		As Perturbações do Pensamento em Psicanálise (II Parte)
Angel Garma		Nos Domínios do Instituto de Morte
Darcy M. Uchôa		Correntes Atuais no Pensamento Psicanalítico
Virginia L. Bicudo		III Pré-Congresso de Analistas Didatas da América Latina
Breno I. Ribeiro Luis de A. P. Galvão		Contribuição ao Estudo da Reação Terapêutica Negativa
Judith T. C. Andreucci		O Acting Out como Falso Progresso: Malabarismos do Instituto de Morte
Mário Yahn		Pode-se Metodizar uma Psicoterapia Eficiente a partir dos Aspectos Externos das Neuroses?
Américo Rufino		Três Teoremas - Narcisismo / Inveja / Gula

Fonte: RBP, v.4, n.4, Capa, 1970

A imagem e o nome de Freud, de seus discípulos e dos pioneiros brasileiros eram regularmente evocados como referências, modelos e orientadores sagrados para o exercício da psicanálise. No texto “Notas para a História da Psicanálise em São Paulo” de Luiz de Almeida Prado Galvão encontramos reverência a Freud e aos pioneiros da psicanálise.

Creio que na história do movimento psicanalítico de cada país repetiu-se para seus pioneiros a mesma estrada áspera que Freud teve de palmilhar. Sofreram os pioneiros a mesma hostilidade e incompreensão que o próprio Freud teve que viver em Viena, quando, impelido pelo seu espírito inteligente e científico, manteve-se na linha de suas investigações, lançando os alicerces do novo mundo que desvendava para a humanidade e, o mais trágico e doloroso, para seu próprio bem. Repudiado, caluniado, injuriado, Freud, qual um gigante, a tudo suportou e foi levando avante suas pesquisas, sistematizando-as, estabelecendo princípios, leis gerais a respeito da vida mental; com espírito aberto, sem dogmatismos, corrigia-se, reformulava, redefinia, tendo a constante preocupação de investigar para esclarecer, investigar para modificar, investigar para construir. E como alguém que toma as peças de um quebra-cabeça, foi, sem desfalecimentos, armando o seu quebra-cabeça, a sua doutrina científica de estudo do homem, a sua Psicanálise (GALVÃO, 1967, p. 46-47)

Prado Galvão refere-se a Freud e todos os pioneiros da psicanálise como sujeitos consagrados e quase com uma aura de um semideus, sendo que esta maneira de representar os líderes da psicanálise faz-nos lembrar a carta testamento de Vargas apresentada num tom messiânico ao país no momento de seu suicídio. Da mesma forma, este autor colocou os pioneiros – Durval Marcondes e Adelheid Koch, como base da psicanálise brasileira.

Durval Marcondes e Adelheid Koch. Ambos terão seus nomes indelevelmente gravados na história da Psicanálise brasileira, o primeiro como pioneiro no movimento psicanalítico do país, a segunda como pioneira do ensino da Psicanálise entre nós e na América Latina. Suas vidas foram cheias de lutas, dissabores e frustrações, mas, como histórias encantadas, tudo ficou bem, e se a Psicanálise ainda tem muito a caminhar, pelo menos é reconhecida como ciência e cada vez mais respeitada como tal. (GALVÃO, 1967, p. 60)

Este artigo de Prado Galvão passou a ser referência para se discutir a psicanálise no Brasil, buscado como referência pelos próprios psicanalistas que posteriormente trataram do mesmo assunto na revista. Menos procurado que o texto de Prado Galvão, o artigo de Maria P. Manhães e Adolfo Hoirish “Freud e as Vicissitudes de uma Sociedade Psicanalítica” publicado na revista nº 2 de 1970 também fizera apologia a Freud e ao passado da psicanálise. Ela, analista didata e ele, membro associado da SPRJ, fizeram neste artigo uma revisão dos

trabalhos mais sociológicos e antropológicos de Freud⁶⁹, fizeram uma relação entre eles e os acontecimentos da história da psicanálise. Também mostraram a relação de Freud com os pioneiros da época e sua preocupação em dirigir as Sociedades psicanalíticas e concluíram:

Freud lutou tenazmente, lidando com os grupos psicanalíticos em formação bem como estudando a fundo os fenômenos coletivos, procurando acompanhar o movimento dos grupos para encontrar formas de elaboração que permitissem manter as instituições apoiadas por regras e preceitos e que pudessem ao mesmo tempo emanar da liderança e serem aceitas pelos liderados. A conclusão é fácil de ser compreendida, mas difícil de ser aplicada e se resumiria na frase: ambos precisam crescer, para se relacionar como adultos. (MANHÃES; HOIRISCH, 1968, p. 248)

Além de reverenciar Freud, os autores propunham psicanaliticamente que a solução para o crescimento seria a análise individual interminável e a compreensão dos fenômenos grupais e encerravam o texto mostrando que havia um saldo positivo resultado de todo este processo histórico do movimento e das instituições psicanalíticas: “a psicanálise sobrevive e, dia a dia, os psicanalistas descobrem os meios não só para conviver de modo mais harmonioso, como também para minorar o sofrimento humano” (MANHÃES; HOIRISCH, 1968, p. 249).

Entre as constantes exaltações a Freud, Klein e Bion apareciam sempre o nome dos brasileiros prestigiados, Durval Marcondes e Adelheid Koch. Durante as comemorações de 10 anos de existência da revista em 1976, o texto “A Psicanálise em São Paulo – Jubileu de Prata. Homenagem a Durval Marcondes e Adelheid Koch” de Cléo Lichtenstein Luz, membro efetivo da SBPSP, publicado no n.4 da revista, narra a história da psicanálise em São Paulo, dando ênfase ao papel de Durval Marcondes e Adelheid Koch, para, em seguida, destacar o vínculo da SBPSP à IPA. Certamente, o texto de Cléo L. Luz insere-se na ideia que apontamos de um tipo de hagiografia, pois Durval Marcondes e Adelheid Koch não são apenas homenageados, mas exaltados e consagrados por esta autora:

A Durval Marcondes, bandeirante, desbravador, lutador incansável, e Adelheid Koch, batalhadora, mestra, mãe, irmã, amiga e companheira

⁶⁹Conforme apresentado no início do texto foram: Totem e Tabu de 1913, História da Psicanálise de 1914, Psicologia das Massas de 1921, Autobiografia de 1925, Futuro de uma Ilusão de 1927, Mal-Estar da Cultura de 1930, Moisés e a Religião Monoteísta de 1937.

dos primeiros analistas e de muitos de nós (já não tão primeiros) – homem e mulher admiráveis, cuja chama e capacidade de amor e doação não se extinguíram ou diminuíram com o passar dos anos – as homenagens de nós, psicanalistas que já encontramos os caminhos abertos, quase sem pedras, amaciados, aplainados. Aos dois – fontes, origens, inspiração, células-mater – a nossa gratidão. (LUZ, 1976, p. 509)

A representatividade destes dois psicanalistas possuía tal reconhecimento que após o falecimento de ambos, em 1981, a revista nº 1 de 1982, dedicou seis de seus doze artigos-em homenagem a Durval Marcondes, e dois artigos póstumos de Durval, um sobre conceito de interpretação e outro no qual homenageava Adelheid Koch.

A força que o pai da psicanálise exercia sobre o movimento brasileiro era inquestionável. Danilo Perestrello publicara sua conferência realizada por ocasião da abertura do Instituto da SBPRJ em 1975 em forma de artigo, na revista nº 1 de 1985, com o título “Se Freud Estivesse Vivo...”, propondo imaginar como seria o Freud “atualizado”

Devemos lembrar que Freud abraçaria o espírito desta nossa época, porque ele conseguiu abarcar o espírito da época em que viveu, porque o importante não é a solução de problemas. Hoje nós sabemos que o conceito de gênio já é outro, muito outro do que antigamente. Gênio era aquele que tinha um quociente intelectual alto, cento e não sei o que, arrebatava a escala, estourava a escala e essas coisas todas. Hoje nós sabemos que não é assim. Gênio é o resultado de um trabalho muito longo, de muito esforço, muita pertinácia, todo gênio trabalhou imensamente para ter coisas produtivas e fora do comum, mas gênio é aquele que estabelece o *corte epistemológico*. (PERESTRELLO, 1985, p. 125)

Perestrello utilizou-se de contrafactuais (HOBBSAWN, 1998): e se Freud tivesse vivo, o que pensaria do movimento psicanalítico e de seus líderes? Como ele consideraria e integraria alguns avanços recentes das Ciências e da própria Psicanálise? O autor fez conjecturas de que provavelmente Freud deslocaria a sua postura global, daquela das Ciências Naturais para uma posição mais relacionada às Ciências Humanas e Sociais (PERESTRELLO, 1985, p. 111). Danilo Perestrello entronava Freud como um gênio da humanidade.

De outra forma a consagração de Freud, Klein, Bion, Durval e Adelheid entre outros nomes pioneiros da psicanálise poderiam ser vistos também em homenagens e comemorações apresentados pelos mandatários da revista.

4.4.2 HOMENAGENS E COMEMORAÇÕES NA RBP

Encontramos nas seções da revista várias homenagens que objetivavam exaltar a figura dos mandatários da psicanálise brasileira principalmente dos analistas didatas mais influentes no movimento. Esta escrita e narrativa histórica positivista feita na revista também pôde ser constatada nos momentos de comemorações significativos para a história da revista – a comemoração de 10 anos e a de 20 anos.

Identificamos esta característica historiográfica, em que os líderes são homenageados ou pela sua obra, ou pela sua morte. Havia nos pré-textos, durante a fase paulista, e nos pós-textos, durante a fase nacional da revista, a seção denominada “Obituário” em que um psicanalista fazia uma biografia elogiosa ao falecido. Não era uma pequena citação ou informação sobre a morte de um psicanalista, pois comumente se fazia na revista um pequeno histórico de vida incluindo suas obras.

Durante a fase paulista a primeira grande homenagem foi para o empresário José Nabantino Ramos, é verdade que antes havia sido feita uma pequena exaltação à psicanalista argentina Arminda Aberastury, mas foi Nabantino coroado com a primeira grande homenagem por se tornar sócio benemérito da SBP-SP. No dia 16 de dezembro de 1967, nos salões do Automóvel Clube de São Paulo, Nabantino foi saudado por Virgínia L. Bicudo. Esta, no seu longo discurso, deixava evidente a importância de um empresário da imprensa na época para a psicanálise:

Tendo sido analisado e sentido benefícios pessoais, foi sempre sua preocupação estendê-los a outros, no âmbito de sua família e de seus amigos. O interesse em divulgar a psicanálise, aliado às suas possibilidades como diretor de um jornal que ele soube engrandecer, tornou possível entre nós a divulgação de conhecimentos de psicanálise pela imprensa. Eu mesma tive, durante meses seguidos, meia página do seu jornal para publicação de artigos com ensinamentos psicanalíticos. (BICUDO, 1967, p. 563)

Dada a importância a José Nabantino Ramos, empresário da imprensa para o movimento psicanalítico, chegava a hora de dar destaque ao principal pioneiro da psicanálise em São Paulo, Durval Marcondes. Este ganharia as páginas da seção Notícias Especial pelo prêmio recebido do Lions Clube de

São Paulo, do Jardim Paulista. Saudado por Bernardo Blay Neto com o relato histórico de sua profissão, tendo os elogios encerrados da seguinte maneira:

Tive o privilégio de assistir, este ano, à sua posse como primeiro presidente da recém-fundada Associação Brasileira de Psicanálise. Todos os colegas o saudaram de pé, aplaudindo-o como exemplo de uma vida dignificante. Com lágrimas nos olhos, Durval Marcondes nos fitou um a um e disse: “Se todas as pedras que carreguei para o alto da colina resvassem, eu as colocaria nos meus ombros e de novo subiria a colina...”. (RBP, 1968, p. 400)

Tanto Nabantino como Durval Marcondes foram saudados e agraciados em plena gestão que exerciam na revista, o que nos faz refletir sobre a sua influência direta nestas comemorações. Outro nome destacado no Noticiário Especial foi do psiquiatra e psicanalista Flávio Rodrigues Dias, desta vez por ocasião de sua aposentadoria a quem realizaram uma homenagem de despedida na SBPSP em 02 de outubro de 1968. Saudado por Paulo Gonzaga de Arruda como um poeta, Flávio R. Dias era apresentado como um sujeito afetivo:

Sua despedida vem justificar aquilo que dele diziam, quando se esforçava por saber mais da Psicanálise, antes de seu encontro com Durval Marcondes e as consequências que daí surgiram: “É um poeta...” De fato, o último contato oficial que tivemos com o nosso colega que se despedia foi um encontro emocionante, a despedida de um poeta. (ARRUDA, 1968, p. 641)

Dois nomes ainda homenageados durante a fase paulista da revista foram de Paulo Luiz Vianna Guedes, médico psiquiatra e psicanalista do Rio Grande do Sul que se tornou analista didata pela SPRJ, e de Wener Kemper, analista didata da SPRJ que completava 70 anos. Na fase nacional vários nomes tiveram espaço nos noticiários da revista: por falecimento: José Olímpio Catão Bastos, Arminda Aberastury, Mario Yahn, Mario Martins, José Nabantino Ramos, Margareth Jones Gill e Guilherme de Castro, pela Livre-Docência na UFRJ.

Chegado o ano de 1976, quando a revista completou os seus dez anos de existência, os ex-dirigentes da revista foram convidados a dar seu depoimento sobre a história da revista. Participaram o atual e antigos Diretores Superintendentes Cecil José Rezze, Durval Marcondes, David Ramos, A. L. Serpa Pessanha, o empresário José Nabantino Ramos, os analistas didatas Luiz Almeida Prado Galvão, Mario Pacheco de Almeida Prado e Gecel Luze Sztterling.

Todos escreveram um pequeno texto publicado na revista nº 1 de 1976. O texto “Mestre de Cerimônias ou pois é ...” de Cecil José Rezze, diretor superintendente naquele ano, abriu as comemorações exaltando os nomes de Parado Galvão, Nabantino, Mario Pacheco, David Ramos e Gecel Szterling, A. L. Serpa Pessanha e Durval Marcondes. Em seguida, publicou-se o texto de Luiz Almeida Prado Galvão “Pré-História e História da Revista Brasileira de Psicanálise” sintetizando a história da revista mostrando a sua origem, as condições para a edição, o apoio de Nabantino e como foi transferida para a SBP-SP. Na sequência, inseriu-se o texto do próprio Nabantino elogiando a consolidação da revista:

Foi no apogeu dessa fase que aderi ao grupo de analistas interessados na fundação da Revista Brasileira de Psicanálise, agora fazendo dez anos. Nasceu ela insegura, cheia de dificuldades porque os céticos eram muitos. Mas venceu. E sua vitória é definitiva, porque corre paralelamente com a da Psicanálise, que ciência permanente. (RAMOS, 1976, p. 13)

José Nabantino Ramos afirmou que a revista identificava-se com a própria história da psicanálise. Na sequência, viria o texto “Alguns Subsídios para História da Revista Brasileira de Psicanálise” de Mario Pacheco de Almeida Prado o qual demonstrava como foi a transferência da revista em poder da SBP-SP para a ABP e exaltava uma característica marcante – a única revista de psicanálise no mundo de língua portuguesa (RBP, 1976, p. 17). Todos os textos não cansariam de vangloriar o histórico da revista, sempre ressaltando os momentos difíceis o desempenho de seus líderes para superar as dificuldades existentes.

David Ramos, em seu texto “Dez Anos Depois”, defendeu que a revista possibilitou a aproximação entre as várias sociedades do Brasil. E ressaltava, “Fez mais: contribuiu decisivamente para o aprimoramento do espírito de pesquisa e criatividade entre os profissionais brasileiros de Psicanálise” (RAMOS, 1976, p. 22). Gecel Luzer Szterling defendia em seu texto “10º Aniversário da Revista Brasileira de Psicanálise” a ampliação dos objetivos desta:

Proponho ainda um outro grupo de trabalho relacionando à seleção de trabalhos de ciências afins à Psicanálise (filosofia, sociologia, antropologia, pedagogia, mitologia etc.) e também encarregado de transmitir obras literárias, artísticas etc., visando transformar a Revista

num veículo de conhecimentos gerais tão importantes para o aprimoramento dos psicanalistas, e adequando-os ainda mais às necessidades de todos. (SZTERLING, 1976, p. 26)

Antonio Luiz Serpa Pessanha, em seu texto “História de Trabalhadores”, narrou como foi o percurso da revista com primeiro grupo proprietário, depois a SBP-SP e a transferência para a ABP. Ele descreveu a história da revista em dois momentos: a revista-criança e a revista-adolescente. Ressaltou as dificuldades financeiras da revista e a luta para superá-las, encerrou o texto de forma idílica ao fazer apologia a Armstrong quando chegou à lua “foram pequenos passos, mas foram grandes para a Revista que, fortalecida, entrou para a sua adolescência” (PESSANHA, 1976, p. 30).

Lugar especial fora dado ao texto de Durval Marcondes com o título “Ontem e Hoje”, com o qual encerrava-se o conjunto de textos comemorativos dos 10 anos da revista. Situou a revista como resultado de um momento fundamental da psicanálise no Brasil, pois estava num momento de consolidação e necessitava de um veículo difusor de suas teorias. Durval Marcondes finalizava demonstrando seu desejo e expectativa com a revista.

É meu desejo que a nossa publicação se aprimore cada vez mais e continue desempenhando o papel que lhe cabe na expressão do progresso científico da Psicanálise no Brasil. Para quem viveu ambas as épocas – a da juventude psicanalítica e a da sua maturidade traduzida nas páginas desta Revista – a transformação realizada constitui uma grande e emocionante satisfação. (MARCONDES, 1976, p. 31)

Ainda o tema história seria discutido em dois pequenos textos nos números 2 e 4 da revista de 1976. Na revista nº 2, o analista didata da SPPA, Cyro Martins publicou “Contribuição ao Estudo da História da Psicanálise no Brasil” comentado em seguida pelo texto de Danilo Perestrello, analista didata da SPRJ. Na verdade, a contribuição de Cyro Martins, depois elogiada por Danilo Perestrello, tratava de sugerir que a revista publicasse a conferência sobre psicanálise de Medeiros e Albuquerque, proferida na Policlínica do Rio de Janeiro em 18 de novembro de 1919 e chegaria a Freud, como apontamos no primeiro capítulo. Os dois autores defendiam que não poderia ser esquecido o valor desta conferência como um marco para a história da psicanálise no Brasil, daí a necessidade de publicá-la na revista.

Em 1978, na revista nº 1, mais uma vez o analista didata Mario Pacheco de Almeida Prado publicara um artigo sobre história da psicanálise, cujo título era “Subsídios à História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – Abertura do VI Congresso Brasileiro de Psicanálise”. Resultado da conferência que fizera por ocasião do VI Congresso Brasileiro de Psicanálise sediado pela SBPRJ em 1977, Mario Pacheco expunha uma das questões mais caras para os psicanalistas ipeístas de Rio de Janeiro, a dissidência em 1951 no Instituto Brasileiro de Psicanálise que levaria posteriormente à formação da SBPRJ e SPRJ, mas ao final de seu texto transmitira a ideia de congregação trazendo os nomes dos principais fundadores no Rio de Janeiro e homenageando o primeiro psicanalista carioca.

Assim, em 1949, na cidade do Rio de Janeiro, só havia um psicanalista brasileiro formado pelos padrões da Associação Psicanalítica Internacional: Dr. Danilo Perestrello, a quem elegemos nosso Presidente de Honra neste Sexto Congresso Brasileiro de Psicanálise. (PRADO, 1978, p. 144)

O desfecho de seu texto seria reforçado com a ideia de unidade do movimento psicanalítico brasileiro, demonstrava, a partir dos dados oferecidos pela ABP, o resultado de uma psicanálise no Brasil autossuficiente, uma vez que atingira um total de 46 analistas didatas, 94 membros efetivos, 124 membros associados e 240 candidatos à formação. Concluía: “Fizemos assim, nesses trinta anos de atividades pré e psicanalíticas propriamente ditas, uma grande caminhada e uma evolução” (PRADO, 1978, p. 145).

Passadas duas décadas de existência, as comemorações de 20 anos na revista de 1986 foi bem menor em relação à 1976. O único texto que tratou deste acontecimento foi o editorial da revista n.1 de 1986 escrito por Fajga Sztterling, cujo título era “Passado, Presente... E Vinte Anos Após”. Após fazer um resumo dos textos dos psicanalistas que escreveram para as comemorações de 10 anos, ressaltaria o papel do pioneiro da psicanálise paulista e o responsável pela revista:

A filosofia de Durval Marcondes era a de colocar a Revista ao alcance de todos os interessados em Psicanálise, e não fechá-la como “circulação clandestina”, cabendo a cada autor tomar as precauções necessárias para mascarar os casos clínicos, a fim de não serem identificados, e assim poderia a Revista ser colocada em livrarias, como foi, no início. (SZTERLING, 1986, p. 7)

Demonstrando as dificuldades que a revista passou em sua história e a mudança de proprietários, reforçava que o objetivo da *Revista Brasileira de Psicanálise* era ser a porta-voz da psicanálise nacional e concluía o editorial com as seguintes palavras:

A filosofia atual da Revista é dar continuidade à comunicação dos achados psicanalíticos, e, através deste porta voz, fazer parte do coro universal daqueles que se dedicam à Psicanálise, onde os Inconscientes latino-americanos entrem em contato com outros Inconscientes americanos, europeus, etc., num diapasão de harmonia. (SZTERLING, 1986, p. 7)

Para ela, assim como para os Diretores e o Conselho editorial, a *Revista Brasileira de Psicanálise* teria uma missão a cumprir na história da psicanálise no Brasil, ser o único instrumento legítimo e veículo científico da polifonia das experiências clínicas e teóricas dos psicanalistas ipeístas. Como bem colocava Fajga Sztterling, fazer parte de um coro universal, mas num diapasão de harmonia entre o movimento psicanalista ipeísta.

Se os leitores da revista tinham condições de perceber a legitimidade de seu saber psicanalítico e de sua profissão graças a um passado “nobre”, iniciado na imagem de seu fundador e continuado pelos seus discípulos, as homenagens e comemorações além de reforçar estas ideias, contribuíam para a consolidação do lugar privilegiado que os mandatários da revista ocupavam no movimento psicanalítico brasileiro.

As representações de ciência, profissão e história demonstraram, portanto, a intensa vida societária entre os psicanalistas ipeístas e que a construção de seu saber psicanalítico, por mais que se assegurasse nas teorias kleino-bionianas para manter sua unidade e se blindar contra as adversidades externas ao movimento, não impediria a polifonia de vozes dos psicanalistas frente aos seus mandatários e prestigiados analistas didatas.

Identificar as relações de poder conforme verificamos nesta pesquisa nos assegura das discussões e propostas do historiador François Dosse que em seu texto sobre História e Psicanálise: Genealogia de uma relação propõe uma troca entre estes saberes, se a tarefa da psicanálise é informar a história sobre o sujeito, “a tarefa da história em relação à psicanálise é explicitar a relação que esta têm constantemente com o poder” (DOSSE, 2004, p. 90).

CONCLUSÃO

Escrever um Editorial é, a meu ver, uma honra e ao mesmo tempo uma responsabilidade, dois aspectos que me envolvem, num momento em que passamos por um período de transição. Transição nacional e institucional. A nacional é esta que está aí, de todos conhecida e por todos vivida. A outra, a que nos toca nestas linhas, refere-se à vida da *Revista* e seus objetivos como órgão oficial da ABP e meio difusor e integrador da Psicanálise Brasileira. A *Revista Brasileira de Psicanálise* está passando também por um período de transição. [...] É tempo de buscarmos maior participação de todas as Sociedades, não só através da publicação de trabalhos que chegam à redação, mas cabendo ao Editor e a seus colaboradores (redatores, comissão científica) estimular o debate, a crítica construtiva e o intercâmbio de idéias. A vida da *Revista* são seus assinantes e a eles devemos prestar os esclarecimentos necessários, sem que isto implique em concessões quanto à qualidade técnica e científica, as quais devem ser aprimoradas com as colaborações de todos. Contamos, por mais um ano, com o inestimável apoio e estímulo concedido pelo CNPq. Vamos ao trabalho! (RBP, 1987, p. 6)

A *Revista Brasileira de Psicanálise* publicou em suas páginas uma enorme quantidade de experiências clínicas, debates teóricos, orientações científicas, discussões sobre o ofício de psicanalista e temas que denominavam de realidade externa (política, sociedade, economia, cultura e história). Publicações que tinham o objetivo de propor um conjunto de conhecimentos para o exercício de um saber psicanalítico “científico”, “verdadeiro” e “legítimo”. O esforço para garantir estas condições que possibilitaria uma psicanálise respaldada como um saber científico, num contexto de Ditadura Militar e ampliação das práticas psis no Brasil, requeria a construção de um discurso psicanalítico articulado e hegemônico legitimado por instituições iniciadas no pai da psicanálise, Sigmund Freud, e, asseguradas em Sociedades de psicanálise e seus Institutos filiados à ABP, ao COPAL e, sobretudo, à IPA.

A lida cuidadosa com o volume de saberes produzido pelo movimento psicanalítico ipeísta sempre esteve atento a proposta kleino-bioniana como caminho para a construção e prática de um saber psicanalítico vinculado à IPA. A sugestão e defesa de um modelo kleino-bioniano de psicanálise, relacionavam-se a projetos de administração e gestão que buscavam ser reconhecidos e mantidos. Os dirigentes do movimento psicanalítico ipeísta e da revista, especialmente os analistas didatas, se outorgavam os responsáveis para traçar os rumos da profissão psicanalista e não se acanharam em proclamar a

sua qualificação - supostamente legitimada pela posse de um saber e formação específica que lhes garantiam a sua autoridade - e em colocá-los a serviço de uma psicanálise “verdadeira” e “legítima”.

Em toda produção da revista, elaborada num clima de crescimento e perspectivas, as teorias Kleino-Bionianas se colocavam como caminho a ser seguido. O grupo dirigente dos psicanalistas ipeístas que assumira estas teorias permitiram aos seus pares e subalternos uma nova abordagem psicanalítica que se propunha renovadora e moderna, mas fiel e continuísta a Sigmund Freud. Graças a esta abordagem teriam uma psicanálise respaldada numa cientificidade específica e uma profissão especializada; garantiria uma atuação clínica voltada para a realidade interna do indivíduo sem a interferência da realidade externa, ou seja, uma proposta bioniana de um exercício clínico sem desejo e sem memória. A psicanálise kleino-bioniana e sua dinâmica hegemônica tornavam-se então o modelo, o caminho redentor para todo o movimento psicanalítico brasileiro, mas ipeísta.

Sem dúvida, a psicanálise kleino-bioniana não era a única escola ipeísta, havia ainda os annafreudianos e psicologia do ego, mas a sua hegemonia no Brasil era inconteste e suas práticas ganhavam o respeito de uma clientela oriunda da classe média e elite brasileira desejosos por tratamento psíquico. As ameaças de outras correntes e o perigo de rupturas que poderiam afetar o controle e o poder dos mandatários do movimento psicanalista poderiam ser obstruídas da seguinte forma: reforçar a ideia de formação nas Sociedades e Institutos, despertando o interesse do candidato a almejar um dia ser membro efetivo e ou analista didata, ter controle sobre a abertura de novos núcleos e Sociedades psicanalíticas e manter na vida societária e na revista a hegemonia da psicanálise kleino-bioniana. Torna-se desnecessário frisar o caráter de exclusão destas formas e estratégias que privilegiava uma pequena fração dos psicanalistas. Na sua versão mais restritiva, essa representação conferia aos analistas didatas e membros efetivos a condição natural e institucional de guardiães da psicanálise. Mais do que garantir a unidade e fidelidade da psicanálise, a abordagem kleino-bioniana e ipeísta permitia o exercício do poder e uma fatia potencialmente interessante do mercado.

Se a psicanálise kleino-bioniana se propunha ofertar um caminho confiante e seguro para os psicanalistas, as demais escolas não teriam a mesma

qualidade e competência e inclusive poderiam incorrer no charlatanismo, pois não havia uma cientificidade e não garantia um processo de formação sério e criterioso firmado na análise pessoal, análise didática e supervisão como era organizado pelo movimento psicanalistas ipeísta.

Principalmente a partir do final dos anos 70 e início dos 80, quando o Regime Militar apresentava uma forte crise econômico-social e ao mesmo tempo o movimento psicanalítico brasileiro se ampliava, entrava na ordem do dia a tarefa de fortalecer na revista a psicanálise kleino-bioniana, mesmo com o aceite de artigos que tivessem outras abordagens e leituras, como exemplo, permitir artigo com crítica à realidade externa ao mesmo tempo que se publicava mais textos e ideias de Melanie Klein e Wilfred Bion.

As propostas feitas pelas Diretores e Conselho Editorial da revista eram predominantemente sobre teoria e prática clínicas ofertando uma miríade de temas durante os 20 anos pesquisados. Também sobre Ciência ofertaram uma série de artigos que demonstravam a especificidade da psicanálise enquanto um saber científico o que levou à polêmica discussão se ciência natural ou ciência humana. Em relação ao ofício de psicanalista ofertaram vários textos e artigos sobre a necessidade de especialização desta profissão e a polêmica em torno da regulamentação que ao final fora abandonada. Sobre o tempo histórico trouxeram temas o nome dos fundadores e pioneiros da psicanálise proporcionando uma hagiografia e em relação aos tempos obscuros pelo qual passavam e a realidade social presente eram comumente recalcados. Porém, eles não se confortavam em identificar estes temas, mas os limitavam à uma compreensão kleino-bioniana que deveria se desdobrar na prática clínica.

A idealização de uma revista científica por um pequeno grupo de psicanalistas paulistas foi lançada porque atenderia aos interesses societários deles, difundir a psicanálise kleino-bioniana. Este aspecto na atividade editorial do pequeno grupo de psicanalistas paulistas, edificou-se durante a fase da SBPSP e consolidou-se durante a fase em que a ABP tornou-se proprietária da revista. Ao tomar a *Revista Brasileira de Psicanálise* como fonte e objeto, percebemos que havia um projeto a ser defendido pelos Diretores e Conselhos Editoriais ao longo dos anos de 1967 a 1986.

As características e o formato adotados pelos editores permitiam uma disposição dos artigos que fortaleciam os sentidos do material textual. Seguindo

o padrão de revistas científicas da época como a de psiquiatria e fortemente influenciada pelos conteúdos do *Jornal de Psicanálise*, fundado um ano antes, a *Revista Brasileira de Psicanálise* possuía suas características próprias. Sua particularidade é que ela serviu como um repositório do que os psicanalistas apresentavam, debatiam e escreviam nas Jornadas, Congressos e Simpósios, assim como o que produziam dentro das Sociedades e dos Institutos. Esta característica foi hegemônica nas duas fases da revista, com ligeira diferença para a segunda quando houve publicação de alguns artigos originais.

Uma característica interessante da revista foi a publicação, na sequência de um artigo, um texto fazendo comentário dele. Os editores pretendiam criar, portanto, um ar de diálogo, debate e embate para mostrar a ideia de heterogeneidade, o que na verdade se mostrava enganoso, por que ao identificar os conteúdos de maior ou menor destaque ao longo do tempo, percebia-se o fortalecimento, em todas ocasiões, da perspectiva kleino-bioniana.

Ao longo de toda a primeira fase da revista, o material escrito e o iconográfico foram relacionados para edificar a psicanálise kleino-bioniana, abordagem que serviria para todos os temas. O crescimento e consolidação da revista se deram na segunda fase, quando permaneceu sob controle da ABP, era um momento em que o Regime Militar ainda estava no auge de sua repressão e autoritarismo. As publicações na revista eram predominantemente sobre clínica e teoria psicanalítica, as referências sobre a realidade externa eram indiretas e sempre aludindo a problemas parecidos, mas, longe da realidade brasileira, garantia-se a isenção política e ideológica firmada no discurso da neutralidade.

Entre os anos de 1976 a 1980, como mostramos, a revista começava a aceitar artigos com um tom mais crítico e com referências a autores além da psicanálise. Na revista, assim como no contexto sócio-político e na ampliação das práticas psis, não havia mais como segurar a diversidade de ideias. Aos poucos uma nova geração de psicanalistas vai ganhando espaço e a pluralidade de ideias irrompeu-se. Críticas até mesmo ao núcleo dirigente foram feitas e publicadas na própria revista.

A epígrafe acima foi retirada do editorial publicado em 1987, no qual podemos identificar os rumos que a revista deveria tomar. O Diretor Superintendente era ainda David Léo Levisky que ao assinar este editorial fazia

um reconhecimento ao passado da revista, especialmente ao período dirigido por Fajga Sztterling, e convocava os psicanalistas ipeístas a rumar novos percursos. Era momento de renovar e dinamizar, o título e o desfecho do texto eram persistentes: Vamos ao Trabalho! Era chegado o momento de aprimorar, estimular mais o debate e o intercâmbio de ideias, mas deixava claro, desde que fosse uma crítica “construtiva”. A revista deveria cumprir sua missão e mais agora que órgãos oficiais, como o CNPq, começavam a incentivar seus trabalhos. Cumprir a missão, mas sem abrir mão de sua qualidade técnica e “científica”.

O percurso destes psicanalistas durante as décadas de 1960, 1970 e 1980 demonstrou que as suas atividades editoriais caminharam intimamente com o seu projeto de psicanálise como ciência, fundamentada nas teorias kleinobionianas, que garantiam menos a unidade do movimento psicanalítico brasileiro que seu interesse pelo controle e poder da vida societária e a reserva do mercado de trabalho. Fizeram da revista um repositório de toda a produção que as instituições ipeístas brasileiras tinham produzido. O olhar que lançaram sobre o passado se omitindo, autocensurando e contestando revela as narrativas de si. Ainda que a *Revista Brasileira de Psicanálise* não tenha publicado artigos que defendessem ou criticassem abertamente o Regime Militar e as outras escolas psicanalíticas, ela foi capaz de aglutinar ideias que nos revelaram as tessituras do período histórico e do movimento psicanalítico. Como um testemunho, a *Revista Brasileira de Psicanálise* permite ampliar e diversificar os discursos históricos feitos até então sobre o movimento psicanalítico brasileiro e o período pesquisado.

ANEXOS

ANEXO I

**QUADRO: 4 GERAÇÕES DE PSICANALISTAS BRASILEIROS PELA
REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE**

1ª GERAÇÃO – 1938 a 1950			
<i>SBPSP</i>	<i>SBPRJ</i>	<i>SPRJ</i>	<i>SPPA</i>
Adelheid Koch, Darcy Mendonça Uchôa, Durval Bellengarde Marcondes, Flávio Rodrigues Dias, Frank Julian Philips, Isaías Hessel Melsohn, José Nabantino Ramos, Lygia Alcântara Amaral, Margareth Jones Gill, Mário Yahn, Theon Spandus, Virgínia Leone Bicudo.	Alcyon Baer Bahia, Danilo Perestrello, Décio Soares de Souza, Edgard G. de Almeida, Gerson Borsoi, Henrique Mendes, José Marafelli Filho, Marialzira Perestrello, Mario Pacheco de Almeida Prado, Oswaldo Domingues de Moraes, Walderedo Ismael de Oliveira.		Cyro Martins, David Zimmermann, Ernesto La Porta, José Lemmertz, Mário Martins, Zaira Martins, Paulo Guedes, Pinto Ribeiro, Santiago Wagner.

2ª GERAÇÃO – 1951 a 1960

<p>David Ramos, Eduardo Etzel, Elza Barra, Eugênio Mariz de Oliveira Netto, Gecel Luzer Szterling, Jayme Sandler, José Olímpio Catão Bastos, Judith S. T. de C. Andreucci, Luiz de Almeida Prado Galvão, Maurício Levy, Octávio Luiz de Barros Salles, Oscar Rezende de Lima, Roberto Azevedo, Virgílio Cunnighant Bazan, Waldemar Cardoso, Walderedo Ismael de Oliveira.</p>	<p>Alcyon Baer Bahia, Danilo Perestrello, Décio Soares de Souza, Henrique Mendes, João Cortês de Barros, Luiz Lacerda Werneck, Marialzira Perestrello, Mario Pacheco de Almeida Prado, Mark Burke, Pedro de Figueiredo Ferreira, Walderedo Ismael de Oliveira.</p>	<p>Celestino Prunes, Fábio Leite Lobo, Gerson Borsoi, Inaura Carneiro Leão Vetter, Inês Besouchet, João Marafelli, Katrin Kemper, Luiz G. Dahlheim, Noemi Silveira Rudolfer, Werner Kemper, Zenaira Aranha.</p>	<p>Fernando L. V. Guedes, Günther Wurth, José Barros Falcão, Leão Knijnik, Luis Carlos Meneghini, Manuel Antonio Albuquerque, Sérgio Paulo Annes, Avelino Costa.</p>
---	--	---	--

3ª GERAÇÃO – 1961 a 1970

Américo Rufino, Armando Bianco Ferrari, Bernardo Blay Neto, Breno Iulo Ribeiro, Eduardo Etzel, Eugênio Mariz de Oliveira Neto, Helládio Francisco Capesiano, Henrique Júlio Scholmann, João Gomes Mariante, Luiz Miller de Paiva, Maurício Levy Junior, Sílvio A. A. Barbosa.		Adolfo Hoirish, Galina Schneider, Maria P. Manhães, Waldemar Zusman.	Marcelo Blaya, Moyses Roitman, Paulo Martins Machado, Luis Carlos Meneghini.
--	--	---	--

4ª GERAÇÃO – 1971 a 1986

<p>Abrahão H. Brafman, Amazonas Alves de Lima, Amina Maggi Piccini, Ana Maria Andrade Azevedo, Antonio Carlos Eva, Antônio Carlos Pacheco e Siva F., Antonio Luiz Serpa Pessanha, Antonio Sapienza, Carlos David Segre, Carlos de Almeida Vieira, Carlos Heleodoro Pinto Affonso, Cecil José Rezze, César A. Ottalagano, Chaim José Hamer, Cléo Lichtenstein Luz, Deocleciano S. Bendocchi Alves, Deodato Curvo de Azambuja, Fabio Antônio Hermann, Fajga Szterling, Fauto Alvim Júnior, Felix Gimenes, Giuliana Milani, Humbeerto Haydt de Souza Mello, Izelinda Garcia de Barros, Izolina Fanzeres, José Longman, Júlio Frochtengarten, Luiza Tirelli, Luiz Carlos Osório, Luiz Carlos Uchoa Junqueira F., Luiz Roberto S. Candiota, Maria Cecília A. P. Gomes, Marisa Pelella Mélega, Maurício Knbel, Milton Zaidan, Myrna Pia Favilli,</p>	<p>Abram Josek Eksterman, Bruno Salésio da Silva, Francisco Carlos Doin, José Carlos S. Carpilovsky, Fernando José Barbosa, Geny Talberg, Geraldo do Prado Jucá, Heitor Fernando B. de Paola, Henrique Honigsztein, J. O. Pereira, José Barbosa Vasco, José Candido Bastos, José Carlos Martins, José Carlos Zanin, José Luiz Freda Petrucci, Julio de Mello filho, Mara Salvini de Souza, Maria de Lourdes O'Donnell, Maria Luiza Pinto, Noé marchevsky, Paulo Dias Corrêa, Paulo Martins Grimaldi, Paulo Roberto Sauberman, Pedro de Figueiredo Ferreira, Roberto Alexandre Quilelli Corrêa, Roberto Bittencourt Martins, Rosa Beatriz Pontes de Miranda, Sara Riwka Erlich, Sylvio de Mello Menezes, Yara Lansac.</p>	<p>Ana Maria Coutinho Hissa, Anna Maria Saraiva, Antonio Dutra Jr, Antonio M. de A. Barata, Carlos Antonio Garrido Pereira, Celso Cezar Papaleo, Clara Helena Portella Nunes, Dirceu de Santa Rosa, Diva dos Santos Cavalcanti, E. Portella Nunnes Filho, Edna Pereira Vilete Eduardo Mascarenhas, Eliana Maria Lobo Izaí, Ernesto Meirelles La Porta, Eugenio Davidovich, Fábio Lacombe, Helio Tolipan, Isaac José Nigri, Ivan Ribeiro, Jacob David Azulay, João Coutinho de Moura, José Ibsen, José Izai, José Lins de Almeida, Luiz G. Dahlheim Marco Antônio Caldeira Brant Saldanha, Miguel Sayad, Moisés Groisman, Moisés Tractemberg, Nylde Macedo Ribeiro, Paulo Dias Corrêa, Roberto Pinto Ribeiro,</p>	<p>Curt E. Schwarz, Antonio Luis Bento Mostardeiro, Emília Pinto Messias, Fernando Luiz Vianna Guedes, Flávio Rotta Corrêa, Germano Vollmer F , Gildo Katz, Gley Silva de Pacheco Costa, Isaac Pechansky, J. M. Santiago Wagner, Luis Carlos Osório, Marco Aurélio C. Rosa, Moysés Roitman, Nara Amália Caron, Romualdo Romanowski, Rute Stein Maltz, Sérgio D. Messias, Sérgio Paulo Annes.</p>
--	--	--	--

<p>Odilon de Mello Franco Filho, Olívia Maria Pereira de Almeida Tulha, Orestes Forlenza Neto, Oscar Resende de Lima, Paulo Cesar Sandler, Paulo de Paula e Silva, Pedro de Figueiredo Ferreira, Pérsio Osório Nogueira, Raymundo Barcellos, Ryad Simon, Sônia Curva de Azambuja, Teresa Rocha leite Haudenschild, Thelma D. B. da Silva, Viviana Minerbo, Yutaka Kubo.</p>		<p>Ronaldo Fabião Gomes, Rosanne Friedman Sigres, Rubens Molina, Sergio Ortega Terra, Suely C. Alves, Theodor Salomão Lowenkron, Victor Manoel Andrade, Waldemar Zusman, Wilson de Lyra Chebabi.</p>	
---	--	--	--

ANEXO II

**TABELA: ARTIGOS/TEXTOS PUBLICADOS NA RBP DURANTE A
DIREÇÃO DE DURVAL MARCONDES**

	TÍTULO	AUTOR	TÍTULO/FUNÇÃO	SOCIEDADE
1967.1.1	A Melancolia como Aspecto Patológico do Mecanismo de Identificação	Durval Marcondes	Doutor em Medicina e Professor de Psicologia Clínica	SBPSP USP
1967.1.2	La Existencia de la Organización Genital em El Lactante	Arminda Aberastury	Analista Didata	APA
1967.1.3	Notas para a história da Psicanálise em S. Paulo	Luiz de Almeida Prado Galvão	Membro Efetivo	SBPSP
1967.1.4	Relação Econômica Entre "Splitting, Sublimação e Sintomas Obsessivos	Virgínia Leone Bicudo	Analista Didata e Diretora	SBPSP Instituto
1967.1.5	Review of Miss Bicudo's Paper	R. E. Money Kyrle	Analista Didata	SPB
1967.1.6	Homossexualidade e Defesas Maníacas	Laertes Moura Ferrão	Membro Associado	SBPSP
1967.1.7	Adolescência	Lygia Alcântara do Amaral	Analista Didata	SBPSP
1967.1.8	Psicanálise – Ciência Específica – Psicanalista Profissão Especializada	David Ramos	—	SBPSP
1967.1.9	A Adaptação Regressiva do Ego na Esquizofrenia	Darcy M. Uchôa	Professor catedrático Analista Didata	SBPSP
1967.2.1	Avaliação da I Jornada Brasileira de Psicanálise	Virgínia Leone Bicudo	Presidente da Comissão Executiva	SBPSP
1967.2.2	"Acting-out" e Identificação Projetiva	Laertes Moura Ferrão	Membro Efetivo	SBPSP
1967.2.3	A Atuação como revivência da cena primária: papel do ataque epilético	Durval Marcondes	Doutor em Medicina e Professor de Psicologia Clínica	SBPSP USP
1967.2.4	"Acting-out", Depressão e Homossexualidade	Décio Soares de Souza	—	SBPRJ

1967.2.5	Atuação ("Acting-out") e anormalidades eletroencefálicas	Oscar Resende de Lima	—	—
1967.2.6	Édipo Rei - introdução aos comentários sobre a peça Édipo Rei	Virgínia Leone Bicudo	Diretora	SBPSP
1967.2.7	(Transcrições) Escolas Psicoterápicas "Técnicas e Bases Conceituais Freudianas"	Henrique Júlio Schlomann	Analista Didata	SBPSP
1967.2.8	(Transcrições) Sobre o Exercício da Psicanálise: uma nova profissão	Luiz de Almeida Prado Galvão	Membro Efetivo	SBPSP
1967.2.9	(Conferências) Delinquentes, personalidades psicopáticas?	J. Sandler	Membro Associado	SBPSP
1967.1.10	(TRANSCRIÇÕES) Do Delírio em Geral	Francisco Franco da Rocha	—	—
1967.3.1	A Interação Transferência-Contratransferência na Gênese do "Acting-Out"	Walderedo Ismael de Oliveira	Analista Didata	SBPRJ APA
1967.3.2	Instinto de Morte (Contribuição para uma Sistematização de seu Estudo)	Armando Bianco Ferrari	Membro Efetivo	SBPSP
1967.3.3	Anotações para Compreensão Psicanalítica da Mania	Durval Marcondes	Doutor em Medicina e Professor de Psicologia Clínica	SBPSP
1967.3.4	Reflexos da Análise Didática na Vida Científica de Sociedades de Psicanálise	Luiz de Almeida Prado Galvão	Membro Efetivo	SBPSP
1967.3.5	Sobre Dinâmica de Psicoterapia de Grupo	Eduardo Etzel	Membro Associado Membro titular	SBPSP Soc. Pta. de Psc. e Psicot. de Grupo
1967.3.6	(Transcrições) Duas Formas Ativas de Resistência à Psicanálise: Hospitalidade Declarada e Falsa Adesão	Virgínia Leone Bicudo	Analista Didata Diretora do Instituto	SBPSP
1967.3.7	Influência do "Setting" Psicoterápico em Certos Aspectos da Transferência: Psicanálise e Psicoterapia de Grupo	Sílvio A. A. Barbosa	—	SBPSP

1967.3.8	Reabilitação e Adaptação em Psiquiatria	Laertes M. Ferrão	Membro Efetivo	SBPSP
1967.4.1	Função da Adolescência	Frank Philips	Membro Efetivo	Britânica
1967.4.2	Identidade de Sexo e Estruturação do Ego	Durval Marcondes	Doutor em Medicina	SBPSP
1967.4.3	Comunicação Não-Verbal como Expressão de Onipotência e Onisciência	Virgínia L. Bicudo	Diretora do Instituto	SBPSP
1967.4.4	Instinto de Morte (Contribuição para uma Sistematização de seu Estudo)	Armando Bianco Ferrari	Membro Efetivo	SBPSP
1967.4.5	Conceito de Interpretação Grupal	Bernardo Blay Neto	Membro Associado	SBPSP
1967.4.6	(Transcrições) Considerações Sobre a Metodologia Psicanalítica	David Ramos	Membro Associado	SBPSP
1967.4.7	(Conferências) Notas à Margem de um Prefácio	Dirceu Quintanilha	Membro	SB de Psico. De Grupo
1968.1.1	A Regressão na Contratransferência	Durval Marcondes	Doutor em medicina	SBPSP
1968.1.2	Contratransferência Frente à Regressão	Luiz de Almeida Prado Galvão	Membro Efetivo	SBPSP
1968.1.3	Fobias de Espaço e Nível Esquizóide	Breno Iulo Ribeiro	Membro Aderente	SBPSP
1968.1.4	Fantasia Inconsciente, "Acting-Out" e Arte	Virgínia L. Bicudo	Diretora do Instituto	SBPSP
		Sílvio A. A. Barbosa	Membro	SBPSP
1968.1.5	Atuação Transferencial ou "Acting Out"	Luiz Miller de Paiva	Membro	SBPSP
1968.1.6	Quem Tem Medo de Virgínia Woolf: Psicanálise	Waldemar Zusman	—	SPRJ SBP DE GRUPO
1968.1.7	Profundidade e Alcance do Tratamento Psicanalítico: Atuais Restrições e Perspectivas	Durval Marcondes	Doutor em Medicina Professor de Psc. Clínica	SBPSP USP
1968.1.8	(Conferências) Recentes Tendências no Diagnóstico e Tratamento do Conflito Marital	G. Teruel	Member	Venezuela n Psychiatry Briths Psychoan alytical
1968.2.1	Os Processos de "Splitting" do Ego e do Objeto na Hipondria Crônica	Inaura Carneiro Leão Vetter	Analista Didata	SBPRJ

1968.2.2	A Regressão no Processo Analítico - Um Flagrante Transferencial	Cyro Martins	Membro Efetivo	SPPA
1968.2.3	Regressão Como Defesa contra a Depressão	Mário Pacheco de Almeida Prado	Membro Titular	SBPRJ
1968.2.4	Fobias e Ansiedades Depressivas	Fernando L. V. Guedes	Membro Associado	SPPA
1968.2.5	Considerações Sobre a Dinâmica de Campo em Regressões Severas de Pacientes Limítrofes e Psicóticos no Processo Analítico	Judith Teixeira de Carvalho Andreucci	Membro Efetivo	SBPSP
1968.2.6	A Mensagem de "Roda-Viva"	Virgínia Leone Bicudo	Diretora do Instituto Professora da Escola de Sociologia	SBPSP USP
1968.2.7	(Transcrições) Novos Aspectos da Entrevista Clínica: Dificuldades Contratransferenciais	Durval Marcondes	Doutor em Medicina Professor de Psc. Clínica	SBPSP
1968.2.8	A Auto-análise de Freud e o "Caso de Dora"	Laertes Moura Ferrão	Membro Efetivo	SBPSP
1968.3.1	Regressão e Fobia	Darcy M. Uchôa	Membro Didata	SBPSP
1968.3.2	Regressão nas Doenças Psicossomáticas	Adelheid Koch	Membro Didata	SBPSP
		Luiz Miller de Paiva	Membros	SBPSP
		Helládio Francisco Capisano	Membros	SBPSP
		Bernardo Blay Neto	Membros	SBPSP
		Eugênio Mariz de Oliveira Neto	Membros	SBPSP
1968.3.3	"Fobias de Espaço" - Relação de Objeto e Defesa Maníaca	Breno Iulo Ribeiro	Membro Associado	SBPSP
1968.3.4	Algumas Relações entre as Técnicas Defensivas Paranóide e Fóbica	Marcelo Blaya	Docente Livre	SPPA
1968.3.5	Regressão e Cena Primária: a Propósito de um Caso em Início de Análise	Moisés Roitman	Membro do Instituto	SPPA
		Paulo M. Machado	Membro do Instituto	SPPA
1968.3.6	(Transcrições - Psicanálise Aplicada) Quincas Borba - Considerações sobre o	Maria P. Manhães	Médica Psiquiatra Analista Didata	SPRJ

	Livro de Machado de Assis			
1968.3.7	(Conferências) Desvios da Sexualidade	Elza Barra	Doutora em Filosofia e Psicologia Membro	SBP
1968.4.1	Regressão no Processo Analítico	Virgínia Leone Bicudo	Diretora do Instituto	SBPSP
1968.4.2	Diferenciação entre Estado Confusional Hipocondríaco e Estado confusional Esquizofrênico	Inaura Carneiro Leão Vetter	Analista Didata	SBPRJ
1968.4.3	A Estrutura Psicológica do Delírio Esquizofrênico	Darcy M. Uchôa	Analista Didata	SBPSP EPM
1968.4.4	Contribuição ao Estudo do Mundo Interno do Fóbico	Galina Schneider	Membro Associado	SPRJ
1968.4.5	O Pré-verbal sob o Verbal	Judith Teixeira de Carvalho Andreucci	Analista Didata	SBPSP
1968.4.6	(Conferências) Alguns aspectos da Técnica da Psicoterapia Analítica de Grupos	João Gomes Mariante	Membro Titular Membro Associado	SBPSP
1968.4.7	(Conferência-resumo) "A Interação Comunicativa na Sessão Psicanalítica"	João Gomes Mariante	Membro Associado	SBPSP
1968.4.8	Aspectos Psicanalíticos da Epilepsia	Darcy M. Uchôa	Analista Didata	SBPSP EPM
1968.4.9	Psicoanálisis del Jugar	Mauricio Abadi	Membro	APA
1968.4.10	As Origens da Transferência	J. Sandler	—	SBPSP EPM

ANEXO III

**TABELA: ARTIGOS/TEXTOS PUBLICADOS NA RBP DURANTE A
DIREÇÃO DE DAVID RAMOS**

1969.1-2.1	Aspectos Técnicos no Tratamento Psicanalítico da Depressão	Mario Martins	Membro	SPPA
1969.1-2.2	Identidade de Sexo e seus Distúrbios - Aspectos Teóricos e Clínicos	Fábio Leite Lobo	Analista Didata Membro	SPRJ
		Oswaldo Domingues de Moraes	Membro	SPRJ
1969.1-2.3	Aspectos Técnicos no Tratamento Psicanalítico da Depressão	Inaura Carneiro	Analista Didata	SBPRJ
		Leão Vetter	Analista Didata	SBPRJ
1969.1-2.4	Identidade de Sexo e seus Distúrbios - Aspectos Teóricos e Clínicos	Laertes Moura Ferrão	Analista Didata	SBPSP
1969.1-2.5	Relatório Final do I Tema Oficial do I Congresso Brasileiro de Psicanálise. Identidade de Sexo e seus Distúrbios - Aspectos Teóricos e Clínicos	Cyro Martins	Analista Didata	SPPA
1969.1-2.6	Notas sobre a Interação do Mecanismos Projetivos e Introjetivos no Processo Analítico	Alcyon Baer Bahia	Analista Didata	SBPRJ
1969.1-2.7	Identificação e Identidade	Alcyon Baer Bahia	Analista Didata	SBPRJ
1969.1-2.8	(Transcrição) Estudio de la Evolución del Vínculo Objetal Entre Pérdida Paranoide y Pérdida Depresiva em el Análisis de Una Niña Fóbica	Mercedes Freire de Garbarino	Analista	APA
1969.3-4.1	Problemas do Ego Face à Identificações Míticas e Identidade de Sexo	Américo Rufino	Membro	SBPSP
		Virgínia Leone Bicudo	Diretora do Instituto	SBPSP
1969.3-4.2	Inveja e Depressão	David Zimmermann	Analista Didata	SPPA
1969.3-4.3	Reflexões sobre a Psicanálise quando sujeita à Regressão	Frank Philips	Membro Efetivo	BRIT.

1969.3-4.4	Contribuição para o Estudo de Situações Arcaicas Vivenciadas na Situação Analítica	Judith Teixeira de Carvalho Andreucci	Analista Didata	SBPSP
1969.3-4.5	Sobre a Dinâmica da Perturbação da Identidade na Despersonalização	Darcy M. Uchôa	Analista Didata	SBPSP
1969.3-4.6	Comunicação Regredida no Processo Analítico	Américo Rufino	Membro do Instituto	SBPSP
1969.3-4.7	Regressão no Processo Analítico	Marialzira Perestello	Analista Didata	SBPRJ
		Mario Pacheco de Almeida Prado	Analista Didata	SBPRJ
1969.3-4.8	Distúrbio da Identidade de Sexo em Diadorim, Personagem de "Grande Sertão: Veredas"	Cyro Martins	Analista Didata	SPPA
1969.3-4.9	O Grupo como um Todo: um Enfoque Psicanalítico	Bernardo Blay Neto	Membro SP de Psic de Grupo	SBPSP
1969.3-4.10	Comentário Crítico do Primeiro Capítulo do Livro de Herbert Resenfeld: Os Estados Psicóticos	Mário Yahn	Membro Efetivo	SBPSP
1970.1.1	A identificação Projetiva como elemento básico da Percepção	Mário Pacheco de Almeida Prado	Analista Didata	SBPSP
1970.1.2	Algumas considerações sobre aspectos técnico do tratamento psicanalítico da depressão	Mário Pacheco de Almeida Prado	Analista Didata	SBPSP
1970.1.3	La Transferencia contrasexual Y la tecnica psicoanalítica	Guillermo Arcila Arango	Analista Didata	SCP
1970.1.4	Estados de Depressão um esquema referencial teórico e técnico	Américo Rufino	Membro	SBPSP
		Virgínia Leone Bicudo	Diretora	SBPSP
1970.1.5	O Problema da observação da realidade da depressão	Frank Philips	Membro	SPB
1970.1.6	A simbolização vista através da análise de uma criança	Milton Zaidan	Membro efetivo	SBPSP
1970.1.7	Contribuição ao estudo da técnica da interpretação em psicoterapia analítica de grupo	David Zimmermann	Analista Didata	SPPA
1970.1.8	Estudio psicoanalitico del cuento "La Bella durmiente del bosque"	Eduardo Kalina	Membro	APA
		Colaboradores	Membro	APA

1970.1.9	(Transcrições) Sobre a função de psicanalista	Virgínia Leone Bicudo	Analista Didata	SBPSP
1970.2.1	Posição da Psicanálise na Psicologia e na Ciência em Geral	Durval Marcondes	Doutor em Medicina	SBPSP
1970.2.2	La identidad del analista em la situación analítica	Guillermo Sánches Medina	Membro	SCP
1970.2.3	Objeto Tanático	Breno Iulo Ribeiro	Membro Associado	SBPSP
1970.2.4	Contribuição para o estudo psicanalítico dos sonhos telepáticos	Maurício Levy Júnior	Membro Efetivo	SBPSP
1970.2.5	Freud e as Vicissitudes de uma sociedade psicanalítica	Maria P. Manhães	Membro Efetivo	SPRJ
		Adolfo Hoirish	Psiquiatra	UFRJ
1970.3.1	As perturbações do pensamento em psicanálise	Pedro Luzes	Membro Didata	SSP
1970.3.2	Troca de idéias sobre psicanálise	Laertes Moura Ferrão	Analista Didata	SBPSP
1970.3.3	Contribuição para o estudo psicanalítico dos sonhos telepáticos (Parte II)	Maurício Levy Júnior	Membro Efetivo	SBPSP
1970.3.4	Defesas maníacas e filicídio	Breno Iulo Ribeiro	Membro Associado	SBPSP
1970.3.5	(Transcrição) Distúrbios na capacidade para o trabalho	Elliot Jaques	—	SBP
1970.3.6	La Matanza de los Hijos	Arnaldo Rascovsky	Analista Didata	APA
1970.4.1	As perturbações do pensamento em psicanálise	Pedro Luzes	Membro Didata	SSP
1970.4.2	Nos domínios do instinto de morte	Angel Garma	Analista Didata	APA
1970.4.3	Correntes atuais no pensamento psicanalítico	Darcy M. Uchôa	Analista Didata	SBPSP
1970.4.4	III Pré-Congresso de analistas didatas da América Latina	Virgínia Leone Bicudo	Analista Didata	SBPSP
1970.4.5	Contribuição ao estudo da reação terapêutica negativa	Breno Iulo Ribeiro	Membro Associado	SBPSP
		Luiz de Almeida Prado Galvão	Analista Didata	SBPSP
1970.4.6	O Acting Out como falso progresso: malabarismos do instinto de morte	Judith Teixeira de Carvalho Andreucci	Analista Didata	SBPSP
1970.4.7	Três teoremas: Narcisismo - inveja - gula	Américo Rufino	Membro	SBPSP

ANEXO IV

**TABELA: ARTIGOS/TEXTOS PUBLICADOS NA RBP DURANTE A
DIREÇÃO DE ANTONIO LUIS SERPA PESSANHA**

1971.1-2.1	Criatividade	Cyro Martins	Analista Didata	SPPA
1971.1-2.2	Criatividade	Maria P. Manhães	Analista Didata	SPRJ
		E. Portella Nunes	Membro Associado	SPRJ
1971.1-2.3	Uma contribuição à Psicopatologia das psicoses e um particular da esquizofrenia	Mário Pacheco de Almeida Prado	Analista Didata	SBPRJ
1971.1-2.4	Quadros depressivos afins à melancolia	Breno Iulo Ribeiro	Membro Associado	SBPSP
1971.1-2.5	I Pré-Congresso Brasileiro de Analistas Didatas	Walderedo Ismael de Oliveira	Analista Didata	SBPRJ
		Mario Martins	Analista Didata	SPPA
		Roberto Pinto Ribeiro	Analista Didata	—
		Virgina L. Bicudo	Analista Didata	SBPSP
1971.1-2.6	(Traduções) Identidade e Ideologia	León Grinberg	Membros do Instituto	APA
		Rebecca Grinberg		
1971.1-2.7	(P. Aplicada) A criatividade em Gerges Simenon	L. C. Meneghini	Membro Associado	SPRJ
1971.3-4.1	Estudo Psicanalítico da agressão - aspectos teóricos e clínicos	Virgínia Leone Bicudo	Analista Didata	SBPSP
		Armando Ferrari	Analista Didata	SBPSP
1971.3-4.2	Estudo Psicanalítico da agressão - aspectos teóricos e clínicos	Walderedo Ismael de Oliveira	Analista Didata	SBPRJ
		Maria Luiza Pinto	Analista Didata	SBPRJ
		José Candido Bastos	Membro Associado	SBPRJ
		Roberto Bittencourt Martins	Membro Associado	SBPRJ
1971.3-4.3	Considerações sobre a latência	Maria P. Manhães	Analista Didata	SPPRJ

1971.3-4.4	(Traduções) O uso de um objeto	D. W. Winnicott	—	—
1971.3-4.5	Agressão, Édipo e Perspectiva Histórica	Leo Rangell	Presidente da IPA	IPA
1972.1-2.1	A Profissão de Psicanalista, Sua Regulamentação	Armando Bianco Ferrari	Analista Didata	SBPSP
1972.1-2.2	Regulamentação da Profissão de Psicanalista	Leão Cabernite	Analista Didata	SPRJ
1972.1-2.3	Algumas considerações sobre psicanálise como profissão e sua regulamentação	Mário Pacheco de Almeida Prado	Analista Didata	SPRJ
1972.1-2.4	Critérios de Cura	Maria P. Manhães	Analista Didata	SPRJ
		Adolpho Hoirisch	Memb. Ass.	SPRJ
		Nylde Macedo Ribeiro	Membro Associado	SPRJ
		Dirceu de Santa Rosa	Memb. Ass.	SPRJ
1972.1-2.5	Critérios de Cura	J. M. Santiago Wagner	Membros Efetivos	SPPA
		David Zimmermann	Analista Didata	SPPA
1972.1-2.6	Critérios de Cura	Waldemar Zusman	Membro Associado	SPRJ
		Jacob David Azulay	Membro Associado	SPRJ
		Paulo Dias Corrêa	Membro Associado	SBPRJ
1972.1-2.7	Algumas considerações sobre critérios para terminação de uma análise	Mário Pacheco de Almeida Prado	Analista Didata	SBPSP
1972.1-2.8	Reflexões sobre critérios de cura	—	—	—
1972.1-2.9	Critérios de Cura	Mário Yahn	Membro Efetivo	SBPSP
1972.1-2.10	Comentários sobre a experiência conseguida na prática psicanalítica	Frank Philips	Membro Efetivo	SBPSP
1972.1-2.11	Nota prévia sobre resistência e defesa proteiformes	Pedro de Figueiredo Ferreira	Membro Associado	SBPRJ
1972.3-4.1	Quatro Cartas inéditas de Freud dirigidas a um português	Maria Alice Malva do Valle	Membro	GEPPort
		Orlando Silva Santos	Membro	GEPPort
		Francisco Alvim	Membro	GEPPort

		Pedro Luzes	Membro	GEPPort
1972.3-4.2	Avaliação da Interpretação	Laertes Moura Ferrão	Analista Didata	SBPSP
1972.3-4.3	Avaliação da Interpretação	Walderedo I. de Oliveira	Membro	SBPRJ
		Maria Luiza Pinto	Membro	SBPRJ
		Roberto B. Martins	Membro	SBPRJ
1972.3-4.4	Critérios de validade da Interpretação	Inaura Carneiro Leão	Membros	SBPRJ
		Geraldo do Prado Jucá	Membros	SBPRJ
		Júlio de Mello Filho	Membros	SBPRJ
		Maria de Lourdes O'Donnell	Membros	SBPRJ
		José Barbosa Vasco	Membros	SBPRJ
1972.3-4.5	Contribuição à avaliação da interpretação	Rosa Beatriz Pontes de Miranda	Membro Titular	SBPRJ
1972.3-4.6	Incidência da realidade social no trabalho analítico	Virgínia Leone Bicudo	Diretora do Instituto	SBPSP
1972.3-4.7	Notas sobre as fantasias inconscientes da esterilidade	Maria P. Manhães	Analista Didata	SPRJ
		Adolpho Hoirisch	Membro Associado	SPRJ
1972.3-4.8	(Psicanálise Aplicada) "Filicídio" e Psicodinâmica da "Pseudogravidez"	Maurício Levy Júnior	Membro Efetivo	SBPSP
1972.3-4.9	Psicanálise e Economia Política	Victor Manoel Andrade	Membro Associado	SPRJ
1972.3-4.10	Influência Histórico-social na atitude analítica	Helladio Francisco Copisano	Membro Associado	SBPSP
		Adelheid Koch	Analista Didata	SBPSP
1972.3-4.11	(Traduções) Além da Transferência e da interpretação	Ralph R. Greenson	—	Califórnia
1972.3-4.12	Passado, Presente e Futuro da COPAL	Arnaldo Rascovsky	—	—
		León Grinberg	—	—

ANEXO V

**TABELA: ARTIGOS/TEXTOS PUBLICADOS NA RBP DURANTE A
DIREÇÃO DE CECIL JOSÉ REZZE**

1973.1.1	Influências e consequências do advento de novas teorias no manejo da técnica psicanalítica	Alcyon Baer Bahia	Analista Didata	SBPRJ
		Abran J. Eksterman	Analista Didata	SBPRJ
		Mara Salvini de Souza	Membro	SBPRJ
		Sylvio de Mello Menezes	Membro	SBPRJ
		Roberto A. Quilleli Corrêa	Candidato	SBPRJ
1973.1.2	Síntese das discussões do relatório: "influências e consequências do advento de novas teorias no manejo da técnica psicanalítica"	Dr. Paulo Grimaldi	—	—
		Dra. Clemilda Frison	—	—
		Dr. Abram Josek Eksterman	—	—
		Dr. José Carlos s. Carpilovsky	—	—
1973.1.3	Ensayo de Integración entre algunas teorias de W. R. Bion com las del psiquismo fetal	Alfonso Sánchez Medina	—	—
1973.1.4	Algumas reflexões sobre a criatividade	Eduardo Mascarenhas	Membro Associado	SPRJ
		Fábio Lacombe	Instituto	SPRJ
		José Ibsen	Instituto	SPRJ
1973.1.5	Ética médica	Cyro Martins	Analista Didata	SPRJ
1973.2.1	(Tradução) A Grade	W. R. Bion	—	—
1973.2.2	Conflito de Gerações	Darcy M. Uchôa	Analista Didata	SBPSP
1973.2.3	A Esfinge do Enigma Indecifrado	Victor Manoel Andrade	Membro Associado	SPRJ
1973.2.4	Luto pelo "Self" e Angústia do Tempo perdido	Julio de Mello filho	Membro Associado	SBPRJ
1973.3.1	(Traduções) A voz do intelecto é das mais suaves	Ralph R. Greenson	—	Califórnia
1973.3.2	O Conflito de Gerações	Galina Schneider	Membro Efetivo	SPRJ SPRJ

		Ernesto M. la Porta	Analista Didata	SPRJ
		Leão Cabernite	Analista Didata	SPRJ
		Inês Besouchet	Analista Didata	SPRJ
		Nylde Macedo Ribeiro	Membro Associado	SPRJ
1973.3.3	Síntese do Relatório: "O Conflito das Gerações"	Ivan Ribeiro	—	—
		Oswaldo Domingues de Moraes	—	—
1973.3.4	Conflito de Gerações, Emergente de Ideias Novas	César A. Ottalagano	Membro Associado	SBPSP
		Gecel L. Szterling	Membro Associado	SBPSP
		Fajga Szterling	Membro Associado	SBPSP
1973.3.5	Ofício: Psicanalista	Ivan Ribeiro	Membro Associado	SPRJ
1973.3.6	(Conferência) Psicanálise e Dependência de Drogas	Luiz G. Dahlheim	Presidente ABP	SPRJ
1973.3.7	(Tradução) Uma Apreciação Crítica do trabalho de James Strachey sobre a natureza da Ação terapêutica da Psicanálise	H. Rosenfeld	—	Londres
1973.4.1	Formação de Novos Núcleos Psicanalíticos no Brasil	Luiz G. Dahlheim	Vice-presidente da IPA	SPRJ
1973.4.2	Formação de Novos Núcleos Psicanalíticos no Brasil	Walderedo Ismael de Oliveira	Analista Didata	SBPRJ
1973.4.3	Critérios para a Formação de Novos Núcleos no Brasil	Mário Martins	Analista Didata	SPRJ
		Roberto Pinto Ribeiro	Analista Didata	SPRJ
1973.4.4	Critérios para a Formação de Novos Núcleos no Brasil	Virgínia Leone Bicudo	Analista Didata	SBPSP
		Armando Ferrari	Analista Didata	SBPSP
1973.4.5	Conflito de Gerações - Sexo x Tóxico	Jacob David Azulay	Membro Associado	SPRJ
1973.4.6	Acomodação ou Independência?	Mario Pacheco de Almeida Prado	Analista Didata	SBPRJ
1973.4.7	O Psicanalista e as Novas Teorias	Helio Tolipan	Membro Associado	SPRJ

1973.4.8	Algumas considerações sobre o desligamento (Interrupção ou término) da relação paciente-analista	Chaim José Hamer	Membro Associado	SBPSP
1973.4.9	Reação Terapêutica negativa e Identificação Projetiva	Bernardo Blay Neto	Membro Associado	SBPSP
1974.1.1	O impasse analítico	Laertes Moura Ferrão	Analista Didata	SBPSP
1974.1.2	A depressão e o Traumatismo de nascimento como seu mecanismo de instalação	Leão Cabernite	Analista Didata	SPRJ
1974.1.3	Regressão durante o processo analítico. Como consequência do ataque ao entendimento	Mário Pacheco de Almeida Prado	Analista Didata	SBPRJ
1974.1.4	Reflexões sobre o conceito de natureza humana em Psicanálise	Eduardo Mascarenhas	Membro Associado	SPRJ
1974.1.5	(Tradução) Entrevistas diagnósticas	Abrahão H. Brafman	Membro Associado	SBP
1974.2.1	Observações e reflexões sobre o trabalho psicanalítico	Luiz de Almeida Prado Galvão	Analista Didata	SBPSP
1974.2.2	Perfil trágico dos nossos dias	Mario Pacheco de Almeida Prado	Analista Didata	SBPRJ
1974.2.3	Contribución a la Metapsicología del Acting Out, em relación com la terminación del analisis. Una sugerencia técnica	Moisés Tractenberg	—	—
1974.2.4	Contribuição ao estudo dos distúrbios psicossomáticos	Breno Iulo Ribeiro	Membro Associado	SBPSP
1974.2.5	Velocidade e instinto de morte	Victor Manoel Andrade	Membro Associado	SPRJ
1974.2.6	(Tradução) Perspectivas Psicanalíticas quanto ao problema da realidade	Robert S. Wallerstein	—	—
1974.2.7	(Conferência) Un aporte a la selección	Antonio Garcia	Analista Didata	AVP
1974.3.1	Psicanálise: investigação ou terapia?	Membros da sociedade venezuelana de Psicanálise	—	—
1974.3.2	Psicanálise: investigação ou terapia?	Sérgio Paulo Annes	Membro Efetivo	SPPA
		L.C. Meneghini	Membro Associado	SPPA

1974.3.3	(Sínteses) Psicanálise: Investigação ou Terapia?	Sylvio Raya Ibañez	—	—
		Dra. Clara B. de R. Garazino	—	—
		Arlindo José	—	—
		Adeodato Cunha	—	—
		Beatriz Piccoli	—	—
		Eduardo Riojas Leal	—	—
		Antonio L. b. Mostardeiro	—	—
		Gabriel A. Miranda e Lemos	—	—
1974.3.4	Metáfora e Montagem - modelo em psicanálise	Carlos Heleodoro Pinto Affonso	Membro Associado	SBPSP
1974.3.5	(Tradução) Uma perspectiva psicanalítica a conduzir ao síndrome da conciliação da integridade	Leo Rangell	—	—
1974.4.1	O Pensamento Psicanalítico de Alcyon Baer Bahia	Dra. Mara Salvini de Souza	—	—
		Outros médicos	—	—
1974.4.2	Identificação e Identidade na cultura atual	Argentinos	—	APA
1974.4.3	Identificação e Identidade na cultura atual	José Remus Araico	Analista Didata	APM
1974.4.4	(Sínteses) Identificação e Identidade na Cultura atual	Isaac Pechansky....	—	—
1974.4.5	A Transferência como Mecanismo de Defesa	Waldemar Zusman	Membro Titular	SPRJ
1974.4.6	Identidade no processo analítico - Micro-experiências de Identidades parciais	Mário Pacheco de Almeida Prado	Analista Didata	SPBRJ
1974.4.7	A analogia, a simetria e a polivalência no uso da interpretação - construção	Leon Grinberg	Membro	APA
		Dario Sor	Instituto	SBPSP
		Elizabeth T. de Bicanchedi	Membro	SBPSP
1975.1.1	O Ego e o Id, cinquenta anos depois	Carlos Plata Mújica	Membro Titular	SCP
		Tufik Meluk	Membro Titular	SCP
1975.1.2	O Ego e o Id, cinquenta anos depois	Elizabeth Tabak de Bianchedi	Membros	APA
		Outros	Membros	APA

1975.1.3	Aspectos Mágico-terapêuticos nos rituais afro-brasileiros	João Gomes Mariante	Membro Efetivo	SBPSP
1975.1.4	Sobre uma possível metodologia	Fausto Alvim Júnior	Dep Matemática	SBPSP
		Humberto Haydt de Souza Mello	Instituto	SBPSP
1975.1.5	(Tradução) Pscanálise - Ciência, Pesquisa e Estudo de Gêmeos	Dr. Edward D. Joseph	Diretoria	IPA
1975.2.1	As resistências nas etapas finais dos tratamentos psicanalíticos (novas contribuições)	Angel Garma	Analista Didata	APA
1975.2.2	Édipo no Monte Citeron	Arnaldo Rascovsky	Membro Titular	APA
1975.2.3	Sistemas de Investigação em Psicanálise	Edgardo H. Rolla	Membro Titular	APA
1975.2.4	O Distúrbio diabético, expressão somática de dificuldade no processo de identificação	Enrique Obsfeld	Membro Associado	APA
1975.2.5	A Sessão Psicanalítica	Fídias R. Césio	Membro Titular	APA
1975.2.6	Contribuição ao estudo de uma função: a função-beta	Breno I. Ribeiro	Membro Efetivo	SBPSP
		Armando B. Ferrari	Analista Didata	SBPSP
1975.2.7	(Tradução) Metodologia e Pesquisa em Psicopatologia Metodologia e Pesquisa em Psiquiatria	John Rickman	Membro	Londres
1975.3.1	Uma Forma particular de iniciar a psicanálise	Hernan Davanzo C	Membro Titular	APC
1975.3.2	Corpo, Afeto e Linguagem	Luiz A. Chiozza	Membro Titular	APA
1975.3.3	Reconsideração do Capítulo III "O Ego e o ID". Sua aplicação ao tema "Identidade e Identificação na Cultura Atual"	Ricardo Avenburg	Membro Titular	APA
1975.3.4	Comentário sobre o Método Psicanalítico	Ernesto M. La Porta	Membro Efetivo	SPRJ
1975.3.5	(Tradução) A prática dos sonhos na Clínica Psicanalítica	Charles Brenner	—	—
1975.4.1	Sobre as relações arcaicas entre o Ego e o Id - Evolução das primitivas relações de objeto	Arnaldo Rascovsky	Membro Titular	APA
		Matilde Rascovsky	Membro Titular	APA

1975.4.2	Reflexões sobre técnica Psicanalítica - sobre transferência		Membro Titular	APA
		Ricardo Avenburg Marcos Guiter	Membro Associado	APA
1975.4.3	Os adolescentes e Prática Psicanalítica	Santiago Korin	Membro Titular	APA
1975.4.4	Uma Contribuição ao estudo dos aspectos teóricos e clínicos do masoquismo na situação psicanalítica	Marcelo Blaya	Membro Associado	SPPA
1975.4.5	A propósito do Leonardo de Freud	Sergio Ortega Terra	—	SPRJ
1975.4.6	(Tradução) Observações sobre uma tendência da Teoria da Psicanálise	H. A. Thorner	Membro Titular	BPS
1975.4.7	(Transcrição) Psicologia da Mulher	Maria P. Manhães	Analista Didata	SPRJ
1975.4.8	(Psicanálise Aplicada) Contribuições para uma Psicoterapia de grupo com coronariopatas	Jayne Sandler	Membro Associado	SBPSP
1975.4.9	Comentários sobre o trabalho "Contribuições para uma Psicoterapia de grupo com coronariopatas"	Roberto B. Martins	Membro Associado	SBPRJ
1976.1.1	Pré-História e História da Revista Brasileira de Psicanálise	Luiz de Almeida Prado Galvão	Analista Didata	SBPSP
1976.1.2	Revista para Sempre	José Nabantino Ramos	Diretor-superint.	—
1976.1.3	Alguns subsídios para História da Revista Brasileira de Psicanálise	Mário Pacheco de Almeida Prado	Analista Didata	SBPRJ
1976.1.4	Dez anos depois	David Ramos	Membro Efetivo	SBPSP
1976.1.5	10º Aniversário da Revista Brasileira de Psicanálise	Gecel Luzer Szterling	Analista Didata	SBPSP
1976.1.6	História de trabalhadores	Antonio Luiz Serpa Pessanha	Diretor Superintendente	—
1976.1.7	Ontem e Hoje	Durval Marcondes	Membro Efetivo	SBPSP
1976.1.8	V Congresso Brasileiro de Psicanálise - Alguns problemas da pesquisa em Psicanálise na atualidade	David Zimmermann	Analista Didata	SPPA
1976.1.9	Discurso na abertura do V Congresso Brasileiro de Psicanálise em Porto Alegre	Laertes Moura Ferrão	Analista Didata	SBPSP

1976.1.1 0	Teoria Estrutural e Relações de Objeto	Gecel Luzer Szterling	Analista Didata	SBPSP
		Cesar A. Ottalagano	Membro Efetivo	SBPSP
		Felix Gimenes	Membro Associado	SBPSP
		Fajga Szterling	Membro Associado	SBPSP
		Pérsio O. Nogueira	Membro Associado	SBPSP
1976.1.1 1	Teoria Estrutural e Relações de Objeto	Leão Cabernite	Analista Didata	SPRJ
		Antonio Dutra Jr.	Analista Didata	SPRJ
		Oswaldo Domingues de Moraes	Membro Associado	SPRJ
		Gabriel de A. de Miranda e Lemos	Membro Associado	SPRJ
1976.1.1 2	Teoria Estrutural e Relações de Objeto	Abram J. Eksterman	Membro Associado	SBPRJ
1976.1.1 3	Teoria Estrutural e Relações de Objeto	Germano Vollmer F.	Membro Associado	SPPA
1976.1.1 4	Sínteses	Bernardo Blay Neto	—	—
		Paulo Martins Grimaldi	—	
		Sylvio Raya Ibanez	—	
		José Candido Bastos	—	
1976.1.1 5	Critérios para a qualificação de analistas-didatas e peculiaridades da análise didática - subsídios para o V Pré-Congresso Didático	Luiz de Almeida Prado Galvão	Analista Didata	SBPSP
1976.2.1	A Elaboração (Working Through) no processo analítico	Thelma D. B. da Silva	Membro Associado	SBPSP
		Yutaka Kubo	Membro Efetivo	SBPSP
1976.2.2	A Elaboração (Working Through) no processo analítico	Leão Cabernite	Analista Didata	SPRJ SPRJ
		Inês Besouchet	Membro Associado	SPRJ SPRJ
		Helio Tolipan	Analista Didata	SPRJ
		João Coutinho de Moura	Membro Associado	SPRJ

1976.2.3	A Elaboração (Working Through) no processo analítico	Walderedo Ismael de Oliveira	Analista Didata	SBPRJ
		Maria Luiza Pinto José Candido	Analista Didata	SBPRJ
		José Candido Bastos	Membro Associado	SBPRJ
		Roberto Bittencourt Martins	Membro Associado	SBPRJ
1976.2.4	A Elaboração (Working Through) no processo analítico	Antonio Luis	Instituto	SPPA
		Bento Mostardeiro	Instituto	SPPA
		Emília Pinto	Membro Associado	SPPA
		Messias Isaa	Membro Associado	SPPA
1976.2.5	Síntese	Adolfo Hoirisch	—	—
		Romualdo Romanowski	—	—
1976.2.6	Realidade Social e Psicanálise	Mário Pacheco de Almeida Prado	Analista Didata	SBPRJ
1976.2.7	Comentário	David Ramos	Membro Efetivo	SBPSP
1976.2.8	Contribuição ao Estudo da História da Psicanálise no Brasil	Cyro Martins	Analista Didata	SPPA
1976.2.9	Comentário	Danilo Perestrello	Analista Didata	SBPRJ
1976.2.10	Considerações sobre a análise de uma personalidade psicótica	Judith Teixeira de Carvalho Andreucci	Analista Didata	SBPSP
1976.2.11	Freud, Fliess, Cocaína	Sérgio Ortega	Membro	SPRJ
1976.3.1	Os aspectos fundamentais das modificações psíquicas na prática clínica: "espontâneas", em psicoterapia de orientação analítica e na psicanálise	David Zimmermann	Analista Didata	SPPA
1976.3.2	Indução na Interpretação	Jorge Eduardo de Gregório	Membro	APA
1976.3.3	Sobre a elaboração psicanalítica	Mário Yahn	Membro Efetivo	SBPSP
1976.3.4	Comentário	Marialzira Perestrello	Analista Didata	SBPRJ
1976.3.5	Sobre a Teoria Psicanalítica	Eugenio Davidovich	Membro	SPRJ
1976.3.6	(Psicanálise aplicada) Uma abordagem psicanalítica da	Fernando Luiz Vianna Guedes	Analista Didata	SPPA

	lendo sul-riograndense "O negrinho do pastoreio"			
1976.4.1	Experiência Psicanalítica: uma "novidade"	Deocleciano B. Alves	Membro Associado	SBPSP
		Paulo de Paula e Silva	Membro Associado	SBPSP
1976.4.2	Comentário	Romualdo Romanowski	Membro Associado	SPPA
		Paulo Martins Machado	Instituto	SPPA
1976.4.3	Comunicação em Psicanálise de Adolescentes	Luiz Carlos Osório	Instituto Membro Associado	SPPA
1976.4.4	Narcisismo e Vicissitudes do direito nas sociedades de psicanálise	Raymundo Barcellos	Membro Efetivo	SBPSP
1976.4.5	Identificação projetiva e Instinto de Morte - uma contribuição à Psicologia do Ego	Victor Manoel Andrade	Membro Titular	SPRJ
1976.4.6	Novas sugestões sobre elaboração em Psicanálise	Deodato Curvo de Azambuja	Membro Associado	SBPSP
1976.4.7	Comentário	Paulo Dias Corrêa	Membro Associado	SBPRJ
1976.4.8	A Psicanálise em São Paulo - Jubileu de Prata. Homenagem a Durval Marcondes e Adelheid Koch	Cléo Lichtenstein	Membro Efetivo	SBPSP
1977.1.1	Importância do fator visual na Neurose Compulsiva - "Peeping Tom"	Maria P. Manhães	Analista Didata	SPRJ
1977.1.2	Comentário	Samuel D. Lipton	Autor	—
		Leo Rangell	Presidente de Mesa	—
		Frances Gitelson	Secretária de Mesa	—
1977.1.3	Diálogos sobre "Os Silêncios" na Experiência Psicanalítica	Laertes Moura Ferrão	Analista Didata	SBPSP
		Deocleciano S. Bendocchi Alves	Membro Efetivo	SBPSP
1977.1.4	Comentário	Inaura Carneiro Leão	Analista Didata	SBPRJ
1977.1.5	Formas ocultas de amor no tratamento psicanalítico. Relação com o desenvolvimento emocional primitiva	Paulo Martins Grimaldi	Membro Titular	SBPRJ
1977.1.6	Um objetivo para a apresentação de material	Eduardo Laverde Rubio	Membro Titular	SCP

	clínico (confrontação de identificações)			
1977.1.7	(Tradução) Dinamismos das Interpretações transferenciais	Paula Heimann	Membro Titular	British
1977.2.1	Estudo de uma atuação no desenvolvimento da análise	Bernardo Blay Neto	Membro Efetivo	SBPSP
1977.2.2	Comentário	Antonio Dutra Jr.	Analista Didata	SPRJ
1977.2.3	Controle	Pedro de Figueiredo Ferreira	Membro Associado	SBPSP
1977.2.4	Psicanálise e Medicina: um confronto	Odilon de Mello Franco Filho	Instituto Membro Associado	SBPSP
1977.2.5	(Psicanálise Aplicada) Criatividade e poesia uma aproximação psicanalítica	L. C. Meneghini	—	—
1977.2.6	(Psicanálise Aplicada) Desenho como expressão inconsciente do ego corporal	Anna Maria Saraiva	Instituto Membro Associado	SPRJ
1977.2.7	(Tradução) A contribuição da análise de crianças para o treino de análise de adultos	Robert S. Wallerstein	Membro Titular	American

ANEXO VI

**TABELA: ARTIGOS/TEXTOS PUBLICADOS NA RBP DURANTE A
DIREÇÃO DE FAJGA SZTERLING**

1977.3.1	Psicanálise: uma visão diferente	Mário Yahn	Membro Efetivo	SBPSP
1977.3.2	Frustração Oral e Falicidade	Maria P. Manhães	Analista Didata	SPRH
1977.3.3	Narcisismo e Vicissitudes do direito nas sociedades de psicanálise	Cecil José Rezze	Membro Associado	SBPSP
		Deocleciano B. Alves	Membro Efetivo	SBPSP
		Orestes Forlenza Neto	Membro Efetivo	SBPSP
		Pérsio Osório Nogueira	Membro Associado	SBPSP
1977.3.4	Uma criança em silêncio	Noé marchevsky	Membro Associado	SBPRJ
1977.3.5	O lugar da teoria na formação psicanalítica - uma visão do candidato	Moisés Groisman	Membro Associado	
		Rubens Molina	Membro Associado	SPRJ
1977.3.6	Contribuição da análise de crianças ao ensino de análise de adultos	Calvin F. Settlage	Membro Efetivo	American
1977.3.7	Relatório do Terceiro Encontro Pré-Congresso de Candidatos, Londres, 1975 - Formação de uma organização Internacional de Estudantes de Psicanálise	—	—	—
1977.3.8	(Conferência) A Psicologia de um neurologista - Freud e as suas teorias sexuais.	Medeiros de Albuquerque	—	—
1977.4.1	O sentido da técnica em psicanálise	E. Portella Nunnes Filho	Membro Titular	SPRJ
1977.4.2	A psicanálise como contribuição ao Humanismo	Curt E. Schwarz	Membro Associado	SPPA
1977.4.3	O paciente dorme durante a sessão (sobre a observação de um padrão no curso de um tratamento)	José Carlos Zanin	Membro Associado Instituto	SBPRJ

1977.4.4	Contribuição para o estudo da psicodinâmica da alucinação	Paulo de Paula e Silva	Membro Associado	SBPSP
1977.4.5	A função da apercepção objetiva externa no processo da doutrinação	Armando Barrquete Castellón	Membro Titular	AP Mexicana
1977.4.6	Investigação em terapia - traslado de fantasias inconscientes do sintoma para modelos de interação do diálogo psicanalítico	David Liberman	Membro Titular	APA
1977.4.7	(Conferência) Algumas reflexões sobre a metapsicologia freudiana	Darcy M. Uchôa	Analista Didata	SBPSP
1978.1.1	Os afetos e a situação psicanalítica - aspectos teóricos, técnicos e clínicos.	Curt E. Schwarz	Membro Associado	SPPA
1978.1.2	Afetos e a situação analítica - teoria, clínica e técnica	Ernesto M. La Porta	Membro efetivo e analista didata	SPRJ
		José Lins de Almeida	Membro Efetivo	SPRJ
		Lenice O. Sales	Membro Associado	SPRJ
		Jacob David Azulay	Membro Associado	SPRJ
		Clemilda Barbosa de Souza Carlos	Membro Associado	SPRJ
		A. Garrido Pereira	Membro Associado	SPRJ
		Clara Helena Portella Nunes	Membro Associado	SPRJ
1978.1.3	Síntese dos Grupos de discussão	João Szpilman	—	—
1978.1.4	Síntese Geral dos grupos de discussão	Luiz Antonio B. de Toledo	—	—
1978.1.5	Os afetos e a situação psicanalítica - sobre o afeto de "solidão"	Milton Zaidan	Membro Efetivo	SBPSP
1978.1.6	Síntese do Grupo	Paulo Martins Grimaldi	—	—
1978.1.7	Algumas vicissitudes da Ansiedade	Yara Lansac	Membro Titular	SBPRJ
1978.1.8	Comentários sobre o trabalho "algumas vicissitudes da ansiedade" de Yara Lansac	Laertes Moura Ferrão	Analista Didata	SBPSP

1978.1.9	(Conferência) Subsídios à História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro - Discurso de Abertura do VI Congresso Brasileiro de Psicanálise	Mario Pacheco de Almeida Prado	Analista Didata	SBPRJ
1978.1.10	(Conferência) Discurso de Abertura do VI Congresso Brasileiro de Psicanálise	Marialzira Perestrello	Analista Didata	SBPRJ
1978.2.1	Os afetos e a situação psicanalítica - aspectos teóricos, técnicos e clínicos.	Paulo Dias Corrêa	Membro Titular	SBPRJ
1978.2.2	Círculos em torno dos afetos na situação analítica	Deodato Curvo de Azambuja	Membro Associado	SBPSP
1978.2.3	Síntese do grupo de discussão	Wilson de Lyra Chebabi	—	—
1978.2.4	Síntese Geral dos grupos de discussão	Abram Josek Eksterman	—	—
1978.2.5	A dor "fingida" e a dor de verdade sentida	Marcelo Blaya	Membro Associado	SPPA
1978.2.6	Síntese do grupo de discussão (grupo E)	Adolpho Hoirisch	—	—
1978.2.7	A validação da interpretação em psicanálise	Eugenio Davidovich	—	SPRJ
1978.2.8	(Conferência) Destruição e construção na obra de arte: o instinto de morte na experiência estática	Durval Marcondes	Membro Efetivo	SBPSP
1978.3.1	A interferência dos impulsos destrutivos no desenvolvimento da noção do self. Estados de entranhamento	Mario Pacheco de Almeida Prado	Analista Didata	SBPRJ
1978.3.2	Síntese do grupo de discussão	David Zimmermann	—	—
1978.3.3	Identificação projetiva e Instinto de Morte - uma contribuição à Psicologia do Ego	Victor Manoel Andrade	Membro Efetivo	SPRJ
1978.3.4	Fragmentos da análise de um psicopata	Raymundo Barcellos	Membro Efetivo	SBPSP
1978.3.5	Síntese do grupo de discussão	Luiz Carlos Meneghini	—	—
1978.3.6	Sobre o conceito atual de narcisismo - introdução a seu estudo	Fernando Luiz Vianna Guedes	Analista Didata	SPPA
		Marco Aurélio C. Rosa	Membro Associado	SPPA
		Flávio Rotta Corrêa	Membro	SPPA

1978.3.7	(Psicanálise Aplicada) Algumas reações contratransferenciais no tratamento de crianças e pais adotivos	Paulina F.	—	EUA
		Kernberg M. D.		
1978.3.8	(Transcrição) A técnica psicanalítica	Mark Burke	Analista Didata	—
1978.4.1	Considerações sobre o sentimento de despersonalização	Inaura Carneiro Leão	Analista Didata	SBPRJ
1978.4.2	Síntese	Stela Maris Garcia Loureiro	—	—
1978.4.3	Algumas idéias sobre afetos e situação analítica	Henrique Honigsztejn	Membro Associado	SBPRJ
1978.4.4	Síntese do grupo de discussão	Gecel Luzer Szterling	—	—
1978.4.5	Problemas de análise de neurose de caráter	Fajga Szterling	Membro Associado	SBPSP
1978.4.6	Problemas na análise do caráter	Deodato Curvo de Azambuja	Membro Associado	SBPSP
		Antonio Sapienza	Membro Associado	SBPSP
		César A. Ottalagano	Membro Efetivo	SBPSP
1978.4.7	O acting-out psicossomático	Moisés Groisman	Membro Associado	SPRJ
1978.4.8	(Tradução) Para uma clarificação do conceito de narcisismo	Burness E. Moore	Corpo Docente	EUA
1978.4.9	(Conferência) Eu vi um balão azul	Laertes Moura Ferrão	Analista Didata Presidente da ABP	SBPSP ABP
1979.1.1	Vicissitudes de uma Compulsão	Paulo Dias Corrêa	—	—
1979.1.2	Reflexões sobre a questão do "precisar de "na experiência analítica	José Carlos Martins	—	SBPRJ
1979.1.3	Sobre o narcisismo como função homeostática	Darcy M. Uchôa	Analista Didata Professor de Psiquiatria	SBPSP Universidade Federal de São Paulo
1979.1.4	Sobre as possibilidades - impossibilidades de análise numa personalidade narcísica	Moisés Groisman	Membro Associado	SPRJ
1979.1.5	Contribuição para o estudo da interpretação em psicanálise	Bernardo Blay Neto	Membro Efetivo	SBPSP

1979.1.6	O simbolismo do vidro	Maria P. Manhães	Analista Didata Membro Efetivo	SPRJ IPA
1979.1.7	O sono da Branca de Neve	Edna Pereira Vilete	Membro Associado	SPRJ
1979.1.8	(Tradução) Homenagem ao centenário de nascimento de Karl Abraham	Serge Lebovici	Membro Titular	Société Psychanaly tique de Paris
1979.2.1	Supervisão	Frank Philips	Analista Didata Membro Efetivo	SBPSP
1979.2.2	Supervisão como método para aprender a analisar	Luiz Werneck	Membro Titular Analista Didata	SBPRJ
1979.2.3	Sobre a elaboração dos elementos psicóticos no processo analítico	Mário Pacheco de Almeida Prado	Membro Titular Analista Didata	SBPRJ
1979.2.4	"... Apenas um arabesco em torno do elemento essencial-inatingível"	Deocleciano B. Alves	Membro Efetivo	SBPSP
		Pérsio Osório Nogueira	Membro Associado	SBPSP
1979.2.5	Desvios Sexuais-Algumas considerações psicanalíticas	A. Carlos Pacheco e Silva F.º	Membro Efetivo	SBPSP
1979.2.6	O inconsciente e suas relações topográficas	Leão Cabernite	Analista Didata	SPRJ
1979.3.1	Esquema de projeto para um estudo da "relação analítica"	A. Ferrari	Analista Didata	SBPSP
		E. Garroni	Roma	—
1979.3.2	Um Apanhado de Sessão Psicanalítica	Paulo Dias Corrêa	Membro Titular	SBPRJ
1979.3.3	Aquele Olhar: Vivências psicanalíticas com alguém que não podia ver	Judith T. C. Andreucci	Analista Didata	SBPSP
1979.3.4	O Quarto Golpe	Victor Manoel Andrade	Membro Efetivo	SPRJ
1979.3.5	Psicopatologia da transferência e contratransferência na psicanálise atual	José Lins de Almeida	Membro Efetivo Analista Didata	SPRJ Núcleo Psicanalític o do Recife
1979.3.6	Movimentos de uma Dupla	Carlos David Segre	Instituto	SBPSP
1979.4.1	Feminilidade	Maria P. Manhães	Analista Didata	SPRJ

1979.4.2	Uma Face do Tumulto	Paulo Dias Corrêa	Membro Titular	SBPRJ
1979.4.3	A psicanálise terapia-conhecimento	Moisés Groisman	Membro Associado	SPRJ
1979.4.4	(Tradução) Como tornar proveitoso um mau negócio	Wilfred R. Bion	Membro Efetivo	British Psychoanalytical Society
1979.4.5	(Tradução) Concepções sobre o afeto	André Green	Membro Titular	Société Psychanalytique de Paris
1980.1.1	A influência da teoria e da prática da Psicoterapia sobre a formação psicanalítica	David Zimmermann	Analista Didata	SPPA
1980.1.2	A inclusão do "Acting-out" terapêutico na interpretação durante a psicanálise de adolescentes	Maurício Knobel	Membro Associado	SBPSP
1980.1.3	"Ilusão de Holding" e a função materna - considerações	Suely C. Alves	Membro Associado	SPRJ
1980.1.4	E o rei está nu: reflexões sobre a neutralidade	Odilon de Mello Franco Filho	Membro Associado	SBPSP
1980.1.5	(Tradução) Análise do Caráter impulsivo: estudo linguístico e modos de comunicação como hipóteses de previsibilidade	David Rosenfeld	Membro Titular	APA
1980.2.1	Fantasia e realidade no homem contemporâneo	Abram Eksterman	Membro Associado	SBPRJ
1980.2.2	O Momento da Psicanálise	Fábio Herrmann	Membro Associado	SBPSP
1980.2.3	A Personalidade neurótica e a personalidade psicótica na experiência da prática psicanalítica	Edna Pereira Vilete	Membro Associado	SPRJ
1980.2.4	Aspectos de um momento de crise	Heitor Fernando B. de Paola	Membro Associado	SBPRJ
1980.2.5	Nota Prévia: apreciação psicanalítica sobre a dinâmica inconsciente do diabético	Celso Cezar Papaleo	Membro Associado	SPRJ
1980.2.6	(Conferência) Dilemas na produção científica da psicanálise no Brasil	Virginia Leoni Bicudo	Analista Didata	SBPSP
		Odilon de Mello Franco Filho	Membro Associado	SBPSP
1980.2.7	(Psicanálise Aplicada) Aspectos dinâmicos da	Gley Silva de Pacheco Costa	Instituto	SPPA

	agressão no filme "Irmão Sol, Irmã Lua"	Romualdo Romanowski	Membro Associado	SPPA
1980.2.8	(Tradução) O Direito ao segredo: condição para poder pensar	Piera Aulagnier	Analista Didata	Paris Quatrième Group
1980.3.1	Psicodinamismo do processo analítico	Durval Marcondes	Membro Efetivo	SBPSP
1980.3.2	Instinto de Morte	Galina Schneider	Analista Didata	SPRJ
1980.3.3	Três sonhos de um adolescente obsessivo	Noé marchevsky	Membro Associado	SBPRJ
1980.3.4	Alguns aspectos de um caso clínico: notas sobre ansiedade de separação e sentimentos de inveja, ciúme e voracidade	Antonio M. de A. Barata	Analista Didata	SPRJ
1980.3.5	Além da Experiência supervisionada	José Longman	Membro Associado	SBPSP
1980.3.6	Nota Prévia: psicologia da mulher	Sérgio Ortega Terra	Membro Associado	SPRJ
1980.4.1	Psicanálise das Psicoses	Mário Pacheco de Almeida Prado	Analista Didata	SBPRJ
1980.4.2	Nascimento, violência e poder	Victor Manoel Andrade	Membro Efetivo	SPRJ
1980.4.3	Freud e a teoria freudiana	Eugenio Davidovich	Membro Associado	SPRJ
1980.4.4	Alguns aspectos de um caso clínico: notas sobre ansiedade de separação e sentimentos de inveja, ciúme e voracidade II	Antonio M. de A. Barata	Analista Didata	SPRJ
1980.4.5	O analista e a água em que o bebê foi lavado na banheira	Odilon de Mello Franco Filho	Membro Efetivo	SBPSP
1980.4.6	(Tradução) A Intuição no processo de conhecimento em Psicanálise	Guillermo Sanchez Medina	Membro Efetivo	Colombia
1980.4.7	(In Memoriam) Dr. Cyro Ferreira de Camargo	Teresa Rocha leite Haudenschild	Aluna Instituto	SBPSP
1981.1.1	Algumas notas a propósito do conceito de narcisismo na escola americana	Leão Cabernite	Analista Didata	SPRJ
1981.1.2	A participação e orientação das figuras ambientais na análise de crianças, adolescentes e psicóticos	Galina Schneider	Analista Didata	SPRJ
1981.1.3	Circuncisão e Crucificação. Significado e caráter antitético dos símbolos	Moisés Tractenberg	Analista Didata	SPRJ

	ornamentais contendo linhas cruzadas			
1981.1.4	A Explicação	Bernardo Blay Neto	Membro Efetivo	SBPSP
1981.1.5	Linguagem e interpretação	Clara Helena Portella Nunes	Membro Associado	SPRJ
1981.1.6	(Tradução) Alguns comentários sobre temporalidade na situação psicanalítica	Guillermo Sanchez Medina	Membro Titular	Colombia
1981.2.1	Análise e Síntese	Victor Manoel Andrade	Membro Efetivo	SPRJ
1981.2.2	Regressão na mulher	Isaac José Nigri	Membro Associado	SPRJ
1981.2.3	As dissidências entre os psicanalistas e a concorrência capitalista	Wilson de Lyra Chebabi	Membro Associado	SPRJ
1981.2.4	(Tradução) Cesura	Wilfred R. Bion	Membro Efetivo	BRITISH
1981.2.5	(Nota Prévia) A Psicanálise, o psicanalista e a Instituição	Ronaldo Fabião Gomes	Membro Associado	SPRJ
1981.2.6	(Psicanálise Aplicada) Regressão narcísica e suicídio	Marco Antônio Pires Cordeiro	Membro Associado	SPRJ

ANEXO VII

**TABELA: ARTIGOS/TEXTOS PUBLICADOS NA RBP DURANTE A
DIREÇÃO DE NEYLA REGINA FRANÇA**

1981.3.1	Preservação e alteração do "Setting" na análise	Cecil José Rezze	Membro Efetivo	SBPSP
1981.3.2	A formação psicanalítica como fenômeno transacional	José Izai	Membro Associado	SPRJ
1981.3.3	O resto é sonho (ainda sobre a neutralidade do analista)	Odilon de Mello Franco Filho	Membro Efetivo	SBPSP
1981.3.4	A inveja do pênis	Isaac José Nigri	Membro Associado	SPRJ
1981.3.5	(Artigo em destaque) Freud: as dimensões do missivista (comunicação e personalidade)	Marco Aurélio de Moura Matos	Direto	—
1981.4.1	Pensar - Pensamento	Maria Emília Lino da Silva	Psicóloga	USP
		Cecília Montag Hirchozon	Membro Associado	SBPSP
1981.4.2	Paternidade	Maria P. Manhães	Analista Didata	SPRJ
1981.4.3	Observações sobre o masoquismo primário	Piera Aulagnier	—	—
1981.4.4	O futuro da psicanálise como ciência e terapia	Victor Manoel Andrade	Membro Efetivo	SPRJ
1981.4.5	(Artigo em Destaque) Algumas reflexões acerca da supervisão	Yutaka Kubo	Membro Efetivo	SBPSP
1981.4.6	(In Memmoriám) Mário Alvarez Martins (1908-1981)	David Zimmermann	Analista Didata	SPPA
1982.1.1	Durval Marcondes em Lapidação 8/8	Luiz de Almeida Prado Galvão	Analista Didata	SBPSP
1982.1.2	Até qualquer dia, amigo Durval!	David Ramos	Membro Efetivo	SBPSP
1982.1.3	O mestre Dr. Durval Bellegarde Marcondes	Amina Maggi Piccini	Membro Efetivo	SBPSP
1982.1.4	Oração para homenagear a memória de Durval Marcondes	Ryad Simon	Instituto	SBPSP
1982.1.5	Durval Bellegarde Marcondes	Carlos David Segre	Membro Associado	SBPSP

1982.1.6	Durval Marcondes: suas contribuições à medicina psicossomática	Luiz Miller de Paiva	Membro	SBPSP
1982.1.7	Seleção de candidatos (contribuição ao estudo dos ambientes dos institutos)	David Zimmermann	Analista Didata	SPPA
1982.1.8	Considerações sobre situações de crise no processo analítico	Heitor Fernando B. de Paola	Membro Titular	SBPRJ
1982.1.9	Reflexões sobre análise terminável e interminável uma autocrítica da psicanálise	Victor Manoel Andrade	Analista Didata	SPRJ
1982.1.10	Tempos Modernos e o psicanalista de hoje em dia	P. J. Van Leeuv	—	Amsterdan
1982.1.11	(Artigo em Destaque) Conceito de Interpretação em Psicanálise	Durval Marcondes	—	SBPSP
1982.1.12	(Conferência) Homenagem póstuma à Dra. Adelheid Koch	Durval Marcondes	—	SBPSP
1982.2.1	Técnica em análise de criança	Izelinda Garcia de Barros	Membro Efetivo	SBPSP
1982.2.2	Reflexões sobre o tema: técnica de psicanálise de crianças	Myrna Pia Favilli	Membro Efetivo	SBPSP
1982.2.3	Reflexões sobre a técnica da análise de crianças e adolescentes	Sônia Curva de Azambuja	Membro Efetivo	SBPSP
1982.2.4	Material de estudo: função psicanálise	Luiz Roberto S. Candiota	Membro Associado	SBPSP
1982.2.5	Analisabilidade em relação à psicopatologia precoce	David Zimmermann	Analista Didata	SPPA
1982.2.6	Maternidade, orgasmo e instinto de morte: uma contribuição à psicologia da mulher	Victor Manoel Andrade	Analista Didata	SPRJ
1982.3.1	Melanie Klein	Armando Bianco Ferrari	Analista Didata	SBPSP
1982.3.2	Inter-Relação da Observação da Inter-Relação Mãe-filho com o trabalho psicanalítico	Rosa Beatriz Pontes de Miranda	Analista Didata	SBPRJ
1982.3.3	Melanie Klein (1882-1960) - Uma visão atual	Edna O'Shaughnessy	Membro	Britânica
1982.3.4	Breve estudo sobre a feminilidade	J. O. Pereira	Analista Didata	SBPRJ
1982.3.5	(Transcrição) Transferência, tempo e morte	Amazonas Alves de Lima	Membro Efetivo	SBPSP

		Fábio Herrmann	Membro Efetivo	SBPSP
1982.3.6	(Conferência) Meu encontro com Melanie Klein	H. A. Thorner	Membro	Britânica
1982.3.7	(Conferência) Relação Analítica: Sistema ou Processo?	Armando Bianco Ferrari	Analista Didata	SBPSP
1982.4.1	Um exame sobre a projeção	J. O. Pereira	Membro Titular	SBPRJ
1982.4.2	Continuidade e Renovação na obra de Melanie Klein	Eugenio Davidovich	Membro Associado	SPRJ
1982.4.3	Alguns aspectos na evolução do tratamento psicanalítico de uma criança de três anos de idade	Geny Talberg	Membro Associado	SBPRJ
1982.4.4	Instinto de Morte e Tanatofilia	Moisés Tractenberg	Membro Efetivo	SPRJ
1982.4.5	Ou/ou: uma contribuição ao problema da simbolização e da sublimação	Hans Thorner	—	S Inglesa de Psicanálise
1983.1.1	Instituição e Crise (a visão dos pacientes)	Roberto Alexandre Quilelli Corrêa	Membro Titular	SBPRJ
1983.1.2	Supervisão - ensino ou terapia	Moisés Groisman	Membro Associado	SPRJ
1983.1.3	O Messias	Yutaka Kubo	Membro Efetivo	SBPSP
1983.1.4	Identidade e Identificação: uma revisão conceitual	Luiz Carlos Osório	Membro Efetivo	SBPPA??
1983.1.5	Sobre a função receptiva do analista	Peter G. Thomson.	—	Toronto
1983.1.6	(Conferência) Três níveis da consciência brasileira	Viléin Flusser	Filósofo	—
1983.1. suplemento	Índices Remissivos	—	—	—
1983.2.1	O criminoso por sentimento de culpa	Amina Maggi Piccini	Membro Efetivo	SBPSP
1983.2.2	Nascimento e autismo: considerações sobre a relação psicótica precoce mãe-bebê	Adriano Giannotti	—	—
		Giuliana de Astis	—	—
1983.2.3	A Análise de criança na formação psicanalítica	Maria P. Manhães	Analista Didata	SPRJ
1983.2.4	O Corpo em Psicanálise - Acerca do Esquema Corporal	David Rosenfeld	—	—

1983.3.1	A Indumentária: reflexões sobre um código de perturbações de identidade	Ana Maria Coutinho Hissa	Membro Associado	SPRJ
1983.3.2	Nota sobre um caso de hipocondria no decurso de luto patológico	Darcy M. Uchôa	Analista Didata	SBPSP
1983.3.3	Contribuição ao Estudo do Narcisismo Patológico	Marco Aurélio Rosa	Membro Associado	SPPA
1983.3.4	A Elaboração Teórica e o Trabalho	Luiz Carlos Uchoa Junqueira Filho	Membro Associado	SBPSP
1983.3.5	(Transcrição) Novos rumos na psicologia psicanalítica do "self"	Ernest S. Wolf	Analista Didata	Chicago
1983.3.6	(Conferência) A Querela das Interpretações - a Leitura como trabalho	Renato Mezan	Doutor em Filosofia	PUC
1983.4.1	O Homem Psicanalítico - Identidade e Crença	Fábio Herrmann	Membro Efetivo	SBPSP
1983.4.2	A construção da interpretação e a transferência verbal do analista	Odilon de Mello Franco Filho	Membro Efetivo	SBPSP
1983.4.3	Considerações sobre a Estados Primitivos da mente através da análise de um jovem com sérios distúrbios no contato	Maria Cecília Andreucci Pereira Gomes	Membro Associado	SBPSP
1983.4.4	Narcisismo Original: aspectos teóricos e clínicos - Um estudo metapsicológico da gênese da atividade mental	Victor Manoel Andrade	Membro Efetivo	SPRJ
1983.4.5	(Tradução) O papel da agressividade na estrutura patológica precoce	Adriano Giannotti Giuliana de Astis	—	—
1984.1.1	Entraves à produção de trabalhos psicanalíticos	Carlos Doin	Membro Titular	SBPRJ
1984.1.2	Sobre o narcisismo patológico - um ensaio de técnica e psicanálise aplicada	Edna Pereira Vilete	Analista Didata	SPRJ
1984.1.3	Inconsciente	Romualdo Romanowski	Analista Didata	SPPA
1984.1.4	Regressão no processo analítico	Mário Pacheco de Almeida Prado	—	—
1984.1.5	(Tradução) Algumas novas perspectivas sobre o "borderline"	James S. Grotstein	—	—

1984.2.1	Documento de Trabalho sobre a Transferência	Paulo Martins Machado	Membro Associado	SPPA
1984.2.2	As somatizações na transferência e na contratransferência	Helladio Francisco Capisano	Membro Efetivo	SBPSP
1984.2.3	Comentários	Virginia Leoni Bicudo	Analista Didata	SBPSP
1984.2.4	Transferência nas neuroses	Carlos António Garrido Pereira	Membro Associado	SPRJ
1984.2.5	Transferência nas perversões	Clara Helena Portella Nunes	Membro Titular	SPRJ
1984.2.6	Problemas da transferência na técnica psicanalítica, com ênfase especial na transferência narcísica	Paulo Roberto Sauberman	Membro Titular	SBPRJ
1984.2.7	Transferência na Psicoses	Heitor Fernando B. de Paola	Membro Efetivo	SBPRJ
1984.2.8	Comentários	Carlos Doin	Membro Associado	SBPRJ
1984.3.1	Sobre a produção de trabalhos psicanalíticos	Heitor Fernando Bandeira de Paola	Analista Credenciado	SBPRJ
1984.3.2	Contribuição ao estudo do objeto interno	Ryad Simon	Membro Associado	SBPSP
1984.3.3	Considerações sobre o processo psicanalítico	Ana Maria Coutinho Hissa	Analista Didata	SPRJ
1984.3.4	Minha experiência com pacientes ditos "narcísicos"	Paulo Roberto Sauberman	Membro Titular	SBPRJ
1984.3.5	Vicissitudes da aquisição do sentimento de identidade durante o processo puberal	Luis Carlos Osório	Membro Efetivo	SPPA
1984.3.6	Um jovem psicanalista trabalhando	Marisa Pelella Mélega	Membro Efetivo	SBPSP

ANEXO VIII

**TABELA: ARTIGOS/TEXTOS PUBLICADOS NA RBP DURANTE A
DIREÇÃO DE LUCIANO MARCONDES GODOY**

1984.4.1	A agressividade na sociedade contemporânea: um enfoque psicanalítico	Eugênio Davidovich	Membro Titular	SPRJ
1984.4.2	A agressividade na sociedade contemporânea: um enfoque psicanalítico	Carlos Antonio Garrido Pereira	Membro Efetivo	SPRJ
1984.4.3	A agressividade na sociedade contemporânea: um enfoque psicanalítico	Ernesto Meirelles La Porta	Membro Efetivo	SPRJ
1984.4.4	A agressão e suas manifestações na transferência e na contratransferência	Nara Amália Caron	Membro Associado	SPPA
		Rute Stein Maltz	Membro Associado	SPPA
1984.4.5	A agressão e suas manifestações na transferência e na contratransferência	David Epelbaum Zimmerman	Membro Efetivo	SPPA
1984.4.6	O papel da agressividade nas psicoses - ataque ao Pensamento	Heitor Fernando B. de Paola	Analista Credenciado	SBPRJ
1984.4.7	O papel da agressividade nas psicoses	José Luiz Freda Petrucci	Membro Titular	SBPRJ
1984.4.8	O papel da agressividade nas psicoses	Bruno Salésio da Silva Francisco	Membro Titular	SBPRJ
1984.4.9	O intervalo e a pele	Fabio Antônio Herrmann	Membro Efetivo	SBPSP
1985.1.1	Homossexualismo: uma aproximação clínico-teórica	Avelino Ferreira Machado Neto	Instituto	Brasília
1985.1.2	Contranarcisismo como instrumento positivo de trabalho	Eliana Maria Lobo Izaí	Membro Associado	SPRJ
		Diva dos Santos Cavalcanti	Psicoterapia analítica de grupo	SPAGRJ
1985.1.3	Intuição: lacuna teórica na psicanálise	Amina Maggi Piccini	Membro Efetivo	SBPSP
1985.1.4	Considerações sobre a psicogênese da neurose e do caráter obsessivos	Gley Costa Gildo Katz	Instituto	SPPA
1985.1.5	Transferência Narcísica?	Darcy Uchôa	—	—

1985.1.6	Notas sobre o aprendizado-ensino a propósito da Psicanálise	Miguel Sayad	Instituto	SPRJ
1985.1.7	Se Freud estivesse vivo...	Danilo Perestrello	—	—
1985.1.8	Evidência	Wilfred R. Bion	—	—
1985.2.1	El punto de vista económico	Willy Perinot	—	—
1985.2.2	Em Marcha à ré pela fonte da saudade	Fernando José Barbosa Rocha	Membro Titular	SBPRJ
1985.2.3	Psicanálise e Medicina Psicossomática	Oscar Resende de Lima	Membro Efetivo	SBPSP
1985.2.4	Reflexões sobre o conceito de angústia de castração	Edna Pereira Vilete	Membro Efetivo	SPRJ
1985.2.5	As Estruturas Institucionais psicanalíticas e seus efeitos sobre a formação do analista: linhas de poder e ideologias pedagógicas	Chaim José Hamer	Membro Efetivo	SBPSP
		Odilon de Mello Franco Filho	Membro Efetivo	SBPSP
1985.2.6	(Tradução) O Eclipse do objeto originário concreto - (O.O.C)	Armando Ferrari	Analista Didata	SBPSP
		Giuliana Milani	Psicoterapeuta infantil	—
		Luisa Tirelli	Psicoterapeuta infantil	—

ANEXO IX

**TABELA: ARTIGOS/TEXTOS PUBLICADOS NA RBP DURANTE A
DIREÇÃO DE DAVID LÉO LEVISKY**

1985.3.1	Linguagem e inconsciente	E. Portella Nunes	Membro Efetivo	SPRJ
		Clara Helena Portella Nunes	Membro Efetivo	SPRJ
1985.3.2	Debate sobre "Linguagem e Inconsciente" de E. Portella Nunes e Clara Helena Portella Nunes	Wilson de Lyra Chebabi	Membro Efetivo	SPRJ
1985.3.3	O Inconsciente na Clínica Psicanalítica	Fernando L. V. Guedes	Membro Efetivo	SPPA
1985.3.4	O Inconsciente na Clínica Psicanalítica - vínculo de sentido e vínculo emocional	Sérgio D. Messias (relator)	Membro Associado	SPPA
1985.3.5	O Inconsciente na Clínica Psicanalítica - introdução ao debate	L. C. Meneghini (debatedor)	Membro Efetivo	SPPA
1985.3.6	Problemas de Identidade e Identificação em Psicanálise	Izelinda Garcia de Barros	Membro Efetivo	SBPSP
1985.3.7	Comentando	Viginia Leone Bicudo	Analista Didata	SBPSP
1985.3.8	Identificação e Identidade na moderna psicologia do "self"	Inaura Vaz Carneiro Leão (Relator)	Analista Didata	SBPRJ
		Paulo Roberto Sauberman (Relator)	Analista Didata	SBPRJ
1985.3.9	Identificação e Identidade na moderna psicologia do "self"	Henrique Honigsztejn	Membro Titular	SBPRJ
1985.3.10	(Tradução) Um bebê de um ano vai a creche - uma parábola de tempos confusos	Donald Meltzer	M. D.	Oxford
1985.4.1	Intuição: lacuna teórica na psicanálise	Amina Maggi Piccini	Membro Efetivo	SBPSP
1985.4.2	Transferência e Contratransferência: das manifestações transferenciais	Sara Riwka Erlich	Membro Titular	SBPRJ

1985.4.3	Modelos e Conjeturas - transformações do analista frente ao material clínico	Ana Maria Andrade Azevedo	Membro Efetivo	SBPSP
1985.4.4	Um sistema de organização defensiva - alguns aspectos relativos à prática clínica	Olívia Maria Pereira de Almeida Tulha	—	SBPSP
1985.4.5	A contratransferência do analista de crianças	José D. Waksman	—	Buenos Aires
1986.1.1	As múltiplas faces do self - imagens refletidas das identificações introjetivas	Virgínia Leone Bicudo	Membro Efetivo e Analista Didata	SBPSP
1986.1.2	O núcleo da mágoa crítica (um estudo psicanalítico sobre certas vivências depressivas arcaicas)	Maria Cecília A. P. Gomes	Membro Associado	SBPSP
1986.1.3	A Dissociação na gênese e manutenção do processo analítico	Izolina Fanzeres	Membro Associado	SBPSP
		Luiz Carlos Osório	Membro Efetivo	SPPA
1986.1.4	O Escudo Protetor	Marco Antônio Caldeira Brant Saldanha	—	Instituto de Ensino de Psicanálise - SPRJ
1986.1.5	Algumas reflexões a partir da prática analítica	Júlio Frochtengarten	Membro Associado	SBPSP
1986.1.6	Restrições à conversa em Psicanálise	Antonio Carlos Eva	Membro Associado	SBPSP
1986.1.7	(Tradução) Mais além... Do Prazer - a palavra e a repetição	Norberto Carlos Marucco	—	Buenos Aires
1986.1.8	(Resenha de Livros) The Long Week-End	Wilfred R. Bion	—	—
1986.2.1	Dependência e resistências narcísicas no processo psicanalítico	Dr. Pedro J. Boschan	—	Associação Psicanalítica de Buenos Aires
1986.2.2	Laio ou a Fertilidade Impossível	Sônia Curva de Azambuja	—	—
1986.2.3	Notações sobre o cotidiano analítico à luz das transformações em alucinação	Odilon de Mello Franco Filho	Membro Efetivo	SBPSP
1986.2.4	Tentativa de abordagem psicanalítica de um caso de autismo infantil	Rosanne Friedman Sigres	Membro do Instituto	SPRJ

1986.2.5	Uma interpretação dos fatos	Paulo Cesar Sandler	Membro Associado	SBPSP
1986.2.6	(Tradução) Afetos e Self-objetos	Daphne D. Socarides	—	New York
		Robert D. Stolorow		
1986.2.7	(Resenha) The Collected papers of Roger Money-Kyrle	Roger Money-Kyrle	—	—
1986.3.1	Impotência Sexual - I - Um caso clínico	Theodor Salomão Lowenkron	Membro Associado	SPRJ
1986.3.2	Freud e Bion: um tipo de convergência?	Carlos de Almeida Vieira	Membro efetivo	SBPSP
1986.3.3	A identificação e suas vicissitudes em relação ao fenômeno nazista	Davi Rosenfeld	—	Buenos Aires
1986.3.4	A analisabilidade e a relação analista-analisando	Marco Aurélio Rosa	—	SPPA
1986.3.5	(Tradução) O Paciente de difícil acesso	Betty Joseph	—	Londres
1986.3.6	(Resenha) How does analysis cure?	Heinz Kohut	—	Chicago
1986.4.1	Impotência Sexual II - desenvolvimento da análise e terminação	Theodor Salomão Lowenkron	Membro Efetivo e Membro Titular	SPRJ e SBPRJ
1986.4.2	A Meia Ponte	Viviana Minerbo	Membro Associado	SBPSP
1986.4.3	Memória e Psicanálise	Victor Manoel Andrade	Membro Efetivo	SPRJ
1986.4.4	Convergência das várias teorias psicanalíticas	Fábio Herrmann	—	SBPSP
1986.4.5	Mudanças	Ana Maria Andrade Azevedo	Membro Efetivo	SBPSP
1986.4.6	A Mitologia e a Realidade da Maternidade	Sonia Curvo de Azambuja	Membro Efetivo	SBPSP
1986.4.7	(Tradução) Introdução a uma metapsicologia da contratransferência	Pierre Fédida	Membro Titular	Association Psychalytique de France
1986.4.8	(Resenha) Home is where we start from (Essays by a Psychoanalyst)	Donald W Winnicott	—	—

ANEXO X**TABELA: SUGESTÕES DE LIVROS E LEITURAS NA RBP**

FASE PAULISTA (1967-1970)	
1967.1	Introdução à obra de Melanie Klein. Hanna Segal – Companhia Editora Nacional (1966), Biblioteca Universitária – Série 4ª – Ciências Aplicadas – Vol. 3 – Tradução e notas de Mirtes Brandão Lopes.
	Jornal de Psicanálise. Seu terceiro número foi dedicado a uma revisão bibliográfica sobre “acting out”, tema oficial do próximo XXV Congresso Internacional de Psicanálise e da I Jornada Brasileira de Psicanálise.
1967.2	Vocabulaire de Psychanalyse. J. Laplanche et J. -B. Pontalis – Presses Universitaires de France. Paris. 1967. Preço: F. 50. 520 págs.
	Thomas Woodrow Wilson, Em Estudo Psicológico. Freud, Sigmund, e Bullitt, William – Houghton Mifflin Co., Boston – 1967. U. S. \$6,00. 307 págs.
	História, Enseñanza y Ejercicio legal del Psicoanálisis. Aberastury A. Aberastury M., Cesio F. R. – Buenos Aires, Editora Bibliográfica Omeba, 1967. 141 págs.
	Os Elementos da Psicanálise. W.R. Bion – Zahar Editores (1966) – Tradução de Jayme Salomão e Paulo Dias Correa. NCR\$ 5,00. 212 págs.
1967.3	El contexto del Proceso Analítico. Emílio Rodriguè-Geneviève T. de Rodriguè – Editorial Paidós, Buenos Aires, 1966, 245 p.
	The Pycho-Analytical. Proceso Meltzer, Donald - - William Heinemann - Londres, 1967, 109 p., 20 xelins
	Jornal de Psicanálise completa um ano de vida. Na seção de Transcrições está reproduzida, neste número, o editorial de autoria de Virgínia Leone Bicudo publicado no JORNA DE PSICANÁLISE em seu 4º. N.º de seu 2º ano, em maio de 1967.
1967.4	Culpa y depresión. Estudio Psicoanalítico. Léon Grinberg - Editorial Paidos, Buenos Aires, 247 páginas.
1968.1	Os Estados Psicóticos. Tradução: Paulo Dias Corrêa e Jayme Salomão (membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio Janeiro). Capa: Érico - Zahar Editôres - Coleção Psiche-Brasil - Rio de Janeiro - 285 p. preço NCr\$ 9,00
1968.2	Ética Y Psicoanálisis. Erik H. Erikson, - Ediciones Hormé S.A.E. - Buenos Aires, 1967
1968.3	Diálogo sôbre a Lógica do Conhecimento Anísio Teixeira e Maurício Rocha e Silva - Edart - São Paulo - Livraria Editora Ltda. 1968. 116 p. Preço NCr\$ 5,00.
	Psichoarhigiene y Psicologia Institucional - José Bleger - Ed. Paidos - Buenos Aires - 211 págs

1968.4	História da Psiquiatria (Uma Avaliação do Pensamento e da Prática Psiquiátrica desde os tempos primitivos até o presente). Alexander, Franz G. Selesnick, Sheldon T. Tradução: Aydano Arruda - Ibrasa - São Paulo - 1968. Biblioteca "Psicologia e Educação" - Capa de Hélio Almeida - 573p. NCr\$ 20,00
1970.1	Amor Contra o Ódio. Karl Menninger - Ibrasa - 1969 - Trad. De Olga Biar Laino - Capá de Italo cencini com montagem de Alberto Nacer - NCr\$ 15,00 - 282 pgs.
1970.2	The Vital Balance (O Equilíbrio Vital: O Processo da Vida, na Saúde e na Doença) Karl Menninger, com Martin Mayman e Paul Pryser, Viking Press, N. York, 1963.
1970.3	Amor, Odio Y Perversion. Guillermo Sanchez Medina - Tercer Mundo - Bogotá, 1969.
1970.4	Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud - vol. XI. com os comentários e notas de James Strachey. Comentários do prof. Dr. Décio Soares de Souza. Prefácio Especial de Anna Freud à Edicação Brasileira.
	Noções Básicas de Psicanálise. Charles Brenner - Imago Editora Ltda. Rio de Janeiro, 1969. Tradução de Ana Mazur Spira e redação final de Clotilde da Silva costa e Luiz Fernando Cardoso. capa de Marius Lauritzen Bern. Direção e revisão técnica de Jayme Salomão. Cr\$ 17,00. 198 págs. prefácio de Paulo dias Correa.
	Amor, Ódio e Reparação. Melanie Klein e Joan Rivière - Imago Editora Ltda. Rio de Janeiro, 1970. Tradução de Maria Helena Senise. Direção geral e revisão técnica de Jayme Salomão. Cr\$ 18,00. 179 págs.
	Experiências com Grupos. W. R. Bion - Imago Ed. Ltda. Rio de Janeiro, 1970. A trad. e o prefácio são de autoria de Walderedo ismael de Oliveira. Cr\$ 18,00. 185 págs.

ANEXO XI**TABELA: SUGESTÕES DE LIVROS E LEITURAS NA RBP**

FASE NACIONAL (1971-1986)	
1971.1-2	Revista Uruguaya de Psicoanálisis. Tomo XII, n.1 e 2 , 1970.
1972.1-2	Revista Uruguaya de Psicoanálisis.- Tomo XIII, n 1, 1971.
1974.4	Revista Uruguaya de Psicanálise , tomo XIV, circulará a partir de fevereiro de 1975.
1975.1	Psychoanalysis: Science And Profession. Maxwell Gitelson. Int. Universities Press, Inc., New York, pp xiv-439, 1973.
	Revista Uruguaya de Psicoanálisis. tomo XIV, fevereiro de 1975.
1975.2	Doutrinação E Psicanálise - Cuadernos de la Asociación Psicoanalítica Mexicana, A.C. Nº 1. Editorial Samo, 1974, México.
1975.3	Crises De Identidade. Adolpho Hoirisch - Tese de Concurso à Livre Docência em Clínica Psiquiátrica, Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1970, 112p. Off-Set. Endereço do Autor: Rua Toneleros 30, apto. 601, Rio de Janeiro
	Psiquiatria dinâmica. J. Coderch. Barcelona: Editorial Herder, 1975, 378 páginas.
1975.4	À Sombra Do Plátano , L. C. Meneghini. Editado pelo Autor (Rua Fernandes Vieira, 89), Porto Alegre, 1974, 198 páginas.
	Revista Uruguaya de Psicoanálisis , Tomo XIV, fevereiro de 1975.
1976.3	Psiquiatria Social (Barcelona: Ed. Herder S/A, 1976 - 432p.
	Revista Uruguaya de Psicoanálisis. Desde 1956. Tema Lacan.
1976.4	O Complexo de Édipo na Psicanálise e na Análise de Grupo. Leão Cabernite e Paulo Dias Corrêa. Imago Ed., Rio de Janeiro, 1976, 201 págs.
1977.3	Estudos Psicanalíticos. S. P. Annes; L. C. Meneghini; R. Pinto; R. Romanowski; e G. Fº. Vollmer - <i>Estudos Psicanalíticos</i> , Copyrgh dos Autores, Porto Alegre, 1974.
1977.4	Evolução da Psicanálise - A. C. Pacheco e Silva Filho, Imago Editora, Rio de Janeiro, 1976.
1978.4	Implicações da especialização cerebral E-D, para obtenção e avaliação de dados psicanalíticos. Kenneth A. Grigg. <i>int, Ver, Psycho-Anal.</i> 4:449, 1997.

1979.3	<p>Revista de la Sociedad Colombiana de Psicoanálisis. São divulgados os n.ºs 1 e 2 do Vol. 3 (1978) da revista Colombiana.</p> <p>Revista Uruguaya de Psicoanálisis. Resumo sobre o conteúdo dos volumes n.ºs 57 e 58 da revista Uruguaya.</p>
1981.4	<p>O Desenvolvimento Kleiniano. Parte 1: O Desenvolvimento Clínico de Freud. D. Meltzer. 1978.</p>
1982.3	<p>KLEIN. Hanna Segal – Editado por Fank Kermodé, na série <i>Modern Masters</i>, Fontana, Londres, 1979. 164 págs.</p>
1982.4	<p>The Kleinian Development, Part II -Melanie Klein. D. Meltzer. Petshire, Clunie Press, 1978, Volume 2.</p>
1983.1	<p>O Mito Da Civilização Atlântica. Glauber Rocha, cinema, política e a estética do inconsciente. Rquel Gerber, Petrópolis, Vozes, 1982.</p>
1986.1	<p>The Long Week-end: volume I: 1897 - Part of a Life. Volume II - "All my Sins Remembered" (Family Letters). Resenha de Livro feita por Paulo Cesar Sandler (membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo).</p>
1986.2	<p>The Collected Papers of Roger Money-Kyrle. Resenha de Livros por: Paulo C. Sandler. Escócia, 1978.</p>
1986.3	<p>How Does Analysis Cure?. Resenha de Livro feita por Heinz Kohut, editado por Arnold Goldberg e Paul Stepansky.</p>

FONTES

A REVISTA, Reimpressão fac-similar. São Paulo: Metal Leve S/A, 1978.

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE, São Paulo: Editora Itacolomi S. A., 1967.

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE, São Paulo: Revista Brasileira de Psicanálise S/A, 1968-1970

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE. Vol. V, São Paulo: Associação Brasileira de Psicanálise, 1971-1987

REVISTA DE ANTROPOFAGIA, Edição fac-similar. Editora Abril Ltda e Metal Leve S/A. São Paulo: Abril S/A Cultural e Industrial, 1975.

VERDE, REVISTA DE ARTE E CULTURA, Anno 1, N. 5, Cataguazes, 1928.

ARTIGOS E FONTES

ANDRADE, Victor M. A Esfinge do Enigma Indecifrado. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.7, n.2, p.186-196, 1973.

_____. O Futuro da Psicanálise como Ciência e Terapia. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.15, n.4, p. 309-317, 1981.

_____. Nascimento, Violência e Poder. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.14, n.4, p. 415-432, 1980.

_____. Psicanálise e Economia Política (Uma análise do dinheiro). **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.6, ns.3-4, 1972.

AZEVEDO, Ana Maria Andrade de. Editorial - A Crise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.18, n.1, p.5-6, 1984.

AZULAY, Jacob David. Conflitos de Gerações – Sexo x Tóxico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 7, n. 4, p. 427- 433, 1973.

BARCELLOS, Raymundo. Narcisismo e Vicissitudes do Direito nas Sociedades de Psicanálise. **Revista Brasileira Psicanálise**, São Paulo, v.10, n.4, p. 443-452, 1976.

BICUDO, Virgínia Leone. A Mensagem de “Roda-Viva”. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.2, n.2, p. 231-244, 1968.

_____. Homenagem ao Prof. José Nabantino Ramos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.1, n.4, p. 562-569, 1967.

_____. Incidência da Realidade Social no Trabalho Analítico. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.6, ns.3/4, p.282-305, 1972.

_____. Sobre a Função de Psicanalista, **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.4, n.1, p.120-123, 1970.

_____. Transcrição - Duas formas Ativas de Resistência à Psicanálise: Hostilidade Declarada e Falsa Adesão. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.1, n.3, p.402-404, 1967.

_____; FRANCO FILHO, Odilon de Mello. Dilemas da Produção Científica e da Psicanálise no Brasil. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 14, n.2, p.201-216, 1980.

CABERNITE, Leão. Regulamentação da Profissão de Psicanalista. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.6, n.1/2, p.28-36, 1972.

CARPILOVSKY, José Carlos S, et. Al. Grupo D - Síntese das Discussões do Relatório: "Influências e Conseqüências do Advento de Novas Teorias no Manejo da Técnica Psicanalítica". **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 2, n.1, p. 59-60, 1973.

CHEBABI, Wilson de Lyra. As Dissidências entre os Psicanalistas e a Concorrência Capitalista. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 113-122, 1981.

CORRÊA, Roberto Alexandre Quilelli. Instituição e Crise (A visão dos pacientes). **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 19-30, 1983.

DAHLHEIM, Luiz Guimarães. Editorial. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.5, n.1-2, p.7, 1971.

_____. Formação de Novos Núcleos Psicanalíticos no Brasil. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.7, n. 4, p. 389-396, 1973.

DAVIDOVICH, Eugênio. Continuidade e Renovação na Obra de Melanie Klein. **Revista de Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.16, n. 4, p. 439-446, 1982.

_____. Validação da Interpretação em Psicanálise. **Revista de Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.12, n. 2, p. 313-320, 1978.

DOIN, Carlos. Entraves à Produção de Trabalhos Psicanalíticos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.18, n.1, p.7-26, 1984.

EDITORES DO JORNAL DE PSICANÁLISE (1966-2016), **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v.49(90), p.227-230, 2016.

EDITORES DO JORNAL DE PSICANÁLISE (1966-2016), **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v.49(90), p.227-230, 2016.

EDITORES DO JORNAL DE PSICANÁLISE (1966-2016), **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v.49(90), p.227-230, 2016.

EKSTERMAN, Abram Josek, et. Al. Grupo C - Síntese das Discussões do Relatório: "Influências e Conseqüências do Advento de Novas Teorias no Manejo da Técnica Psicanalítica". **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 2, n.1, p. 56- 59, 1973.

_____. Fantasia e Realidade no Homem Contemporâneo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 129-148, 1980.

FERRÃO, Laertes Moura. Duas Palavras. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.5, n.1-2, p.5-6, 1971.

_____. Troca de Idéias sobre Psicanálise, **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.4, n.3, p.306-316, 1970.

FERRARI, Armando Bianco. Melanie Klein. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.16, n.3, p.257-265, 1982.

_____; BICUDO, Virgínia Leone Bicudo. A Profissão de Psicanalista, Sua Regulamentação. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.6, ns.1/2, p.5-27, 1972.

FERRER, Elfriede S. L. et. al. Identificação e Identidade na Cultura Atual. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.8, n.4, p. 451-476, 1974.

FLUSSER, Viléin. Três níveis da consciência brasileira. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 133-156, 1983.

FRANCO FILHO, Odilon de Mello O Analista e a Água em que o Bebê foi Lavado na Banheira. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.14, n.4, p.459-479, 1980.

_____. O Resto é Sonho (Ainda sobre a neutralidade do analista). **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.15, n.3, p.193-206, 1981.

_____. Supervisão – Ensino ou Terapia? **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.17, n. 1, p.31-52, 1983.

_____. Transcrição – Sobre o Exercício da Psicanálise: Uma Nova Profissão. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.1, n.2, p.250-262, 1967.

_____. E o Rei Está Nu: Reflexões sobre a Neutralidade. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.14, n.1, p. 67-86, 1980.

_____. Reflexos da Análise Didática na Vida Científica de Sociedades de Psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.1, n.3, p.365-389, 1967.

GALVÃO, Luiz de Almeida Prado. Durval Marcondes em Lapidação 8/8. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.16, n.1, p.11-16, 1982.

_____. Notas para a História da Psicanálise em São Paulo. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.1, n.1, p.46-66, 1967.

_____. Pré-História e História da Revista Brasileira de Psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.1, n.1, p.7-11, 1976.

GOMES, Ronaldo Fabião. A Psicanálise, o Psicanalista e a Instituição. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.15, n. 2, p. 137-143, 1981.

GRINBERG, León; GRINBERG, Rebeca. Identidade e Ideologia. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 5, ns.1-2, p. 119-132, 1971.

GROISMAN, Moisés; MOLINA, Rubens. O Lugar da Teoria na Formação Psicanalítica – Uma Visão do Candidato. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.11, n. 3, p.343-352, 1977.

HAMER, Chaim José; FRANCO FILHO, Odilon de Mello. As Estruturas Institucionais Psicanalíticas e seus Efeitos sobre a Formação do Analista: Linhas de Poder e Ideologias Pedagógicas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.19, n. 2, p.269-280, 1985.

HERRMANN, Fábio. Convergência de várias teorias psicanalíticas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 553-565, 1986.

IZAI, José. A Formação Psicanalítica como Fenômeno Transicional. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.15, n. 3, p. 185-192, 1981.

JACQUES, Elliot. Distúrbios na capacidade para o trabalho. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.4, n.3, p.367-388, 1970.

JOSEPH, Edward D. Psicanálise – Ciência, Pesquisa e Estudo de Gêmeos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.9, n.1, p.83-114, 1975.

KIZER, Manuel et al. Psicanálise: Investigação ou Terapia? **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 279-306, 1974.

KOCH, Adelheid; CAPISANO, Helladio Francisco. Influência Histórico-Social na atitude Analítica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.6, ns3/4, p.344-356, 1972.

LEÃO, Inaura Vaz Carneiro et. al. Critérios de Validade da Interpretação. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.6, ns.3/4, p.242-272, 1972.

LUZ, Cléo Lichtenstein. A psicanálise em São Paulo – Jubileu de Prata. Homenagem a Durval Marcondes e Adelheid Koch. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.10, n.4, p.507-510, 1976.

MANHÃES, Maria P. et. al. Critérios de Cura. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.6, ns.1/2, p.50-77, 1972.

_____; HOIRISH, Adolfo. Freud e as Vicissitudes de uma Sociedade Psicanalítica, v.4, n.2, p.240-249, 1970.

MARCONDES, Durval Bellegar. Posição da Psicanálise na Psicologia e na Ciência em Geral. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.4, n.2, p.141-149, 1970.

_____. Apresentação. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.1, n.1, p. 5, 1967.

_____. Ontem e Hoje. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.10, n.1, p.31-32, 1976.

_____. Homenagem póstuma à Dra. Adelheid Koch. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.16, n.1, p.119-127, 1982.

MARTINS, Cyro. Contribuições ao Estudo da História da Psicanálise no Brasil. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.10, n.2, p.289-293, 1976.

_____. Relatório Final do Primeiro Tema Oficial do I Congresso Brasileiro de Psicanálise – Identidade de Sexos e seus Distúrbios. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.3, ns.1-2, p.107-112, 1969.

MASCARENHAS, Eduardo. Grupo C- Síntese do Relatório: “O Conflito das Gerações”. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.7, n.3, p. 315-318, 1973.

MEDEIROS-NETO. Geraldo. Ulhoa Cintra, Um Pioneiro da Moderna Endocrinologia. In. Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia. Vol. 43. Nº 2. São Paulo. 1999. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-27301999000200012 <Acesso em 17/06/2017>

MENEGHII, Sérgio Paulo Annes L. C. Psicanálise: Investigação ou Terapia? **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.8, n.3, p. 307-316, 1974.

NETO, Bernardo Blay. Grupo 1- Teoria Estrutural e Relações de Objeto. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.10, n.1, p.155-156, 1976.

OLIVEIRA, Walderedo Ismael et. al. Estudo Psicanalítico da Agressão – Aspectos Teóricos e Clínicos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.5, ns.3-4, p.206-254, 1971.

_____; PINTO, Maria Luiza; MARTINS. Avaliação da Interpretação. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.6, n.3/4, p.210-241, 1972.

O'SHAUGHNESSY, Edna. Melanie Klein (1882-1960) - Uma visão atual. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.16, n.3, p.275-290, 1982.

OTTALAGANO, CÉSAR A; SZTERLING, Gecel L; SZTERLING. Conflito de Gerações, Emergente de Idéias Novas. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 7, n.3, p. 321-338, 1973.

PAIVA, Luiz Miller de. Durval Marcondes: suas contribuições à medicina psicossomática. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.16, n.1, p.45-54, 1982.

PESSANHA, Antonio Luiz Serpa. História de Trabalhadores. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.1, n.1, p.27-30, 1976.

_____. Pessanha/Scholomann. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v.49(90), p.27-28, 2016.

PICCINI, Amina Maggi. O mestre Dr. Durval Bellegarde Marcondes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 21-34, 1982.

PRADO, Mário Pacheco de Almeida. Acomodação ou Independência? **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.7, n.4, p.435-444, 1973.

_____. Alguns Subsídios para História da Revista Brasileira de Psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.10, n.1, p.15-18, 1976.

_____. Algumas considerações sobre psicanálise como profissão e sua regulamentação. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.6, n.1/2, p.37-49, 1972.

_____. Perfil Trágico dos Nossos Dias. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.8, n.2, p.147-156, 1974.

_____. Alguns Subsídios para História da Revista Brasileira de Psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.1, n.1, p.15-17, 1976.

RAMOS, David. Até qualquer dia, amigo Durval! **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 17-20, 1982.

_____. Dez Anos Depois. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.10, n.1, p.19-22, 1976.

_____. Psicanálise – Ciência Específica – Psicanalista – Profissão Especializada, **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.1, n.1, p.108-115, 1967.

_____. Regulamento de Edição. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.3, n.3-4, p.265, 1969.

_____. Transcrições - Considerações sobre a Metodologia Psicanalítica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.1, n.4, p. 534-541, 1967.

RAMOS, José Nabatino. Revista para Sempre. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.10, n.1, p.13-14, 1976.

_____. Dez Anos Depois. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.10, n.1, p. 19-22, 1976.

RANGELL, Leo. Agressão, Édipo e Perspectiva Histórica. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.5, n.3-4, p.284-302, 1971.

RASCOVSKY, Arnaldo. La Matanza de los Hijos. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.4, n.3, p.389-407, 1970.

_____; GRINBERG, Leon. Passado, Presente e Futuro da COPAL. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.6, ns.3/4, p.369-376, 1972.

REZZE, Cecil José; BARBOSA, Silvio A. A. Mestre de Cerimônias ou pois é... **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.10, n.1, p.5, 1976.

RIBEIRO, Ivan. Ofício: Psicanalista. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.8, n.3, p.339-354, 1973.

SCHNEIDEIDER, Galina, et. al. O Conflito de Gerações. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.7, n.3, p.263-311, 1973.

SEGRE, Carlos David. Durval Bellegarde Marcondes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 41-43, 1982.

SILVA, Paulo de Paula. Nota do Editor-chefe. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.15, n.4, p. 173-174, 1981.

SILVA FILHO, A. C. Pacheco. The Technique and Practice of Psychoanalysis de Raph R. Greenson. **Revista Brasileira de Psicanálise**, Análise de livros, v.5, ns. 3-4, p.303-314, 1971.

SIMON, Ryad. Oração para homenagear a memória de Durval Marcondes. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 35-39, 1982.

SZTERLING, Fajga. Editorial - Difusão da Psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.20, n.4, p.465-467, 1986.

_____. Editorial – Passado, Presente,... E Vinte Anos Após. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.20, n.1, p.5-7, 1986.

SZTERLING, Gecel Luzer. 10º Aniversário da Revista Brasileira de Psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.10, n. 1, p.23-26, 1976.

THORNER, H. A. Meu encontro com Melanie Klein. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 323-334, 1982.

UCHÔA, Darcy M. Avaliação da II Jornada Brasileira de Psicanálise: Regressão e Fobia. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.2, n.3, p.307-314, 1968.

_____. Conflito de Gerações. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.7, n.2, p. 141-185, 1973.

VALLE, Maria Alice Malva do; et. al. Quatro Cartas inéditas de Freud dirigidas a um português. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.6, n.3/4, p.187-196, 1972.

VI PRÉ-CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 13, n. 2, p.251-252, 1979.

ZIMMERMANN, David. (In Memmoriám) Mário Alvarez Martins (1908-1981). **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 15, n. 4, p. 325-329, 1981.

_____. Seleção de Candidatos (Contribuição ao Estudo dos Ambientes dos Institutos). **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 16, n. 1, p.55-62, 1982.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. Virgínia Leone Bicudo: Pioneira da Psicologia e da Psicanálise no Brasil. Curitiba. **Interação Psicol.**, v.18, n.2, p. 217-227, maio/ago, 2014.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: Geral e do Brasil**. 3 ed. Revisada e ampliada São Paulo: Moderna, 2006.

AUSTRAGÉSILO. Antonio. **A Neurastenia Sexual e seu Tratamento**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1928.

BARROS, Elias Mallet da Rocha; Barros Elizabeth Lima da Rocha. A Técnica Psicanalítica da Interpretação de Inspiração Kleiniana. In. OUTEIRAL, José O.; THOMAZ, Theobaldo O. **Psicanálise brasileira: brasileiros pensando a psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

BIRMAN, Joel (Coord.). **Percursos na história da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1988.

_____. **Psicanálise, ciência e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

BORCH-JACOBSEN, Mikkel; SHAMDASANI, Sonu. **Os arquivos Freud: uma investigação acerca da história da psicanálise**. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CARVALHO, Kátia. **Revista Científica e Pesquisa: Perspectiva Histórica**. In: *Revistas Científicas: dos Processos Tradicionais às Perspectivas Alternativas de Comunicação*. Dinah Aguiar Población et. al. (organizadores). Cotia: Ateliê Editorial, 2011.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Miraflores/Portugal: Difel S/A, 2002.

COIMBRA. Cecília Maria Bouças. **Guardiães da Ordem – uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

_____. A Psicanálise nos Tempos de Ditadura. **UFF**, Rio de Janeiro, p. 1-14, agosto 2004. <http://www.slab.uff.br/psm/uploads/texto45.pdf> <Acesso em 10/12/2017>

COSTA, Alexandre Andrade da. **Inteligência: representações do cenário internacional e seus reflexos no Brasil (1935-1941)**. Tese (História e Sociedade), Universidade Estadual Paulista, Assis, 2014. Orientadora: Tânia Regina de Luca.

CROMBERG. Renata. **Primeiras Psicanalistas**. *Revista Percurso* 45. v. XXIII. 2010. p. 35-56. http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apq=acervo&id_edicao=45 < acesso em 10/12/2017>

DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica Arno Vogel. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011

_____. **História e psicanálise: entre ciência e ficção**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

DOSSE, François. História e Psicanálise: Genealogia de uma relação. In: **História e ciências sociais**. Trad. Fernanda Abreu. Bauru: Edusc, 2004

FACCHINETTI, Cristiana; PONTE, Carlo. De barulhos e silêncio: contribuições para a história da psicanálise no Brasil. **Psychê**, São Paulo, ano.VII, n.11, 2003, p. 59-83

FIGUEIREDO, Ana Maria. O Movimento Psicanalítico no Rio de Janeiro na década de 70. In: BIRMAN, JOEL (Org.). **Percursos da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1988. p. 123-150.

FINE, Reuben. **A História da Psicanálise**. Trad. Bernardo Jablonski e Ronaldo Fucs. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

FILHO, Celso Ramos Figueiredo, Nos Porões da ditadura: psicanálise da tortura aos presos políticos no Brasil pós-64. **Projeto História**, São Paulo, n.38, p. 57-78, jun. 2009.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. de Ligia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FREUD, Sigmund. **A história do movimento psicanalítico**, Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

_____. Luto e melancolia, 1917 [1915]. In: _____. **A história do movimento psicanalítico**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 243-263. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FROSH, Stephen. No memory, no desire: psychoanalysis in Brazil during repressive times. **Psychoanalysis and History**. v.1, n.1, p. 93-118, 2016.

FÜCHTNER, Hans. **O caso Werner Kemper: Psicanalista, seguidor do nazismo, nazista, homem da Gestapo, militante marxista?! Trad. Jehovanna Chrysóstomo de Souza, Revista Pulsional, n.2, 2010.**

GAGEIRO, Ana Maria; TOROSSIAN, Sandra D. A História da Psicanálise em Porto Alegre. In: **Analytica Revista de Psicanálise**, São João Del Rey, v.3, n.4, p. 117-144, 2014

GAY, PETER. Freud para historiadores. Trad. Osmyr Faria Gabbi Júnior. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio... modernismo e nacionalismo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOMES, Roger Marcelo Martins. **Revista Brasileira de Psychanalyse (1928):** a primeira tentativa de difusão da ciência psicanalítica no Brasil. In: Anais do VII Encontro do CEDAP: culturas indígenas e identidades. Zélia Lopes da Silva (organizadora). Assis: UNESP – campus Assis, 2014.

_____. **Periódico Científico como fonte para História das Ciências no Brasil:** a Revista Brasileira de Psicanálise (1976). In: Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis: UFSC/UFSC, 2015.

_____. **Revista Brasileira de Psicanálise (1967):** expressão das atividades científicas do movimento psicanalítico brasileiro. In: Anais do XXXII Semana de História “Cultura, Memória e Resistências”. Zélia Lopes da Silva (organizadora). Assis: UNESP – campus Assis, 2015.

_____. **A mensagem da peça teatral Roda Viva por Virgínia Leone Bicudo na RBP de 1968.** In: Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia. Brasília: UB, 2017.

HOBBSAWN, Eric. **Sobre História.** Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

JUSTO, José Sterza; SAGAWA, Roberto Yutaka (Orgs.). **Rumos dos Saber Psicológico.** São Paulo: Arte & Ciência, 1998.

JUNIOR, Nadir Lara, A verdade em tempos de ditadura militar: reflexões a partir da psicanálise. **Ciências Sociais Unisinos**, vol.48, n.2, mayo-agosto, 2012, pp. 103-110.

KATZ, Chaim Samuel. **Ética e psicanálise:** uma introdução. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

_____. **Nazismo e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1985.

KEPPE, Norberto R. **Psicanálise da Sociedade.** São Paulo: Proton. 1976.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 1994.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-bertrand Lefebvre. **Vocabulário da psicanálise.** Direção de Daniel Lagache, Trad. Pedro Tamen. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2016.

LE GOFF, Jacques. **Prefácio**. In: BLOCH, Marc Leopold Benjamin. Apologia da história, ou, O ofício de historiador. Apresentação Lilia Moritz Schwarcz. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. (Direcction); CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. **La Nouvelle Histoire**. Les Encyclopédies du Savoir Moderne. Paris: Retz-CEPL, 1978

LIMA, Denise de Oliveira et. Al. **60 anos de Psicanálise – dos precursores às perspectivas no final do século**. Salvador: Ágalma, 1992.

LUCA, Tania Regina de. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para (N)ação**. São Paulo: Fudança Editora da UNESP, 1999.

_____. Fontes Impressas. In: **Fontes Históricas**. Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 2.ed. São Paulo: Contexto, (2008).

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania de (Organizadoras). **História da imprensa no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MEZAN, Renato. **O tronco e os ramos**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MICELI, Sergio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

MOKREJS, Elizabeth. **A Psicanálise no Brasil – As origens do Pensamento Psicanalítico**. Petrópolis: Vozes, 1993.

MOREIRA, Luiz Eduardo de Vasconcelos; BULAMAH, Lucas Charafeddine; KUPERMANN, Daniel. Entre barões e porões: Amílcar Lobo e a psicanálise no Rio de Janeiro durante a ditadura militar. In: **Analytica** Revista de Psicanálise, São João Del Rey, v.3, n.4, p. 173-200, 2014.

NATALI. João Batista. Nabantino, um modernizador da imprensa. São Paulo. **Folha de S. Paulo**, Caderno Cotidiano, p.4, junho, 2009.

NETO, Fuad; PÁDUA, Maria Luiza Guimarães de. Ditadura Militar e Sociedades Psicanalíticas: relações e ressonâncias na Práxis. **Revista da SPAGESP**, v.16, n.2, 2015. p. 32-45.

NEVES, Flávio José de Lima. A psicanálise kleiniana. **Reverso**, Belo Horizonte, ano 29, n.54, p.21-28, set., 2007.

NOSEK, Leopold. et. Al. **Álbun de Família: Imagens, Fontes e Ideias da Psicanálise em São Paulo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

NUNES, Silvia Alexim. Da Medicina Social à Psicanálise. In: BIRMAN, JOEL (Org.). **Percursos da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1988. p. 61-122.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. Juliano Moreira: um psiquiatra negro frente ao racismo científico. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v.22, n.4, p.178-179. 2000.

OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. **A historiografia sobre o movimento psicanalítico brasileiro**. In: Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, Ano V, V. 3, p. 144-153, São Paulo: Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, 2002.

_____. **História da psicanálise – São Paulo (1920-1969)**. Trad. da autora. São Paulo: Escuta, 2005.

_____. Sob o discurso da “neutralidade”: as posições dos psicanalistas durante a ditadura militar. **História, Ciência, Saúde Manguinhos**. Artigo no prelo

OUTEIRAL, José O.; THOMAZ, Theobaldo O. **Psicanálise brasileira: brasileiros pensando a psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

PARKER, Ian. **Cultura psicanalítica: discurso psicanalítico na sociedade ocidental**. Trad. Saulo Krieger. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.

PERESTRELLO, Marialzira. **História da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro: suas origens e fundação**. Organização de Marialzira Peretrello. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. IN: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza. Narrativas, imagens e práticas sociais: percurso em história cultural. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008, p.11-18.

PORTO-CARRERO. Julio Pires. **Psicanálise de uma Civilização**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Waissman, Koogan, Ltda. S/D.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá (Orgs.). **O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)**. Bauru: Edusc, 2004.

ROCHA, Franco da. **O Pan-Sexualismo na doutrina de Freud**. São Paulo: Typografia Brasil de Rotschild, 1920.

_____. **A Doutrina de Freud**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930.

ROCHA, Gilberto Santos da. **Introdução ao nascimento da psicanálise no Brasil**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1989.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Genealogias**. Trad. Nelly Ladvocat Cintra. Rio de Janeiro: Relume&Dumará, 1995.

_____. **Freud – mas por que tanto ódio?** Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Trad. Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUBIN, Aline; MANDELBAUM, Belinda; FROSH, Stephen. No memory, no desire: psychoanalysis in Brazil during repressive times. In: **Psychoanalysis and History**. v.1, n.1, p. 93-118, 2016.

RUSSO, Jane. **O mundo psi no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

SAGAWA, Roberto Yutaka. **Redescobrir as psicanálises**. São Paulo: Lemos-Editorial, 1992.

_____. **Durval Marcondes**. Rio de Janeiro: Imago Ed., Brasília, DF: CFP, 2002.

SANTOS, Rodrigo Afonso Nogueira; NETO, Fuad Kyrillos. Contribuições para uma historiografia da psicanálise em Minas Gerais. In: **Analytica** Revista de Psicanálise, São João Del Rey, v.3, n.4, p. 145-172, 2014

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCHNEIDER, Claércio Ivan. **Pelos caminhos da História Cultural: geração, intelectual, sociabilidade e circularidade**. DIALOGUS, Ribeirão Preto, v.4, n.1, 2008.

SCHWARTZMAN, Simon. **Formação da comunidade científica no Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional; Rio de Janeiro: Financiadora de Estudos e Projetos, 1979.

SILVA, Maria Regina Barros da. **Periódicos médicos em São Paulo entre 1889 e 1950**. In: Yara Nogueira Monteiro (organizadora). História da Saúde: olhares e veredas. São Paulo: Instituto da Saúde, 2010.

SIRINELLI, Jean-François. Elogio da complexidade. In: RIOUX, Jean Pierre & SIRINELLI, Jean-François (dir.). Para uma história cultural. Trad. Ana Moura. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p.409-418.

_____. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.131-137.

SKIDMORE, Thomas. **Uma história do Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

STUMPF, Ida Regina Chitto. **Passado e Futuro das Revistas Científicas**. In: Ciência da Informação. Vol. 25, n. 3. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/637/641>> Acesso em: 25 de set. 2016.

TEPERMAN, Maria Helena Indig; KNOPF, Sonia. Virgínia Bicudo – Uma história da psicanálise brasileira. São Paulo. In: **Jornal de Psicanálise**, v.44 (80), p. 65-77, 2011.

VIANNA, Helena Besserman. **Não Conte a Ninguém...** Contribuição à História das Sociedades Psicanalíticas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1994.